



PARTE DOIS

III

GAMORA BLACK



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018, Gamora Black

Capa: Greyce Kelly
Diagramação: Greyce Kelly
Revisão: Greyce Kelly

Dados internacionais de catalogação (CIP)
Black, Gamora
3.

1ª São Paulo, 2019
1.Literatura Brasileira. 1. Título.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico,
mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens,
PERIGOSAS ACHERON

lugares e acontecimentos descritos são produtos da
imaginação do autor qualquer semelhança com
acontecimentos reais é mera coincidência.
todos os direitos desta edição reservados pela
autora.



—Sabe quando eu falei sobre eu detestar o fato dele ser rico?

—Sim.

—Retire o que eu disse.

Sinto vontade de rir, João se acomoda na cama, não percebo nenhum orgulho em seu olhar, nem medo, nem receio, jogo os cobertores sob suas pernas e coloco Alice deitada ao lado de Clara, decolamos há 10 minutos deixamos as poltronas e viemos para essa cabine.

É, é bem surreal pensar que estamos numa cabine exclusiva, e melhor, num avião no qual contamos com toda descrição do mundo, algo do qual nunca pensei que poderia pensar em viver em toda a minha vida.

O avião é do Kalel.

Sim, ele tem um Jato particular, não, ele não precisa saber o quanto estamos impressionados com isso, nem o quanto eu estou ansiosa com nossa

viagem.

Embarcar foi fácil, nós entregamos nossos passaportes para uma funcionária do aeroporto de Guarulhos de madrugada nessa época do ano não é tão movimentado, o que não sabíamos ao entrar no avião é que ele estaria vazio, muito menos que o dono do avião seria o Kalel.

Então uma aeromoça uniformizada nos mostrou nossos assentos, o lugar reservado para o João e as meninas, e estávamos todos sentados usando cinto, Kalel se sentou a minha direita, Alice e Clara em bancos ao lado do meu banco, Clara estava basicamente dormindo, agora é que ela está dormindo mesmo.

Para melhor conforto do João e delas, porque Alice acabou de adormecer, eu os trouxe para a cabine, a cama é de casal, mas não muito grande, o suficiente para eles três, contudo não me importo em ir na poltrona, nem o João, ele mal dormiu, eu ainda me sinto mais disposta que ele, acho que é melhor que ele se sinta o mais confortável possível, serão mais de 12 horas de viagem, um longo caminho até São Francisco, Califórnia.

—Já estão fofocando?

Olho para trás, estou sentada na beira da

cama tirando os sapatinhos de Alice, João mostra o dedo do meio para Kalel que se aproxima depois abraça um travesseiro.

—É bom não ter orgulho às vezes — meu marido afirma. —Só às vezes.

Ele sabe que não se trata disso.

Rio, jogo outro cobertor sobre eles três, observo as minhas duas meninas dormindo, me inclino e beijo o João, ele estende a mão e toca a minha face enquanto me beija, sei que sem seu apoio eu não teria aceitado, eu nem estaria aqui a milhares de pés de altura e indo para longe do certo, rumo ao desconhecido.

—Tenta dormir — aconselha ele. — Ainda enjoada?

—Não, eu tomei anti-enjoo — admito. — Vou para a poltrona, descansar um pouco.

— Não quer ficar aqui conosco?

— Não cabe nós cinco aqui amor, tem as meninas.

— Tem uma gaveta —Kalel fala. — Eu já ia avisar, pedi que trouxessem um chá e biscoitos para vocês.

— Obrigado. —João fala.

Sei que ele não gosta que eu fique assim tão

sozinha com o Kalel, assim como o Kalel fica todo enraivecido quando eu fico com o João por tempo demais, aprendi muito sobre os dois esses dias, principalmente que homem é tudo igual, só muda de endereço.

Ambos são machistas nesse sentido, daquele tipo que é ciumento, apesar de não brigarem mais, não gostam que eu não saiba dividir a atenção entre eles, acho que também pela tensão gerada por tudo o que houve, ambos estão meio estressados.

Mas acima de tudo, graças a Deus estão aprendendo a lidar um com o outro, não estão discutindo como antes e já não sinto tanta rivalidade.

Afasto-me e Kalel puxa o gavetão da cama para o espaço vago, a cabine é bem espaçosa também, ele abre as portas do armário e pega mais cobertores, tiro os tênis e a calça jeans, me sinto aliviada em tirar a blusa e o sutiã, eu não me arrumei demais também, saímos pela madrugada, ainda é madrugada, quase amanhecendo eu acho, só quero poder descansar um pouco.

— Cansada?—Kalel pergunta tirando a camisa.

— Um pouco — respondo e me inclino, me

deito no colchão. — Poderia pega a minha mala de mão?

Ele olha envolta e acha a mala no outro lado da cabine, me estende e tira o cinto que usa, então os sapatos e a calça jeans, se senta no colchão ao meu lado, pego uma camisa de mangas que eu trouxe a visto, João estende a mão e toca minha face.

— O que foi?—pergunta preocupado.

— Nada, por quê?—questiono confusa.

— Você está muito calada—Kalel responde.

— Fizemos algo que não gostou?

— Não — digo. — Só estou cansada demais, esses dias foram fogo.

— As coisas ficarão bem quando chegarmos em nossa casa—Kalel garante e me abraça, beija meu ombro.— Não se preocupe, pode fazer mal para os bebês.

Fico surpresa em ouvir isso, mas nem discordo, porque sou totalmente a favor de que ele aprenda a se referir aos bebês como nossos, é bom saber que apesar de tudo ele os aceita.

Dele ou não.

Puxo os cobertores, me deito de lado de forma que fico de frente para o João, Kalel se deita

atrás de mim e me abraça me oferecendo o braço para que eu coloque a cabeça, ele toca a minha barriga, é bom sentir seu corpo quentinho junto ao meu.

João estende a mão e toca a minha face, seguro sua mão e beijo a palma olhando-o, não pensei que me sentiria em paz com uma situação dessas, no mínimo uma louca, porque sei que não é normal, contudo, só consigo me sentir bem, e como se o que temos, seja mais importante do que qualquer conceito de relacionamento, somos uma família e isso é o que realmente importa.

Nem mesmo o que meus pais pensam... Meus pais!

Suspiro com desgosto, gostaria tanto de ter me despedido, ao menos ter dado um abraço em cada um, não queria que as coisas fossem assim.

— Não precisa se preocupar mais cedo ou mais tarde seus pais vão ver a burrada que fizeram.
— João diz como se adivinhasse meus pensamentos.

— Me sinto mal — confesso. —, mas eu não posso abrir mão da minha felicidade por eles, pelos conceitos deles.

— Você está certa—meu marido fala.— Eu também não vou abrir mão da minha felicidade

porque meus pais não aceitam meu estilo de vida.

Quando ele me olha é como se dissesse que eu sou seu motivo de ser feliz, e sinto, que ele também tem sido meu motivo de ser feliz há muito tempo, não me imagino sem ele, mesmo que Kalel esteja aqui, nossa união é algo do qual sempre fez e fará parte da minha vida, de mim, Kalel é algo concreto, algo que me esquentava e que me mostra todos os dias porções de coisas novas, sensações, sentimentos, um lado que desperta em mim a mulher que nunca fui.

A Atração que sentimos um pelo outro é como respirar, é como flutuar, um pecado intenso que eu sei que posso cometer todos os dias, um após o outro.

Estar numa cama com ele é fantástico, mas a conexão que estabelecemos nós três é muito melhor do que imaginar apenas eu com um ou com o outro, nós três somos ótimos juntos, e nem meus pais nem ninguém podem falar algo diferente.

Ergo-me e fico de joelhos no colchão, toco a face do João e o beijo, nosso beijo é vagaroso, sem nenhuma pressa, ele estende a mão e toca meus cabelos, minha face, me fita.

— Eu amo você. — falo com toda a

sinceridade dentro de mim.

— Eu também te amo — João toca minha bochecha com as costas dos dedos. — Te amo e tudo vai ficar bem.

Sinto-me tão inútil por precisar que um homem me fale isso para que eu me sinta aliviada, queria um pouco mais de autossuficiência.

Só que não é apenas por isso, é que ele tem o dom de me acalmar quando tudo está uma merda, quando me sinto fraca e tudo mais, João faz com que eu fique bem, esteja bem, e tudo se acalma.

Volto a me deitar, Kalel está deitado de costas para mim agora, João revira os olhos e vai para o outro lado fazendo cara feia, me aconchego ao Kalel e o abraço, ele segura a minha mão, beijo seu ombro observando pela milésima vez as tatuagens em seus braços.

— Sinto se te causei tudo isso Fernanda, sei que é minha culpa...

— Não é sua culpa que meus pais sejam intolerantes.

— É minha culpa porque eles não são obrigados a aceitar algo anormal como eu na vida da filha deles.

— Você não é anormal amor, nem nosso

PERIGOSAS NACIONAIS

relacionamento, estou triste que eles não queiram aceitar, mas não culpa sua, nem minha ou do João, é nossas vidas.

— Não gosto de te ver triste.

— Vai passar.

— Tem certeza?

— Sim, tenho, vem cá meu amor 2, me abraça para eu dormir mais tranquila.

Kalel se vira e me puxa pela cintura para junto de seu corpo, todo sério, fica me olhando por momentos.

— Quer voltar para o Brasil? Eu posso voltar com a Alice...

— Ai cara, cala a boca, vai dormir — João ordena chateado. — Só fala merda!

Sorrio com a cara feia que o Kalel faz para mim.

— Tenho que concordar com ele, nós queremos estar aqui com você, e se as outras pessoas não entendem, não há nada o que possamos fazer, é o nosso relacionamento, ponto.

— Tem certeza?

— Absoluta — afirmo. — Senhor... Baltazar!

Os olhos azuis se intensificam e ele me beija com força, meu coração fica disparando, e é isso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A porra toda se espalha pelo meu corpo como num piscar de olhos e me vem à vontade de transar com ele, ter o João conosco também, nós três, aqui... Agora.

Mas ele deixa meus lábios, e sua boca traça beijos pelo meu pescoço e vai até o cantinho atrás de minha orelha, suspiro e fico sem ar com isso.

— Você tem que me dar o cu — sussurra no meu ouvido — Que tal começar a acostumar o rabo?

Meu corpo todo estremece e fico parada com o pedido.

— Para a nossa próxima vez, quero seu cu — admite ele ainda baixinho. — Quero ele todo para mim.

Alguém bate a porta.

— Eu vou ver o que posso fazer pelo senhor — aviso constrangida. — Até lá, melhor o senhor ir buscar o meu chá.

Ele sorri se ergue e sai do colchão com o negócio duro, veste o jeans e fico observando a beldade ir até a porta da cabine abrir.

— Psiu—João chama da cama, eu o encaro. — Se der para ele, também vai dar para mim!

— Eu dou para quem eu quiser. — aviso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chateada com o que ele acaba de falar.

Mas João está rindo enquanto se ergue.

Pelo visto não vamos dormir por agora, mas é até melhor assim, ao menos vamos poder conversar sobre outras coisas.

Assim espero.

PERIGOSAS ACHERON



— Eu conversei com o doutor na minha última consulta, sobre relações, ele disse que não há restrições quanto a nós três termos relações regulares, porque a gestação não é de risco.

Kalel mastiga o biscoito devagar, João bebe um pouco do próprio chá, acho que devemos ter essa conversa, por mais constrangedora que seja para mim.

— Vocês tem algum ritual para fazer sexo?— Kalel me olha curioso.

Estamos sentados no colchão, João na cama, as meninas dormem, me sinto melhor depois dessa caneca de chá.

— Não — João dá de ombros. — Não fazemos sexo com frequência depois do acidente.

— Mas e antes do acidente? E quando se conheceram?

— Nos conhecemos muito jovens, na época da faculdade, a Fernanda era virgem e ela preferiu

esperar até nos casarmos para termos relações, e eu também.

— Você também era... Virgem?

— Não imbecil, ela era virgem, e eu esperei a hora certa.

Bebo mais um gole modesto de chá, com vergonha, mas admirada pelo João não ver o lado negativo das coisas, ele sempre foi mais aberto à conversa que eu.

— O João namorou uma menina durante 5 anos, desde os 12 anos dele —me lembro. — Foi a primeira namorada séria dele, e foi a escolhida para ele entregar a pureza dele.

— Não fale assim da Jordana, ela foi minha melhor amiga por anos. —replica João fazendo cara feia.

— E você? — Kalel me fita. — Namorados?

— Nenhum, eu não tinha tempo para namorados, eu sempre me dediquei aos meus estudos, João foi o meu primeiro e único namorado —afirmo— Quando eu conheci ele, tinha acabado de romper com a Jordana, o sonho dos pais dele era que eles se casassem.

— Por...

—Branca, magra, cabelos lisos e incríveis

olhos verdes...

— Não começa Nanda — repreende João me interrompendo. — A Jordana era filha de um pastor amigo do meu pai, ele também é sócio do meu pai a anos no escritório, nós crescemos juntos...

— Perderam a virgindade juntos, iam para praia juntos, eles tinham até roupas iguais em versões feminino e masculino. — falo lembrando da cara daquela sonsa.

— E você está com ciúmes — Kalel conclui.

— Estou — dou de ombros. — A Jordana é tudo o que eu nunca fui, ela é sonsa, se finge de boazinha para cativar as pessoas e é uma daquelas garotas que o cara dá toda atenção do mundo e ela fica olhando para o tempo como se o ignorasse completamente.

— E não são mais amigos John?

— Não, quando eu decidi pedir a Nanda em namoro ela se afastou, ficou magoada, mas foi algo que eu nunca entendi, porque quando rompemos, ela começou a namorar outro cara.

— Ela queria fazer ele de segunda opção, é isso o que eu digo, o João sempre foi um cara bom, de coração enorme, ouvia os choros dela no meio da noite, eu já disse que ela falava miando igual a

um gato? Que tipo de homem suportaria alguém como ela como esposa? Ela não tem voz no relacionamento, só sabe chorar e reclamar. — praguejo.

— Resumindo, ela é normal. — Kalel conclui querendo rir.

Estreito os olhos para ele com raiva, coloco a caneca sob a bandeja no chão e me deito puxando os cobertores.

— Querida...

— Sabe o que me pediu Kalel? Pede para a Jordana, vocês dois, porque ela é tão normal, tão perfeita que, com certeza, fará tudo por vocês!

— Deixa ela, só está sensível — escuto João dizer. —, mas se quer saber, eu comecei a namorar a Nanda porque ela sempre foi diferente de tudo o que a Jordana foi para mim, e você Baltazar, antes de começar a vida de pecado, já namorou alguém sério?

— Já, eu tive duas namoradas na época da faculdade — Kalel fala. — Querida, pare de birra, vem conversar conosco.

— Não. — afirmo irritada.

— Eu só estava brincando — Kalel enfia a mão embaixo da coberta e toca minha perna. —

Vem aqui, vamos falar sobre nós, temos muito que nos conhecer.

Não respondo, porque se ele soubesse o inferno que a Jordana fez uma época da minha vida para tentar separar eu e o João, ele não diria que ela é a garota “normal” do relacionamento.

— A Nanda me disse que você teve problemas com a mãe biológica da Alice, eu procurei entender tudo, mas confesso que é uma situação bem complicada.

— A mãe da Alice foi um affair que eu conheci na Itália durante uma das minhas viagens a casa da minha tia Melissa, ela veio de uma família muito pobre e isso a tornou alguém muito ambiciosa —escuto Kalel contar. — Nos envolvemos e ela usou a gestação para arrancar dinheiro de mim, não achei ruim, eu tinha muito dinheiro para pagar, teria dado até o último centavo pela Alice, o que eu detestei foi o fato de como ela fez as coisas, ela engravidou, escondeu tudo de mim, depois de 3 meses ela começou com as ameaças de procurar a mídia, minha família.

— Você já ia a casas de Swing?

— Já e ela sabia disso, eu temi por um escândalo, por isso eu paguei o que ela queria para

ela manter a gestação, depois de um exame de DNA quando a Alice nasceu eu paguei uma boa quantia para ela sumir, o que mais me surpreendeu foi o fato dela se quer demonstrar afeto pela Alice, ela carregou a menina 9 meses em sua barriga e não se apegou de nenhuma forma, no dia em que deu a luz não quis vê-la, não quis pegá-la , me lembro que quando cheguei a maternidade, na hora do parto, tudo o que eu ouvia dela era “*tirem logo essa coisa de dentro de mim*”, ela nunca viu a Alice como um ser humano se quer.

Nossa.

— Que barra cara. — João fala depois de alguns momentos.

— É, os pervertidos também amam — Kael comenta vagamente. — Tive medo de perder a Alice para ela por diversas vezes, porque por mais que ela houvesse assinado um contrato de barriga de aluguel, nada poderia impedi-la de recorrer, mas depois do primeiro ano, eu nem precisei me preocupar, lá estava ela grávida de novo de um milionário italiano, com a única diferença de que ela estava mesmo feliz em engravidar dele.

— Fez algo a ela para que ela ficasse tão magoada com você?

— Não, quando eu e ela nos envolvemos eu me afastei das casas de Swing, quando ela me falou que estava grávida eu até quis mudar, fiquei um tempo afastado de tudo, mas não percebia a mesma coisa da parte dela.

— Se apaixonou por ela.

Exatamente!

— Levei um tempo para entender que tudo aquilo só era uma idealização, porque ela era bonita, jovem e parecia doce, mas depois eu percebi que ela só queria o meu dinheiro, e quanto mais eu dava, mais ela queria—Kalel fala sua voz é baixa, triste. — Não posso chamar de amor, mas foi uma das únicas mulheres que me fizeram ver que não valia apenas largar meu estilo de vida.

— Não a viu depois disso?

— Vi, muitas vezes, em revistas, jornais, ela se tornou alguém importante, o marido dela é um milionário dono de uma fábrica de carros, ela teve filhos com ele, mas não percebo a mesma forma que era quando ela engravidou da Alice.

— Talvez ela precisasse muito do dinheiro.

— Não justifica a forma como ela tratou a minha filha John, como uma moeda de troca, Alice não deveria ser tratada como um objeto, ela é uma

criança, na época um bebê, eu fiquei cego de raiva, tanto que fiz a mãe dela assinar cláusulas que a proibem de se aproximar da Alice em até mil quilômetros de distância.

Eu preciso concordar com o Kalel, a Alice não merecia isso em nenhuma hipótese.

— Mas, ela não procurou a Alice durante esses anos?

— Se procurou eu não sei, meus advogados são muito bem pagos para lidar com ela, mas duvido muito, com o dinheiro ela construiu uma imagem, um status e agora casada com um homem rico, ela não tem motivos para querer relembrar o passado, nem eu.

— E você está certo — digo e me ergo. — Não deve deixar ela próxima da minha menina.

Suas feições se aliviam João também está tenso.

— Olha, ela não merecia a Alice, ela não estava pronta para o seu amor, se ela escolheu assim, deixa ela para lá com as decisões dela, ela quem perdeu a chance de amar uma criança linda e doce como a Alice. — falo.

— Eu também penso da mesma forma — João se deita na cama deixando a caneca no criado

PERIGOSAS NACIONAIS

da cama. — Ela merece coisa melhor que você Thurman.

Kalel sorri da provocação, seguro sua mão e o puxo, ele se inclina e me abraça.

— Nós te amamos do jeito que você é, a Alice, somos sua família agora.

— Eu sei querida.

— Que bom que sabe, se encarregue de esquecer essa bruxa.

Ele me abraça e puxa os cobertores, nos abraçamos e ele me faz carinho na cabeça, beijo seu peito e me sinto de novo bem.

— Te amo — digo. — Amo a Alice, isso é o que importa.

— Pode ter certeza de que nós a amamos muito também querida.

Eu sei que sim.

PERIGOSAS ACHERON



— O que acharam da propriedade?
Estou fascinada.

Eu nem prestei atenção no percurso até aqui, estava fadigada demais por conta da viagem, longas horas de viagem me deixaram mais enjoada, de repente Alice e Clara acordaram e tive que ficar correndo para cima e para baixo atrás da Clara, ela ficou se escondendo embaixo das poltronas, e quando Alice entrou na brincadeira eu quase enlouqueci.

Enquanto João e Kalel dormiam, eu estava com cara de taxo correndo atrás das duas no avião, com os olhares educados de uma aeromoça e avisos de um comandante gentil e de voz sedutora, eles acordaram já quase na hora de aterrissar, isso ninguém conta nas histórias.

Na maioria das vezes ou sempre sobra para mãe!

Não sei se é porque eu estava cansada
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mentalmente, mas foi difícil ter que lidar com as duas, me vi forçando sorrisos por uma hora e na segunda hora dando bronca em Alice e Clara, foi a primeira vez que eu vi Alice emburrada comigo.

Clara fez uma manha típica dela, mas quando ameacei dar umas palmadas ela parou de fazer birra, logo, João e Kalel estavam vindo da cabine, nós fizemos uma rápida refeição antes do pouso, sanduíches, suco, depois, Clara dormiu de novo e Alice veio fazendo beijo para cima de mim.

Não neguei afeto, nunca negaria, ainda mais sabendo de tudo sobre Alice, sobre as coisas que a mãe dela fez.

Depois, quando aterrissamos, Said nos ajudou com as meninas e havia um carro a nossa espera próximo a pista de pouso, João foi na frente, eu, Kalel e as meninas atrás, eu acabei dormindo por quase todo o percurso, porque estava exausta, e também por conta do fuso.

Acordei a pouco quando o carro estava entrando numa espécie de caminho cercado por árvores, me senti perto de algo do qual nunca conheci antes, árvores, quietude, cheiro de ar puro, e tantas outras coisas das quais eu não experimento por ter crescido numa cidade grande.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A casa foi reformada para acomodar a todos—Kalel explica enquanto abre a porta da frente. — Temos dois andares, eu pedi para eles colocarem um elevador para o John.

Poxa Vida!

Olho envolta, apenas árvores altas, o céu azul e um dia mais quente, tem um canto reservado para carros com cobertura na lateral da propriedade, logo mais adiante, a passagem que dá para o caminho que leva para a estrada.

Aqui é bem afastado de São Francisco pelo visto, escondido, gostei do lugar.

— Querida — Kalel chama. — Vem.

— Ah!

Empurro a cadeira do João pela rampa lateral, a varanda é adaptada e tem muito espaço, sofás largos, a casa é muito grande e toda de madeira com uma porta e janelas frontais enormes.

Clara e Alice já entram correndo, Kalel nos espera perto da porta, sorrio muito grata por tudo, nem em meus sonhos eu conseguiria vir aqui tão cedo, morar numa casa dessas, no fundo tento me conter, porque sei que o João não quer muito que eu pareça feliz em morar num lugar tão caro, contudo, estou muito contente em estar aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Podem entrar — ele fala abrindo espaço.
— Espero que gostem do lugar.

— Sim — digo contida.

João não fala nada, apenas olha envolta, mas sei que está tão ou mais encantado com tudo isso.

Entro empurrando a cadeira dele em silêncio, meus olhos se enchem quando vejo a sala de estar dos sonhos, sofás grandes de cor pastel, largos, uma lareira, quadros nas paredes, um vaso grande com uma planta no canto do lugar, é uma sala com três ambientes bem confortável, uma de jantar com uma mesa de madeira quadrada para oito pessoas, num ambiente tem tv e sofás com poltronas, no outro, apenas sofás amplos, a direita a cozinha tudo aqui tem um estilo próprio e mais rústico, simples, nada chique demais, contudo sofisticado.

É uma casa dos sonhos para qualquer mulher!

— Ali fica o elevador—Kalel explica apontando o canto esquerdo perto da escada.— Temos uma área de lazer nos fundos com piscina e churrasqueira, no andar de cima o escritório e os quartos, pensei em colocar Alice e Clara para dividirem o mesmo quarto, os bebês ficam com outro, mas tem no total 7 suítes lá em cima.

— Obrigado por pensar em mim Baltazar—

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João não exprime nenhuma emoção.

Sei que se sente grato, mas não quer demonstrar, sinto que João evita a amizade de Kalel, talvez por ciúme, ou porque ele não se imagina sendo amigo dele, apesar de manterem um relacionamento mais amigável ultimamente.

— É melhor assim — Kalel fala. — Alice, quer ver tv?

— Quero sim — ela responde toda feliz. — Vamos morar todos juntos aqui papai?

— Vamos sim querida. — ele diz.

Alice pula em cima do sofá e pega Clara colocando-a sentada ao seu lado, Kalel pega o controle e liga à tv, ele fica por alguns momentos olhando para ambas, está muito distante, Said começa a entrar carregando as malas, ele é a descrição em pessoa, mas confesso que me sinto às vezes incomodada quando paro para pensar que ele sabe da relação que mantenho com Kalel, que eu e João mantemos com ele.

— Preciso de um banho — João fala baixinho. — Você está cansada?

— Um pouco. — confesso.

— Vamos subir — Kalel fala. — Eu mostro os quartos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá. —respondo.

—Said, fique de olho nas meninas até a Bah chegar, ok?—ordena Kalel apenas neutro.

— Sim senhor — Said responde ainda colocando as malas num canto da sala. — Quer que eu suba com as malas senhor?

— Não por agora — ele nos olha. — Vou pelas escadas.

— Vamos pelo elevador. —aviso.

— Ok.

Eu e João vamos em silêncio, aperto o botão, parece um elevador comum desses de prédio de pequeno porte, a porta se abre e ele entra, depois eu entro, aperto o botão dois, fico no canto.

Ele estende a mão e segura a minha.

— Será uma nova fase em nossas vidas — João diz. — Estou feliz de que tenha permitido que eu faça parte disso também por quem eu sou, mesmo com minhas limitações, que não tenha me deixado para trás.

— Nunca farei isso — entrelaço os dedos nos dele. — Porque eu te amo João.

— Eu sei.

— Que bom que sabe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— É uma bela cama.

— É um pouco maior que a nossa outra cama.

E eu aposto que deve ter custado uma nota.

Tudo aqui é muito novo, posso até sentir o cheiro de novo das cortinas, tem uma sacada nesse quarto, ele é enorme, tem espaço suficiente para acomodar nós três, o closet, e o banheiro então, me sinto num quarto de hotel, daqueles bem caros que eu nunca vou poder pagar na vida.

—João está no banho — digo saindo dos meus pensamentos. — Preciso pegar a mala com as coisas dele.

— Eu trago para você — Kalel avisa. — Quer que eu traga a sua também?

— Sim, por favor, eu acho que mereço um banho também — confesso sem jeito. — Obrigada por tudo isso Kalel, estou envergonhada, não temos nada a oferecer, fico embaraçada em ter que morar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui sem dar nada em troca.

— Não tem porque agradecer, vocês merecem ter um lar bom e confortável — Kalel fala. — Vai lá, já trago tudo, acho que a Bah já chegou, vou explicar sobre a Clara e a pepeta dela.

— Agora sim você está falando como um homem de verdade. — digo me afastando até o banheiro.

— Um retardado isso sim.

Sorrio, entro no banheiro, João está dentro da hidro — sim esse banheiro tem uma hidromassagem enorme — a banheira enche rapidamente, ele já está nu e relaxado, os braços nas bordas de porcelanato, tudo está pronto para nos receber, há sabonetes, sais de banho, parece mais um hotel cinco estrelas.

— Eu posso entrar também?—pergunto incerta.

— Claro amor — João responde relaxado. — Vem cá.

— É que é tão chique. — digo e deixo a cadeira dele num canto do banheiro, recolho as roupas dele.

— Lembra-se da nossa lua de mel em porto seguro? Ficávamos horas na hidromassagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lembro, era até menor que essa — concordo e começo a me despir. — Podemos reclamar de tudo por parte dos nossos pais, mas tivemos uma lua de mel muito boa, seu pai pagou até mergulho para nós dois.

— Bons tempos. — João suspira pensativo.

Ele me olha de cima abaixo quando tiro o sutiã e a calcinha, estende a mão e toca o meio das minhas coxas, coro, me aproximo do batente e entro na hidromassagem me inclinando sob ele.

— Você ficou linda com os cabelos assim, a sobancelha, eu tenho muita sorte de ser casado com uma mulher como você sabia?

— João, não precisa falar essas coisas só porque tem medo de que eu te largue, eu já disse que seremos nós três, sem você eu não fico.

— É que eu percebi por esses dias que eu precisava te dar mais atenção, carinho... Sexo.

Sorrio, me acomodo, me sento em suas coxas de frente para ele, João toca minha cintura e solta meus cabelos do coque.

— Sexo? — repito devagar. — Por quê?

— Porque eu tinha me esquecido do quanto você é boa na cama — ele me fita com uma intensidade mais profunda. — Sempre foi.

PERIGOSAS ACHERON

— É? — coloco os braços envolta do seu pescoço. — O senhor também.

— É mesmo?

Acabo por rir, ele me rouba um beijo e me puxa tocando minhas costas, toco seus ombros, seu peito, eu o fito por alguns instantes, por mais excitada que eu esteja ou começando a me excitar, sei que não devemos prosseguir com isso sem que o Kalel esteja aqui.

— Vocês dois nem me chamaram?

Olho para o rumo da porta e Kalel está tirando a calça, ele já está sem camisa, João revira os olhos enquanto rio volto a beijá-lo, a espuma sobe devagar e a água quente está deliciosa.

— Esqueceram de mim foi? — Kalel pergunta e entra na banheira depressa.

— Nós só estávamos nos beijando. — João pragueja.

— Sei — responde chateado. — Não parecia só beijo.

— Eu iria te chamar. — replico.

Ele me abraça por trás e beija o meu ombro, meu pescoço, volto a beijar o João encostando meu corpo no dele, Kalel beija as minhas costas, minha pele afastando meus cabelos para o lado, ele

estende as mãos e aperta meus seios, fico mais quente.

Ele tem uma pegada que nossa!

As mãos dele descem até minhas coxas e ele toca a parte de dentro delas afastando-as para os lados, é carinhoso com o toque, continuo a beijar o João, meu corpo coladinho ao dele, nossos beijos lentos, tão gostoso.

A mão dele sobe até meu seio e ele o aperta me fitando, nesse instante, Kalel me penetra devagar, meu corpo sobe e minha mão desce até seu pênis, ele já está todo durinho, mordo seu lábio inferior, e o olho apertando sua ereção entre os dedos, ele segura meio seio e o leva a boca, começa a chupar, a penetração de Kalel é profunda e vagarosa, isso me deixa ainda mais quente.

Kalel se aproxima e se senta muito perto de João, ele dobra as pernas e sentado começa a me mover sob sua ereção, puxo os cabelos de João e ergo sua boca colocando-a na minha, meu corpo todo se enche de expectativa enquanto sou penetrada por Kalel, beijada pelo João, tocada pelo João.

— Amo você. — ele sussurra entre o beijo.

— Eu também amo você — falo e puxo o

PERIGOSAS NACIONAIS

Kalel para juntinho de mim. — Também te amo meu bem.

Ele mordisca meu ombro e me abraça colocando as mãos nas minhas virilhas, apertando elas, fazendo uma massagem gostosa enquanto começo a me mover.

— Quer comer ela um pouco? — Kalel pergunta com a testa colada nas minhas costas.

— Está bom, não está?—João questiona com uma cara sacana.

— Muito bom — Kalel responde quase sem voz. — É diferente.

— O que é diferente? — pergunto me movendo com ele.

— Vocês dois são diferentes — ele continua tocando minha virilha. — Gosto assim.

Beijo o meu marido sem entender muito bem o que isso significa para o Kalel, meus quadris se movem com os dele na dança lenta, adoro cada segundo, masturbo o João também na mesma proporção na qual sou penetrada, ele gosta, o olhar nem nega, seus beijos se tornam quentes, sua mão encontra minha sensibilidade e enquanto me acaricia me sinto ainda mais liberta.

— Beija ele. — João balbucia.

PERIGOSAS ACHERON

Obedeço.

Meu marido segura minha cintura e me ergue, Kalel puxa a minha perna e giro ficando de frente para ele, me seguro em seus ombros e o fito me movendo com ele, toco sua face, seu pescoço, seus braços, de um jeito profundo estou conectada a ele.

Não é pelo sexo, é porque eu o amo, aprendi a amar.

— Te amo — digo beijando seu pescoço. — Te amo muito.

Kalel me fita de um jeito diferente, ele abaixa a cabeça e cobre meus seios de beijos, ele me abraça com força, mas parece não saber o que falar, como demonstrar, coloco os braços envolta dele, meus quadris se movem mais devagar, João começa a beijar as minhas costas a tocar meus cabelos, sei que a relação não é carnal para o Kalel também, para nenhum de nós três.

Kalel toca minha barriga e sinto seu calor se espalhar dentro de mim sem pressa, estremeço enquanto ele goza, e o orgasmo lento vai me tomando dos pés a cabeça, eu o fito sorrindo, ele desvia o olhar e começa a se erguer.

— Estou esperando vocês dois na cama. —

ele fala saindo da hidro.

— Foi algo que eu fiz? —pergunto confusa.
—Kalel o que foi? Você não gostou?

Ele nem olha para trás, sai do banheiro calado, fico parada sem saber como agir, João me solta e ficamos sem ação.

— Acha que ele não gostou?—pergunto constrangida não sei se fico na hidro ou se saio.

De repente fico envergonhada.

— Eu acho que ele gostou até demais — João diz e toca a minha face — Não se preocupa amor, deve ser coisa dele.

Estranho!

João me puxa pelo pulso e me abraça me puxando para seu corpo.

— Agora é a minha vez.

Acabo por sorrir.

É, é a vez dele.



— Quer ajuda com as suas malas?

— Depois eu arrumo isso, deixa ai.

— Tá.

Mantenho a distância e respeito à distância.

Gostaria de entender porque o Kalel fez aquilo agora a pouco, mas sinto que ele não quer conversar, ele não quer falar, ele já não é bom em se abrir, agora muito menos. Pego uma roupa para mim na mala, ele trouxe as nossas malas para o closet, deixou toalhas sob a cama, entrei a pouco e agora, já vestido ele acaba de entrar no closet, João está na cama esperando que eu leve uma muda de roupas para ele. Abro a mala dele, pego uma cueca, uma calça de algodão e uma camisa de malha.

— Vocês querem comer alguma coisa?— Kalel pergunta incerto.

— Não. — respondo escondendo meu nervosismo.

Acho que ele não estava gostando, mas não quis admitir, talvez porque eu estivesse sendo muito melosa, carinhosa demais, talvez ele não goste que a parceira seja dessas mulheres que fazem carinho demais na cama, nas outras duas vezes eu não estava assim, eu não dizia coisas como *“te amo muito”*.

Sinto que tem algo errado, algo de muito errado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tenho que te falar uma coisa Fernanda.

— Pode falar.

— Eu menti para você quando disse que te amava.

Eu o encaro sentindo o baque das palavras, o peso de cada uma delas caindo sobre meu corpo.

— Eu menti todas as vezes que eu te levei para cama e disse que amava você, porque eu não amava, até hoje — ele fala me fitando muito, muito sério. — Eu queria que você aceitasse vir, queria te levar para a cama, eu nunca me apaixonei por nenhuma das mulheres com quem eu sai antes e sinto muito por isso, não poderia conviver com vocês dois sem que você soubesse, eu nunca sai com mulheres negras, nem acima do peso, mas você é diferente.

— Diferente? — repito sentindo um frio estranho no estômago.

— Sim, diferente, e hoje eu percebi que gosto mesmo de você, que você é importante para mim, e eu quero ficar com você sabe? Nós, como eu já havia planejado, não suporto o seu marido, mas eu quero ficar com você, precisava que soubesse por que eu não quero mais mentir para você sobre sentimentos.

PERIGOSAS ACHERON

Fico calada, meu coração se contraindo lentamente, tudo está tão... Confuso e claro.

— Eu não quero que isso te afaste de mim — Kalel fala e se aproxima. — Eu percebi que gosto mesmo de você!

— Gostar não é amar, você me usou! — exclamo horrorizada. — Você brincou com os meus sentimentos Kalel, com os sentimentos do João.

— Eu tinha medo de me apegar demais, de sofrer...

— E para isso nos trouxe aqui? Para nos enganar com falsas promessas? Kalel eu estou grávida!

— Sim, sim e eu aceito o bebê, eu tenho os mesmos planos...

— Nunca quis casar comigo, e toda aquela história das alianças? Você mentiu para mim! Como pode?

—Fernanda pelo amor de Deus eu só não quis me precipitar.

— Como pode?—pergunto engolindo a vontade de chorar. — Você mentiu para nós dois, você por algum acaso pensou na Alice? Na Clara?

— Claro que eu pensei, meus planos são os PERIGOSAS ACHERON

mesmos, eu só queria ter certeza de tudo, me interpretei mal, eu sinto muito Fernanda — ele está nervoso. — Eu amo você, acredita em mim, agora eu estou sendo sincero, eu só precisava falar porque me senti mal enquanto estávamos na banheira.

— Eu vou falar com o João, você nos enganou — nego com a cabeça e me sinto tomada pelo desespero. — E agora? Meus pais... Os pais do João, nossas famílias viraram as costas para nós...

— Você não vai voltar para o Brasil, vocês vão morar aqui comigo, eu só estou explicando querida, antes era dê um jeito, agora é de outro, eu tenho muitos sentimentos por você Fernanda.

— Você mentiu para mim, como pode enganar o João? Você o convenceu de que gostava dele, você tem noção do que causou em nossas vidas?—solução. — Você tem noção do que passamos Kael? De tudo o que atropelamos por você?

— Eu sinto muito.

— Sente? — pergunto, ele abaixa a cabeça. — Eu acho melhor que você pare um pouco para pensar mais nas pessoas, nos sentimentos das pessoas, o João pensou que você era amigo dele, e

eu pensei que nós viveríamos como uma família, que eu seria como uma mãe para a Alice.

— Eu só queria que soubesse que agora a pouco foi um dos momentos mais incríveis da minha vida, que eu nunca fiz amor de verdade com alguém e que isso me assustou—Kalel berra de repente. — Eu não queria ter mentido, mas vocês dois não entendiam que eu queria você, eu estou obcecado por você Fernanda, e é uma merda perceber que essa droga não é só sexo, é uma merda sentir como se estivesse enganado pessoas que não mereciam, eu sei que é uma merda se sentir assim, mas eu tenho que falar isso, você tem que entender que eu sou um desgraçado que às vezes faz merda, muita merda.

Fico calada, choro bastante, Kalel passa as mãos nas faces nervosamente, a porta do closet está trancada.

— Olha, eu só quero te dizer hoje, honestamente que você é a mulher que eu amo, de verdade, não pelo sexo, não pelos fetiches, mas por quem você é, e que tudo isso eu fiz porque eu achei melhor para você, para seu marido, não me arrependo de ter tirado vocês dois daquela vida miserável, a filha de vocês estava passando

necessidades, e você tem muito potencial para ser desperdiçado.

— Você não deveria ter feito isso conosco.
— falo entre lágrimas.

— Eu sei — ele desvia o olhar e passa as costas das mãos nos olhos. — Eu não queria que as coisas chegassem a esse ponto, mas comecei mesmo a acreditar que tudo daria certo, eu não tenho família e vocês dois têm sido a única família que eu tenho nos últimos meses, sei que menti sobre os meus sentimentos, mas não sobre os meus planos e eles continuam de pé.

— Não posso fazer parte dos seus planos Kalel—nego veemente.— Se a sua intenção era me diminuir e me humilhar, você conseguiu.

— Nunca foi, não fala isso Fernanda, por favor—ele se aproxima, recuo.— Você é uma mulher fantástica, merece ser cuidada e amada, talvez eu só não tenha percebido isso antes, não tenha notado sua importância.

— Não acredito mais em você, eu quero ir embora, eu não quero nada disso, você me humilhou da pior forma Kalel, meu marido, minha filha, você destruiu a pureza que havia na minha família.

— Não, isso não!—Kalel fala com pavor. — Eu vou conversar com o John, eu vou explicar para ele que antes era de outro jeito, ele vai me entender, ele é homem.

— Isso não é coisa de homem Kalel, isso é coisa de covarde.

Ele fica me encarando por alguns instantes, então as lágrimas começam a cair, meu coração vai ficando ainda mais apertado, mesmo que eu não deva.

Escuto o som de batidas na porta.

— Tudo bem aí?—João pergunta do lado de fora do quarto.

— Eu já vou—respondo engolindo o choro. — Não machuca mais ele está bem? Ele já se sacrificou demais para vir até aqui e alguém arruinar tudo falando que não passou de uma mentira, ele não merece que tudo isso seja uma mentira, nem a Clara e nem a Alice.

— Não é uma mentira — ele funga choroso. — Não pode ir embora Fernanda, eu só quero que saiba a verdade e aceite que eu também falho, que eu errei, mas não vou mais fazer isso.

— Está bem.

Não sei nem o que falar, mas acho que não

posso, porque o João espera do lado de fora e nós mal chegamos aqui, eu nem sei como agir, que decisões tomar, mas, com certeza, não quero transformar nada disso numa briga maior ainda.

Afasto-me dele e vou até a porta, abro e o João fica me olhando espantado.

— Não foi nada — digo e lhe estendo a roupa.
— Vamos ficar com as meninas lá embaixo?

— O que a Fernanda quer dizer é que eu e ela brigamos. — Kalel fala assim do nada.

Estendo as roupas do João para ele e seus olhos se tornam tortuosos.

— Eu menti para a Fernanda sobre os meus sentimentos e isso a machucou profundamente, eu também menti para você John, fiz com que acreditasse que eu queria você na nossa relação, mas eu nunca quis, quero que você entenda que não é pessoal, eu confundi tudo em minha cabeça.

— Que você não gostava de mim eu sempre soube, mas você mentiu sobre como se sente para a Nanda?

— Sim.

Meu marido se inflama, Kalel fica parado bem próximo a nós, não para de chorar nem eu, eu o odeio tanto, tanto, que se ele soubesse já teria ido

embora desse quarto.

— Enganou a gente?

— Sim.

Ele não nega, e pior é ver que no fundo, ele se arrepende, ainda que tenha sido um bom ator antes, agora é diferente, sinto que sim.

— Eu quero pedir desculpas pelo meu comportamento, sei que vocês dois mereciam toda a verdade.

— E qual é a verdade?

— Que eu nunca fui apaixonado pela Fernanda, até hoje.

Afasto-me até a cama, coloco a minha roupa sob a cama e começo a me vestir, soluço, tão magoada com essa situação, envergonhada, sinto vontade de me cobrir, de me esconder, de estar longe dos olhos dele, dos olhos do João, porque me apaixonei por um canalha, um mentiroso e coloquei tudo em jogo por ele, minha família, meu marido, minha reputação, a reputação do meu marido.

— Depois de tudo o que passamos?—escuto o João perguntar.

— Eu sinto muito John.

— Sente muito que a Nanda tenha levado duas surras por sua causa? Que ela esteja sem falar

com os pais dela? Que eu esteja sem falar com os meus pais?

— Eu não queria que as coisas chegassem a esse ponto. — retruca Kael angustiado.

— Não?—João está a ponto de explodir. — Confiei em você à coisa que eu mais tinha de valiosa, a minha esposa, você a violou, você mentiu para ela, ela não merecia isso.

— Eu juro que isso não vai se repetir...

— Ah! Mas não vai mesmo!

—João, melhor não brigar por isso, não adianta mais, já estamos aqui mesmo — digo, mas não consigo parar de chorar. — Se veste, vamos ficar com as meninas.

— Pensei que fosse meu amigo, que fazia isso por gostar de nós dois, da nossa família — meu esposo enfia a cabeça na camisa. —, mas pelo visto, você é só um oportunista mesmo, aproveitador, se aproveitou porque somos humildes, pessoas que quiseram mesmo viver isso com você, com sua filha.

Que Desgosto.

— Não queria magoá-los, eu percebi hoje que eu estava errado, eu não queria isso, não pensei nas consequências, eu não quero que vocês dois vão

embora.

— Não espera que fiquemos aqui por sua tão bondosa generosidade certo?—João pergunta com os olhos cheios de lágrimas. — Imbecil.

Aproximo-me, Kalel se inclina na nossa direção, fico dura quando eu o vejo se ajoelhando diante de nós, os olhos cobertos de dor, as lágrimas caem incessavelmente.

— Por favor, eu estou pedindo, fiquem!—ele fala choroso— Vocês são a minha única família.

João não fala nada, ele começa a se afastar para o rumo do banheiro, eu o sigo em silêncio.

Não há nada a dizer.

Simplesmente não sei como as coisas vão ser.

— Bom dia, você deve ser a Fer.. Ferna...

—Fernanda—pronuncio.

— Isso mesmo!

Tento sorrir para a mulher de cabelos escuros, ela tem olhos castanhos redondos e um nariz arrebitado, ela é magra e alta, também negra, estou bem surpresa em ver alguém tão cedo na cozinha, ou melhor, duas pessoas, noto a presença de Kalel sentado a mesa logo adiante, não o havia notado, até agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou a Bárbara Constance, a babá da Alice, muito prazer.

— O prazer é todo meu Bárbara.

Nunca imaginei em nenhuma hipótese ou circunstância que a babá da Alice fosse uma mulher negra, ela se quer parece ter mais de 50 anos, a pele dela é linda, os cabelos estão presos num coque perfeito, lábios carnudos e emoldurados por um batom rosa chá, ela é a elegância em pessoa.

—Kalel estava me falando de você agora a pouco, fiquei muito feliz que ele decidiu noivar— Barbara fala com naturalidade. — Sente-se querida, lhe sirvo um café, tive a oportunidade maravilhosa de cuidar da sua filha ontem pela tarde, ela é uma criança adorável.

— Eu agradeço — digo e me sento na cadeira da ponta da mesa bem longe dele. — Eu só vou querer um café mesmo, estou com dor de cabeça.

— Está grávida, tem que se alimentar bem!

E pelo visto, Kalel já saiu falando aos quatro ventos, ele parece péssimo, deve estar, ontem não dormiu conosco, depois da discussão eu e o João não o vimos mais, foi melhor, nos ajudou a pensar, mesmo que não conversássemos muito, era melhor que brigar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse para Bárbara que são gêmeos — Kalel se levanta e dá a volta na mesa. — Bom dia querida.

Eu não sou sua querida!

— Bom dia. — digo apenas por educação.

Kalel se senta a minha direita, os olhos vermelhos, com cara de quem não está nada bem.

— Eu nem acreditei quando ele me falou que vocês tinham chegado, ele não fala de outra coisa desde que decidiu comprar a casa.

— De mim e da Clara?

— E do seu marido ora.

Desvio o olhar, me sinto constrangida com a situação, só que não sei como as coisas vão ficar agora, ou melhor, sei ao menos quanto a algumas decisões.

— Não ficaremos muito tempo — respondo.
— Temos que voltar para o Brasil em breve.

— Vocês não tem que voltar para o Brasil — ele retruca na mesma hora. — Para de falar isso, vocês não vão para longe de mim.

Faço menção de levantar, ele segura meu braço de repente.

— Por favor, vamos conversar? Tentar resolver isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não temos nada a conversar Kalel, não devemos falar isso na frente da sua funcionária.

— A Bah não liga — ele retruca. — Vocês conversaram?

— O João está arrasado, isso mexeu muito com os sentimentos dele.

— Eu sinto muito, eu vou fazer o possível para que ele se sinta bem.

— Como? Expondo ele ao ridículo? Como acha que ele se sentiu? Ele pensou mesmo que você gostava dele como amigo, que eram parceiros.

— Ele nunca demonstrou.

— Ele precisava demonstrar? Ele precisava cuidar da Alice como se fosse dele? Deixar que você dormisse em nosso apartamento? Comesse em nossa casa? Confiasse em você para dar banho em nossa filha? Que tipo de pessoas você acha que somos?

— Eu errei Fernanda, mas eu juro que foi por medo, impulso, eu não desejava te magoar.

— Deveria ter pensado nisso antes de entrar na nossa vida não acha? No meu casamento? Você nunca gostou de mim de verdade não é? Foi tudo um passatempo! Esse bebê um acidente.

— Não foi assim, eu estou dizendo ora—

PERIGOSAS ACHERON

Kalel replica e começa a chorar— Por favor, não me torture com essas palavras, você significa muito para mim, eu acho que mais me enganei do que enganei vocês, acho que fiz uma enorme confusão em minha cabeça, me perdoa?

— Não estou pronta para viver isso com você Kalel, não baseada em mentiras, eu guardei seu anel, vou te devolver, se você puder fazer a gentileza de pagar nossas passagens para o Brasil, já está bom.

— Não pode ir embora Fernanda, não pode, o que eu vou fazer?

— Vai viver a sua vida, e eu vou tentar viver a minha vida com o meu marido.

— Não!—determina ele.— Ouça, eu posso ao menos provar? Me de um tempo, uns dias, eu prometo que vou provar os meus sentimentos.

—Eu não quero...

— Eu vou conversar com o John.

— Ele não vai aceitar Kalel, mentiu para ele.

— Eu não menti para vocês dois, eu só não falei sobre os meus sentimentos, mas isso foi antes, muito antes de eu morar com vocês e ver que vocês são o que eu quero por perto, você é tudo o que eu mais amo Fernanda, perceber isso ontem foi

PERIGOSAS NACIONAIS

desolador, eu sai falando tudo o que vinha na minha cabeça, sinto muito.

Não tenho resposta. Levanto-me.

— Vou para o quarto, até mais Kalel.

Sei que não vou cair nessa história de novo.
Não mais.

PERIGOSAS ACHERON



— Parece que consigo ver tudo com um pouco mais de clareza agora sabe?

Olho para o meu marido, ele não está bem, está abatido, eu também me sinto péssima, já faz dois dias desde que chegamos e estamos nesse quarto, Alice e Clara tem ficado conosco por todo o dia, Kalel Não, ele eu não quero por perto, o João se sente magoado demais com tudo, eu também, mas nem por isso, é que acho que temos que pensar longe dele.

— Por isso ele não queria o bebê — João conclui. — Ele achava que poderia nos trazer aqui e ficar conosco até cansar de você, quando ele cansa-se ele nos mandaria de volta para o Brasil.

É triste ouvir isso, mas é a verdade.

— Acho que ele se sentiu sem alternativa quando você ficou grávida, ele se sentiu culpado,

PERIGOSAS NACIONAIS

quem sabe as mentiras a mais que ele nos contou para trazer aqui? Sobre a família dele, sobre a Alice!

— Ele foi manipulador —confesso e olho para as meninas que assistem tv no quarto, estamos na sacada. — Não quero separar a Alice da Clara.

— Amor, não tem jeito de levar a Alice para o Brasil, ela não é nossa filha.

— Eu sei.

Temos conversado muito sobre tudo, chegamos à conclusão de que não devemos ficar.

— Eu liguei para os meus pais, papai vai me emprestar o dinheiro para voltar.

Fico calada engolindo isso, imagino o tamanho da dor que ele deve ter sentido em ter ligado para o pai dele depois de tudo.

— Vamos devolver tudo, o dinheiro, os presentes, vamos para o Ceará, para a casa da minha tia, é na praia, longe de tudo, vamos ficar lá um tempo até decidirmos o que faremos.

— Sim.

Não devo discordar, por mais que me machuque, porque da primeira vez me deixei levar pelos meus sentimentos, fui tola, e agora estamos nisso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai vai depositar o dinheiro na minha conta hoje à tarde, vou fazer as reservas pelo aplicativo de passagens.

— Me desculpe por tudo, isso tudo não teria acontecido se eu não tivesse me deixado levar por isso, fui tola, fraca em acreditar que ele estava sendo sincero, que me queria, que nos queria.

João olha envolta calado, estamos tão cansados desde que chegamos, o que deveria ser uma longa estadia não passará de mais de cinco dias longe de casa, acho que essa é uma das maiores decepções que nós dois passamos em nossas vidas, tanto como casal quanto como pessoas.

Foi um erro ter confiado em Kalel Thurman.

— Com licença. — escuto um chamado feminino.

Entro no quarto, Barbara carrega uma bela bandeja de café da manhã, Kalel está bem ao lado dela, ele usa jeans e uma camisa folgada, desvio o olhar, porque cada vez que olho para ele me vem o sentimento de pena.

— Fiz um café super-reforçado para família — Barbara fala e olha para as meninas com doçura. — Que tal todos tomarmos café juntos na sacada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ebaaa! —Alice grita toda feliz e levanta.
— Vem Clarinha.

Clara cospe a pepeta e sai correndo para a sacada, me viro e a sigo em silêncio, é que nós não temos saído daqui, vou a cozinha e costumo preparar algo para as meninas, não falo nada, porque não tem o que falar, e quando Kalel se aproxima me afasto, porque não consigo estar perto dele sem que sinta vontade de chorar.

— Bom dia!—Barbara fala assim que entra na sacada. — Você deve ser o John.

— Sim, muito prazer. — João fala e estende a mão para Bárbara.

Mal educado nunca foi, e duvido que será, o João sempre teve uma natureza muito gentil e calma, ele sabe bem como separar as coisas, como ser calmo em certos tipos de situação, eu não.

—Barbara — ela coloca a bandeja sobre a mesa e estende a mão cumprimentando o João. — Seja bem-vindo á São Francisco.

— Obrigado Barbara, a Alice fala muito de você. —meu marido sorri.

— Cuido dela desde que tinha um dia de nascida—Barbara revela. — Ela também falou muito de vocês assim que chegaram do Brasil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloco Clara no meu colo, Alice se senta ao meu lado, o dia está lindo a nossa volta, aqui é um lugar silencioso e que sopra um vento com cheiro de mato, longe de tudo, é perfeito.

— Sente-se aqui querido—Barbara fala para Kalel.— Perto da sua família.

João não fala nada, Barbara começa a colocar as xícaras na mesa, torradas, ovos mexidos, suco, um bule de porcelana com café, sanduíches para as meninas, Kalel só se senta na outra ponta da mesa e fica calado, a situação está longe de estar tensa, não está mais, porque sei que o meu marido está decidido a ir embora, se não fosse o caso, haveria algum tipo de discussão.

Agora só sobrou a decepção mesmo de constar que tudo foi uma enorme mentira.

— Eu estou muito feliz que agora eu tenho uma nova mamãe Bah—Alice fala toda contente.— A Nanda me dá banho, ela me dá papa na boca como se eu fosse um bebê.

— Ah, mas isso é muito bom querida—Barbara afirma com um sorriso calmo.— Logo sua nova mamãe vai ter dois irmãozinhos para você.

Alice me dá um sorriso imenso e me abraça, Clara estende as mãos e a abraça sorridente.

PERIGOSAS ACHERON

—Aice!—fala Clara e beija o rostinho dela.
— Imãzinha.

Acho que ela finalmente está aceitando a Alice, beijo a cabeça da Alice e toco sua face, sinto um aperto no peito, meu coração fica do tamanho de uma noz, não quero deixá-la aqui, não quero ficar longe dela, me afeiçoei muito a Alice, ela precisa de que eu a ame, que eu cuide dela, me parte o coração ter que saber que ficaremos longe dela.

Sei que para a pequena, tudo isso será arrasador.

— Bem, acho que temos que combinar sobre horários e também sobre as meninas, eu verifiquei uma excelente escola no centro—Barbara fala com naturalidade e se senta na outra ponta da mesa. — Imagino que vocês três trabalharão durante a semana, eu também consegui um excelente professor de línguas e natação para as meninas, eu garanto que ambas terão alimentação e horários regrados.

Não respondo, beijo a cabecinha da Alice, seus olhos azuis me fitam, arregalados, felizes, mas, de repente, eles se tornam incertos.

— Porque está chorando mamãe?—Alice

questiona confusa.

— É que... Eu... Bem... Eu preciso te falar uma coisa Alice —digo a força. — A mamãe e o John não vão poder ficar por muito tempo...

— Com você — João fala me interrompendo. — Nós vamos trabalhar o dia todo e a mamãe esta triste porque não poderá cuidar de vocês duas o dia todo.

— Mas não precisa se preocupar mamãe, eu vou te ver todos os dias, fins de semana—Alice replica e limpa as minhas faces, as mãos pequenas e cobertas de zelo. — Eu te amo e vou me comportar, eu prometo.

Olho para o meu marido, isso me destrói lentamente por dentro, pensar que vou deixá-la para trás, entrego um sanduíche para ela e outro para Clara, não consigo pensar em comer nada, não quero.

É uma situação tão complexa quanto a de decidir vivê-la, só que com a diferença de que antes, tudo era verdadeiro, agora, é tudo baseado numa mentira.

— Porque vocês duas não vão ver tv?— Barbara sugere. — Eu levo sua soja querida.

— Está bem—Alice concorda e se afasta. —

Vem Clarinha.

Clara a segue toda alegre, mastiga o sanduíche com a boca cheia, olho para o João, sei que ele se prepara para dar a notícia.

— Acredito que vocês três devem conversar com calma agora—Barbara fala como se fosse muito íntima nossa. — Peço somente que pensem no melhor para as crianças, elas merecem um lar estável, já é bem complicado para ambas tudo o que vão enfrentar por saberem que vivem numa família diferente, é importante que sejam maduros e saibam lidar com seus próprios erros, saibam conversar sem se precipitar.

— Não vamos tomar muito mais do tempo que o Kalel tem senhora Barbara—João fala secamente.— Eu e a Nanda estamos dispostos a pagar por todos os gastos e ir embora.

Ela nos olha calda, depois sai da sacada e entra no quarto, fecha as portas de vidro que separa os dois ambientes, por alguns momentos João e Kalel ficam calados, João me olhando e Kalel também.

— Não podem ir embora —Kalel replica quebrando o silêncio. — Temos que resolver nossos problemas.

— Que problemas cara? Você não entende que você provocou tudo isso?—meu marido se irrita. — Você brincou com os sentimentos da Nanda, nos vendeu uma mentira.

— Não queria me precipitar John, eu tinha outra forma de pensar na época—Kalel passa as mãos no rosto. — Olha, entendo que errei, mas vocês irem embora não vai resolver nada.

— Você não sabe o tamanho da vergonha na qual nos sujeitou—falo magoada. — Você é mesmo um egoísta de merda que só pensa em você.

— Não é vergonha que estejamos juntos, eu apenas não falei as minhas intenções de forma clara.

— E quais eram suas intenções? Nos trazer para cá e nos usar?—João indaga nervoso.

— Todas as intenções eram verdadeiras, eu só não sentia como se amasse a Fernanda de verdade antes de estarmos na banheira, porque eu não estava pronto para assumir para eu mesmo que aquilo não era atração apenas, me assustei quando percebi que estava apaixonado por ela e sai falando tudo o que me vinha pela cabeça, porque eu tinha medo de que parecesse que não era verdadeiro com vocês dois, parecia que eu estava mentindo para eu

mesmo ao me negar a falar a verdade.

— Qual verdade?—pergunto.

— Que eu amo vocês dois, e a Clara!

Respiro fundo engolindo a seco todas as palavras.

— Eu encarei tudo isso de início como algo provisório, porque eu não pensei que me envolveria, mas estar com vocês me mostrou o contrário, e eu quis mesmo que viessem para formarmos uma família, quando eu soube que estava grávida eu não pensei em mais nada além no bebê, numa nova chance de ter uma família.

— Sobre a mãe da Alice...

— Tudo o que eu falei era verdade, eu não menti sobre nada, eu só não fui sincero quando falei que a amava das primeiras vezes, porque eu não acreditava naquilo, mas sei que eu tentei mentir muitas vezes para você, só que eu estava contando para eu mesmo uma grande mentira, porque eu já amava você, só me negava ao sentimento.

— Quando você fala que nos ama...

— Você é como um irmão para mim John— Kalel diz.— Eu não suportava você, mas percebi em você alguém muito legal, como o Nick, um grande amigo, eu não queria ter dito todas aquelas

coisas, mas é que essa é a primeira vez que eu me apaixono de verdade.

João e eu ficamos calados, e de novo, Kalel começa a chorar.

— Eu só quero que vocês dois pensem bem antes de ir embora, eu sei que não fui sincero quanto aos meus sentimentos no começo, mas fui sincero quanto as minhas ações, as minhas intenções de termos uma família, eu ainda quero poder viver um casamento com vocês, me fere profundamente saber que eu mesmo os enganei no início, mas percebi que a maior pessoa a ser enganada fui eu mesmo, porque eu já amava a Fernanda desde a primeira vez que ela entrou na minha sala, e eu sabia que faria tudo para ter ela na minha cama, na minha vida, e se isso incluir vocês dois tudo bem, eu aceito, e eu prometo que não vou mais mentir, mas peço, por favor, que pensem bem, casamentos de verdade tem brigas, tem crises não tem? Eu falhei, e eu não estou pedindo nada além do perdão de vocês dois.

— Nós passamos por muita coisa para estarmos aqui — João começa. — Quero que você saiba que me envergonho de ter compartilhado minha vida e família com você, mas eu entendi que

a Nanda não é algo que me pertença, por isso eu decidi que ela também poderia escolher conviver com você, porque confiei em você, a anos eu não tinha um amigo de verdade, alguém com quem eu falasse de algo que eu gosto e você foi essa pessoa, eu lamento que tudo isso tenha chegado a esse ponto, é triste saber que não posso confiar mais em você Kalel, nem como amigo nem dentro da relação, eu amo a Fernanda e o que ela decidir por mim tudo bem, mas não espere que eu seja seu amigo.

— Eu entendo.

— Talvez não fosse para ser mesmo— concludo bastante triste e limpo as minhas faces.— Eu aprendi muitas coisas com essa relação, você me ensinou a aprender a gostar um pouco mais de mim mesma, a tentar aceitar o meu corpo do jeito que ele é, a cuidar mais do meu casamento, eu me sinto muito magoada em saber que você mentiu para mim, porque não precisava falar que me amava para me levar a cama, bastava que você vivesse conosco o que queria, nem que fosse uma aventura.

— Era melhor do que mentir para tentar nos convencer.—meu marido bebe um pouco de café.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é algo perdoável?—Kalel indaga nervoso.

— A questão é: você está disposto mesmo a viver isso? Não está mentindo?

— Não estou, eu sei que foi um grave erro — Kalel me olha. — Por favor Fernanda, eu preciso de ao menos uma chance.

— Acho que não merecemos uma chance Kalel, nenhum de nós deve se sujeitar a isso baseado numa mentira...

— Não é mentira — ele retruca. — Eu prometo que eu vou ser diferente, eu não vou mais falar coisas das quais não sinto.

Olho para o João.

— É sua decisão—afirmo e me levanto. — Eu me arrependo de ter convencido você a tudo isso, então se tivermos que ir embora, iremos por sua decisão, porque eu sou a culpada de isso tudo estar acontecendo, o que decidir eu apoio.

Depois que falo saio da sacada e entro no quarto, me sinto bastante enjoada, novamente, exausta emocionalmente.

Melhor deixar eles dois falarem a sós, eu sei o que eu quero, mas sei que não devo, porque entre o querer e o dever, o dever tem que estar a frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora entendo.

Quero Kalel, mas não devo estar com ele.

Ponto.

PERIGOSAS ACHERON



— Boa noite, eu cheguei.

Estou vendo.

Não respondo, olho para o João e sei qual foi à decisão dele, ele passou o dia todo com o Kalel, mas eu não ouvi nem gritos ou berros, nem brigas, fiquei com Alice e Clara, havia uma parte minha muito ansiosa para saber como as coisas estavam, e a outra, gritava de medo pela decisão do João, eu sabia que ele estava decidido a irmos embora.

É o certo e o sensato depois de tudo.

Mas pelo visto...

— Vou tomar um banho —João avisa. —
Você já tomou banho amor?

— Já. —respondo.

— Você comeu alguma coisa?

— Comi, durante o almoço com as meninas, a Bárbara me obrigou a comer, por causa dos bebês.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei horas pensando em tudo isso de um jeito isolado, parecia negligencia demais deixar de zelar pela minha saúde física porque isso afetaria os bebês, então eu consegui comer um pouco, graças à babá da Alice que ficou insistindo para que eu me alimentasse.

— Está bem, o Kalel pode voltar a dormir conosco?

— Sem problema.

— Está bem, vou tomar banho, Barbara disse que trará o nosso jantar aqui no quarto, ela está fazendo lasanha.

— Bom.

Não esperava que ele fosse engolir tão fácil as desculpas do Kalel, eu mesma não engoli, mas se essa é a decisão dele, não vou rebater, o João não o perdoou, sinto em seu olhar, contudo, acho que ele decidiu dar uma chance para o Kalel, porque ele sabe dos meus sentimentos.

Esse cara não nos merece mesmo!

Mudo o canal da tv e continuo deitada no canto da cama, Kalel se aproxima e sobe na cama em silêncio, por alguns instantes ele fica me olhando calado, João vai para o banheiro também na dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Conversamos muito...

— Eu não quero saber o que conversaram Kalel.

— Ao menos pode me ouvir?

— Eu não quero ouvir o som da sua voz, porque eu não suporto a ideia de que mentiu para mim, e eu não engulo essa de que você está arrependido.

— Mas, eu estou.

— Enfim, não importa, você pode engabelar o meu marido, mas a mim você não engana mais.

Respiro fundo e abraço o meu travesseiro indo para o canto da cama.

— Eu te amar não faz diferença para você Fernanda?

— Eu te amar fez alguma diferença para você Kalel?

— Sim, toda a diferença, me fez perceber meus sentimentos por você, que são verdadeiros.

— Vou ficar quieta, não quero falar.

— Está bem, John disse que só ficará se você ficar, que vai conversar com você amanhã, eu peço que pense com cuidado em tudo, eu aprendi a gostar muito de vocês, se forem embora eu não sei o que farei Fernanda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai para uma casa de swing.

— Eu nunca amei as casas de swing como eu te amo, nada me faria mais feliz se você me perdoasse, entendesse que eu falhei.

— Isso não tem a ver com falhas nem erros, você brincou com os meus sentimentos.

— Eu sei disso.

— Que bom que sabe.

— Acha que pode me amar mesmo depois de tudo o que fiz? Se você disser que não me olhando nos olhos e conversando comigo, eu juro que te deixo ir embora, agora se você não me responder, eu não posso desistir dos meus planos, de você e da nossa família.

Família.

Ergo-me, me viro para ele e o fito, há muito mais medo do que tudo em seu jeito de me olhar.

— Você não sabe o que é uma família Kaleb? Famílias não mentem uns para os outros, pessoas em uma família são unidas, aceitam uns aos outros, tentam lidar com os sentimentos de forma sincera, eles não se escondem por trás de uma mentira.

— Nunca tive uma família de verdade, então esta é a minha primeira vez. — ele conta. — Sei dos meus erros e falhas nisso tudo, eu quero que você

PERIGOSAS ACHERON

aprenda a entender isso e me perdoe, para mim tudo é como uma primeira vez, porque a Alice nasceu e eu a deixei com a babá, eu sempre priorizei meu trabalho, os negócios e os casos que eu tive, menos ela, e descobrir o amor dela também é muito forte para mim.

Continuo a encará-lo.

— Se quer saber Fernanda eu não sei o que é ter uma família de verdade, todos na casa dos meus pais são desunidos, meu pai é abusivo com a minha mãe, meus irmãos se detestam, todos só pensam em dinheiro e por anos fui rejeitado por eles, ainda sou, nem sei exatamente porque, então me perdoe por não saber como lidar com a primeira família na qual faço parte.

— Não justifica.

— Eu sei que não, mas não posso dar algo do qual nunca tive para ninguém.

— Não somos merecedores do seu amor?

— Merecem muito mais que apenas isso, o que tenho oferecido não era amor, e seria desleal que eu continuasse a omitir tudo o que fui, em muitos sentidos eu fui sincero, eu não medi nada, nem as consequências de trazê-los aqui, eu os quero aqui, tudo era verdade, só quanto ao fato de dizer

que a amava que me senti desleal, nas primeiras vezes foi por desespero, porque eu sabia que a perderia se não falasse, depois foi porque eu já tinha me acostumado, era da boca para fora, ou ao menos eu acreditava que era, mas naquele dia foi tão incrível! —relata ele pensativo. — Você comigo, me senti tão conectado, como quando vocês me disseram que fazer amor era diferente, me senti diferente com você, a forma como eu olhava para o seu marido também era diferente.

Engulo a seco.

— Desejou... Ele?

— Sim!—Kalel afirma sem vergonha nenhuma. — Eu desejei que ele a tocasse, que ele sentisse o que estava sentindo, desejei que ele compartilhasse comigo tudo aquilo, porque era maravilhoso, você me fez sentir muitas coisas, me senti mal quando vi que tinha me levado para um lugar que eu nunca estive.

— Nas outras vezes foram iguais...

— Não, você não sentia a conexão entre eu e você?

— Desde a primeira vez eu me senti conectada a você Kalel.

Desvio o olhar, escuto o som do chuveiro no

banheiro, alguns minutos se passam de puro silêncio.

— Foi tolice me apaixonar por você — digo a força. — Me entregar, senti que alguém me desejava, e havia muito dentro de mim para querer ter algo que fui há anos atrás ao lado de alguém que lembrava o que eu tive, um homem independente, forte, autoritário, alguém dono de si, como o João foi um dia.

— Evitei muito o sentimento — ele alega. —, mas aconteceu, você me levou para um lugar que eu nunca quis ir, para o seu coração, eu quero te trazer para o meu, mostrar que eu posso sim te amar, do meu jeito, não é baseado na mentira, acho que oculte os sentimentos.

— Me sinto mal em pensar no que disse quando se referiu a mim como mulher negra e acima do peso — admito. — Não deve se referir a nenhuma pessoa de cor como se isso definisse quem ela é, é feio Kalel, isso magoa muito.

— Desculpe. — ele pede e vagarosamente, uma vermelhidão sobe a sua face.

— Minha cor é linda — determino segura sobre isso. — Eu amo ela, é diferente e se eu tivesse que pedir a Deus para me pintar de outra

cor, eu pediria a mesma, porque não é como as outras, eu gosto muito e me orgulho de tudo o que sou, você não deve pensar que vejo isso de forma negativa, só é negativo quando você é preconceituoso.

— Só quis dizer que eu nunca fiz amor com uma mulher de verdade, alguém como você— justifica ele. — Você gosta de mim como eu sou?

— Gosto — admito. —, mas isso não muda nada Kalel, olha o que você provocou no nosso primeiro dia aqui! Era para ser o nosso lar, você destruiu o nosso entusiasmo.

— Sinto muito, mas eu não podia ficar calado diante de tudo o que estava acontecendo, fiquei apavorado de que soubessem por outra pessoa.

— Tem outra pessoa que sabe?

— Tem, o Nick e a Bah, eu contei a eles meus planos, mas eles sabem como eu sou, depois eu contei para a Bah que era de verdade, que era para valer, então ela me mandou conversar com você, só que eu fiquei com tanto medo, nervoso, acabei falando tudo errado.

— Queria que nada disso tivesse acontecido.
— estou cansada.

— Eu queria, porque me fez perceber que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

a amo, amo a Clara e gosto do John, que não quero você sem ele, que vocês são a minha verdadeira família.

— Talvez não sejamos Kalel, quem sabe esteja enganado?

— Enganado dos meus sentimentos? Não! Eu não estou mais, eu amo você Fernanda, preciso que acredite em mim, que viva isso comigo agora, de verdade.

— E se eu for embora?

— Eu vou atrás de você!

— Abusivo!

Ele se inclina, mas recuo, me deito na cama, abraço o travesseiro e puxo o cobertor.

— Nossos momentos foram muito verdadeiros para mim Fernanda, nossos beijos, seu toque, suas palavras, eu quero que me ensine o amor, que me mostre como posso recuperar sua confiança.

— Pode aprender a arte do amor indo dormir em outra cama.

— Eu não quero dormir longe de você, o meu lugar é ao seu lado esquerdo na cama.

— Ah, é mesmo?

— Sim, como seu noivo, seu futuro segundo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marido.

— Isso não me comove.

— Eu sei que não, você está brava.

Estou magoada, o que é pior.

— Vou trazer as meninas, vamos jantar todos juntos.

— Como quiser Kalel.

— Como nós quisermos querida.

— Eu não sou sua querida.

Escuto uma risadinha.

Solto um grunhido e ele sai da cama, depois do quarto, alguns minutos depois João vem para o quarto enrolado numa toalha, ele se aproxima da cama, fecho a cara.

— O que foi? Eu ainda preciso do emprego!

— Seu banana!

— Eu hein!

Que ódio dele, que ódio de mim, porque sinto vontade de rir.

Não devo mais quero.

De volta ao querer.

PERIGOSAS ACHERON



Acordo com um beijo suave nos lábios, não me movo, mas os lábios persistem em beijar os meus, e assim bem devagar correspondo aos lábios teimosos, estendo a mão e toco a face do meu marido, seus cabelos, ele me puxa e subo em seu corpo, me aperta, toca meus cabelos com carinho e beija a minha cabeça.

— Vai continuar brava?

— Vou.

Sei que ele sorri.

— Veja o lado positivo, o imbecil te ama de verdade.

— Ah é.

— Não estamos indo tão mal para a primeira semana longe do Brasil.

— Claro que não, só quase voltamos para lá em menos de três dias e você teve que pedir dinheiro para o seu pai, engolir seu orgulho e se humilhar, tão simples!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu orgulho não está acima da sua chance de ser feliz Fernanda.

— Tem que ser nossa chance.

— Sim, tem razão, nossa chance.

— O que estão cochichando?

Sei que ele se move na cama, se aproxima.

— Eu posso dormir mais perto de vocês?

— Não!—João e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Então posso abraçar a Fernanda?

— Você quer que ele abrace você amor?

— Também não.

Kalel estende o braço e passa por cima de mim, ele cola o corpo do lado de nós dois, João se ergue e acende o abajur todo nervoso.

— Desencosta!—ordena ele irritado. — Nanda, manda ele parar!

— Você chamou ele para voltar para nossa cama!—replico querendo rir. — E também, ele ama a gente.

— Eu não quero ele encostando em mim — retruca João. — Vai, deita aí antes que ele comece a transar com a minha perna igual cachorro no cio.

Oprimo a risada e escorrego para o lado, Kalel se afasta e me abraça por trás, ele estende a

PERIGOSAS ACHERON

mão e enfia dentro da minha calça do pijama, na minha calcinha, então me toca devagar, beija meu ombro, meu pescoço, por mais que não queira relaxo com o abraço, com o toque.

Ele se move na cama mais uma vez e puxa a calça, Kalel dorme nu, ele gosta, às vezes de cueca, por conta das meninas, mas ele prefere sempre dormir pelado, e que eu durma nua também, nos dias que ficamos juntos raramente foram as vezes que ele dormiu de pijama ou roupa alguma.

Suas mãos seguram a calça do pijama e ele a tira do meu corpo juntamente com a calcinha, afasta as minhas pernas para os lados e se inclina na minha direção puxando o cobertor, devagar ele começa a beijar minha coxa direita, a parte de dentro da coxa.

Não me movo, Kalel sobe espalhando beijos por meu corpo, minha barriga, meus seios, ele puxa a minha blusa do pijama e a tira do meu corpo, quando nossos corpos se tocam me arrepio toda.

— Pronto. —ele fala baixinho. — Agora podemos dormir.

Vai para o lado e me aconchego ao João, coloco a cabeça em seu peito, o abraço, Kalel cola o corpo no meu e volta a me tocar onde quer, não

recuo, só queria poder em algum momento ser mais forte, poder não sentir como se meu amor fosse descartável para ele.

— Vai passar—João garante e beija a minha testa. — Acredite.

Sei que ele se refere à dor que sinto, porque ele também sofreu muito quando eu decidi viver isso com o Kalel, e aprende a superar todos os dias, ele é tão forte!

— Meu melhor!—digo em português e o aperto. — Você é o meu lar...

— A minha moradia — ele repete no mesmo idioma. — O meu amor.

Beijo seu peito, tento relaxar.

Amanhã será um outro dia, espero que diferente dos que temos tido desde que chegamos.

Nossos corpos estão unidos quando acordo.

Já é tarde da manhã, Kalel e João me abraçam, estamos cobertos até a cintura, minha perna está em cima do quadril do João e suas pernas estão entre as minhas, eu o abraço, ele me abraça também com a cabeça escondida entre meus seios, Kalel está agarrado a mim por trás, mas suas pernas estão enroscadas nas nossas, sua respiração

é lenta, sua mão entre as minhas coxas.

Fico parada por alguns instantes, é confortável aqui, aconchegante, e é bom.

Eu analiso as tatuagens no braço dele, são tantas, coisa da qual me acostumei, algo banal, mas que antes parecia estranho, me acostumei com Kalel Thurman muito rápido, depois de todos os dias que estávamos vivendo um com o outro, eu lhe dizia que o amaria, que lhe daria atenção, que lhe daria o meu carinho, mas não era verdade... Ou era?

Ele se move e aperta a minha vagina de um jeito possessivo.

— Ai!—exclamo com a dor. —Kalel para de apertar a minha vagina.

— Desculpe—ele responde sonolento. — É a força do hábito.

Tiro a mão dele de lá, mas ele volta a enfiar a mão onde quer e acaricia com mais gentileza, João desperta e cheira meus seios apertando-os devagar.

— Hum... —ele geme baixinho. — Boa forma de acordar o dia.

Fico sem jeito, me deito de costas e ambos se aconchegam, Kalel apoia a cabeça no meio seio esquerdo e João no meu seio direito, meu marido

PERIGOSAS NACIONAIS

puxa a minha perna e me deixa arreganhada, ele estende a mão e toca a minha vagina devagar, Kalel aperta minha virilha.

— Bom dia amor. — João diz e beija meu seio com carinho.

— Bom dia—digo sem jeito. — Você está mesmo fazendo isso?

— Claro—ele confirma e tira a mão de lá, toca meu ventre. — Não gosta que eu te toque também?

— Gosto—sorrio.—, mas é que você não faz isso sempre.

— Posso fazer a partir de hoje então?

— Espera—Kalel se ergue todo sério. — Eu quem fico com essa parte, você é o marido compreensivo que fica alisando a cabeça dela toda noite.

— O corpo não é seu—replico. — Bem, não quero discutir isso agora, já acordam discutindo, vocês dois não aprendem mesmo!

João respira fundo, ele se ergue e se senta na cama.

— Eu queria sentir como se fosse minha também, mesmo que não seja—confessa. — Completamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês dois são dois possessivos—
repreendo, mas abraço ele por trás.— Você está
mesmo bem?

— Estou sim, fazia dias que não dormia bem
—o meu marido me olha. — Você também dormiu
a noite toda?

— Sim. —e é muito bom saber disso.

— Eu também dormi bem, se é que se
importam—Kalel fala se sentando na cama. — Eu
não posso ganhar um abraço de bom dia também?

— Não— digo.— Eu ainda não decidi te
perdoar.

— Não?—ele fica com um semblante meio
vago.

— Isso não vai nos levar a nada Nanda, só
vamos parar de implicâncias por, pelo menos, agora
está bem? Deixa que eu atormento ele.

— Mas, eu também tenho o direito de ficar
magoada não tenho?

—Tem, mas ficar com essas birras não vai
nos levar a nenhum lugar.

— Eu não estou fazendo birra.

— Está sim— diz Kalel e me abraça por trás.
— Birrenta.

— Odeio você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Odeia mesmo?—começa a beijar meu pescoço.

— Mentiu para mim, me enganou.

— Sabe que não, não sabe meu amor? Eu te amo meu amor, amo muito!

— Argh, eu vou no banheiro vomitar. —João fala e sai da cama para a cadeira rapidamente. — Me lembrem e vomitar por nós três.

João vai para o banheiro, Kalel me puxa para cama e me beija, toco sua face, chateada, mas tão tentada, quero poder resistir a esse imbecil, só que não consigo, minha língua se enrosca na dele de forma automática, e logo, ele segura a minha perna e vem para cima de mim apertando a minha coxa.

Toco suas costas, minhas unhas cravam sua pele e eu o arranho perdendo o ar com o beijo, que misturado ao desejo e raiva me rouba o ar dos pulmões a cada segundo.

— Diz que não me ama diz!—pede Kalel e me fita de novo de uma forma intensa. — Diz que não quer que eu te coma, que não sente nada quando enfio meu pau em você.

— Eu... Eu...

— Sabe que não é verdade, que gosta quando transamos, que todas as vezes são ótimas, e que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ama muito, tanto quanto eu te amo.

— De verdade?

— Absoluta e total verdade.

Eu o beijo e minhas mãos deslizam por sua pele devagar, alcanço sua bunda e a aperto, toco sua coxa e o fito de novo sem ar.

— Melhor tomar banho — aconselho. — E ir tomar café.

— É — ele respira fundo e vai para o lado.

Já está durinho... Não perde tempo.

Saio da cama e Kalel se aproxima, ele segura a minha mão e vamos em silêncio para o banheiro.

— Vamos nos casar de verdade — fala baixinho. — Está bem?

— Porque quer reparar o que fez?

— Não, é porque eu te amo!

Sorrio.

É um bom começo.

PERIGOSAS ACHERON



— Preciso ir a empresa amanhã —escuto Karel falar. — Você quer vir comigo John?

— Tem uma filial aqui?—João pergunta em contra resposta.

— Sim, a filial fica a oeste.

— Bem, posso sim, eu adiantei algumas coisas sobre o caso do senhor Hans, a Nanda vai começar a trabalhar em novos casos amanhã.

Pensei que meus primeiros dias aqui seriam empolgantes, legais, mal chegamos e já teve um problema imenso, agora, é voltar para realidade e trabalhar, e pelo visto, muito. Ainda não sinto muita fome, mas Bárbara coloca ovos com gemas moles no meu prato e me serve café, acho que já é hora do almoço e estamos tomando café.

As meninas também levantaram agora, quando descemos, ambas já estavam à mesa ansiosas pelo café, não estou tão acostumada a acordar com um banquete imenso no meu café da

PERIGOSAS ACHERON

manhã, mas confesso que a Barbara se esforça demais para nos agradar, mesmo que tudo isso não seja nada convencional.

Clara veio para o meu colo, Alice fez cara feia para o pai e ele lhe deu colo para que ela tomasse café perto de nós duas, olho para as minhas meninas e beijo a cabecinha de cada uma vendo-as comer, é tão bom vê-las felizes, bem.

— Precisa comer Senhora. — Barbara fala enquanto anda pela cozinha.

— Não tem que me chamar de senhora. — respondo sem graça e pego o garfo.

— Bem, é à força do hábito — ela explica. — As aulas de Clara e Alice começam na segunda, eu já me encarreguei de cuidar das matrículas e de contratar um bom professor de natação para ambas, decidi eu mesma ensinar inglês para a Clara, com a sua permissão é claro.

— Como ficar melhor Barbara — digo sem graça. — Da melhor forma que ficar para você.

— Mamãe você vai nos buscar na escola?— Alice pergunta. — Mal vejo a hora de te mostrar para todo mundo.

— Claro querida, no primeiro dia, nós vamos levar vocês duas, eu e o seu papai, e o seu papai

John.

— Sempre acompanhamos a Clara no primeiro dia, juntos — João explica e fatia a omelete. — Podemos ir a algum lugar comprar o material escolar, já tem a lista?

— Sim, eu peguei, mas já pedi a Said que providenciasse — Barbara fala. — As mochilas também, se me permitem eu gostaria de saber como será o calendário da Clara, alimentação, atividades...

— A Clara ficava na creche, ela tem um ótimo convívio com outras crianças, ela tem bronquite. — João fala.

— E não tire a pepeta da boca dela. — Kalel aconselha.

Rio e Clara mastiga um cookie que mantém na mão, lhe dou o suco com cuidado.

— Nick disse que vem te ver semana que vem, Melissa, eles estão ansiosos para conhecer sua nova família. — Barbara fala com carinho na voz.

Ela olha para Kalel com tanto orgulho, tanta doçura, um afeto que somente uma mãe verdadeira sentiria por seu filho de verdade, algo do qual não seria motivo de vergonha ou medo, nem opressão, acho que ela está acostumada a saber dos casos

dele, mas que acima de qualquer coisa, o aceita do jeito que ele é, mesmo que seja um safado.

Claro, ela é a babá dele, o criou desde pequeno, já conhece a peça.

— Você organiza tudo aqui Bah? Acredito que você possa arrumar alguém da sua confiança para os afazeres domésticos—Kalel responde pensativo. — Quero privacidade.

— Sim, eu já tenho pessoas com quem posso contar—Barbara responde. — A senhora vai seguir alguma dieta?

— Tem uma que o médico passou, eu vou pegar na minha mala e te passo—tento sorrir. — Obrigada pela hospitalidade.

— Não precisa agradecer—ela não esconde sua satisfação. — Agora não é possível que esse menino não sossega.

— Sempre fui muito tranquilo Bah!

— Ah se é.

Ah se é! Mesmo!

Esse aí de tranquilo não tem nem a cara.

— Você vai querer nadar durante a semana?
—Kalel pergunta para João— Meu treinador vem 3 vezes na semana, eu treino pela manhã logo cedo, das 06:00 as 08:00, as 09:00 eu costumo estar na

empresa.

— Pode ser—João me olha. — Você está muito calada, está mesmo bem?

— Ah sim, estou—digo. — Estou pensando nas meninas, nos horários, quero acompanhá-las durante o dia também.

— Você pode, é a dona dessa casa—Kalel garante. — Pode tomar as decisões que julgar certas, a Bah só vai te ajudar, te mostrar as coisas.

— Bom, eu não quero parecer patroa de ninguém, não faz muito meu estilo—encolho os ombros. — Posso trabalhar no escritório e ajudar com as meninas, com alguma coisa aqui na casa.

— Tem que saber respeitar a gravidez, não pode trabalhar muito mais que o necessário—João replica. —, mas como eu ficarei em casa com você, também posso ajudar.

Que bom que as coisas não vão mudar assim tão bruscamente.

— Se quiserem podem vir de vez enquanto comigo a empresa—sugere o outro. — Para eu mostrar algumas coisas talvez.

— Claro—concordo. — Eu vou adorar conhecer a Thurman.

— Bom—ele se inclina e me dá um selinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Podemos tirar o dia para descansar, que tal?

— Por mim tudo bem—João estende o prato para Barbara. — Desculpe incomodar dona Bárbara, mas poderia colocar um pouco mais de omelete?

— Sim, claro—Barbara responde sorridente e vai até o fogão. — Porque não vão para piscina? O dia está quente, podemos fazer um churrasco, temos hambúrguer, linguças...

— É uma ótima ideia. —Kalel já aceita de cara.

Acho que ele quer que nós fiquemos bem, não quer mais ficar lembrando da discussão, Kalel quer tentar nos cativar, nos mostrar que agora é mesmo para valer.

— Ebaaa!—Alice comemora toda alegre.

— Eu vou pegar os biquínis das meninas. — aviso e me levanto.

— Você não comeu direito—Kalel retruca com cara feia. — Termina de comer amor.

— Mas eu estou sem fome. —choramingo.

— Os bebês precisam estar fortes ao nascer —replica. — Por favor querida, se esforce para comer.

Respiro fundo e tenho que concordar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tenho outra alternativa?
- Não!

PERIGOSAS ACHERON



— Com licença.

A última palavra vem com três batidinhas na porta, arrumo a blusa no meu corpo, o short, então Barbara entra no meu quarto com uma dessas cestas de roupas sujas na mão, ela fecha a porta, é discreta, eu mal coloquei os biquínis nas meninas e elas já sairão correndo para fora do quarto gritando, Alice está encarando esses dias conosco como férias e Clara também, não as culpo, nem Alice porque ela nunca teve momentos assim, tão pouco Clara, porque eu nunca tive dinheiro para ficar levando ela a um clube ou coisa assim.

— Posso conversar com a senhora sobre algumas coisas?

— Claro Barbara, fique à vontade.

— Eu gostaria de saber quais são as suas intenções com o Kalel, ao perdão da minha intromissão.

— Intenções?

— É, eu nunca o vi tão interessado em uma mulher ao ponto de querer morar com ela, tão pouco com o marido.

— Bom, eu não sei, as melhores?

Barbara me olha, olhos escuros como a noite, o semblante endurece de repente, sei que essa conversa não será das mais agradáveis.

— É o seguinte Senhora, eu cuido do Kalel desde que ele ainda era um bebê de dias, eu fui a primeira pessoa a segurá-lo nos braços, a lhe dar a primeira mamadeira, eu cuido dele como se fosse meu filho, nunca o vi tão desesperado como esses dias depois que a senhora chegou com o seu marido, Kalel não é um rapaz que chora, ele não é um homem que deve viver se ajoelhando para ninguém, por isso quero deixar claro e pedir que você não o magoe mais, ele não merece tanto sofrimento.

Nossa!

— Eu quero deixar claro que eu irei protegê-lo caso à senhora deseje fazer como a mãe da Alice fez, não tente enganá-lo, nem mentir para ele...

— Opa, espera!—corto e me irrito. — Eu enganar o Kalel? Ele te contou a história toda? Porque quem enganou a mim foi ele, e em segundo

lugar, eu não preciso do dinheiro dele para nada, tão pouco quero, foi ideia dele nos trazer aqui, eu deixei minha família no Brasil, minha casa e tudo mais para vir com ele, meu marido atropelou centenas de coisas, e Kalel mentiu para nós, não é do meu feitio mentir para ninguém, abomino esse tipo de comportamento.

— Nunca o vi chorando em 37 anos cuidando dele.

— Eu não tenho culpa se ele brincou com os meus sentimentos, eu tenho todo o direito de fazer o que eu bem entender da minha vida, e eu também chorei muito, para o caso da senhora achar que ele é um santo, sabemos muito bem que ele não é.

— Eu não disse isso, é que me corta o coração ver o menino sofrendo, com a Jéssica, mãe da Alice foi do mesmo jeito, contudo ele nunca chegou a chorar por ela, não presenciei nada como o que ele fez por você também, só estou querendo deixar claro que eu não quero ver ele sofrendo, nem a Alice.

— Bom, Kalel não vai sofrer, mas eu vou tratar ele na mesma proporção na qual ele me trata, porque eu nunca fui de passar a mão na cabeça de homem nenhum, as minhas necessidades não estão

acima das necessidades dele nem das de ninguém, porque eu não sou melhor do que ele em nada, quando decidimos vir, ele nos contou muitas coisas bonitas, mas ao chegar aqui, ele disse que era mentira, e isso nos magoou, por isso eu e o meu marido queríamos ir embora.

—Kalel é muito precipitado, acredito que essa seja a primeira vez que ele realmente queira viver um relacionamento baseado no amor— esclarece Barbara. — Pode ter certeza de que ele ama a senhora, ele me falou isso, e ele nunca disse isso sobre nenhuma das mulheres com quem ele se relacionou.

— Falar é fácil demais.

— Sim, é verdade, mas não acredito que outra mulher poderia fazê-lo tão feliz quanto à senhora faz, eu nunca o vi agir como agi desde que conheceu a senhora, há muito em Kalel que cometeu e comete erros todos os dias, ele é impulsivo demais, um rapaz com gênio difícil, mas ele também é brilhante, bondoso, tem um coração gigantesco, diferente do pai dele—os olhos de Barbara se tornam sombrios de repente. — Aquele homem mal.

Ela está presa a devaneios, coisas ruins, me

aproximo dela, porque não é da minha natureza reagir tão mal a questionamentos, sei que ela quer protegê-lo, cuidar dele, é sua babá ora.

— Eu não farei mal ao Kalel, pode ficar tranquila, a Alice é como uma filha para mim, conto com sua ajuda para tentar manter a ordem na casa, mas não se sinta presa a isso, nem aja como se fosse minha empregada.

— A senhora é muito diferente do que eu pensei—Barbara revela me fitando. — É uma mulher que eu sei que ele nunca teria coragem de olhar, mas deve ter visto o que eu vi quando vi a senhora, é forte, uma mulher determinada, não é frágil, não tem medo, eu acredito que seja muito especial para ele.

Sei disso.

— Há muito na senhora que o Kalel abomina, mas há muito mais na senhora que ele aprendeu a amar.

— Ele não gosta de ser desafiado.

— Ele não gosta de mulheres negras.

Meu Deus.

— Tem muito que saber sobre o Kalel, mas, com certeza, aos poucos ele vai se abrindo com a senhora, vai explicando sobre como as coisas

funcionavam na vida dele antes, não se assuste com a família dele, continue firme, seja forte, ele a ama muito mais do que a senhora pode pensar.

— Amor!—escuto o chamado do lado de fora do quarto e passos rápidos, de repente Kalel entra no quarto. — Você está demorando, algum problema?

—Nenhum—digo engolindo o choque pelas palavras de Barbara. — A Barbara estava me contando um pouco sobre a rotina das meninas, sobre a propriedade, eu já vou descer.

Ele usa um short de banho e uma camisa de malha fina, boné.

— Então vamos—Kalel chama e se aproxima. —Bah, já estamos ligando a churrasqueira, você poderia providenciar umas cervejas?

— Claro—ela sorri abertamente para ele. — Eu já desço, só vou trocar as camas, passe protetor solar.

— Eu peguei—aviso e pego a minha bolsinha com protetor e algumas outras coisinhas.

— Você não vai colocar um biquíni?—Kalel pergunta confuso.

— Eu coloquei, mas vou deixar para tirar a

roupa só lá embaixo.

— Está bem—Kalel concorda. —Bah, deixa isso aí, vem conosco.

— Eu já desço.

Olho ligeiramente para Barbara refletindo sobre o que ela falou, quando Kalel passa o braço envolta de mim parece uma pequena mentira que ela falou, porque ele me toca com carinho, naturalidade, contudo, ela me dá o benefício da dúvida.

Será que Kalel Thurman não gosta da minha cor?



— Ele é bom, tenho que admitir.

Olho para o João, ele se apoia nos braços e sobe, se senta na borda ao meu lado, olho a nossa volta, todo esse lugar, lindo, silencioso, essa piscina enorme, atrás de nós uma casa dos sonhos, uma funcionária que nem nos espera pedir nada e já traz , um estilo de vida que eu nunca tive ou conheci antes, contudo, que me torna apenas feliz por ter minha família comigo, minha nova família.

— Por isso você decidiu ficar?

— Eu não queria o dinheiro do meu pai, e em segundo lugar, sei que você ama ele, bom ou ruim, te machucaria ir para o Brasil, e terceiro, ele se ajoelhou.

Tento me manter séria, mesmo que queira rir muito, João olha envolta estufando o peito, sei que é uma falsa modéstia, mas que ele faz isso porque adora sempre parecer durão, indiferente ao Kael, mesmo que eu saiba que bem no fundo ele até gosta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele.

— E também, temos uma piscina—João fala.
— Olhe envolta, uma piscina!

—João, oportunismo e você não combinam—
respondo.

— E você não vai tirar essa roupa não?—
João questiona olhando para as minhas coxas.

— Você quer que eu tire?—pergunto fitando-o.

— Quero—ele responde com ousadia.

Acho graça, vejo aflorar nele um lado que há muito tempo não via, em todos os sentidos literalmente, João começa a cantarolar aquela música de strip-tease, I Just Want To Make Love To You, gargalho, Kalel está na outra ponta da piscina arrumando o colete salva vidas no corpo de Clara, descemos há alguns instantes.

— Vamos garota. —pede ele cantando a música.

Gargalho ainda mais quando ele estende a mão e toca a minha coxa, bato com a mão na coxa dele, João usa um calção de banho, percebo um certo bom humor em seu olhar, me levanto e olho envolta, Barbara não está na churrasqueira, começo a dançar para os lados e seguro as pontas da blusa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiro a blusa e vou rebolando para perto dele, giro a blusa no ar e jogo na direção dele, João continua a cantar tão mal quanto um calouro desafinado num Karaokê, solto meu cabelo do coque devagar e me abraço de costas para ele, João ri enquanto canta, abro os botões do short devagar e rebolo exageradamente, ele gargalha quando ergo os braços e movo os quadris fazendo o short cair, mas não cai.

— Culotes baby—aviso e puxo o short para baixo lhe dando as costas.

João estende a mão e me dá um tapa na bunda, tiro o short e jogo na direção dele, danço longe da borda, depois começo a cantar a música enquanto vou até a caixa térmica e pego duas cervejas.

Pego o prato com petiscos, camarões, azeitonas, queijo fatiado, depois giro e rebolo vendo o João gargalhar, porém ele não está sozinho na borda, Kalel está com os braços de fora da borda me olhando com um sorriso divertido nos lábios, não costumo fazer isso na frente de ninguém além do João, ou fazia.

Faz tanto tempo que nós dois não compartilhamos coisas assim.

PERIGOSAS ACHERON

Aproximo-me dos dois, me abaixo e me sento no piso, coloco o prato próximo e entrego uma cerveja para cada um.

— Que bom que sabe que não pode beber. — Kalel fala e sai da piscina, ele se senta na borda de lado assim como João.

As meninas estão no raso dando banho em suas bonecas, ambas de colete, arrumo as alças do meu biquíni, João estende a mão e arruma a parte de trás para mim.

— Sabe o que eu mais gostava na gente? É que nós dois não tínhamos medo de viver as coisas. —meu marido diz e abre a latinha de cerveja.

— Os anos vão se passando e a tendência é ficar medroso e antiquado—confesso. — Parece que faz uma eternidade que eu dançava no balé da escola.

— Já dançou balé?—Kalel abre a cerveja dele. — Sério?

— Sim, era dança de rua, eu me sentia o máximo—acho graça e pego camarão espetado, mastigo, está crocante e delicioso.— Nossa, que gostoso!

— A Bah é do sul, Carolina do norte, ela adora comida gordurosa—Kalel justifica. — Ela é

PERIGOSAS NACIONAIS

uma excelente cozinheira.

— É verdade—João concorda. — Eu gostei daqui, não tem ninguém, nem barulho, estamos protegidos?

— Sim, tem cercas que separam os terrenos, a casa de campo do Nick é a alguns quilômetros daqui, a floresta é muito segura, até onde eu sei nunca houve nada com quem mora nas redondezas —Kalel explica.— Somos só nós mesmo.

— É bom ter liberdade. —pego outro camarão.

Delícia! Há quanto tempo não comia algo assim?

Camarão é caro demais, nós comemos se não me engano na nossa lua de mel e isso já faz muitos anos.

— Você nunca nos contou sobre a história por trás dessas tatuagens—João bebe sua cerveja. — Foi na guerra?

— Ele disse que foi por cada mulher com quem ele transou—respondo de forma atrevida, me irritado de lembrar. — Foram tantas, meu Deus que nem ele sabe ao certo.

Kalel acha graça, se inclina e me rouba um selinho, fecho a cara, faço bico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acreditou?—pergunta ele e bebe dois goles vastos da cerveja.

— Porque não?—pergunto dobrando as pernas. — Quer dizer, você não vale nada mesmo.

— Fique sabendo você que eu fiz essa tatuagem com 18 anos, porque os meus pais odiavam pessoas com tatuagens, eles são conservadores demais—Kalel afirma, está pensativo—eu ainda nem tinha perdido a minha virgindade direito naquela época, começou com essa mandala—ele indica a mandala no ante braço esquerdo.— Depois eu fui tatuando com os anos até fechar os dois braços, achava legal a ideia de ser dono do meu corpo, das minhas atitudes.

— Seus pais brigaram com você?—João pega um camarão e leva a boca.

— Não precisava dar motivos, meus pais nunca gostaram de mim, tão pouco dos meus irmãos, eles nos tratavam como objetos de decoração—ele fala isso sem nenhum rancor.— Tinham filhos para manter as aparências, e porque meu avô tinha tanta inveja dos Carsson que achava que as mulheres da família deveriam ser multiplicadoras e parideiras, assim como as mulheres Carsson.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A tal Gigi e a Flora?—pergunto surpresa.

— Não, as outras mulheres, tem um Carsson que teve 11 filhos, se não me engano, eles são homens que se casam com mulheres muito férteis, as vezes me pergunto porque não tive a sorte de alguma daquelas crianças, são amadas e protegidas, Joane é um bom exemplo, a esposa do meu primo Nick, ela é uma Carson, ela é muito fértil, teve 4 filhos e está grávida do quinto filho do Nick, e ela já tem mais de 40, acho que agora eles param.

Senhor!

— Eu e a Nanda só queríamos dois, mas depois do acidente ficou meio complicado pensar em bebês.

— Eu nunca quis filhos, mas a Alice veio, então me conformei, não sei dizer ao certo como posso lidar com isso, ser pai é uma tarefa árdua e que exige dedicação, principalmente quando se envolve na educação da criança, Nick vendeu a empresa dele para cuidar dos filhos, Joane quem trabalha para fora.

— Super moderno—sorrio.— Adorei!

— Ela é arrogante sabe? Mas tem um coração enorme, acho que é porque eu e o Nick éramos inseparáveis antes dela, depois que eles se

PERIGOSAS ACHERON

conheceram, ele passou a se dedicar mais a ela, não o culpo, é uma mulher muito bonita, cativante, e ela aprendeu a amar ele do jeito que ele é.

— Você nos ama como somos Kalel?—a pergunta sai antes mesmo que eu perceba.

Ele me encara dê um jeito.

— Tipo—pigarreio.— Pelas pessoas que somos com você?

— Claro que amo—ele diz abertamente. — Já disse que amo querida.

— Du sei—digo.— Foi uma pergunta boba.

— Depois de tudo é normal que se sinta assim amor—João esclarece.— Mas, o Kalel se ajoelhou, você lembra desse momento? Porque eu lembro muito bem!

Começo a rir, é involuntário, Kalel mostra o dedo do meio para ele, mas João acha graça, provocante, contudo vejo certa cumplicidade nos olhares de ambos.

— Eu não fui sempre assim—Kalel indaga me fitando.— E sobre o que a Bah te falou é verdade Fernanda, eu não gostava de pessoas negras até um tempo atrás.

Ele ouviu nossa conversa!

— A Barbara é uma mulher muito sábia, mas

ela tem um senso de proteção muito aguçado, mas creio que ela tenha interpretado mal a minha forma de lidar com tudo antes de você, eu não era exatamente racista, eu fui ensinado a ser racista, porque os meus pais nunca gostaram de pessoas de cor, nem de pessoas de raças ou etnias diferentes, é um conceito perpetuado por Petrônomo Baltazar, segundo ele, todos os seus filhos tinham que se casar com mulheres brancas e tradicionalmente Americanas.

Porra.

— Sério?—João está tão chocado quanto eu, mas ri de contrariedade.

— Bem sério—Kalel afirma com o semblante cheio de uma espécie de raiva.— Por anos eu fui ensinado que não deveria respeitar nem me aproximar de pessoas de cor, que essas pessoas são inferiores a mim, que só serviam para serventia, a Barbara cuidava de mim como se fosse uma escrava para os meus pais, eles tratavam ela muito mal, eu era apenas uma criança confusa, as vezes eu nem deixava ela me banhar, não é algo do qual me envergonhe, mas é algo do qual quero esquecer.

— Isso o machuca?—pergunto incerta.

— Isso me enfurece, porque eu mudei, mas

os meus pais não mudaram, quando eu fiz 18 anos eu decidi sair do clã da família Baltazar, nesse momento, eu peguei a Bah e fomos para a casa da minha tia Melissa, lá eu comecei a reaprender a lidar com os conceitos que eu tinha sobre a vida, a minha tia era muito próxima da família, ela me via escondido e sempre tentou me ensinar o certo, só que eu tinha muito receio de me relacionar com mulheres ou pessoas negras.

— Seus pais não prestam—João fala e bebe de sua cerveja.— Em pleno 2018 ouvir uma merda dessas.

— Você está falando isso para mim? Não imagina a minha vergonha e medo que eu senti quando conheci a Fernanda—Kalel estende a mão e toca a minha com carinho.— Não queria te magoar com isso, não queria que soubesse dos meus preconceitos, eu aprendi a amar sua cor, você, tudo em você é lindo querida.

— Eu sei—acredito nele.— Eu entendo que as vezes nossos pais nos criam de uma forma restrita demais, minha mãe sempre foi conservadora.

— Nem me fale, ser filho de pastor é um porre—João pragueja.— Nunca vi necessidade em

ser o que os meus pais queriam que eu fosse, mas era muito ruim em saber que a nossa congregação desejava que eu fosse um exemplo, “*irmão João Gabriel, o filho do pastor Benício*”, tinha pessoas na igreja que não me chamavam de João, era filho do pastor mesmo, passei a odiar rótulos por isso.

— Entrei na universidade com mérito, estudei fora, fiz vários cursos de línguas fora, mas dentro da casa dos meus pais sempre encontrei um ambiente opressor, minha mãe achava que eu tinha que casar virgem, que meu pai deveria ser o centro do universo da vida dela e que a casa onde morávamos deveria ser mantida longe das mal bocas da vizinhança.

— Pela aparência—Kalel conclui.

— Sim, porque ela sempre se importou mais com a opinião alheia do que com o que eu pensava, por isso eu decidi estudar muito, foi um ótimo refúgio, até eu decidir me casar com o João e tentarmos uma vida juntos, eu nunca tive medo de desafios, mas casar foi um enorme passo.

— Encontramos no casamento uma forma de sermos felizes, mas somos muito diferentes—João concorda.— A Nanda é agitada, gosta de trabalhar, ela debate sobre tudo, e ela é muito autônoma, não

posso dizer o mesmo de mim.

— Já sentiram como se houvessem encontrado um pouco de si mesmos em alguém?— Kalel questiona nos olhando.— Mas, ao mesmo tempo, fosse tão diferente dessas pessoas e que quisesse estar sempre perto delas?

— Sim—respondo eu o fito, depois olho para o João.

— Sim—João me olha e depois se vira para o Kalel mostrando o dedo do meio.— Para você!

Rio, Kalel não liga, ele se inclina e me beija a cabeça, me puxa, me sento entre eles dois, ele me abraça com carinho.

— Não importa o que eu era, eu não sou mais daquele jeito, você me mostra todos os dias que eu não preciso ser daquela forma—esclarece.— Não tenho medo de nada ao seu lado.

— Nem deve—falo.— Eu posso beber uma cerveja?

— Não.—ambos respondem ao mesmo tempo.

Fecho a cara, João me puxa pela perna, Kalel segura meu corpo e me joga, solto um berro enquanto acabo caindo na piscina, afundo, submerjo e nado para longe de ambos, quero rir,

PERIGOSAS NACIONAIS

subo devagar e sem pressa, mas nem adianta muito, Kalel me abraça por trás, João está no raso, sentado na escada ao lado das meninas, Clara em seu colo mostrando-lhe a naninha, sorrio.

— Você fica muito bem de biquíni—os lábios dele tocam minha pele em beijos curtos.—Rebolando então...

Rio, me viro para ele, coloco os braços envolta de seus ombros.

— Sei que você não se importa com o fato de eu ser negra, que nos aceita como somos, mas já disse que aceita a Barbara?

— Bem, não.

— Então diga, talvez ela se sinta mal, afinal ela sabe como sua família é, mas ela não sabe que você não se importa ao ponto de respeitar a cor dela, ela ama você como a um filho.

— Eu sei, ela quem cuida de tudo da Alice na minha ausência.

— Seus pais aceitam ela na casa deles?

— Tem que aceitar, ela é a única empregada que está lá e que atura eles, ninguém dá certo na casa dos meus pais, eles vivem trocando de funcionários, e também, eles sabem que se tratarem ela mal, eu não aceito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai querer me apresentar aos seus pais?

— Sim.

— Mas, porque se não se dá bem com eles?

— Alice.

Ah, entendi.

— Ela me pediu isso, para te apresentar aos meus pais, bom ou ruim, mamãe a leva para todos os eventos, ela os tem como avós, e eu não perco a chance de passar por cima das normas idiotas que a família cultiva entre eles.

— Talvez se ofendam.

— Pois deixe que se ofendam.

Eu o abraço, Kalel me aperta com gentileza.

— Eu amo você e nunca vou me cansar de dizer isso, é tão bom que tenha ficado Fernanda, me dado essa chance, eu vou te mostrar que posso ser um bom marido, um bom pai, nunca estive tão feliz, o sentimento de felicidade é novo sabe? Me sinto bobo.

Enquanto o abraço vejo Barbara mexendo na churrasqueira, ela usa um vestido de malha estampado, um chapéu elegante na cabeça, os cabelos estão presos numa trança, ela é tão bonita, a pele tão bem cuidada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Barbara não teve filhos?

— Nem se casou, ela dedicou a vida dela a trabalhar para minha família, ela chegou a casa dos meus pais com 13 anos de idade com o irmão dela, ele se chama Malik, ele morreu a alguns anos vítima de um tiro, desde então ela se dedica a tentar me colocar na linha.

— Ah, mas isso é impossível!—exclamo querendo rir.— Meu Deus, que missão que essa pobre tem.

— Não se refira a mim assim querida, eu sou um dono de casa exemplar.

— É mesmo?

Ele me fita e sorri.

— É mesmo!

Eu o beijo, Kalel me aperta com mais força, sinto o calor de seu corpo, ouço as batidas do seu coração, tão forte, algo do qual sei que por mais que tente não conseguirei mudar.

Amo o canalha e não importa o quanto falhe comigo, talvez eu consiga perdoá-lo mais algumas vezes na vida, poucas, mas algumas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Abre a boquinha meu amor!

Alice obedece, coloco uma fatia de linguiça em sua boca, ela mastiga e sorri, João dá o papa da Clara, Barbara acabou de nos chamar para almoçar, o churrasco está delicioso, ela assou coxinhas de frango, trouxe suco, refrigerante, fazia muito tempo que eu não tinha um dia de lazer tão bom.

— Se comer tudo, eu prometo que te deixo ver tv até mais tarde hoje—aviso.

— Podemos ver filmes juntas?—Alice olha para Clara.— Mamãe, quando os meus irmãozinhos vão nascer?

— Bem, pelas minhas contas em setembro—respondo.— Mas, pode ser que eles cheguem antes, porque?

— Estou ansiosa—justifica ela.— Quero segurar eles, eu posso?

— Claro que pode.—lhe dou um beijo na

cabeça.

Barbara se aproxima com uma travessa cheia de frutas fatiadas.

— Pode se sentar aqui Barbara—convido.— Vamos almoçar?

— Eu já comi—ela fala.— Almoço mais cedo senhora.

— Então nos faça companhia.—peço.

— Está tudo ótimo!—João exclama e devora um pedaço grande de carne.— Que carne é essa dona Barbara?

— É porco—ela diz.— Faço com o meu tempero caseiro, algumas ervas, receita da minha mãe.

Barbara se senta numa das cadeiras à mesa, Kalel e João almoçam e não param de falar sobre a empresa, sei que o meu marido está muito empolgado para conhecer a Thurman daqui, confesso que só de ouvir o Kalel falando já fiquei curiosa.

— O molho é muito bom—Kalel diz.— Podemos fazer um churrasco tradicionalmente brasileiro um dia desses, o que acha?

— É uma boa ideia—João concorda.— Nanda, vou ter que te obrigar a comer?

— Eu estou comendo—retruco chateada.—
Ai, me deixa!

É só que eu não estou conseguindo comer muito, sei lá, meu estômago está esquisito esses dias, por conta do meu emocional, mas também porque quando como muito eu vomito tudo.

— Gravidez é assim mesmo—Barbara fala.
—Alice, não quer colocar seu roupão? Se quiser a Bah pega para você.

— Vamos ficar um pouco mais na piscina Bah—Kalel replica.— Fique despreocupada, quer tirar a tarde de folga?

— Não precisa Kalel—Barbara argumenta.— Eu estou deixando tudo em ordem lá dentro, a moça da limpeza virá um dia sim outro não, o jardineiro também, acredito que não terei muitos problemas, a casa é bem arejada, clara, foi uma excelente escolha comprar aqui.

Eu confesso que se meus pais agissem assim tão naturalmente ao saberem que eu estou dormindo com dois homens ao mesmo tempo, acharia estranho, mas ela, encara tudo com tanta naturalidade que não chega nem perto disso.

Barbara com certeza sabe que o Kalel vive relacionamentos abertos, ela já deve ter presenciado

tanto ele com outras mulheres que deve achar normal ou mais ou menos isso.

— Já pensou nos enxovais dos bebês? Já sabem os sexos?—Barbara questiona com um sorriso largo.

— Bem, ainda não sabemos, estou com sete semanas.

— Mas você já sente se é menino ou menina?

— Não sei, provavelmente serão de sexos diferentes, na gestação da Clara eu não passava tão mal, mas nessa confesso que estou apanhando, também já fui mãe depois dos 30, é complicado.

— Posso compreender.

— Sei que vocês dois não gostam da ideia de ter presentes, mas acredito que para o bem dos dois, precisem de um carro, ou dois—Kalel sugere.— Ainda mais que vão ter que cuidar mais das meninas, e de alguns papéis da empresa.

Eu não digo nada, porque eu não quero um carro, João também não se apetece da ideia, Kalel respira fundo, volta a comer, chateado.

— Não é você, é que não queremos te explorar.—tento explicar.

— Explorar?—indaga contrariado.— Querida, me sinto explorado quando perco meio

milhão numa ação da bolsa, você acha que um carro para mim é um problema?

Que arrogância!

— O que a Nanda está tentando dizer é que não queremos nada Kalel, qualquer coisa seu motorista nos leva—João justifica.— E também, de início nós ficaremos mais em casa.

—Bah tem o carro dela, ela levará as meninas para a escola e as acompanhará durante o dia quando necessário, porém, ela também terá os afazeres dela, e quando ela não puder e eu estiver viajando com o Said? Como vocês farão? Vão chamar um táxi ?

—Kalel não generalize—ordeno.— Calma, quando nos organizarmos falamos sobre isso, está bem? Por hora, nada de carros.

Ele revira os olhos irritado, joga uma folha de alface em seu rosto, ele nem se move, Clara e Alice ficam rindo, João também.

— Era para ter graça?—pergunta me encarando.— Há há há!

— Estraga prazer—praguejo e lhe roubo um selinho.— Pronto meu amor, agora está mais calmo.

O sangue sobe as faces dele, Kalel fica

PERIGOSAS NACIONAIS

vermelho como um tomate, ele volta a comer em silêncio, João continua a rir consigo mesmo.

—Amorzinho.—imita ele com voz fina arrancando gargalhadas das meninas.

Barbara sorri também.

— Invejoso—Kalel pragueja rabugento.

Rio, estendo a mão e toco o ombro dele, beijo seu braço.

— Depois falamos sobre isso meu amor.

— Está bem, já entendi sua atrevida.

— Eu sou mesmo.

Ponto.

PERIGOSAS ACHERON



Toco minha barriga.

Por alguns instantes eu a observo, João estende a mão e a toca com carinho, ele faz pequenos círculos no meu umbigo, me faz lembrar de quando estive grávida da Clara, ele ficou tão feliz quando eu contei, me lembro que na revelação do sexo o João chorou muito.

— Estou com calor—sussurro baixinho, já é madrugada.— Pensei que estivesse dormindo.

— Acordei com o som do chuveiro—João devolve.— Quer que eu abra a porta da sacada?

— Eu abro—Kalel responde enfático.

Ele tem o sono leve, não tem jeito.

Sei que temos que nos acostumar, mas nem sempre eu e o João dormimos a noite toda, ainda mais agora que eu fico numa mijação só e vomitando as tripas, eu passei o resto da tarde dormindo depois que saímos da piscina, quando acordei, já era hora do jantar.

Salada e bife.

As meninas já estavam na cama, Kalel e João na sala falando sobre alguns relatórios, jantei na cozinha e bebi um suco, chequei Clara e Alice, subi e tomei outro banho, então voltei a dormir, mas acordei agora a pouco apertada, tive que ir ao banheiro, acabei me banhando de novo.

Ando sentindo uns calores anormais, e sei que é por conta da gestação, passo mal por pouca coisa, ainda hoje na piscina me deu umas tonturas estranhas, fiquei mais deitada nas espreguiçadeiras tomando sol, mas num geral foi um dia ótimo.

Kalel volta para a cama e a brisa leve entra no quarto, bem como a luz do luar, tudo ali fora brilhando na noite incrível em São Francisco, me aconchego a ele e o beijo, ele prende meus lábios devagar e puxa para cima de seu corpo.

Ele se ergue e se senta na cama abrindo as minhas pernas, fazendo com que me sente em suas coxas, suas mãos se estendem e ele apalpa minha bunda com força.

— Que dia faremos um anal gostoso?

Direto e reto!

— Não sei—digo e toco seu peito.— Ainda está irritado pela conversa do carro?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não—ele é sincero.— Nenhum pouco, você me convenceu senhora Carvalho Thurman.

Meus lábios se abrem num sorriso totalmente feliz, contente. Ele estende a mão e devagar me toca a vagina, perco o ar por alguns instantes, porque por mais que eu o tenha beijado, não me passou pela cabeça que ele quisesse fazer sexo.

—John?

— Eu já peguei as algemas—João avisa e liga o abajur, ele gira um par de algemas no indicador me olhando com tanta malícia.— Vem aqui meu bem.

Não consigo imaginar o João e o Kalel falando sobre nossa intimidade, mas sei que isso não é coisa do João, não temos fantasias assim, nem antes tão pouco depois do acidente, as algemas são dessa que alguém compra em sex shop, toda vermelhinha e cheia de plumas, escondo dentro de mim, algo que se torna um tipo de entusiasmo e saio de cima de Kalel, engatinho até João.

— Poxa!—exclamo.— Algemas?

—Para você—João explica e olha para os meus seios.— Não quer?

— Quero—digo.— Só estou surpresa.

— Os pulsos amor.

PERIGOSAS ACHERON

Ele fala meio sério, me apoio nos joelhos e estendo as mãos para ele, Kalel puxa a minha perna e enfia a cabeça entre as minhas pernas, ele puxa meus quadris e me faz sentar em sua boca, perco o ar, meu coração dispara todo apressado.

João coloca as algemas nos meus pulsos e ergue as minhas mãos para cima, depois ele faz com que eu as coloque atrás de minha cabeça, Kalel me ajeita separando mais minhas pernas e me segura, meu marido aperta os meus seios e os puxa para baixo com força, respiro fundo e de novo, fecho os olhos, ele me beija com força, um beijo molhado, daqueles que ele dava quando namorávamos, me rouba o ar.

Ele segura as minhas faces e desliza as mãos até a minha nuca, Kalel move a língua no meu clitóris devagar, ele chupa tão bem, João segura a minha mão e entrelaça os dedos nos meus, meus quadris sobem e as mãos de Kalel meu tocam a bunda, minha virilha, ele me segura e enfia um dedo em mim devagar, João deixa a minha língua e desce espalhando beijos quentes por meu pescoço, ergo a cabeça deixando, adorando cada segundo das carícias.

— Quero tentar comer a sua bundinha, você

PERIGOSAS NACIONAIS

deixa amor?—João pergunta enquanto suga meus seios devagar.

— Sim—digo sem ponderar.

Kalel me morde como se tentasse me punir com isso, mas em vez de causar dor ele me provoca mesmo é uma onda de prazer intensa pelo corpo, olho para baixo, os olhos azuis me fuzilam, eles se estreitam, ele tira o dedo de dentro de mim e estende para o João, é o dedo do meio.

— Puto!—João xinga mas não larga os meus seios.

Gargalho.

Kalel enfia o dedo na boca e chupa sem nenhum problema, perco o fôlego com a imagem.

— Eu pedi primeiro—Kalel fala e beija minha virilha, a parte de dentro das minhas coxas.
— Por favor John.

— Você quem manda querida.—João mordisca o meu seio.

— Eu quero os dois, dentro de mim.—
respondo sincera.

— É mais fácil eu te comer por trás—Kalel se ergue e fica atrás de mim, ele se esfrega na minha bunda em vai e vem.— Eu quero o cu só para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Devagar.—João ordena secamente.

Beijo o João e ele se deita se acomodando entre os travesseiros, me puxa junto abrindo as minhas pernas, ele se coloca em mim com facilidade e gemo enquanto sento em sua ereção.

Me ergo e me movo devagar, ele toca meus seios e os meus quadris, estende a mão e mete um tapinha no meio dos meus seios, fecho os olhos dobrando os joelhos na cama, meu corpo estremece logo que sinto a viscosidade de algo frio sendo despejado na minha bunda, Kalel fica atrás de mim, ele afasta as pernas do João para os lados e me puxa pela corrente da algema, vou para trás ele me aperta o seio e bem devagar me penetra a bunda, incomoda, dói, abro mais as pernas e o João me segura pelos quadris tentando me manter parada.

— Calma—Kalel sussurra de encontro a minha orelha.— Relaxe querida.

Faço que sim com a cabeça, João me puxa e me inclino sobre ele, ele segura a corrente da algema e abre o fecho com uma chave pequena, livra meus pulsos, toca as minhas costas e me beija com carinho, com os pulsos livres eu consigo me ajeitar, tento me manter calma e afastar o nervosismo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Kalel me segura pelos quadris e bem devagar começa a se mover, me apoio nas mãos e me movo também sob João, a sensação da dupla penetração é estranha, em um momento, é bom, em outro dói, porém, já começamos... Quero ir até o final.

É difícil encontrar algum tipo de ritmo para nós três, porque fico tensa, contudo, logo as mãos do João estão me tocando, ele fala tantas palavras de carinho, me deito em seu corpo movendo apenas a pélvis, Kalel monta em cima de mim assim e se move com mais facilidade.

João toca minha coxa, minhas costas, solta meus cabelos.

— Você é tão linda meu amor—sussurra.—
Te amo muito amor, você é perfeita.

Aperto os olhos me acomodando e toco a coxa do Kalel recebendo a penetração lenta, ele beija minha têmpora, afasta meus cabelos para o lado e mordisca minhas costas com vagareza. Estico os dedos dos pés recebendo uma onda de prazer dolorosa.

— Ai—gemo alto.— Ai amor!

João estende a mão e bate na minha cara de leve.

— Sem grito.—ordena.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrio e o beijo arfante, me ergo novamente e apoiada nas mãos me movo nele, Kalel solta um gemido alto, estendo a mão e seguro sua nuca trazendo-o para nós dois.

— Você gosta de me comer assim Kalel?— pergunto manhosa.— Gosta de comer a sua mulher assim?

— Sim—ele geme alto.— Querida você se supera a cada trepada.

Eu o beijo, tomada por um desejo insano, pego o vidrinho de lubrificante e estendo para o Kalel, ele tira a tampa com a boca e despeja na minha bunda enquanto se move, ele joga para longe e entra mais dentro de mim, com cuidado, gemo alto novamente, João dá outro tapa no meu rosto.

— Sem barulho.—João determina de novo.

Arfo me movendo, eu o encaro e colo a testa na dele percebendo o suor escorrendo por nossos corpos, Kalel se move em nosso ritmo agora sem pressa, o lubrificante ajuda bastante, mas ainda incomoda.

Meu corpo está tenso, mas, ao mesmo tempo, me derreto entre os dois homens que me tomam, fascinada com a nova experiência, encantada com o meu marido, com o meu outro marido, mas

principalmente pela força que isso me faz sentir-me mais mulher.

Uma mulher que eu não sou há anos.

Talvez uma mulher que nunca fui antes.

Aperto os olhos e algo intenso se acumula em mim, Kalel sai e João me tira, me irrita, logo agora que eu estava começando a gostar?

E assim do nada Kalel me tira de cima dele e me puxa, ele me gira na cama e me coloca deitada de costas em cima do João, abre as minhas pernas e devagar o João coloca seu pênis na minha bunda, Kalel joga a camisinha para longe, se quer tinha notado que ele usava uma, então, ele se inclina e me penetra na vagina sem pressa.

Me apoio nas mãos e o João segura meus ante braços colocando minhas mãos em seu peito, fico sentada em sua ereção, Kalel puxa as minhas pernas e cospe na minha vagina, então começa a se mover, ele me segura pelos quadris e me ergue me movendo no João também, sopro.

Toco sua face e o beijo, ele não deixa meus lábios por um segundo, João geme alto, tentado pelo prazer que sente enquanto me penetra a bunda, ainda dói, ainda machuca, mas é suportável.

Kalel mete tudo de uma vez e fica parado

enquanto João mete na minha bunda, ele me beija e estamos de novo conectados por isso, por atração, por sentimentos, a coisa mais real e forte que já vivi na minha vida, amor, desejo, paixão, tudo queima, e vem a tona as sensações dentro de mim, eu o fito tocando sua face, meu coração tão exposto, quem eu sou de forma crua, nua.

Sou dele.

Sou do João.

Perco o ar com o prazer, e o orgasmo vai me tomando a perna toda, tremo, Kalel me segura e me fita, ouço o gemido descontrolado do João, e ele goza na minha bunda com força, Kalel não se move, mas goza dentro de mim na mesma intensidade, ele me fita sério, os olhos azuis cobertos por sentimentos intensos.

Caio em cima do João toda trêmula, Kalel vem para cima de mim movendo os quadris, eu o abraço com uma perna e puxo os cabelos do João sentindo um chupão forte no pescoço.

Meu corpo todo reage nesse instante, o orgasmo me toma e grito liberando-o por completo, deixando que saia de dentro de mim, puxo os cabelos do Kalel e eu o beijo gemendo entre seus lábios, deixo sua boca e tomo a do João entre a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha, Kalel se inclina e coloca a língua entre a nossa me beijando também, ele estende a mão e enfia nos cabelos do João, toca sua nuca e a face dele, João estende a mão e toca o ombro dele, deixa os meus lábios e Kalel continua a me beijar, João chupa minha orelha sem cessar, arco adorando que os dois ainda gozam dentro de mim.

— Puta que pariu mulher—Kalel geme entre o beijo.

Rio me encolhendo, João toca meu seio com força e fico parada recebendo-os em silêncio, escuto o som das nossas respirações, estamos ofegantes, mas sorrio.

— Teremos mais por hoje?—pergunto ao João.

— Com certeza.

PERIGOSAS ACHERON



— Sexo não deveria ser um tabu para as pessoas pelo ou menos eu penso que não.

— Eu também acho.

Kalel me estende uma taça de vinho, mas tem quase uma miséria, decidimos descer para comer algo, fazer tanto sexo nos despertou fome, acho que inclusive o sol já está quase nascendo, estou sentada no colo do João, Kalel ao nosso lado, estamos pelados, foi tudo tão... Natural.

— Eu confesso que vocês dois me surpreendem muito na cama—Kalel fatia o queijo prato com cuidado.— São muito afetuosos na cama, não encontro um casal assim desde o meu primeiro casal.

— Você enumera eles?—questiono e começo a montar outro sanduíche.

— Não, eu sei o nome de todos os meus casais, ou ex casais se posso falar assim—Kalel abre outra cerveja.— Podemos brindar a essa noite?

— Sim—João fala bem-humorado. — A trepada.

UAU!

— A nossa esposa.—Kalel sorri satisfeito.

— A união.—ergo minha mísera taça.

Ele não quer que eu beba, por isso colocou um pingo de vinho para mim, ele e o João estão bebendo cervejas, a anos não vejo meu marido beber, sorrir, estar como ele era antes, estou tão feliz que ele esteja ficando mais á vontade, perdendo o medo.

Brindamos, Kalel estende a mão e toca a minha barriga.

— Espero que não enjoie—ele acaricia meu ventre.— Será que tem mesmo essa coisa deles conhecerem a voz do pai?

— Tem—meu marido fala.— A Clara conheceu minha voz durante toda a gestação, ela chutava muito quando eu falava com ela.

— Vocês acham que os bebês vão gostar de mim? Eu não tenho jeito com crianças.—Kalel está sem graça.

— Claro que vão—argumento.— Você é o papai deles.

— Papai de joelhos, impagável!—João

debocha e começa a rir sozinho.

— Ah, vai tomar no...

— Amor, olha a língua.—repreendo e lhe estendo o meu sanduíche.

Kalel morde com cara feia, estendo para o João e ele é só risos enquanto morde o sanduíche, começo a comer, tem um bocado de porcária em cima da mesa, doritos, salaminho, ketchup, maionese, creme de amendoim, geleia, pão de forma, chocolate, descemos e o Kalel foi tirando tudo da geladeira, dos armários.

— Eu posso fazer uma pergunta?—João olha fixamente para o Kalel.— Você já transou com homens?

Quase me engasgo com o pedaço de pão, João parece sem graça.

— Você fala no polo ativo?—Kalel é muito espontâneo.— Não, eu nunca transei com nenhum homem, você achou estranho que eu te toquei?

— Eu também toquei você Kalel—admite constrangido.— Desculpe, foi no calor do momento.

— Não me importo que me toque, desde que não seja no meu pinto, porque ele e eu temos um grande problema quando algum cara tenta tocar

nele—Kalel da de ombros.— Eu brocho na hora.

Acho graça, mesmo que não devesse, João também.

— Você vai perceber que os toques se tornam frequentes na hora do sexo, porque muitas vezes você pensa em mim como alguém que dá prazer a sua mulher, e isso o deixa bem dentro da relação, existem toques afetivos, não afetivos e toques coincidentes, bem, ao menos é assim que eu nomeio, sempre que vou me relacionar com algum casal eu deixo claro o que eu quero e eles deixam claro o que eles querem.

— Para não terem problemas?—pergunto.

— É, porque de repente no meio da relação tem uns homens que gostam de ser passivos, eles gostam de transar mais com o homem do que com a mulher, bissexuais, e homossexuais, então você tem que saber o que procura quando vai à casa de swing.

— Não foi ruim, não me sinto menos homem por conta disso, mas foi esquisito.

— É porque foi a primeira vez, os toques afetivos são como reflexos, as vezes na transa você se entrega demais ao casal, acaba tocando os dois parceiros, os não afetivos são aqueles que o sexo é

mais casual, o cara toca o outro, por exemplo, durante uma sessão de sado, já transei com um casal em que o homem gostava de bater na minha cara.

— E você achando ruim porque ele se ajoelhou para mim.—os olhos castanhos se enchem de deboche.

Estou curiosa.

— É diferente—Kalel replica distante.—Sexo é sempre algo do qual eu não levo para minha vida prática, não costumo dividir minhas experiências sexuais com ninguém, ainda sobre os toques, coincidentes são os que eu considero algo que o casal permite, que é recíproco, por exemplo, durante o sexo, os dois caras tentam uma penetração dupla, não tem como os dois não se tocarem, então há uma troca de toques.

— Como nos filmes pornô.—concluo abismada.

— Como na vida real meu amor—Kalel toca meu queixo com carinho.— É comum transar com dois caras, só não é algo do qual você esteja acostumada.

— Não me sinto mal com o toque—João diz.— Foi esquisito, é como quando eu toco meu pai,

PERIGOSAS NACIONAIS

argh!

Kalel acha graça.

— É comum, acredite, estamos dividindo algo, então é comum compartilhar as emoções, eu não gosto de homens tocando o meu pau, pode tocar até a minha bunda, mas meu pau não, eu perco o tesão.

— Você já transou com casais de lésbicas?— pergunto.

— Nossa, demais, melhor tipo de casal.— Kalel sorri abertamente.

Fecho a cara, o sorriso some, ele pigarreja disfarçando.

Safado.

— Quer dizer, é que lésbicas são muito conhecedoras do corpo feminino, elas sabem dar muito prazer ao outro, então era bom.

— Sei—praguejo.— Você não podia ver um rabo de saia né?

— Ciumenta—acusa ele e me beija todo carinhoso.— Eu adoro esses seus ciúmes querida, significa que você gosta de mim.

— Não mude o foco Kalel—aponto.— Eu só quero que você me diga uma coisa.

—Claro, o que quiser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem sorvete no congelador meu amorzinho?

Sei que ele não fala, mas se derrete, o João ri da cara de bobo que ele faz, faço bico e puxo ele pelo pescoço, o abraço, Kalel beija meu pescoço, meu ombro.

— Tem—ele fala.— Eu coloco para você.

— Obrigada.

— De nada querida.

—Kalel, você não se importa se eu tocar em você agora só para um teste?—João pergunta todo sério.

— Não.

Ele estende a mão devagar, depois do nada aperta a bochecha do Kalel.

— Mas, que menino mais amorzinho!

— Ai, sai seu inútil!—Kalel pragueja tirando a mão dele.— Nojo.

Rio a beça, eles dois parecem dois irmãos brigando por pequenas coisas.

— Estou feliz que estejamos nos acertando— confesso.— Eu não quero viver isso com brigas sérias, nosso relacionamento tem que ser saudável, por nós, pelas meninas e pelos bebês.

— É verdade—Kalel afirma.— Podemos ir

PERIGOSAS ACHERON

para cama? Quero tirar algumas dúvidas.

— Claro, você traz o sorvete?

— Levo sim—Kalel me beija.— Quer cobertura? Acho que tem de morango.

— Se não for pedir muito sim—sorrio e me levanto, eu o abraço.— Não demora tá?

— Não demoro—ele avisa.— Acho que nem vou a empresa, vou pedir que tragam os papéis para eu assinar aqui, vou tirar esses dias para nós, o que acha?

— Eu acho maravilhoso.—estou feliz em ouvir isso.

Ele sorri, beijo sua face e o abraço com força.

— Eu amo você.—digo concreta.

— Ok, ok, vamos logo—João chama.— Talvez a Barbara apareça por aqui, não quero que ela se assuste conosco, aqui não tem carnaval.

Kalel sorri e rouba mais um beijo meu, me afasto e solto sua mão.

— Não demora—peço de novo.— Tá?

— Eu já estou indo—responde ele e se aproxima de pressa, de novo me beija.— Te amo.

João vai na frente, me agarro ao pescoço do Kalel, não quero soltá-lo.

— Vamos agora tá?—peço— Traga o sorvete

logo.

— Está bem.

Não quero ele longe da gente, ele é nosso, ele tem que ficar conosco, me sinto um pouco carente, Kalel vai até a geladeira e pega o pote de sorvete, pego três colheres e seguro sua mão puxando-o para o rumo do elevador, mas o João já subiu, vamos pelas escadas depressa.

— Ele deveria entender que eu também gosto de te beijar não acha?

— Você também não gosta quando eu fico muito tempo com ele gosta?

— É diferente.

— Porque?

— Porque ele é o seu primeiro homem.

— Eu não o amo mais do que a você, nem a você mais do que ele.

— Eu entendo, eu só queria que ele não ficasse enciumado quando estamos namorando.

—Kalel, você fala como se você gostasse quando eu fico mais com o João.

Ele suspira, seguro sua mão e entrelaça os dedos nos seus enquanto nos aproximamos do nosso quarto.

— Te amo, mas tem que aprender a dividir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, sempre fui bom nisso, é que agora está ficando bem complicado dividir.

— Eu não acho.

Entramos no nosso quarto, João já está na cama todo chateado, me aproximo, lhe entrego uma colher, subo na cama e lhe dou um beijinho.

—João Gabriel, podemos tomar sorvete juntos e falar do nosso casamento?—pergunto incerta.

Ele respira fundo.

— Podemos.

Tem a ver comigo.

Tem a ver com o Kalel.

Tem a ver com ele.

Agora somos nós três e não apenas nós dois, eles dois têm que se adequar a isso para o nosso bem.

PERIGOSAS ACHERON



— Vocês tem fantasias?

Esperava por qualquer tipo de pergunta menos algo assim, João pega uma colherada do meu sorvete, estou sentada entre os dois, Kalel deitado a minha esquerda e João a minha direita, nós estamos nus, o quarto semiescuro , o abajur aceso, a porta da sacada aberta, ainda não amanheceu.

— Como por exemplo...

— Eu não sei—Kalel responde a João.—
Qualquer fantasia.

— Encontro muita graça nas coisas pequenas sabe? Da convivência, mas gosto muito de chegar do trabalho e tomar banho, sentir a água caindo no meu corpo—reflito.— Mas, nós dois nunca fomos desses casais que inventam demais.

— Em todo aniversário de casamento nosso a Nanda montava um jantar romântico, vestia uma

camisola bonita, era ótimo.

— Nada de fantasias de enfermeiras? Policial?

— Pode ser de advogada cansada depois de um dia de cão?—pergunto.

Kalel sorri e nega.

— Eu não tenho fantasias, você tem amor?—pergunto para o João.

— Tenho, pagar o boleto todo fim de mês em dia.—João responde.

— A conta de luz.—afirmo.

João ri, eu também, o outro fica nos olhando com um sorriso bobo nos lábios, estendo a mão e toco sua face, as vezes constatar que ele entrou na minha vida tão rápido me assusta, em outros momentos, me conforta.

É bom tê-lo conosco.

— Eu confesso que estar com um casal que nunca esteve numa casa de swing é muito diferente, uma nova experiência—Kalel está pensativo.— É bom perceber a falta de experiência de vocês dois, isso me excita.

O sorvete já está quase na metade, Kalel começa a comer conosco, não sei o que dizer exatamente, para nós está sendo uma primeira vez

PERIGOSAS NACIONAIS

incrível no sentido sexual também, apesar de todos os pesares em outros sentidos.

— É um envolvimento emocional—ele fala.
— Mais emocional que carnal, e isso é muito bom.

— Sim—admito.— Eu gosto da nossa intimidade.

— Você gosta do jeito como nós dois te tratamos na cama?

— Sim, muito.

— Recomendo que você faça um asseio mais cuidadoso para nossas relações—Kalel fala.— Não leve pelo lado negativo, me preocupo com sua saúde íntima, ainda mais agora que está grávida.

— Eu sei—concordo mesmo ruborizada.— Eu vou me manter sempre limpa nesse... Sentido.

— Podemos usar camisinha nas primeiras vezes, mas é muito melhor sem—Kalel me olha de um jeito estranho e desvia o olhar.— Você é uma mulher muito boa na cama Fernanda, de verdade, mas você é muito escandalosa.

— Eu concordo.—João fala.

Nossa.

— Me desculpe.—peço sem graça.

— Grita muito—Kalel não reclama, mas também não gosta.— Talvez isso chame muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atenção das meninas, da Bah, é melhor que você aprenda a controlar um pouco esse seu lado.

Sinto o receio em sua voz, ele não quer me magoar, mas talvez nem eu tenha percebido, não vi mesmo, se eu tivesse me ouvido gritando provavelmente calaria minha boca.

— Amor tudo bem você gemer alto, só não grita muito por causa do barulho.

— Eu entendi—afirmo.— Algo mais que eu não posso fazer durante o sexo com vocês dois?

—Nanda as coisas...

— O que?—eu o encaro.— Eu não percebi, acha que eu teria feito de propósito? Eu não fazia sexo assim a mais de 3 anos.

Nem ele nem Kalel não falam nada.

— Quando vocês quiserem ficar berrando também, vou sufocar vocês dois com um travesseiro—protesto.— Até morrerem asfixiados.

— Querida só quero dizer que não precisa gritar enquanto transamos, eu entendo que sinta prazer, mas as vezes podemos acabar acordando as meninas.

— É? Avisa isso para o seu pinto que me rasgou toda, para o pinto do João que me rasgou também—me chateio, começo a sair da cama.—

PERIGOSAS ACHERON

Quer saber, também não quero mais transar com vocês, vocês dois não perdem a chance de ficarem calados, eu não sou um problema na relação.

Kalel e João me olham espantados.

— Eu vou tomar banho...

— Pego as toalhas.

— Sozinha Kalel, eu e eu, e meus gritos é claro.

— Amor para com isso, porque você está generalizando tudo?—João se chateia.— Meu Deus Nanda, é só um pedido.

— Eu só acho que não devem me oprimir por isso—reclamo magoada.— Eu gritei porque estava me sentindo bem ora, eu estava gostando, foi um momento incrível para mim.

— Me interpretei mal então—Kalel fica sério.— Me desculpe querida.

— Vou levar isso para geladeira, já volto.

Não tem o que dizer.

Pouco confortável pego uma camisa na mala e saio do quarto em silêncio.

Não sei se posso dizer que sou tão sensível em dias comuns, mas só que lidar com críticas não tem sido nada fácil para mim, ainda mais vindo deles dois. Do Kalel para ser exata, tomara que

PERIGOSAS NACIONAIS

passe logo isso.

PERIGOSAS ACHERON



— Você não deveria ter feito aquilo lá em cima Fernanda.

Dou um pulo, me viro, João está parado perto da porta da cozinha com o semblante sério, decidi terminar o meu sorvete aqui embaixo.

— Eu sei reconhecer quando o Kalel está errado e quando ele está certo, e a forma como você se comportou foi errada, ele apenas pediu algo, você deveria se colocar no seu lugar, o que a Barbará pensaria de você?

— Me senti envergonhada—admito.— Por que ele expõe algumas coisas em mim de forma negativa, como quando me mandou depilar.

João me encara ainda seríssimo.

— Sei que não justifica, estou tão acostumada com você me tratar como se fosse normal meu corpo que ter alguém me dando conselhos ou me pedindo para mudar me deixa

PERIGOSAS ACHERON

constrangida.

— Eu sei que sim, mas hoje ele não está sendo inconveniente, nem grosseiro, eu acho que não tem necessidade de você responder com falta de educação.

Sei que foi errado, nem adianta rebater.

— Ele está chorando—João diz.— Você acredita?

Nossa.

— Ele sente que te magoou, você tem que lembrar que para ele tudo isso é novo Nanda, que machuca os sentimentos dele também, e eu não estou falando isso porque gosto dele, estou falando isso porque não sou injusto.

— Não queria que as coisas chegassem a esse ponto.

— Mas, chegaram vamos subir e tomar banho, dormir.

Nem discordo.

Não adianta, ainda que não esteja exatamente errada, o João sabe disso e nem prolonga a conversa, ele vai pelo elevador e eu subo as escadas, não tão depressa, fico pensando na discussão, me envergonho, Kalel faz com que eu me sinta envergonhada por ser quem eu sou as

vezes e isso é constrangedor.

Porque estou em um relacionamento a 15 anos e nunca o meu parceiro me pediu para mudar, para ser diferente, sair da zona de conforto nesse sentido está sendo um desafio, entro no quarto, João está indo para o banheiro, coisa tão incomum para nós dois, uma cama bagunçada, uma noite de sexo, por mais que pareça banal, coisas que eu não tenho a tanto tempo.

É errado que me peçam para não me expressar, para não me sentir assim, para que eu não seja espontânea.

— Você não vai vir?—Kalel pergunta do nada.

Dou um pulo, ele sai do banheiro com uma cara, desvio o olhar, bastante assustada, concordo em silêncio e me aproximo, não tem o que falar, se prorrogar o assunto vamos continuar discordando, João tem razão em falar que eu não deveria ter tratado ele daquela forma, mas eu tenho minhas razões em me sentir chateada, porque eu não acho que ele deva me oprimir por nada nesse sentido.

É tudo tão novo, tão bom, nunca senti tanto prazer na companhia de outra pessoa, acho que nem se quer com o meu marido, e estar com ele nesse

PERIGOSAS NACIONAIS

momento tem mostrado um lado que eu jamais pensei que teria depois de tantos anos com um homem.

Passo por ele e vou direto para o box onde o João já toma banho, é enorme e com espaço suficiente para nós três, tem até 3 chuveiros, já havia notado isso antes, porém não percebi a relevância.

Pego o sabonete e começo a me lavar no chuveiro do meio, João estende a mão e toca a minha bunda, recuo e dou as costas para ambos ficando de frente para a parede, não quero conversa também.

— Onça.—pragueja ele mal humorado.

Não respondo, suspiro, me lavo, João sai primeiro do box, também nem insiste em conversar.

— Eu sinto muito Fernanda...

— Eu não quero conversar.

— Mas temos que conversar, você se magoa com tudo o que eu falo!

— Você quer ouvir a verdade Kalel?—me viro para ele irritada.— A verdade é que eu nunca vivi tudo isso, e eu não estou habituada com outra pessoa se referindo ao meu jeito de ser sempre de forma negativa.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é negativo, você não sabe lidar com críticas.—ele responde me fitando.

— Não, não sei, porque a quinze anos eu estou ao lado de um homem que não fala comigo do mesmo jeito que você fala, não precisa ser delicado nem ser igual a ele, mas tem que entender que eu tenho o meu jeito—respondo.— Eu amo você por isso, mas odeio pensar que você me repreender por quem eu sou, por meu corpo, por meu jeito de ser, você já me conheceu assim, se não me quer assim, então não sou a mulher certa para você.

— Claro que é Fernanda, para com isso, está sendo ignorante!

Eu sei disso, eu apelo!

— Parece que você não encontra qualidade física nenhuma em mim, nem atributo, agora você reclama até dos meus gritos, isso é injusto comigo!

— Sinto muito se passo a impressão, não era isso o que eu queria dizer ao pedir para você se cuidar mais, se não achasse você bonita eu, com certeza, não estaria com você.

— Pois, não é isso o que parece Kalel.

— E o que parece Fernanda? Porque para ser sincero, eu também não consigo ser eu mesmo

perto de você, sempre que eu falo algo você se magoa, se sente cheia de dor, leva para o lado pessoal e acabamos brigando, eu sou assim, se você quiser ficar comigo vai aprender sim a lidar com críticas, eu sou um homem que gosta de ter pessoas bem cuidadas ao meu lado, eu pedir para você não gritar por conta das meninas não foi nada demais.

Penso numa resposta, mas não parece plausível.

— Eu quero que você se cuide mais, quero que você aprenda a entender o meu lado, o John também, vocês dois não tem amor-próprio nenhum, eu gosto dos meus casais bem cuidados, pessoas que estão de bom humor, as vezes eu tenho a sensação que vocês dois esqueceram de viver.

— Olha, a vida não tem sido muito fácil para nós dois, não é justo que nos cobre isso.

— Ok, isso foi antes de eu aparecer, agora está na hora de mudar, se for o caso, eu mando forrar o quarto todo e deixo tudo a prova de som, mas até lá, trate de se controlar.

— Está bem.

Grosso.

— E quando eu falo do seu corpo, não é de forma negativa, é bom se manter bem consigo

mesma, se cuidar, eu pago o que quiser, roupas, salão.

— É mesmo?

— É, como você foi ao salão lá no Brasil, fazer as unhas, arrumar o cabelo, quero você bonita para si mesma, que aprenda a se cativar mais, é pedir muito?

Na verdade não, mas soar como uma exigência é uma merda.

— Eu não estou dizendo que você é feia, eu estou pedindo para que se cuide mais, só isso.

— Entendi.

Engulo toda a raiva que sinto em ouvir isso, Kalel por sua vez, não está irritado, ele está magoado em ter que falar sobre isso comigo, porque eu não sei.

— Eu amo você, mas tem que parar de pensar que eu falo as coisas para o seu mal, eu não gosto que as pessoas passem por cima do meu querer, mas olha, desde que eu conheci vocês, eu estou mudando muito os meus conceitos, eu estou aprendendo a viver esse relacionamento de verdade, mas quero que você também faça concessões, o John.

— Ou seja, quer um caszinho padrão né?

PERIGOSAS NACIONAIS

Tipo desses que a mulher é delicadinha, arrumadinha e o cara um puto superficial, como você!

— Eu superficial? Ah, Fernanda você não me conhece, eu nunca fui superficial, mas eu tenho uma imagem a zelar, eu queria tanto poder escolher algumas coisas na minha vida, mas isso não vai mudar, sabe porque? Porque eu me preocupo comigo mesmo, eu gosto de me sentir bem e fazer bem as pessoas com quem eu estou, me sinto mal que pense isso de mim, você mora comigo a mais de 1 mês e não percebeu que eu não sou assim? Eu não sou esse cara que você pensa que eu sou, não quer mudar ok, mas não use isso como desculpa para não mudar.

— Mudar para você por certo e viver falando merda na minha cabeça e que eu aceite calada.

— Mudar para mim é aceitar o que o outro tem a oferecer e viver o relacionamento de verdade, de todas as formas, não ficar ofendida sempre que alguém fala algo negativo ou a ser melhorado ao seu respeito, teve algo que você me pediu que eu não fiz? O que custa você aprender a lidar com o que eu falo?

— Você não é nada empático!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem você Fernanda, você não se coloca no meu lugar em nenhum segundo.

— Tem certeza disso Kalel? Eu nunca vivi isso tudo!

— Nem eu Fernanda.

Ficamos nos olhando por alguns instantes, ele desliga o chuveiro dele.

— Olha, sinto muito se meu jeito de ver a vida não te agrada, eu não vou mais falar nada, faça como você quiser.

— Não queria que você me criticasse tanto Kalel.

— Infelizmente eu não sou o John, então, não espere que eu a veja assim e não te peça para tentar mudar um pouco.

— Por você?

— Por nós.

E sai do box.

Respiro fundo, sem querer admitir, mas ciente que mesmo errado em alguns sentidos, em outros ele está certo.

Merda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Oi Querida.

—Kalel—respondo sem olhar.

Desfazer as malas não está sendo uma missão tão fácil, mas uma hora teria que fazer tudo isso mesmo, por um lado foi até bom Kalel e João não estarem na cama hoje cedo, por outro, foi ruim, contudo não sei se adiantaria muita coisa que estivessem comigo hoje cedo, porque já estamos brigados mesmo, Kalel e eu, João neutro.

Acordei bem tarde, já era quase hora do almoço, trouxe as meninas para o meu quarto e desde então estou com a tv ligada, Barbara trouxe meu café e decidi arrumar os armários do closet, ou ao menos começar, porque sei que não conseguirei terminar hoje.

Coloco uma pilha de roupas do João no armário do meio, é o que está reservado para ele, é adaptado, tudo mais, sinto um abraço quente por trás e diante de mim, tem uma rosa branca muito

bonita.

— Para você.

— Ah, obrigada!

Pego a rosa, está aberta, é muito bonita, ainda que simples, Kalel toca meu ventre e beija o meu pescoço, não usa perfume, beija meu ombro, meu pescoço, fecho os olhos, suas mãos descem e ele enfia a mão dentro do meu short.

Golpe Baixo.

— Estava na empresa, não parava de pensar nisso—ele diz baixinho e aperta lá com força possessiva, contudo não machuca.— Em ontem.

— Mesmo?—indago e tento respirar.

— Sim—afirma.— Já almoçou?

— Ainda não, as meninas já, eu acordei tarde, já era quase horário do almoço.

— Eu trouxe um sanduíche artesanal para você, eu e John compramos a caminho daqui.

— É muito gentil da sua parte, obrigada.

— É de carne e bacon com cheddar.

Salivo só de imaginar.

— Eu já desço, decidi começar a desfazer as malas, saíram cedo?

— Era umas dez da manhã, mas só fui assinar uns papéis, levei o John a pedido dele, depois

passamos no barbeiro e viemos.

Me viro, os cabelos de Kalel foi cortado, estão penteados para o lado num corte executivo muito bonito, ele usa uma camisa social e calça social, sapatos, os olhos azuis estão me olhando de cima abaixo, acho que ele não esperava me encontrar usando um short jeans cintura alta e um top a essa hora da manhã, muito menos eu com essa mal forma, cabelos soltos, descalça, do jeito que eu acordei, eu coloquei uma roupa e decidi iniciar meu dia.

Acho que esse estilo não combina com alguém como eu, tão pouco com uma mulher acima do peso, mas nunca liguei muito para isso, agora grávida, muito menos.

— Você nunca me mostrou essas roupas— Kalel fala surpreso.

— Uso quando estou só em casa com o João.

— Mas, eu também fiquei a sós com vocês esses dias e você não usou nada parecido.

— Não fiquei bem?

— Claro que ficou amor, é só que estou tão acostumado a te ver usando calça de malha ou camiseta que te ver usando algo assim me surpreende.

— Ah.

Não pensei que chegasse a surpreender Kalel Thurman Baltazar de alguma forma em minha vida, ele é do tipo de homem que consideravelmente se impressiona com outros tipos de beleza.

— Trago seu sanduíche aqui, com um suco— Kalel continua a me olhar, ele parece chegar a uma constatação e sorri— Você fica linda com os cabelos soltos assim.

— Obrigada—digo e me aproximo.— Sobre ontem eu...

— Sei que pedir que mude é demais, eu quero me desculpar...

— Não queria que você dissesse que eu tenho que mudar para estar com você Kalel, quero que me aceite como sou.

— Eu aceito querida, claro que aceito, só que é difícil para mim lidar com tudo isso.

— Eu entendo e aceito que sua realidade era outra antes de mim.

— Eu também entendo que você tem a sua forma de pensar querida, eu não quero mais brigar por ponto de vista, foi tolice da minha parte.

— Da minha também, por não saber te ouvir e entender o seu lado, afinal de contas, temos que

PERIGOSAS NACIONAIS

chegar a um acordo para ficarmos todos bem.

Ele estende a mão e toca minha face com carinho.

— Eu não quero que mude sua aparência, eu só queria que...

— Quer que eu me cuide, eu sei, eu sei!

Coloco a mão sob a dele, eu a beijo.

— Eu amo você Kalel, acima de qualquer coisa, até mesmo da sua personalidade.

— Eu te amo—ele me puxa e me abraça com força.— Amo mais que tudo, não quero que você fique magoada com o meu jeito de ser.

— Nem eu que você fique magoado com o meu jeito de ser.

— Vou pedir que forrem o quarto, para que você grite o quanto quiser.

Da vontade de rir.

— E se eu não gritar mais?

— Você sabe que eu vou ficar com raiva não sabe?

— Vocês são tão complicados!

— É, nada diferente de você querida.

Ele me solta, me beija de leve e de novo e mais uma vez, aperta a minha bunda.

— Hoje você lava bem esse rabo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É? Para que?

Kalel enfia as mãos dentro do top e aperta meus seios sem nenhuma barreira, maravilhado com constar que não há nada embaixo da peça, ele sobe o tecido e olha os meus seios em silêncio.

—Kalel?—chamo depois de alguns minutos de silêncio.

— Que?—ele continua a olhar hipnotizado para os meus seios.

Sinto minhas faces ruborizadas, ele me olha ligeiro e depois olha para os meus seios, então puxa o top para baixo e respira fundo.

— Apenas lave—determina.— Sentiu alguma dor hoje?

— Não—respondo.— Eu estou bem.

— E os bebês?

— Bom, até agora nenhum enjoo, mas sim, bem também.

— Me espere na cama, vou chamar o John.

Ele olha para as minhas mãos.

— Use o anel que te dei, está bem?

— Eu esqueci de colocar.

— Eu entendo, mas coloque agora, tenho algo a falar com os dois.

— Está bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deve ser algo importante.

Kalel me olha de cima abaixo e sorri, sai do closet negando com a cabeça.

Não dá para entender os homens mesmo.

PERIGOSAS ACHERON



—Nanda!

— Eu já vou.

Saio do banheiro e dou de cara com o João, fico parada olhando para ele, ao mesmo tempo que ele fica me olhando todo surpreso, passei mal no closet, comecei a querer vomitar e só deu tempo de eu chegar ao banheiro, acabei por tomar um banho, escovei os dentes, mas meu top coitado não escapou.

Contudo, não consigo desviar o olhar do João, ele cortou o cabelo, mas o corte é tão diferente de tudo o que ele já cortou que me deixa surpresa, é moderno, jovem, cortou atrás e deixou os cabelos cheios mais em cima, longos, ele rejuvenesceu muito com esse corte.

Poxa, ficou tão lindo!

— Você gostou?—ele passa a mão nos cabelos todos em graça.

— Sim—admito.— Ficou muito bonito.

Tento sorrir, ele sempre cortou os cabelos de forma reta, depois do acidente o João não muda muito, ou não mudava, percebo a presença de Kalel perto da porta da sacada, ele sorri me olhando de cima abaixo, já está sem camisa, João estende a mão e segura a minha me trazendo para ele.

— O que houve?

— Passei mal—suspiro.— Enjoo, só não entendo porque, mal comi.

— Justamente—Kalel responde. —Trouxe seu sanduíche, o suco.

— Estou sem fome—toco meu ventre.— Depois comemos.

— Ok, vem aqui na cama, os dois, tem algo do qual quero falar.

Não é tão sério porque ele não está tão sério, subo na cama, João também, começo a prender meus cabelos no coque, abro o zíper do short, Kalel se senta de frente para mim, João ao meu lado, é nítida a diferença entre ambos, enquanto um parece muito empresário o outro só parece um homem normal de jeans e camisa polo, tênis, respiro fundo.

— Eu conversei com o meu advogado por telefone, infelizmente não podemos formalizar nosso compromisso, porque vocês dois não se

divorciaram no Brasil e porque nos Estados Unidos ainda não é reconhecido um casamento entre três pessoas—Kalel fala.— Posso mudar meu testamento e incluir ambos, a Clara, como parte de pessoas da minha família, mas não teremos reconhecimento do estado.

— Eu já tinha mais ou menos uma ideia em relação a isso—confesso.— Mas, não faz mal.

— Eu quero saber se os dois se importam de se divorciar legalmente no Brasil e que voltemos lá, eu soube de um caso onde um homem se casou com duas mulheres lá, foi reconhecido como união estável—Kalel diz.— O que acham? No máximo em 6 meses?

— Não vejo problema nisso.—admito e olho para o João.

— Eu também não.—João dá de ombros.

— Sério?—Kalel sorri todo esperançoso.

—Kalel estar casado no civil é só uma formalidade para nós dois—esclareço.— Eu também acho melhor que formalizemos dessa forma, se somos três, então que seja uma união de três.

— Não me oponho.—João concorda.

—Said trouxe da joalheria—Kalel estende

uma caixinha preta e a abre para nós dois vermos. — Foram feitas com os anéis de vocês, as duas de ouro, a de prata eu pedi para mim, mas por dentro ela também tem um pouco de ouro da aliança de vocês, e por dentro das alianças de vocês, tem um pouco da prata que era do meu anel, esse anel foi da avó da Bah, ela me deu de presente a muitos anos, significava muito para mim, porque ela é como uma mãe, eu ficaria muito feliz se...

— Me dá aqui o meu—João pega da caixinha sem nem esperar.— É bem pesado.

Kalel fecha a cara, sorrio, me inclino e abraço ele, beijo sua face, fico emocionada com o gesto.

— Coloco a sua—aviso e olho para o João.— E a sua também, e vocês dois colocam a minha.

Nenhum dos dois discorda.

Pego a aliança do Kalel, é prateada e lisa, não muito grossa, todas são mais finas, simples, eu amei!

Seguro sua mão e enfio a aliança no dedo esquerdo dele, serve perfeitamente, João me entrega a dele e tomo cuidado ao colocar em seu anelar esquerdo, percebo que Kalel treme um pouco ao pegar a minha aliança, João segura a minha mão esquerda e ele coloca o anel no meu

PERIGOSAS NACIONAIS

dedo esquerdo.

— Eu amei!—sorrio e pulo em cima dos dois.— Amo vocês.

João e Kalel caem na cama e eu os beijo um a um por todos os cantinhos de suas faces.

— Vamos sair para jantar—Kalel fala.— Só nós três, para comemorar, depois vamos para um lugar só nosso.

— Sério?—estou surpresa.— Quanto a mudança?

— A Bah cuida disso, das meninas, é preferível que você prepare uma pequena mala.

— Mas... Mas...

— Obedeça—João fala.— Não se preocupe, só serão 3 dias, precisamos mesmo disso.

— Deveríamos levar as meninas...

— Precisamos de um pouco de privacidade, Clara e Alice poderão nos ver todos os dias via vídeo chamada —Kalel persiste.— Não acredito que seja... adequado levá-las.

Minhas bochechas queimam.

— Está bem, que horas vamos?

— As seis, só nós três.

Sorrio e olho para os dois.

— Não valem nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nadinha—João concorda.
— Nenhum tostão!—Kalel sorri.
Tenho que concordar.
E Adoro isso.

PERIGOSAS ACHERON



Coloquei um vestido floral que não vestia a anos, uma sapatilha e me preparei para me despedir de Alice e Clara, eu não sabia quem chorava mais, se era eu, o João ou as meninas, Said nos pegou por volta das 17:30, Kalel saiu mais cedo, Barbara nos ajudou a arrumar duas malas simples e então, me vi entrando no carro do Kalel e indo a seu encontro, João ao meu lado segurando minha mão.

Não sabia que nós faríamos uma viagem tão longa, contudo, tão logo a alguns metros atrás vi as margens da Bahia , meus olhos se encheram, e tão logo o carro vai percorrendo todo o perímetro, vou me enchendo de entusiasmo, eu e o João não conversamos muito, mas acho que para nós esse pequeno recesso será como uma segunda lua de mel.

— Faz tempo que você não usa esse vestido.
— João fala em português, me tirando dos meus pensamentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiro os olhos do mar e me volto para ele, usa uma calça jeans e uma camisa social muito bonita, sapatos, ele fez a barba e tudo mais quando foi ao barbeiro, está muito bonito com o novo corte de cabelo.

— E ainda me serve—respondo no mesmo idioma e sorrio.— Queria estar bem.

— Poderia ter soltado os cabelos.—ele argumenta.

— Pensei que iríamos para um restaurante, não queria assustar as pessoas com essa juba.— confesso.

Ele sorri com carinho, desvia o olhar para a janela.

— Sinto muito por não ter tido condições de lhe dar passeios assim Nanda, nossa vida tem sido tão sofrida nos últimos anos.

— Não tem porque sentir muito, não foi sua culpa, eu sou feliz com o nosso casamento.

— Eu sei que é, mas me pergunto as vezes como teria sido nossas vidas se eu não tivesse saído com essa sequela sabe? Isso me mudou tanto, as vezes vejo o Kalel e o invejo por sua disposição, pela iniciativa dele, até mesmo pelo dinheiro que tem a te oferecer, enquanto eu só dou trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tem que invejar o Kalel—nego um pouco triste.— Você tem muitas qualidades e atributos físicos que eu gosto João Gabriel, eu não me importo que não tenhamos tanto dinheiro, temos um ao outro.

— Queria não ter tornado nosso casamento um fardo para nós dois—ele me fita de repente.— Você não tem culpa de nada Nanda, merecia isso tudo desde o início, eu deveria ter erguido a cabeça, trabalhado mais, não ter me enfiado na depressão.

— Não foi...

— Não, o acidente não foi minha culpa, mas não tentar melhorar e viver conformado foi minha culpa, todos os dias desde que eu sofri o acidente eu me culpava e isso era o suficiente, não me importei com você, eu fui egoísta ao enxergar a minha dor, me conformar, nunca devemos nos limitar, você me disse isso lembra? As nossas limitações não podemos nos impedir de fazer as coisas.

Fico ouvindo calada.

— Quem sabe não teríamos uma vida sexual melhor? Eu estaria trabalhando na nossa área? Não dependeríamos tanto dos nossos pais? Eu não deveria ter baixado minha cabeça, nem deveria ter

PERIGOSAS ACHERON

permitido que a cadeira me limitasse, nosso casamento acabou Nanda, isso é um fato.

Sinto meu coração apertando e isso vai me sufocando de um jeito extremo e rápido, tanto que me machuca, dói muito. Ele está sério, nem magoado, nem triste, nem chateado, apenas sério.

— Foi bom que tenha acabado—ele fala com certa dureza.— Foi bom que você tenha se apaixonado por outro homem, e será bom que assinemos o divórcio.

— O que quer dizer com isso João? Pelo amor de Deus...

— Para! Me escuta!—pede me interrompendo.—Fernanda, esse relacionamento me fez enxergar muitas coisas, calma, não precisa chorar, eu não vou embora querida.

Nossa!

— Se você for, eu vou também João.

— Não ama o Kael?

— Eu o amo, mas eu também amo você, será que não entende?

— Eu entendo, e hoje mais do que nunca preciso dizer que ainda é meio complicado lidar com “*nós Três*”, contudo, essas coisas aconteceram e me abriram os olhos em relação ao nosso

casamento, percebi que já tinha te perdido a muito tempo, nem para o Kalel e nem para nenhuma outra pessoa além de mim mesmo, eu não soube cuidar do nosso casamento depois do acidente, tudo desandou, e eu só queria que tudo desse certo, mas sei que deveria ter me esforçado mais.

Fico Aliviada em ouvir isso.

— Nós passamos por muitas coisas para chegar aqui e eu perceber que eu deixei de te amar quando eu soube que você amava outro homem, mas que com isso surgiu um amor tão grande em mim que não permitiu te deixar Nanda, e de alguma forma, me sinto sim grato ao Kalel, porque sei que apesar de todas as merdas que ele nos causou, ele me fez perceber que eu a amo muito e não estou disposto a te perder de novo para ninguém.

Meu coração fica pulando no peito, sorrio.

— Só quero que saiba que eu me sinto um novo homem, e que todos os dias depois que decidi voltar para casa eu me sinto melhor em saber que nosso casamento está sendo reconstruído em um novo alicerce, algo concreto, não tão convencional, mas muito importante.

— Não tenho nem palavras para agradecer João, eu entendo que tenha te ferido com as minhas

PERIGOSAS NACIONAIS

atitudes.

— Foram justamente essas feridas que me fizeram ver que tínhamos que mudar Nanda, não quem somos, mas algumas ações, e eu entendo um pouco esse lado do Kalel quando ele fala que temos que sair da zona de conforto, eu vou trabalhar muito para pagar tudo o que ele está fazendo por nossa família.

— Eu também.

João coloca a mão sob a mim.

— Eu não quero que você mude fisicamente, seria muito machista falar que estou satisfeito com seu corpo assim?

— Seria.

Sorrimos um para o outro.

— Eu aceito seu corpo assim Nanda.

— Muito obrigada.

Sei que ele fala muito sério ao dizer isso, mas nossa conversa acaba bem antes do esperado, o carro é estacionado, e Said está abrindo o porta mala.

— Terminamos essa conversa depois.—João garante.

— Com certeza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Boa noite senhor e senhora Carvalho.

Tento não sorrir, João revira os olhos, não pensei que ele nos traria para um porto, ou seja, lá o que é isso, mas meus olhos brilham ao notar que o crepúsculo surge, e o mar reluz o fim de tarde neste fabuloso lugar. Said anda por uma rampa que leva até um iate de grande porte ancorado diante de nossos olhos, ao lado de mais uma porção de pequenas e grandes embarcações.

O vento sopra, arrumo meu vestido no corpo, é mais justo e folgado, a saia rodada, João desce a rampa e Said o ajuda a entrar no iate, nunca estivemos em um iate antes, olho para a embarcação e a mão de Kael se estende para mim, terno, camisa social, calça social e sapatos, cabelos penteados para o lado e o sorriso indescritível e fantástico que ele carrega nos lábios desde que nos conhecemos.

É, o safado é lindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seguro sua mão, ele a ergue e beija gentilmente, mas com uma cara de quem não vale nada.

— Você está linda querida.

— Obrigada.

Kalel me conduz até o iate, Said transporta nossas pequenas bagagens para dentro da embarcação, João já entrou no iate, eu acho, não estou achando ele em lugar algum.

— Ele já está lá dentro—Kalel avisa.— Vamos partir em alguns minutos, você quer aguardar lá com ele enquanto eu ligo o iate?

— Você sabe como pilotar?

— Amor, eu sei muitas coisas.

Não sei se é a palavra correta, mas fico sem graça, Kalel passa o braço envolta da minha cintura e me conduz para a lateral do iate, olho envolta a todo momento fascinada com cada cantinho do lugar, a elegância, tudo é tão chique, descemos alguns degraus e entramos iate tão logo entramos, vejo uma sala imensa com direito a sofás e uma luminária no teto, uma sala como uma qualquer de apartamento, talvez até maior.

Tv, sofás amplos de cor branca, e janelas transparentes por toda a parte com direito a vista de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todo o lugar, percebo o João sentado no sofá todo sem graça também, é impossível que nos sintamos a vontade logo de cara num lugar destes, Kalel beija a minha cabeça.

— Eu vou subir e assumir, desço em uns 30 minutos—Kalel fala.— O bar está bem ali no canto, podem ficar à vontade.

— Está bem.—concordo constrangida.

Ele me dá um selinho, se afasta até os degraus e some no corredor lateral, junto as mãos e vou até o João, me sento ao seu lado toda dura, não estamos acostumados com esse tipo de coisa é claro, então somos meio que bichos do mato nesse sentido.

— Você consegue acreditar que alguém possa comprar uma coisa desse tamanho só para ostentar?—João pergunta olhando envolta.

— Não diria isso, mas sim—concordo.— Se tivéssemos dinheiro eu gostaria de ter um barco.

— Eu também, mas não um com uma sala desse tamanho—ele ri.— Será que ele traz os casais dele aqui?

—Kalel já disse que os relacionamentos dele eram só na casa de swing.

— Mas, e as mulheres? As 3 que ele tinha?

PERIGOSAS ACHERON

É uma boa pergunta.

— Bom, deve ter trazido.

— Já consigo imaginar o Baltazar andando pelado com três mulheres nesse iate, com aquela bengala dele balançando para os lados!

— João!

Ele ri mais uma vez, os olhos brilham, me puxa e me abraça acabo rindo também, mas constrangida.

— Meu único consolo é que o meu pinto é maior que o dele.

— Amor, para de ficar falando essas coisas! —repreendo e as minhas bochechas queimam.

— Bem, a diferença não é muito grande, mas eu reparei, o dele é mais grosso assim sabe?

E faz um círculo com as mãos, arregalo os olhos e lhe dou um beliscão, ciente de que ele faz isso só para me deixar envergonhada, porque em nenhum momento eu cheguei a ficar olhando isso, tão pouco reparando.

— Brincadeiras a parte, ainda prefiro o meu. —João garante.

— Eu imagino que sim—respondo constrangida.— Seu criação!

— Estou feliz que estejamos recomeçando

PERIGOSAS NACIONAIS

Nanda.

— Eu também, você não imagina o quanto.

Eu o beijo.

João me puxa e me sento em seu colo, a mão dele desliza por minha perna e ele toca a lateral da minha coxa sem pressa, aprecio o toque, fico bem entusiasmada com o toque, com seu beijo, e tudo parece onde deve estar nesse exato momento.

Faz tanto tempo que não namoramos, não partilhamos carinhos, troca de olhares, tudo isso se foi com os acontecimentos em nossas vidas, se eu disser que era fundamental estaria mentindo, mas que fez falta, fez e muita.

— Você bem que podia usar uma lingerie para nós hoje.

— Eu trouxe uma que tinha guardada— admito e toco sua face.— Quer que eu use?

— Claro que sim.—ele responde de imediato.

— É que engordei bastante...

—Nanda, deixa disso, relaxa, seu corpo é perfeito amor.

— Não sei se ficarei bem, mas queria fazer algo especial para vocês dois.

— Isso é bom.

Sorrio, me levanto vou até o bar no canto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

direito da sala, observo as garrafas com uísques caros, tequila, vodca, tantas quantas eu nunca conseguiria contar no dedo, tem uma pia atrás do balcão e embaixo da pia um freezer.

— O que quer beber senhor Carvalho?

— Água, quero estar muito bem acordado para essa noite.

Nossa.

— Hum—pigarreio escondendo a vergonha.
— Acho que posso encontrar uma água para o senhor.

— Eu tenho certeza que sim.

Eu o fito, alguns instantes se passam até que consigo me mover de novo, pego uma garrafinha de água mineral no freezer e volto para os sofás, João me olha de cima abaixo em silêncio.

— Talvez não jantemos por agora—João diz pensativo.— Não faria muito sentido.

— Eu comi mais cedo em casa—admito.— Não sinto muita fome.

— Isso vai ser bom então.

— Eu também acho.

— Gostaram do lugar?

— É muito bonito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha resposta é automática, Kalel fecha a porta de acesso à sala e desce os degraus sem pressa, eu e João estamos no sofá, esperando e esperando, conversando sobre as meninas, sobre uma porção de coisas que a muito tempo não falávamos.

— Já ancorei, demorei mais porque queria estar o mais longe possível do porto.

Eu também prefiro assim, seria um caos ter nossa privacidade invadida de alguma forma por quem quer que seja.

Kalel vai até o bar abrindo os botões da camisa, João tira o braço que passou envolta da minha cintura, prefiro entender que eles têm isso em respeito um a presença do outro, ou até que se acostumem, mas sinto que o João não gosta de parecer que temos intimidade demais longe dele.

— Aceitam uma bebida?—pergunta Kalel se servindo de um modesto copo de uísque.

— Não—João responde e sorri.—Prefiro estar sóbrio.

— É mesmo?—Kalel disfarça um sorriso.— Porque eu não pensei nisso? Trago o meu casal para o meu barco e me embebedo e perco toda a diversão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fico sem jeito, João acha graça, Kalel bebe um pouco do uísque e deixa o copo sob o balcão depois se aproxima de onde estamos sem muita pressa.

— Tire a roupa.—Kalel ordena me olhando.

— Tira você a sua.—respondo de forma automática.

João gargalha, fico tão sem graça.

— Desculpe—digo.— Estou nervosa.

Confesso, e constrangida.

— Tudo bem, é normal que se sinta assim querida—Kalel fala achando graça e se senta ao meu lado direito.— O que acharam do barco?

— É bonito—olho envolta.— Eu gostei muito, é espaçoso.

— Gosto de conforto—ele me puxa e com facilidade me coloca sentada em seu colo, beija minha bochecha.— Está com fome?

— Não—tiro as sapatilhas e estendo os pés colocando-os em cima das pernas do João.— Vem mais para perto amor.

João se aconchega e toca meus pés com carinho, me encosto no Kalel abraçando-o, me sinto tão em paz em ter os dois aqui ao meu lado, tão bem, me faz querer tantas coisas mais, coisas que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não fazem muito sentido para as outras pessoas.

— Quando os nossos bebês nascerem, eu quero que eles e as nossas filhas fiquem todos bem, que aprendam a entender nossa família—digo.— Mesmo que seja complicado.

— Não é complicado—Kalel corrige.— Só é diferente.

— Acho que não esperava que a Nanda engravidasse a essa altura—João aperta os dedos dos meus pés massageando-os com cuidado.— Já estamos na casa dos trinta, mesmo que quisesse um dia ter outro filho, jamais pensei que ela engravidaria de mim depois do acidente.

— Mas, engravidou—Kalel responde.— Infelizmente.

— Você não aguenta não é mesmo?— pergunto e toco seu peito por dentro da camisa.— Não resiste em provocar o João.

— Não, não resisto—Kalel sorri.— Como se ele fosse santo...

— Pelo ou menos eu não tenho o nome do super man.—João argumenta risonho.

Rio, faz sentido.

— Seu podre—Kalel retruca ofendido.— Eu gosto do meu nome, é bonito.

PERIGOSAS ACHERON

— Pequena estrela.—João caçoa.

— Significa também super-homem.—Kalel retruca.

Eu por incrível que pareça nem tinha percebido isso, ou notado, Kalel é o nome dado ao super-homem mesmo.

— Minha tia Melissa quem escolheu meu nome quando eu nasci, é bom que saiba respeitar isso.

— Já vão brigar?—questiono engolindo o riso.

— Ele começou.—Kalel retruca magoado.

— Tá—João revira os olhos.—parei.

Beijo o pescoço do Kalel, sei que ele está chateado, eu não sabia que ele era tão sensível quanto a esse assunto, não quero transformar o assunto em algo ruim ou desagradável.

— Porque não vamos para cama?—pergunto ao pé de seu ouvido.

— Cama?—repete ele devagar.

— É, cama—digo novamente e beijo seu pescoço.— Ou se preferirem podemos fazer aqui mesmo.

— Não há espaço para nós no sofá.—Kalel enfia a mão dentro da saia do meu vestido e aperta

a minha coxa. — Só na cama.

— Então vamos para cama.—João diz de imediato.

— Vamos—convido e beijo a boca do Kalel devagar.— Tenho algo para vocês dois.

— Tem?—ele me aperta.— Quero que faça amor comigo, antes de tudo, está bem?

— Sim, está.

Me ergo.

— Só tem um detalhe, as cabines ficam lá embaixo, e os corredores são estreitos—Kalel olha para o João.— Você tem que vir comigo irmão.

João fecha a cara, mas Kalel não faz um pingo de cerimônia para se inclinar e pegar ele, ele ergue João e o joga por cima de seu ombro como um saco de farinha, meu marido fica irritado.

— Se eu soubesse...

— Não temos espaço para orgulho nessa relação John.—Kalel fala e vai andando na frente.

Eu o sigo, não chega a ser tão estranho a cena, mas também nunca pensei que veria de fato algo assim, atravessamos a sala na direção de uma porta pequena e não muito larga, então, Kalel desce uma escada giratória tomando cuidado, desço sem pressa, analiso o interior do lugar enquanto

seguimos por um corredor meio extenso.

— São três cabines, sendo a minha suíte, temos dois banheiros também um na sala e outro no fim do corredor—Kalel diz com praticidade.

— É bem grande por dentro.—admito admirando as obras de arte penduradas nas paredes do iate.

— Eu comprei de um amigo, tenho um maior, mas está em Miami, ele trará para este porto, quero que na próxima vez tragamos as meninas—ele responde.— Tudo bem ao John?

— Claro, claro.—João resmunga.

—João.—chamo e ele ergue a cabeça.

Desamarro o laço que prende o meu vestido, puxo a alcinha exibindo parte do sutiã que compõe a lingerie, os lábios dele se abrem num sorriso de pura malícia.

— Aquela?

— É, aquela!

Ele estende a mão no rumo do meu seio, mas acerto um tapa na mão dele ouvindo um estalo, ele ri e nega com a cabeça, Kalel vira para a direita e abre uma porta dupla, então, entramos num quarto espaçoso e iluminado com uma cama redonda bem grande, tem uma tv imensa na parede e aparelho de

home theater.

Kalel coloca João na cama e se senta na outra ponta tirando os sapatos, fecho a porta do quarto, aqui dentro tudo tem cores claras em tons de gelo, é uma suíte espaçosa, tem uma poltrona do lado da cama e criados, tudo decorado, o lugar muito sofisticado e aconchegante.

Dou as costas para ambos e começo a abrir o vestido, eu me lembro que usei essa lingerie um pouco antes de descobrir a gravidez da Clara, respiro fundo e me viro tirando o resto do vestido, meus dedos deslizam pelo tecido sem pressa, contudo, estou tão nervosa.

Não tenho mais aquele corpo, meus seios cresceram, meus quadris estão mais largos, culotes enormes, no mínimo que eu esteja ridícula nessa roupa íntima que antes ficava muito bem para mim, agora, me sinto até meio insegura.

Tiro o vestido do meu corpo, logo em seguida sinto duas mãos tocando meus ombros, sorrio cabisbaixa, ergo a cabeça e fito o Kalel, ele já está sem camisa.

— Você está linda querida.

— Obrigada, isso significa muito para mim Kalel, nossa união.

— Eu sei, para mim também.

Ele me olha por um tempo extenso e toca as minhas bochechas com os polegares, compenetrado, coloco as mãos sob as dele, eu as seguro e o puxo para a cama, João tira a calça, faço com que Kalel se sente e puxo as roupas de cama, subo na cama e engatinho até ele, ele me fita de um jeito tão calmo, agradável.

Monto em cima dele, seus olhos estão em meus seios, suas mãos percorrem meus braços de forma inquieta, ele beija a pele e minha carne treme, sua boca sobe até meus lábios e nosso beijo é tão quente.

Estendo as mãos e toco seus cabelos, sinto a maciez na ponta dos dedos, meus quadris sobem e ele puxa a calcinha para baixo devagar, a mão se enfia no meio das minhas coxas e ele aperta minha pele com firmeza.

Eu o fito, toda tensa.

— Posso colocar uma música?—João pergunta.

— Pode—Kalel responde sem largar minha carne.— O controle está dentro da terceira gaveta.

Deslizo as mãos pelas costas dele e coloco outro beijo nos lábios quentes, nossas bocas se

unem num beijo tão delicioso, ele me arranca o fôlego com seu jeito de me beijar, de me tocar, é tão intenso.

— Me dê amor.—ele pede baixinho.

Ele me deita na cama e tira a minha calcinha, depois se ergue e começa a tirar a calça, João me puxa e eu o beijo também, algo delicado e carinhoso, toco seu braço, seus ombros, a minha língua se enrosca na dele lentamente, ele puxa a minha perna para o lado e Kalel puxa a outra, ele se debruça sobre a cama e me beija a parte de dentro das coxas, me arrepio toda.

João se ergue, se aconchega e abre o fecho do meu sutiã, ergo os braços e ele tira a peça, me fita e aperta os meus seios um de cada vez com suavidade, Kalel puxa os meus quadris e me deixa de lado, ele se enfia entre as minhas pernas ficando de joelhos na cama então me penetra devagar, toco a face do João me encolhendo toda.

Kalel segura minha perna mantendo-a erguida, ele aperta minha bunda e começa a se mover devagar, bem devagar, beijo os lábios do João, ele continua a apertar os meus seios e explora a minha boca sem pressa, ele solta os meus cabelos e enfia os dedos neles, puxa eles com leveza, gemo,

porque isso me excita, tanto quanto ser possuída por Kalel neste momento.

Estendo a mão e aperto a bunda do Kalel, puxo seu quadril e abro as pernas puxando-o para mim, eu o abraço e o beijo também sem pressa, toco suas costas, toco seus cabelos e seu ritmo é muito lento, gostoso.

As luzes do quarto são apagadas, por alguns instantes somos apenas nós dois fazendo amor devagar, sem pressa, uma música baixa e romântica tomando todo ambiente, nossas bocas unidas por esse beijos lascivo e quente, seu corpo no meu, gruda e sobe, desce e me faz quase enlouquecer com tudo.

Deslizo a mão por seu corpo, sua mão me toca a coxa e ele me penetra mais fundo me roubando o fôlego, ele se ergue e sinto o estímulo proporcionado pela mão do João em meu ponto mais sensível, é lenta, os dedos fazem gestos circulares.

— Me ame—pede Kalel baixinho.— Por favor.

— Sim.—sussurro de volta.

Toco sua face e meus quadris se movem com os dele lentamente, meu pé desliza por sua perna e

sobe até sua bunda, arranho suas costas enquanto ele se intensifica, meu corpo recebe o choque do seu de forma tão intensa que me faz querer gritar, contudo, me calo e apenas me permito estremecer entre o prazer que sinto e o prazer que lhe proporciono.

Me apoio nos cotovelos e beijo toda a extensão de seu pescoço, meus quadris se apressam agora com o desejo do nosso amor, a intensidade, arfo e os dedos do João se tornam mais bruscos, mordo o peito do Kalel e ele lambe minha têmpora, me empurra contra a cama e sai, me ergo e fico de joelhos na cama, eu o puxo pelos quadris e o beijo com paixão.

— Não quero gozar agora—revela baixinho.
— Você está prendendo!

— Não—respondo arfante.— Não estou.
— Está sim, se quer geme—Kalel replica.
— Isso não importa—eu o empurro contra a cama.— O que importa é que te amo.

Seguro seus pulsos na cama e monto nele, Kalel fica com a cabeça para fora da cama e geme alto quando me sento em sua rigidez novamente, me movo rápido, o João começa a beijar as minhas costas, procuro seus lábios e minha mão se fecha

PERIGOSAS NACIONAIS

em sua rigidez, ele aperta o meu seio e eu o masturbo enquanto sento rapidinho no Kalel.

— Amor—Kalel chama.— Não faz tão rápido.

— Gosto assim—confesso.— É tão gostoso!

— Eu vou gozar Nanda—ele geme e aperta meus quadris.— Faz mais de vagar, por favor.

— Pois prenda—argumento.— Se controle, você é muito apressado na cama.

Kalel acha graça, João também, Kalel me ergue pelos quadris e me joga na cama, rio engatinhando para trás, João me puxa pelos braços e procuro seus lábios no escuro, a cama é grande o suficiente para nós três, é tão bom ter espaço, é bom ter muitas experiências com os dois.

Delicioso.

Ele puxa as minhas pernas e coloca o pênis em mim abrindo bem as minhas pernas, fico totalmente sentada, mordo seus lábios e sinto o gel frio escorrendo pela minha bunda, a aproximação do Kalel.

— Você gosta de uma bunda não é mesmo?
—pergunto enquanto beijo o João.

— A sua bunda querida merece ser fudida todos os dias—ele fala e como dedo espalha o gel

PERIGOSAS ACHERON

lubrificante na minha bunda.— Bem fudida.

Kalel se aproxima e bem devagar enfia o pênis na minha bunda, incomoda um pouco, tento relaxar, João segura as minhas pernas e me agarro a seu pescoço ficando basicamente pendurada nele, estou surpresa que consiga segurar meu corpo com tanta facilidade.

Eu o beijo de novo e ele solta as minhas pernas, toca meus seios, Kalel começa a se mover bem devagar, não é muito agradável, mas me movo também, João arfa preso ao prazer que nos toma, sorrio e lambo seu queixo me sentindo tão ousada.

— Você está tão... tão...

— Fogosa.—Kalel completa.

— Isso—João concorda.— Muito deliciosa amor.

Beijo João, minhas mãos puxam os cabelos do Kalel e me perco no momento, esvazio minha mente e meu corpo todo se enche dessa expectativa maravilhosa da dupla penetração, meu corpo todo sensível reage ao que sinto e é maravilhoso estar com os dois aqui, agora.

Kalel me empurra contra o corpo do João e monta na minha bunda, ele mete mais profundo e abafos os gemidos, morderisco o peito do João

oprimindo a dor e ao mesmo tempo, sinto prazer na entrada vaginal, porque o atrito é bom, meu marido enfiado até o talo em mim, estou totalmente aberta para os dois.

Me ergo e João liga o abajur, me apoio em seu peito e o olho nesse momento, mordo meus lábios e meus dedos se enfiam em seus pelos pubianos puxando-os com força, Kalel se apoia nos pés e acocado mete na minha bunda, meus seios pulam com o atrito, meu corpo também.

Mordo os lábios com força para não gritar, João me dá um tapa forte no seio e respira fundo, me ergo e Kalel me puxa para cima colocando as mãos nos meus seios, apertando-os enquanto me penetra, quando me toca meu corpo queima todo de cima abaixo fazendo com que sinta falta de fôlego.

João me move pelos quadris e aperto os olhos adorando cada sensação, Kalel mete fundo e João me move para baixo me deixando louca, arfo próxima de um orgasmo brutal e estremeço cravando as unhas no abdómen do João, eu o fito e ele bate no meu rosto causando um estalo alto.

— Ai—grito excitada.— Ai papai!

Ele sorri e Kalel me penetra mais forte enquanto minhas pernas tremem incessavelmente,

PERIGOSAS NACIONAIS

beijo o João adorando o orgasmo, me movo com o Kalel, com ele sentindo que dentro de mim tudo vai explodindo ainda mais, rebolo devagar e o João bate com força nas minhas coxas.

— Isso—geme ele.— Isso amor.

— Eu vou gozar—Kalel avisa.

— Mete comigo amor—peço e me movo rapidinho de novo.— Mete na minha bunda.

— Meto sim—Kalel concorda.

Ele encosta a testa nas minhas costas e me obedece fazendo rapidinho comigo, João me beija e continuo a me mover sentindo todo o peso do prazer nas virilhas, no clitóris, nas minhas duas entradas.

—Goza dentro—suplico ao João.— Por favor, goza dentro de mim.

— Amor—João segura a minha nuca e começa a gozar.

Seu abdômen se contrai e ele me beija com força, gozo ainda me movendo com ele, com Kalel, sentindo a porra do Kalel na minha bunda, meus pés ardem mas não consigo parar, quero tudo, quero os dois, toco a bunda do Kalel e aperto, ele entra todo em mim e me tremo toda, ele me puxa pelos cabelos e me beija a boca com violência, os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dois gemem alto, meus quadris se movem neles com facilidade.

— Meu—determino enquanto o beijo.— Só meu!

— Até o talo—ele responde e deixa meus lábios metendo na minha bunda uma última vez.— Caralho!

— Você é meu também.—aviso para o João sem parar de me mover.

— Todo.—ele respira fundo.

Eu o beijo, e o orgasmo se intensifica, estremeço e perco o ar por alguns instantes, o ápice é tão forte e glorioso, algo indescritível, um arrepio intenso dos pés a cabeça e ao mesmo tempo tão inexato que não sei explicar.

Acho que nunca saberei, mas prefiro assim.

— Temos que sair dessa cama.—sugiro com preguiça.

— Temos?—João pergunta com um sorriso sonolento nos lábios.

— Temos!—reafirmo.— Já deve ser tarde.

— Já está quase anoitecendo—Kalel responde quieto.

Passamos o dia todo nessa cama transando,

PERIGOSAS ACHERON

nem acredito!

Eu mal dormi na madrugada, já não bastasse a transa que fizemos quando viemos para o quarto, depois de um breve descanso, João estava—para minha completa surpresa—me puxando e querendo mais, não nego que apesar de surpresa adorei ver ele mais ativo na relação.

Kalel olhou por pouco tempo, invertemos muitas as posições, mas eu estava esgotada no final, tanto exercício na cama me deixou sem forças, me sentia totalmente sem forças quando os dois conseguiram gozar, judiaram de mim.

Então dormimos, e cedo quando acordamos, Kalel estava querendo mais de mim, exploramos nossos corpos sem receio, percebi ele mais carinhoso, atencioso, João acordou com o movimento na cama e se uniu a nós dois sem pressa, fiz amor com Kalel, com João, com os dois, sem nenhuma vergonha ou barreira que me limitasse, tão logo que consegui alcançar os orgasmos, abracei um travesseiro e cacei meu canto na cama, dormi.

E só agora acordamos, estamos quietos, estou deitada em cima do Kalel e o João está junto de nós dois, ele me abraça, faz carinho nas minhas costas,

PERIGOSAS NACIONAIS

está tão bom aqui, assim, longe de tudo e todos.

— Eu voto por ficarmos na cama.—Kalel diz e ergue o braço.

— Eu também.—João ergue o braço todo sorridente.

— Eu e os bebês votamos por comer alguma coisa—determino e escorrego para fora da cama erguendo o braço.— Três contra dois, perderam.

— Você é tão melhor quando está nessa cama querida.—Kalel se levanta achando graça.

— Estou faminta—admito e pego a camisa do João.— E as nossas bagagens?

— No closet—avisa Kalel.— Porque?

— Preciso de um banho—suspiro e me estico.— Nossa!

— O que foi?—João se senta na cama todo preocupado.

— Estou tão bem—sorrio e enfio a camisa dele pela cabeça—posso comer algo doce?

— Claro amor—Kalel responde e recolhe a cueca do chão.— Podemos tomar um banho antes?

— Podemos—reafirmo.

— Só tem um problema, o banheiro é para dois, para ser justo, acho que devemos tomar banho um por vez—aconselha Kalel.— Pode ser John?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por mim tudo bem—ele dá de ombros.— Vou na frente, amor, você pega uma roupa para mim?

— Pego sim, posso preparar algo para jantarmos enquanto isso.—concordo.

— Te ajudo—Kalel olha para o João de novo.— Pode ser?

— Claro amorzinho.—João debocha amigável.

Kalel mostra o dedo do meio para ele, sorrio e saio do quarto sendo seguida por ele, no corredor ele passa o braço envolta da minha cintura, beija minha cabeça.

— Acho que aos poucos vamos nos entendendo—o azul profundo dos olhos me fitam agora.— Está gostando?

— Muito—admito.— Faz tanto tempo que não me permito viver nada que confesso que estou amando cada minuto com vocês dois.

— É para sempre.—as sobrancelhas escuras sobem e descem calmamente.

— É sim.—sorrio de novo e de novo.

— Adoro isso em você sabia? Você dá tanto sentido a isso tudo querida, ao nosso relacionamento, é fantástica a forma como gosta de

PERIGOSAS ACHERON

nos dar prazer—ele me olha cheio de malícia.— É ótima na cama.

— Confesso que tenho um bocado de vergonha, mas devo te dizer uma coisa sobre mim que acho que eu havia esquecido nesses últimos três anos, assim, eu nunca fui safada e tal, mas sempre adorei fazer sexo com o João.

— Sexo, sexo ou fazer amor?

— Foder mesmo.

— Olha, que menina da boca suja!

Minhas bochechas queimam, contudo, não há tempo para vergonha, apenas risos e mais risos, Kalel me beija e subimos para a sala, atravessamos o lugar, nada aqui se move apesar de estarmos dentro de um iate, ele me conduz até o canto direito e passamos por uma porta de vidro, entramos numa cozinha americana larga com mesa para seis, é como estar num hotel ou coisa assim.

Tudo tão sofisticado e chique.

Ele vai até a geladeira, abro as cortinas da janela lateral e vejo apenas o mar, imenso e azul, o dia indo embora e dando lugar a um entardecer lindo.

— Temos frutos do mar, peixe, camarão, bastante frutas, verduras, pão de forma, geleia,

pasta de amendoim...

— Posso preparar o camarão?—questiono.—
Assim, cozido, um peixe frito, que tal?

— Fique á vontade querida—aconselha ele.
— Estou as suas ordens.

Sorrio e me aproximo, Kalel me abraça e
cheira meu pescoço, meus cabelos.

— Estou feliz que tenham aceito meu pedido
de casamento—ele me fita.— Mal acredito que
você me amarrou.

— Alianças não significam nada Kalel—digo
e toco seu peito.— O que sinto por você as vezes
me assusta sabe? Eu nunca estive assim tão atraída
por alguém e tão apaixonada, me faz querer viver
cada segundo intensamente com você.

— Pode imaginar como me sinto—ele toca a
minha face.— Você estar aqui comigo, é algo do
qual nunca pensei que faria, pensei que se um dia a
chamasse para viver algo assim comigo, você riria
de mim.

— Porque?

— Porque é um relacionamento diferente.

— Você não é muito diferente do que temos,
Deus sabe que eu me neguei todos os dias a isso,
mas não posso lutar contra o que sinto—nego com

PERIGOSAS NACIONAIS

a cabeça.— Você é um bom homem Kalel, merece entender a felicidade, a Alice merece uma família, você também.

— Sossegar o faixo...

— Exatamente!

Ele ri e me dá um beijinho calmo.

— Te amo—fala com simplicidade.— Te amo demais querida.

— Eu também te amo—enlaço ele pelo pescoço.— Agora, que tal cozinarmos algo para o nosso jantar há três?

— Estou faminto também—ele admite.— Mas, não vejo a hora da sobremesa.

— Ah, mas não vê mesmo, não é safado?

Rimos, começo a pegar os pacotes do que precisarei na geladeira, Kalel vai até a pia lavar as mãos, suspiro, sorrio comigo mesma.

É isso, agora somos oficialmente nós três.

PERIGOSAS ACHERON



— Papai ligou!

João está longe de estar chateado ou coisa assim, estamos tão tranquilos na cama, quietos, escutamos o silêncio e o som do mar lá fora, ainda que nada se mova aqui dentro.

— Ele me perguntou por que eu devolvi o dinheiro para a conta dele—ele me fita.— Disse que havia decidido ficar.

— Não te ouvi falando com ele ao celular. — argumento e me apoio no cotovelo.

Kalel toca meu seio, estamos tão grudentos, nada como acordar de madrugada e transar assim, é uma rotina intensa e deliciosa.

— Foi enquanto vocês dois preparavam o jantar—João coloca um braço embaixo da cabeça, está pensativo.— Ele falou tanta merda na minha cabeça, você não tem ideia, na próxima, eu prefiro cruzar a fronteira do México para voltar para casa.

— Não haverá próxima vez—determina

Kalel bastante sério.— Vocês não vão embora.

— O fato é que ele falou muitas coisas que me fizeram perguntar como alguém consegue se dizer tão religioso e pregar exatamente o oposto do que Deus quer para vida das pessoas?

— É difícil para as pessoas entenderem um relacionamento a três, mas o mais engraçado é que para um homem ou uma mulher, é muito mais aceitável que as pessoas em questão tenham amantes—reflete Kalel.— Chega a ser engraçado a hipocrisia das pessoas.

— Acredito que nenhum tipo de relacionamento seja inaceitável, desde que haja amor e respeito das duas partes—toco o peito do meu marido.— Não fique pensando nisto, não precisamos deles mais para nada, logo vamos trabalhar e ter nosso dinheiro.

— Não é isso amor—retruca João.— Meu pai mantém uma amante dentro de casa, minha mãe sabe, e eles vivem o casamento como se tudo fosse normal, daí eu falo que vou viver um relacionamento há três com alguém e meu pai me recrimina? Imagina o quão é injusto da parte dele fazer isso, ser assim!

— Meu pai também é muito hipócrita bem

como minha mãe, ela aceitou por anos que meu pai batesse nela, que ele a traísse, mas quando ela soube que eu estava indo a casas noturnas com outros casais, ela veio me dar lição de moral.— Kalel protesta.

— Talvez eles não queiram para nós o que não viveram—meus dedos se enfiam nos cabelos do João.— Eles não desejem que sofremos.

— Duvido muito—Kalel replica.— O sonho do meu pai é me ver na merda, o da minha mãe é que eu volte para o clã e eu não pretendo voltar.

— Quando você fala “clã” parece que está se referindo a uma matilha de lobos—sorrio.— É engraçado não é mesmo?

— O problema dos meus pais é que eles pensaram que eu me casaria com a Jordana, quando não deu certo e eu comecei a namorar a Nanda, mamãe imaginou que ela iria querer ser como a Jordana queria que fosse nosso suposto casamento.

— E como seria isso John?

— Ser sustentada, que eu cuidasse das contas sozinho, que eu trabalhasse para fora enquanto a Nanda cuidava da casa e tinha pelo ou menos uma penca de filhos.

— Não é algo ruim a ser desejado para um

filho, é?

— Você está deitado ao lado de uma mulher que não suporta a ideia de ser sustentada—João me olha de cima abaixo e me dá um sorriso arregalado, fico sem jeito.— Olhe para está mulher Kalel, ela não aceita calcinhas de presente, nem permite que eu compre seus absorventes, ela não me deixa pagar nada sozinho.

— Isso também não é ruim—Kalel me aperta.— Gosto disso, minhas ex-namoradas gostavam da boa vida, nunca me neguei a pagar por nada, é diferente estar com alguém independente.

— Não gosto da ideia de ninguém me controlando, ou me dizendo o que devo comprar ou gastar meu salário, eu gosto de trabalhar para ter minha independência financeira—admito.— Chega a ser insuportável a forma como isso às vezes me limita.

— A independência de uma mulher pode limitá-la?—Kalel está curioso.

— Sim—reafirmo.— É incrível como as pessoas podem ser opressoras quando se torna a mulher a figura mais ativa no relacionamento, porque para homens é comum que decidam por si próprios ou por suas esposas, filhos até, mas

quando isso vem para a esfera feminina parece que o mundo reveste a mulher numa bolha em que ela deve viver prosseguindo dentro da ignorância e da compreensão.

Kalel fica me olhando todo interessado, me ergo e pego dois travesseiros, me sento e me encosto neles olho para minha barriga, eu a toco, penso em algo mais para tentar explicar, no entanto, sinto-me limitada, porque as vezes sei que falo coisas que muitos homens não gostam de ouvir.

— O que a Nanda quer dizer é que a ideia de uma mulher assumir responsabilidades dentro de uma sociedade machista e patriarcal ainda assusta as pessoas, que é muito complexo que vejam a mulher como uma simples reprodutora e em outros momentos como um objeto sexual para satisfazer a libido de outros.

— Você é feminista meu bem?—Kalel sorri todo surpreso— Uau!

Sorrio, pondero, João se deita com a cabeça no meu seio e toca o meu ventre com cuidado.

— Acredito que todos temos direitos iguais e que a mulher não deve ser vista como “algo”, e se isso é ser feminista então eu sou.

— Fascinante—Kalel me encara todo encantado.— Não queria falar sobre política, nunca pensei que seria algo a ser discutido com uma mulher, eu não tenho paciência, mas entendo que você como dona da sua vontade tem todo o direito de seguir qualquer vertente ideológica que desejar amor.

— Eu sei Kalel, você é um homem muito moderno nesse sentido, da liberdade a suas “*companheiras*” se é que posso me referir a elas assim—penso por alguns momentos.— Apenas não gosto da ideia de ter alguém me controlando, nesse sentido o João e eu sempre estivemos de acordo.

— Não sou possessivo—Kalel continua apoiado no cotovelo.— Não sempre é claro.

— Não estou pronta para ter alguém comprando as minhas calcinhas ainda, não entra na minha cabeça que uma mulher se submeta a algo assim.

— Algo como ter um marido que gosta de dar as coisas para ela?

— Algo como a pessoa não perguntar para a mulher o que ela quer de fato—esclareço.— Algo como dar a mulher liberdade de ela escolher ser algo que ela quer, não subjugar-la a uma realidade e

fazê-la sacrificar suas escolhas pessoais para cuidar de uma casa e de tudo para o homem.

— Mas, é escolha da mulher... Certo?

— Depende—João reflete.— Por exemplo, nós namoramos, noivamos, casamos, mas eu sempre tive a mente aberta, eu e a Nanda sempre conversamos, decidimos ter a Clara no momento em que ambos estavam profissionalmente estáveis, as nossas carreiras nunca nos impediram de realizar nossos objetivos pessoais e o casamento antes do acidente não era um sacrifício para nenhum dos dois.

Admiro o meu marido agora, ele está sendo sincero e maduro mais uma vez, beijo-lhe a cabeça, grata por ele entender nossas posições, o novo relacionamento.

— Eu posso entender seu ponto de vista, estamos falando sobre isso, mas é muito comum na minha família, principalmente porque os homens sempre são os “*alfas*” nas relações, mandam, desmandam, controlam, a única coisa da qual não posso me queixar é o fato de que meu pai sempre deu do bom e do melhor para nós, no sentido material.

— Entendo que quando uma mulher sela o

compromisso do casamento com um homem ela deva ponderar quanto as decisões, contudo, sempre as mulheres são as que mais abrem mão, é uma relação muito desigual, nos meus anos de exercício eu presenciei tantas coisas, tantos casos no fórum onde eu trabalhei que fiquei traumatizado—João revela.— Eu ficava me perguntando o que poderia levar uma mulher a aceitar que um cara batesse nela, esfaqueasse ela e no dia seguinte, ela voltasse para ele, era literalmente um inferno psicológico.

— Ser esposa de alguém não deve condicionar a mulher a ser escrava de alguém, nem de suas vontades, não estou desvalorizando o instituto do casamento, mas é inimaginável para mim ter um homem que compra um absorvente para mim num dia e no outro fica esfregando na minha cara que me deu aquilo, como se fosse um grande favor, minha mãe me ensinou sempre a ser muito autônoma nesse sentido, por ela sempre ser do lar e não querer que eu fosse condicionada a viver um relacionamento desse jeito.

— Ser do lar é vergonhoso para sua mãe querida?—Kalel se aconchega e apoia a cabeça em cima do meu braço.

— São, mas ela me disse que casou cedo

PERIGOSAS NACIONAIS

demaís, muito jovem e por meu pai ser mais velho ele sempre se sentiu no direito de mandar nela, ele a proibia de muitas coisas por ciúmes, até hoje não lembro de ter visto ela na praia de maio ou biquíni, acho o cúmulo.

— Mas, ela aceitou... Certo?

— Aceitou, mas você acha que se ela soubesse que ele era daquele jeito antes teria casado?

— Eu nunca obriguei nenhuma das minhas namoradas a nada, nunca bati nelas, sempre tratei muito bem todas as que tive, não gosto de sentir que há obrigação dentro do relacionamento, a pessoa é livre para fazer o que ela quer, desde que haja fidelidade dentro do relacionamento, poderiam andar até nuas, nunca me importei—Kalel me fita.

— Mas, você não pode andar pelada assim não viu?

— É mesmo?—pergunto querendo rir.

— É mesmo.—João responde.

— Dois possessivos!—exclamo fazendo cara de deboche.

— É meio complicado na prática—Kalel me surpreende com sua resposta.— Nunca senti ciúmes de ninguém, é a minha primeira vez, confesso que é um sentimento conflitante quando se trata do John.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É recíproco—o meu marido puxa o cobertor.— Eu posso dormir um pouco?

— Estou sem sono—digo com inveja.— Quero dormir, mas não consigo.

— Também estou sem sono.—Kalel responde.

— Então saiam daqui—João resmunga sonolento.— Sei que se continuarem aqui eu não vou dormir.

— Só indelicadeza.—me ergo.

— Podemos tomar um sol—Kalel sugere.— John, qualquer coisa é só chamar.

— Sim—ele diz já cochilando.— Otário!

Kalel e eu saímos da cama.

— Vou colocar uma sunga—ele fala baixinho.— Coloca um biquíni.

— Está bem, acho que precisamos mesmo de um sol.

Lhe dou um selinho.

— Não se peguem muito—João pragueja com voz arrastada.— Somos um trisal!

Rio, Kalel também, é bom saber disso.

Trisal, Gostei!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Quer que eu passe protetor amor?

— Claro.

Despejo o protetor solar nos ombros dele e espalho com cuidado, Kalel e eu subimos para o convés do iate, se presenciei alguma cena mais linda do que tudo isso não sei dizer, acho que faz tanto tempo que não tiro férias ou viajo que ainda consigo me impressionar com a beleza do mar.

A ponte Golden Gate, e todo o lugar cercado por pequenas e rochosas montanhas, não estamos muito longe da praia em si, vi a alguns momentos bem longe um barco a velas, mas muito distante de nós, o sol já nasceu a muito tempo, achei que ainda era muito cedo porém já está bem tarde da manhã.

Perdemos a hora quando estamos juntos.

— Trouxe café e algumas frutas para nós comermos—Kalel diz e indica a bandeja que

PERIGOSAS ACHERON

colocou a alguns momentos na mesa.— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.—digo e me sento ao seu lado na espreguiçadeira.

— É sobre o que falamos a pouco na cama, foi por isso que não aceitou nem usou nenhum dos presentes que lhe dei?

— Eu não sou muito apegada a bens materiais Kalel, adorei todos os presentes, mas não gosto de sentir que você tenta me cobrir de presentes para compensar as coisas que faz de errado.

— Tinha boas intenções.

— Eu sei.

Sinto seu constrangimento, coloco café nas duas xícaras e entrego uma a ele, bebo um pouco do café, está ótimo.

— Acha que todas as mulheres do mundo devem pensar como você querida?

— Não é pecado que uma mulher seja sustentada por quem quer que ela seja, eu não tenho nada a ver com isso, mas tenho a ver com a minha vida, não gosto.

— Isso significa que não vai aceitar presentes meus?

— Isso significa que se me der eu aceito de

coração, mas que não necessariamente vou ficar chateada se não der.

— Como por exemplo...

— No meu aniversário que foi a uns dois meses atrás e vocês dois esqueceram completamente.

Kalel se engasga com o café que acabou de engolir, rio porém não me importo, na verdade nem mesmo eu lembrei do dia, estávamos passando por tantas coisas que eu me esqueci completamente.

— Eu sinto muito—ele fala depois de um tempo.— Querida eu...

— Tudo bem—respondo.— Eu não me importo, foi apenas um exemplo.

Kalel passa o braço envolta da minha cintura e me abraça todo carinhoso, está constrangido com certeza, me sento em seu colo e coloco um beijinho em sua face, ele deixa a xícara de lado e toca a minha barriga.

— Eu prometo que vou te compensar.

—Kalel até mesmo eu esqueci.

— Lembra que eu havia dito que tinha viajado por conta do seu aniversário? Era verdade querida, queria passar o dia com você, comprar um bolo, eu não costumo participar de aniversários, a

Bah sempre faz um bolo para mim, para a Alice, mas não é a mesma coisa.

— Nós também não comemoramos muito, eu e o João não temos tido muito dinheiro mas os aniversários da Clara são comemorados em peso pelos meus pais e pelos pais dele.

— Quero que tudo seja diferente no nosso casamento.

— Está sendo Kalel—olho envolta.— Tudo isso não tem preço.

— Você me faz feliz de um jeito que nunca pensei ser.—Kalel coloca um beijo quente na minha barriga.

Mal acredito que ele esteja mesmo fazendo parte disso, aceitando mais a gravidez de um jeito positivo.

— Vejo tudo de forma diferente depois de você Fernanda, a vida, as pessoas, você é uma mulher forte e humilde, aprendo a amar mais e mais todos os dias, reconheço que por teimosia não quis me entregar no começo, tinha medo de assumir os sentimentos de verdade e de você ficar com o John, não aceitar nosso relacionamento, mas agora sei que é diferente, que os dois estão comigo nisso, eu não pensei em ter uma família sabe? Mais filhos,

tudo isso é novo, mas não vejo de uma forma ruim.

— Não é—toco sua face.— Eu sei que você esteve próximo de gostar mesmo de alguém e se sentiu machucado, Bárbara me disse, falou sobre a mãe da Alice e imagino que tudo isso tenha te machucado muito.

— Foi mais como uma decepção sabe? Nunca achei que passaria por isso—Kalel admite. — No começo eu a odiava, depois aprendi a ignorar todo o passado, o que ela fez, hoje quero ela longe da minha filha, sei que não sou um pai perfeito, mas Alice merece algo melhor que o abandono por parte da mãe.

— Eu sei que já estou meio velha para mais bebês contudo não acho que seja tão tarde assim— bebo o resto do meu café.— Quer comer uma frutinha?

— Claro.

Pego a cestinha de morangos, deixo a xícara sob a mesa e estendo uma fruta para Kalel, ele a morde e me beija sem rodeios, sorrio abraçando-o com o braço livre pelo pescoço, ele me aperta com carinho, de todas as formas é uma lua de mel para nós três.

— Quero te fazer muito feliz amor—sussurro

PERIGOSAS NACIONAIS

de encontro aos seus lábios.— Em todos os sentidos, tornar nosso casamento algo real para você, que se sinta amado, numa família de verdade.

— Eu também querida—ele me fita, o morango se desmanchou em nossas bocas.— Nunca pensei que aprenderia a amar tanto alguém, te admiro tanto Nanda.

Ele fala meu apelido cheio de sotaque, sorrio.

— Tudo dará certo.—garante ele.

— Eu sei que sim.

— E você aprenderá a aceitar presentes.

— Bem, eu posso pensar com carinho sobre isso também.

Seu sorriso me cativa, seus lábios tomam os meus com lentidão, depois ele pega outro morango na cestinha e coloca diante de mim.

— Não tire muito proveito.— Peço fitando-o.

— Não vou—garante com malícia.— Proveito só há três.

— Adoro que seja há Três.

— Eu também querida—garante ele maldoso.
— Eu também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Vem, não precisa ter medo, aqui é seguro.

Desço a escadinha lateral do iate, Kalel estende os braços e meu corpo afunda, me agarro a ele pelo pescoço, Kalel passa o braço envolta da minha cintura e arfo com a água fria em meu corpo.

— Nossa!

— Você se acostuma com o mar aqui.

— A água é gelada.

— É, estamos afastados da praia, a água aqui é mais fria mesmo, mas se mergulhar, logo perceberá que é questão de costume.

— Tá.

Me solto de seus braços e afundo na água, mergulho por alguns instantes, é muito bom saber que estamos numa praia, a anos não vinha a uma, ainda que não seja bem como as praias do Brasil. Subo, Kalel estende os braços e me puxa para ele, sorrio sem fôlego, me agarro novamente a seu pescoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faz tempo que não venho a praia—admito olhando envolta.— Tudo isso é lindo Kalel.

— As vezes quando você sorri faz tudo parecer insignificante sabe? Até mesmo a minha existência.

Vejo certo medo nos olhos dele e Kalel me olha de um jeito tão estranho.

— Combinei com os meus pais de te levar em uma semana para conhecer eles, mas não sei se você está pronta para isso eles, com certeza, não aceitarão nosso relacionamento em nenhum aspecto, não quero que se machuque, já causei muito mal a você com o que eu fiz a alguns dias atrás.

— Você fala por causa da minha cor?

— E por causa do John, meus pais são tão ou mais preconceituosos que os de vocês dois.

— Não me importo, farei isso por você e pela Alice, tudo bem se eles não me aceitarem.

— Eles não vão falar, mas eu os conheço muito bem.

— Ainda não contou para eles sobre mim?

— Não, eu não tenho contato com meus pais assim com tanta frequência, eu só vou aproveitar essa ida da Alice até lá para poder pegar as coisas

PERIGOSAS ACHERON

dela, roupas, sapatos, ainda estão na casa dos meus pais.

— Entendo.

Toco-lhe a face, ele está angustiado.

— O que foi Kalel?

— Não quero eles descriminem você, não quero te submeter a julgamentos ruins por nosso relacionamento, nós também não decidimos como faremos quanto a tudo, eu gostaria de te mostrar ao mundo como minha, mas é injusto com o John que eu faça isso porque você também é dele.

— Eu sou de ninguém Kalel, eu estou com vocês dois, mas ser, eu não sou de nenhum dos dois.—corrijo toda séria, ele começa a achar graça.

— Você entendeu, não entendeu sua teimosa?

— Obviamente que sim senhor “*Dono de mim*”.

Os lábios dele se abrem num sorriso mais relaxado, tenho que admitir que quando ele sorri assim faz tudo parecer tão fútil, sinto que vou suspirar melosamente a qualquer segundo, mas prendo.

— Tenho uma imagem a zelar, nesse sentido é meio complicado que eu assuma uma relação a

três.

— Isso destruiria sua reputação.

— E as meninas também querida, elas seriam expostas a tantas coisas que nem sei, não pensei nisso, mas se for da sua vontade manter tudo entre nós três eu aceito.

— Sem ninguém saber?

— É, eu preferia poder te levar aos lugares as vezes, a algum evento, contudo isso não será possível sempre.

— É, tem o João.

— Sim, tem ele—ele conclui.— Eu imagino que para ele seja bem complicado, talvez se sinta humilhado, por isso vou deixar essa escolha entre vocês dois.

— Converso com ele sobre isso—suspiro infeliz.— Não queria ter que esconder nosso relacionamento, estou tão feliz que tudo esteja dando certo, sinto medo de que amanhã eu acorde e tudo não tenha passado de um sonho Kalel.

— Não é—ele diz.— Na teoria é muito mais fácil do que na realidade, sei que isso faria mal a sua imagem como mãe também, como grávida, ainda mais agora com dois bebês vindo, sei que manter nosso casamento em segredo será melhor

PERIGOSAS NACIONAIS

para nós no sentido da exposição, eu não tenho vergonha alguma de admitir nada, nem de dizer que estamos juntos, mas isso geraria reflexos péssimos a nossas imagens no sentido social.

— É verdade, ninguém entenderia, eu mesma demorei muito a entender, o João, todos os dias nós dois temos tentado entender mais o seu mundo e viver isso com você de forma que não nos prejudique, mas é tudo tão complexo e fora do que temos que se torna uma missão bem cansativa, acho que se pararmos para pensar, enlouquecemos.

— Por isso que eu não achava adequado expor meus relacionamentos para ninguém, de que valeriam meu dinheiro e “*respeito*” se eu quebrasse o padrão no qual a sociedade me colocou? Eu perderia tudo o que lutei tanto para construir.

E eu não quero isso, nem o João irá aceitar.

— Já acho bem complicado quando percebo a discriminação em relação a casais homoafetivos, nem quero imaginar como seria para as outras pessoas se soubessem de nós três, ataques de ódio nas redes sociais da empresa, paparazzi nos perseguindo, capas de revistas com notícias caluniosas, não quero isso para nossa família querida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem eu—toco seus ombros.— Vamos conversar com mais calma e chegarmos a uma conclusão, eu não quero deixar as meninas expostas, sei que o João também não quer se exposto, para nós já foi bem difícil encarar apenas nossas famílias.

— Sei que parece besteira...

— Não é besteira Kalel, você quer ter os mesmos direitos que o João tem como esposo e é justo, só é algo que temos que resolver juntos.

— Espero que cheguemos num consenso quanto a isso.

— Chegaremos, não se preocupe com isso agora, vamos aproveitar nossa lua de mel, quando voltarmos para casa decidimos o que faremos quanto a isso.

— Está bem.

— Está tudo mais que bem meu amorzinho.

Eu o abraço e Kalel ri me apertando, me beija, devolvo o beijo devagar, sem medo, sem receio, sei que tudo aos poucos vai se encaixando.

PERIGOSAS ACHERON



— O almoço estava ótimo amor!

Estava mesmo, fiz salada e filé de peixe frito, tudo estava salgadinho e crocante, subo na cama e abraço o João, Kalel se senta na outra ponta com cara de sono, passamos toda a manhã tomando sol, nadando, conversamos sobre tantas coisas.

Quando descemos para a Cabine, João já estava no banho, aproveitei e tomei banho com ele, Kalel não se importou de esperar, ele teve que atender uma ligação importante segundo ele, então servi nosso almoço aqui mesmo e comemos sentados na cama após o banho.

Trouxe sorvete de sobremesa, acabamos de tomar, Kalel se estica na cama e se aconchega com cara de sono.

— Quer ver tv?—João questiona.

— Pode ser.—concordo.

— Teve algum enjoo hoje?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda não, estou ótima, nadamos muito, quando descermos na próxima, você vem conosco está bem?

— Sim, claro amor.

Lhe dou um beijinho, Kalel puxa a minha blusa para cima, me ergo e a tiro do corpo, me deito novamente e ele tira a minha calcinha, toca meu seio e se deita com a cabeça no outro me abraçando.

— Parece um criança.—João fala achando graça.

— Vai se fuder.—Kalel resmunga.

Mas parece mesmo, um criança manhoso, ele fecha os olhos e enfia a mão onde quer, aperta, meu corpo sobe, porém não me incomodo com o toque, ele suaviza o toque e fica quietinho.

— Tudo bem?—pergunto ao meu marido.

— Sim, tudo muito bem—João está sorrindo.
— E você?

— Bem também—fico vermelha ao perceber ao que ele se refere exatamente.

Ele pega o controle em cima do criado e liga a tv, seleciona um canal de filmes e se acomoda ao meu lado, ficamos quietos assistindo.

— Não sei como as pessoas poderiam ver

PERIGOSAS ACHERON

nosso casamento como algo ruim, é a coisa mais verdadeira que já vivi em toda a minha vida—Kalel está pensativo.— Tudo isso é tão bom.

— Não posso discordar, estaria mentindo se não admitisse que o relacionamento melhorou muito em muitos sentidos para mim e a Nanda— João declara.— Sinto que damos um grande passo em nossas vidas.

— Estou muito feliz.—Kalel beija o meu seio com carinho.

— Eu também.—sorrio tão feliz também.

João me olha e toca a minha face com o indicador, suas feições estão relaxadas, calmas como não via a anos, é como quando estávamos juntos e ele conseguia realmente estar bem por estar comigo.

— Quando voltarmos para nossa casa, nossa vida será muito boa, eu prometo—ele me fita.— Eu darei o meu melhor para ajudar com os bebês e em casa, me sinto mais capaz e útil sabe?

— Sim, eu sei—concordo.— Também quero que nossos bebês e as nossas filhas fiquem bem.

— Elas ficarão—Kalel me olha e sua mão pousa no meu ventre.— Eles serão muito bem recebidos, amados por nós, eu quero ser um

verdadeiro pai para esses bebês, para a Alice e para a Clara.

— Você já é—coloco a mão sob a dele.— Logo teremos dois bebês lindos e gorduchos para vocês dois cuidarem.

— Não tive muito jeito com a Alice, mas prometo que serei um bom pai para estes, vou aprender a segurar, a banhar, a Bah terá paciência comigo, a única pessoa que sempre me atura e tem paciência comigo é ela—revela ele um tanto ressentido.— Ela entende minha forma de ser, meu estilo de vida e aceita, coisa que ninguém da minha família fez.

— Ela nunca te questionou sobre isso?—João pergunta curioso.

Também quero saber.

— Sim, quando eu comecei a chegar em casa com mais de uma garota na noite, a Bah me repreendia, ela dizia que era errado, que eu deveria ter apenas uma mulher, e ela ficou muito decepcionada quando soube das casas de swing.

A tristeza está estampada em seu olhar.

— Queria poder ter sido diferente, não decepcioná-la contudo eu sempre fui muito dono de mim, não permiti que ela me aconselhasse, então

ela só aceitou porque ela sabia que eu não iria mudar, ela não ficou nenhum pouco feliz quando soube que você era casada, achava que eu destruiria seu casamento.

— Nosso casamento era frágil—João me olha.— Não era?

— Sim, por mais que tentássemos mudar algumas coisas, eu mesma tentava aos tramos e barrancos continuar a situação—admito.— Era difícil, não é que não existia amor, mas é que estávamos cansados e gastos de tudo aquilo.

— Quando eu decidi sobre meus sentimentos ela me convenceu de que eu deveria falar para você porque era injusto que houvesse chegado aquele ponto e que eu falasse mentiras, a Bah é como uma orientadora, quase nunca segui os conselhos dela porém ela me coloca na linha as vezes, me sinto grato porque ao menos ela me aceita e me ama do jeito que eu sou.

— Eu também te aceito e te amo meu bem.— esclareço.

— É maravilhoso ouvir isso, sentir que não sou mais sozinho no mundo, agora tenho uma esposa, uma nova chance de recomeçar, tenho muito a agradecer ao John também, por me aceitar

PERIGOSAS NACIONAIS

na família.

— Milagre você agradecendo por alguma coisa.—provoca João risonho.

— Sei reconhecer, por mais que eu não demonstre me preocupo com vocês dois, com a Clara, eu quero que estejam sempre por perto, que compartilhem de tudo comigo mesmo que eu não seja o melhor exemplo de pessoa no mundo.

— Eu amo você independente do que você foi—repito.— Para de pensar assim Kalel, o que importa é o nosso presente.

— Você tem razão querida—ele concorda.— Te amo.

— Também te amo querido, tenta dormir um pouco—aconselho.— Você está com cara de sono.

— Vou dormir sim—e olha para o João.— Somos um trisal.

— Com certeza.—João ri.

—Absoluta!

PERIGOSAS ACHERON



— Gostou da vista?

—Sim—João responde todo sorridente.—
Gostei daqui.

— Quer ir para a espreguiçadeira?—Kalel
questiona.

—Se puder me ajudar eu agradeço.

João não gosta de precisar de ninguém, mas infelizmente o iate não é adaptável ou tem muito espaço nas instalações internas do lugar, Kalel o trouxe na cadeira, contudo, sei que ele não quer ficar de fora em nenhum sentido.

Me aproximo carregando a bandeja com duas cervejas e petiscos, um suco, me sento na espreguiçadeira, ele ajuda João a se sentar na espreguiçadeira ao lado, estendo as duas cervejas para ambos e Kalel se senta ao meu lado me puxando para seu colo, João colocou um calção e um boné na cabeça, passei protetor nos dois a alguns instantes, o sol aqui hoje está bem mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

forte.

—Queria poder ter mais dias—Kalel fala e bebe um bom gole de sua cerveja—Infelizmente não podemos, tenho muitas coisas a resolver.

—É algum cliente importante?—João indaga pensativo.

— Sim, muitos e bastante trabalho para resolver—concorda.— Preciso de vocês dois bem focados nos casos do Hans, eu fiz algumas mudanças na Thurman do Brasil, tive que trazer uma pequena equipe para cá para me ajudar com outros casos de lá.

— Sério?—estou bem surpresa.

— Sim, pedi a Socorro que viesse com outros advogados especializados em causas trabalhistas.— ele informa todo sério.

— Eles vão morar em São Francisco?

— Por seis meses, serão uma equipe de suporte, também precisam de um treinamento intensivo e aprender a cuidar da papelada mais voltada para Empresarial.

Nem acredito que a Socorro virá para São Francisco, não esperei que Kalel fosse trazê-la.

— Não deve se preocupar, eles não virão a nossa casa querida...

PERIGOSAS ACHERON

— Não estou preocupada, é que com todas as confusões, eu se quer dei uma ligada para a Socorro, me sinto ingrata, ela quem me arrumou o emprego na empresa, tenho que conversar com ela e pedir desculpas—interrompo-o.— Eu quero poder ver ela e explicar que não pude me despedir e tudo mais.

— Você verá em breve—Kalel garante.— Acho que temos que conversar sobre nossa união, é algo do qual estou analisando com cuidado.

— Por...

— Já falamos querida, agora depende do John não somente de nós dois, sei que nossa união diante da sociedade não é bem-vista, mas não quero que isso interfira na nossa relação, nem que vocês dois se ofendam se por momento eu não puder assumir.

— Você acha que eu quero que você assuma? —as sobrancelhas do João sobem.

— Eu não quero ter que aparecer na mídia com a Fernanda ou em algum evento e que isso fira seu ego de esposo dela John.

— Não fere!

Fico calada, dura, eu não posso falar nada porque não tenho nada a falar, já sabia que não

seria uma situação bem comum, nossas famílias não nos aceitam, nem a sociedade, e tem a empresa do Kalel, as meninas, os bebês, não gosto de sentir que escondo nada de ninguém, contudo, temos que pensar bem no que fazer.

— Kalel eu sei o que temos e eu e a Nanda nunca precisamos reforçar nada para provar para ninguém o que sentimos, o casamento é apenas uma formalidade, se entre nós há certeza dos sentimentos eu não tenho porque me sentir ofendido pelo fato de que você aparece com ela ou não em algum lugar, sei que ela me ama, é isso opinião alheia alguma podem mudar.

Quero sorrir, que orgulho!

— Não é que eu queira que a Fernanda apareça só comigo, mas esse momento penso que devemos analisar em como faremos as coisas, com as meninas, com as nossas decisões pessoais, não quero afetar mais nenhuma área na vida de vocês dois, quero que os dois fiquem bem como casal, porque antes de mim vocês dois já estavam unidos, não quero expor os dois como foi no Brasil com suas famílias, se eles praticam esses ataques de ódio, vocês não podem nem imaginar o que as pessoas aqui falaria sobre nós três juntos.

— Não é bom para sua reputação também.—
reflito.

— Não é bom para nossa família, nem para as meninas, temos primeiro que saber lidar com nossos problemas e nos organizar para depois tomarmos essa decisão, eu mantive minha vida muito bem guardada nesse sentido por conta da empresa, infelizmente nesse sentido o moralismo fala muito alto e as empresas para as quais presto serviço são em sua maioria muito conservadoras, relações poli afetivas são um verdadeiro tabu para a sociedade.

— De fato, não tem como fazermos isso sem que estejamos prontos, temos que preservar a Nanda nesse momento, ela deve ter sossego, está grávida, podemos pensar sobre isso depois da gestação dela—admite João pensativo e bebe sua cerveja.— Não me importo que saia com você, nem que finjam um casamento ou algo assim, na realidade eu só me preocupo mais com o fato de que talvez isso exponha ela dê uma forma negativa.

— Podemos então continuar como estamos?
—Kalel me fita todo sério.

— Sim, por mim tudo bem, mas quero deixar claro que eu não me importo com o que as outras

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoas falam, eu só quero que sejamos felizes, sei que as pessoas de alguma forma nunca nos aceitarão, contudo o que importa é o que vivemos —respondo.— Desde que isso não fira nenhum dos dois por mim tudo bem.

— Não me sinto em desvantagem—João esclarece.— Eu prefiro até não expor a Clara e a Alice, elas são muito pequenas para isso.

— E, mas aí vem a escola—Kalel retruca.— Como faremos?

— Não me importo de irmos os três, não precisamos necessariamente explicar que estamos juntos, podemos dizer que somos os pais e que a Nanda é a mãe.—os ombros do João sobem e descem.— Como uma mulher profana que nos abandonou depois de nos usar muito.

— Que imaginação fértil!—rio e lhe dou um selinho.— Muito esperto.

— Nosso maior desafio agora é na criação das nossas crianças—Kalel bebe o resto da cerveja.— Explicar para a Alice o que ela deve ou não falar, mas essa ideia do John é até boa.

— Vamos pensar em algo—João se deita na espreguiçadeira.— Me chamem em 20 minutos para que eu vire.

PERIGOSAS ACHERON

Eu e Kalel nos entreolhamos e rimos.

— Folgado.—acuso risonha.

Ele não responde, coloca uma toalha no rosto e relaxa, beijo Kalel e saio de seu colo.

— Vou tomar um sol também—aviso e vou para a outra espreguiçadeira.—Kalel, passa protetor em mim?

— Com todo prazer.

— Eu ainda estou aqui!—João avisa com a voz arrastada.

— Eu também meu amor—aviso e toco seu abdómen.— Eu também.

Kalel e João dormem, um em cada ponta da cama, meu canto está vazio, como um espaço que os separa, dois extremos diferentes que aprendi a amar, João muito antes, ainda quando eu era jovem, e Kalel agora em uma nova fase da minha vida.

Não é bem como se eu pudesse sentir algo estranho nesse momento, é nossa última noite aqui, já é madrugada, acordei a alguns momentos e decidi dar uma volta no iate, não sai para fora contudo, entrei nos quartos, fui a sala, bisbilhotei em silêncio todo o lugar.

É fantástico estar sob algo que nos mantém

no mar porém que basicamente sustenta uma casa toda no meio do nada.

Me aproximo da cama sem fazer barulho e entro embaixo do cobertor, me acomodo a João e o abraço, estendo a mão e seguro o pulso do Kalel chamando-o para junto de nós, João passa o braço envolta do meu pescoço e beija minha cabeça ainda dormindo, Kalel se aconchega também e me abraça enfiando a mão onde gosta, ele se esfrega na minha bunda como sempre faz e cheira minha nuca sonolento, puxo o cobertor, me aquieto.

Mas, não consigo dormir.

Estou sem sono, não sei como eles dois conseguem dormir tanto depois de termos passado basicamente o dia todo nessa cama, logo após o almoço voltamos para a cama e ficamos vendo tv, antes disso tomamos um sol e Kalel ajudou João a mergulhar no mar, ele colocou um colete salva vidas por medida de segurança, foi meio complicado descer ele, mas não foi impossível.

Desci pela escadinha e ficamos os três ali perto do iate nadando, via tanta felicidade nos olhos do João, algo tão simples, mas que a tanto tempo não fazíamos, estávamos contando sobre nossa lua de mel quando subimos de volta, João se pendurou

PERIGOSAS NACIONAIS

nas costas do Kalel e ele subiu com ele daquele jeito.

Kalel não se importa, João se acostuma.

Me impressionei com o fato de Kalel conseguir carregar o peso do João com tanta facilidade, meus pensamentos não saiam da cena que se seguiu, quando Kalel colocou o João de volta a espreguiçadeira e o meu marido agradeceu com um rápido abraço.

Nunca vi o João abraçar o Kalel desde que se conheceram, pelo contrário.

Kalel por sua vez ficou sem graça, desconversou e entrou no iate, ajudei o João com o colete salva vidas, espalhei protetor solar em seu corpo de novo, ele estava tão contente com tudo que eu mal conseguia me importar com todo o resto do mundo.

Logo, Kalel trouxe mais cerveja, me pediu que preparasse petiscos, e me vi cozinhando para os dois, foi um dia tão tranquilo. Preparei salada e um bife de carne bem saboroso para cada um de nós, me entendi bem com a cozinha, com o fogão, e depois que almoçamos ao ar livre descemos para o nosso quarto um de cada vez, por conta do banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

João foi primeiro, depois eu e por último o Kalel, viemos para a cama e liguei a tv, João e Kalel não paravam de falar de causas que patrocinaram durante suas carreiras, mas preferi assistir a um desenho mesmo e tomar sorvete, quando percebi, os dois estavam dormindo, então me entreguei ao sono também.

Nem acordamos para o jantar, a pouco verifiquei as horas, já passa das 02:00 da manhã.

— Você está sem sono amor?—Kalel questiona me tirando dos pensamentos.

— Sim—admito parada.

— Hummm...—ele se afasta mais e me puxa para cima dele.— Vem aqui, quer um carinho?

Sorrio, esse “*carinho*” dele, já até imagino o que seja.

— Suas formas de carinho são tão ousadas querido.

— São?

— São!

— É que eu gosto muito de transar amor, você não?

— Adoro.

Ele ri baixinho e me toca a virilha com ardor, meu corpo sobe e me estico adorando a carícia,

estamos os três nus, também não vejo necessidade de que tenhamos que dormir vestidos aqui.

Me viro na cama e fico deitada em cima dele, beijo-lhe a pontinha do nariz e a face, me sinto grata demais por tudo isso, não tem como esconder, não é apenas pelo sexo, mas por quem ele representa na minha vida, no meu casamento, tudo o que estamos construindo é maravilhoso.

— Obrigada por tudo isso, não sei mais como me sentir grata.

Ele fica calado, toca a minha face com a ponta dos dedos, eu o fito, a luz do corredor está acesa, consigo ver sua silhueta, seu olhar azul em meio a luz, o semblante reflexivo.

— Tudo o que é meu agora é de vocês, quero que desfrutem do melhor.

— Já temos o melhor bem aqui ao nosso lado, você.

Ele sorri todo sem graça.

— Tenha certeza de que estou muito feliz Kalel, grata, tantas coisas, viver esses momentos com você e o João me fazem enxergar a felicidade depois de tantas coisas ruins.

— Sei que falhei com vocês, mas estou disposto a mudar mais o meu jeito para que

PERIGOSAS NACIONAIS

possamos conviver bem em família.

Eu o abraço e beijo seu pescoço, meu coração transbordando de alegria, o sentimento forte que me faz querer chorar de felicidade por tudo isso o que está acontecendo em nossas vidas.

— Não chore querida—Kalel pede e beija minha cabeça, me aperta com carinho imenso.

— É de felicidade—admito sincera.— Promete que nunca vai nos deixar Kalel, que não vai mais mentir para nós dois.

— Eu prometo amor.

Eu acredito.

PERIGOSAS ACHERON



— Alô.

—Fernanda?

É a voz do meu pai.

Mal acredito que estou ouvindo a voz dele, fico em choque, dura em ouvir a voz masculina do outro lado da linha, demoro a me mover, não acordei das melhores a pouco, enjoada, inquieta, não dormi direito, não sei o que houve, Kalel bem que tentou, mas não estou bem, não sei por que.

—Fernanda, está me ouvindo?

— O que o senhor quer?

— Liguei para conversar.

— Eu não posso conversar.

—Clara está bem?

— Muito bem.

Ele fica calado do outro lado da linha, não sei porque, mas me sinto tão envergonhada, é mesmo que ele estivesse bem aqui ao lado me olhando, me cobrindo de julgamentos por eu ter feito uma

escolha na minha vida, como se eu estivesse muito errada, algo borrado coisa que nunca quis me sentir na família, pelo contrário.

— Precisava te ligar, falar com você.

— Não tem motivos para me ligar...

—Fernanda, sua mãe sofreu um aborto ontem, ela estava grávida de quatro meses.

Fico calada, meu coração dispara e não sei como reagir diante da notícia, ela me atravessa em cheio.

— Ela queria ter te contado da última vez que você foi a nossa casa, ela estava grávida Fernanda.

Busco apoio no sofá e me sento sem dizer se quer uma palavra, meu coração pula tanto no peito que parece que vai sair pela boca, sinto que começo a passar mal.

— Sei que as coisas entre nós não estão bem, mas eu não sei nem a quem recorrer, sua mãe teve uma hemorragia séria e está internada, o quadro dela é estável, mas o SUS não cobre os gastos do hospital nem a firma, posso pedir que você e o João nos ajudem com um pouco de dinheiro?

— Eu vou falar com ele—digo de imediato.

— Quanto que o senhor precisa?

— Mil reais, eu prometo que pago assim que

eu receber, é que isso nos pegou de surpresa, o hospital do bairro não tinha condições de fazer o procedimento então eu a trouxe para uma clínica particular, meu convênio cobre só metade.

— Sim, eu vou falar com o João agora, acho que podemos dar um jeito, ela está bem?

— Está sim, consciente, mas está muito triste já sabíamos que era de risco, mas aconteceu.

— Eu entendo, vou fazer a transferência agora mesmo, eu ligo no seu celular para avisar.

Percebo que me tremo, as lágrimas começam a cair pois nunca pensei que mamãe passaria por algo assim em toda a vida, uma gravidez a essa altura? Um aborto? Foi tudo tão rápido!

—Nanda, você está bem mesmo?

— Estou—digo a força.— Preciso desligar, já ligo para avisar, até mais.

Desligo a ligação, respiro fundo, tão inquieta e chateada com tudo isso, tonta com todas as coisas que acabei de ouvir, parece que despejam algo pesado no meu corpo e por alguns minutos não consigo me mover fico chorando em silêncio.

Tudo está quieto e em completo silêncio, fora do ar, até que de repente noto a figura preocupada diante de mim, semblante sério e olhos claros Kalel

Thurman me sacode pelos ombros, meu corpo todo se agita com isso então eu o fito em silêncio.

Kalel me encara todo preocupado, estendo as mãos com muito custo e seguro as dele tirando-as dos meus ombros.

— O que foi?—pergunta ele com impaciência.

— Eu... Eu... Eu...—engulo a seco.— Bom, eu preciso falar com o João.

—John?—ele franze a testa.—Fernanda porque está chorando? O que houve? Você está sentindo dor? É algo com os bebês?

— Sim—digo perdida nos pensamentos e ele se apavora.— Quer dizer, sim e não, não com os nossos bebês.

Seguro suas mãos, Kalel se senta ao meu lado no sofá todo tenso, ele está usando uma cueca, acordou agora pelo visto, me viro para ele, sei que não tenho tanto tempo quanto queria, nem que devo, mas...

— Preciso de uma quantia em dinheiro—aviso incerta.— Acho que eu e o João estamos duros, tem como você nos emprestar.

Acabei falando para o meu pai no impulso, esqueci que todo o nosso dinheiro foi para pagar

PERIGOSAS NACIONAIS

antigas dívidas que tínhamos, e ainda temos no Brasil.

— Claro—Kalel não pondera.— Precisa de quanto?

— Mil reais—respondo com bastante vergonha.— Eu prometo que vou trabalhar bastante para te pagar no meu próximo pagamento.

— Amor, tudo bem, você me passa o número da conta para eu pedir para a minha secretária fazer a transação?—Kalel pega o meu celular.— Posso ligar para ela agora.

— É para a conta do meu pai, tem que ser o mais rápido possível, ele precisa desse dinheiro para pagar o hospital onde minha mãe está internada, ela teve um mal estar e acabou tendo que se internar—resumo.— Sei que é muito...

— Precisa do dinheiro para agora?—Kalel indaga mexendo no meu celular.— No Brasil certo?

— Sim.

— Onde ela está internada?

— Eu nem perguntei, mas se puder depositar o dinheiro por agora, já ajuda demais.

— Pegue os dados bancários, não sabia que seu celular não tinha bloqueio.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tenho nada a esconder.

Me levanto, as pernas ainda tremem a beça com o susto, no entanto desço até o quarto, não consigo andar muito depressa e nem sei se posso dadas as circunstâncias sei que devo me manter calma, João ainda dorme agarrado ao meu travesseiro, pego o celular dele em cima do criado e saio do quarto sem fazer barulho, subo para o andar de cima acessando o internet banking dele, temos internet e wi-fi aqui, é muito prático ainda que não estejamos usando os celulares que Kalel nos deu os nossos ainda servem para muita coisa, me aproximo do sofá onde Kalel mexe no meu celular e estendo para ele exibindo os dados de listas cadastradas para transferências bancárias para a conta do meu pai.

Como nos últimos anos ele e mamãe também nos ajudam na hora do aperto, ele sempre faz depósitos para mim, valores baixos porém que ajudam muito quando não temos tanto no mês.

— Mandeí mensagem para a Socorro, ela mesma cuidará disso.—ele informa— O que houve?

— Minha mãe sofreu um aborto espontâneo —digo nervosa.— Ela ficou grávida e perdeu o

bebê.

Ele me encara em silêncio, digita algumas coisas no meu celular e me estende o meu aparelho.

— Ligue para o seu pai e pergunte onde eles estão por favor, hospital, endereço, vou pedir a Socorro que cuide disso para mim, mas preciso que seja logo.

— Está bem—concordo e começo a chorar, é como se me sentisse culpada por isso, sei lá.—
Desculpe Kaleb.

— Amor não precisa se desculpar, não é sua culpa, essas coisas acontecem mesmo—ele se levanta.— Agora vamos resolver isso juntos, ok?

— Sim.

Digito o número do celular do meu pai no celular, só espero que acabe tudo bem.



— E então?

— Ela já está sendo transferida.

João respira aliviado, foi um baita susto para nós três, porém acredito que para ele que já teve mais intimidade com os meus pais seja bem mais complicado, a alguns momentos quando ele acordou lhe contei a história, Kalel estava presente também, mais chorei que tudo com medo de que acontecesse algo de pior com a minha mãe.

Kalel pediu a Socorro para ela ir ao hospital onde papai estava com mamãe e para que ela transferisse mamãe para outro hospital que segundo ele é “*melhor*”, mamãe está com hemorragia devido ao aborto e pressão alta, contudo eu só soube disso porque a Socorro quem contou ao Kalel e ele me disse a pouco.

Meu maior medo começou quando desliguei a ligação do meu pai, porque ele resistiu em me passar o endereço do hospital e me falou nada

apenas que precisava do dinheiro, mas insisti tanto que ele acabou cedendo e me falando o nome do hospital e endereço, ao mesmo tempo que explicava para ele que a Socorro iria ao hospital para levar o dinheiro e dar assistência, Kalel falava com ela ao telefone e dava instruções.

Por sorte, o hospital onde mamãe está internada não é tão longe de onde Socorro mora, ela chegou lá em meia hora e já resolveu tudo, decidi não acordar o João enquanto isso, estava agitada e ansiosa demais, fiz um chá e Kalel me obrigou a comer biscoitos de canela, ele me acompanhou neste rápido chá enquanto aguardávamos notícias, a alguns momentos Socorro telefonou avisando para ele que já havia pago as contas do hospital e pedido a transferência de mamãe para um melhor.

Ou seja, mais caro.

Enfim, ela já está sendo transportada agora para um hospital melhor e terá a devida atenção.

— Você ficou muito nervosa—João toca minha face.— Calma amor.

— Estou tentando ficar calma—nego com a cabeça.— Mas, não consigo, eu juro, eu não esperava por isso.

— A notícia nos pegou de surpresa, mas o que importa é que sua mãe está bem querida, tem que ter paciência—Kalel replica e estende uma caneca de café quente para o João, ele aceita.— Daqui a pouco retornamos para o porto.

— Não queria ter estragado nosso último dia aqui.— Retruco.

— E não estragou—João retruca.— Foram dias muito bons amor, para de se martirizar.

— Me sinto culpada—digo e as lágrimas começam a cair de novo sem que eu queira.— Sinto que eu a machuquei por isso ela perdeu o bebê.

— Não faça isso—alerta Kalel.— Não pense que foi sua culpa, sua mãe fez a escolha dela ao te banir da vida dela, você não tem culpa se ela não aceita nossa união, é culpa dela por não tentar ao menos respeitar.

— Não queria que isso acontecesse...

— Ninguém em sã consciência desejaria isso para a própria mãe—repreende ele.— Mas, aconteceu com ela como aconteceria com qualquer mulher na face da terra, não foi sua culpa.

Ele se senta na beira da cama, engatinho até ele feito bicho acuado e me deito com a cabeça em

seu colo, Kalel toca meus cabelos e se ajeita me colocando deitada com a cabeça em suas cochas, fungo muito chateada com a situação.

— Somos donos das nossas escolhas Nanda, mas não somos donos dos pensamentos alheios e nem da vontade alheia—João reflete.— Não podemos obrigar ninguém a aceitar nossa natureza nem sujeitarmos a aceitação da natureza de ninguém, o que podemos fazer é ser nós mesmos e orarmos para que Deus nos livre da intolerância, do medo e da violência que nos cerca todos os dias.

Fico calada, Kalel me fazendo carinho na cabeça também está muito pensativo e sei que sou muito bem mais consciente agora de todas as minhas decisões, era muito incerta antes quanto as críticas porém acredito que nada seja pior do que ser rejeitada pela própria família.

Acho que é assim que um homossexual se sente, um travesti, uma lésbica, uma criança abandonada, alguém que contraria o que a sociedade define como “*normal*” ou “*padrão*”, porque não ser isso desconstrói tudo o que somos, o que fizemos e o que poderemos ter.

Kalel tem Razão em querer nos manter em segredo ainda que eu tenha pensado em não me

importar, só de lembrar da rejeição e ódio estampados nos olhares dos meus pais, o nojo nos olhos dos pais de João me fazem pensar no quão isso ainda é um verdadeiro tabu.

Chego a conclusão rápida que para as pessoas as coisas funcionam assim: O que não se encaixa é um tabu, o que se encaixa é banal, fútil, corriqueiro, algo que todo mundo tem, como um carro popular por exemplo, um tabu é como ter um iate, coisa que ninguém sabe pilotar, nem para onde leva, nem quanto custa, e ainda sim julga algo banal.

Mesmo que não seja.

— Não foi sua culpa—João determina.— Já faz dias que chegamos, ela já tem idade, como poderíamos adivinhar que ela estava grávida?

— Às vezes a dor da vergonha e decepção causou isso nela, sei lá.—dou de ombros ainda chorosa.

A dor se abre e se encolhe, mas não deixa de ser dor.

— Acredito que você tenha sofrido tanto quanto ela sofreu com tudo e não é justo que se martirize por tudo isso—Kalel se inclina e beija minha testa.— Não chore meu coração, fico triste em te ver assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Só quero que ela fique bem.
- Ela ficará querida.
- Espero que logo.

PERIGOSAS ACHERON



—Mamãe!

O primeiro grito é da Clara e ele vem regado de uma correria sem fim, meu sorriso não poderia estar mais aberto e feliz, Alice se apressa deixando as bonecas de lado e vem correndo na minha direção também, me vem aquela vontade imensa de chorar de novo, mas prendo, porque sei que isso faria muita confusão nas cabecinhas delas.

Me abaixo e pego Clara primeiro, ela se agarra a mim como um filhote de macaco a sua mãe, os olhinhos cobertos de amor e tantos sentimentos quantos nunca poderia descrever, o calor de seus bracinhos minúsculos me confortam e ouvir seu coração acelerado batendo de encontro ao meu me sintoniza, me faz querer estar bem para cuidar dela e lhe dar todo amor e apoio do mundo em todos os momentos da vida dela.

Cubro sua face de beijos e ela vai logo pulando para cima do pai fazendo bico de choro.

— Oh! Meu amor, vem aqui!—João a chama com cara de cachorro.

Alice me abraça de repente e me inclino apertando-a também, beijo suas bochechas, seus olhos, sua testa, ela ri e seu riso se espalha por toda a sala de tão contente que ela está.

— O papai não merece um abraço também Alice?—Kalel questiona ao meu lado.

— Sim—Alice me solta e pula no pescoço do pai toda, toda sorrio.

Kalel a ergue no colo e beija a bochecha dela abraçando-a com carinho, é a primeira vez que eu o vejo tratá-la assim com tanto afeto, isso me deixa tão bem, saber que aos poucos ele se aproxima mais da filha.

— Sejam bem-vindos—Barbara fala se aproximando.— Que bom que ocorreu tudo bem, chegaram na melhor hora, estou preparando um café e fiz um bolo.

Pessoas como a Barbara de longe não trabalham apenas por dinheiro, não “*aceitam*” o estilo de vida alheio por uma quantia, percebo no olhar dela o quanto ela ama Kalel e que faz tudo isso de coração, sem preconceito, sem medo e principalmente de boa vontade, Said também não

nos olha diferente porém não por costume, mas porque ele de fato não se importa com o nosso relacionamento, é muito sistemático.

Nosso trajeto de volta foi silencioso, Kalel veio atrás comigo e o João foi na frente com o Said, deixei o porto para trás e as boas lembranças ficaram no meu coração, foram três dias muito bons para nós, aproveitamos bastante, exceto pelo acontecimento em relação a minha mãe, tudo foi muito além de todas as minhas expectativas, me sinto mais íntima do João e do Kalel e sei que ambos também se sente mais íntimos de mim.

— Sobe amor—Kalel fala.— Levo o seu café.

— Obrigada—digo.— Preciso mesmo de um banho daqueles.

Não posso dizer que estou completamente bem pois tudo o que houve com mamãe me abalou imensamente, contudo ao menos estou mais tranquila porque sei que ela está sendo bem cuidada e em ótimas mãos, a Socorro também está resolvendo tudo e meu pai está lá.

Queria que ela não houvesse passado por nada disso.

— Fico com as meninas—João avisa.—

Quero matar a saudade da minha pimplinha.

— Obrigada amor—sorrio e lhe dou um selinho, depois outro em Kalel.— Eu vou subir então.

Preciso de um banho e de parar de pensar um pouco, ao menos descansar e dormir, tentar saber lidar com os últimos acontecimentos.

Vai ser melhor assim, melhor do que ficar chorando, Kalel e João tem razão, não tenho culpa ainda que me sinta culpada.

—*Nanda?*

— *Oi.*

— *Eu liguei para agradecer por tudo, sua mãe está bem.*

— *É, a Socorro me mandou mensagem.*

E eu não sei nem como agradecer a ela por toda a atenção.

Papai faz um silêncio estranho na linha, um nó enorme se forma na minha garganta e me pergunto pela milésima vez se o fato de eu ter escolhido viver uma união com outros dois homens foi a pior decisão que tomei na vida mesmo, acredito que nós que somos pais devemos amar nossos filhos, aceitá-los, mas não é isso o que de

fato acontece pelo visto em relação aos meus pais.

— *Nanda?*

— *Sim?*

— *Quero que saiba que não era nossa intenção te magoar.*

— *Tudo bem.*

Não há o que dizer, porque sei que os meus pais não perdoarão nunca, ainda que eu saiba que não se trata de perdão e sim de respeito, é compreensível que eles não tolerem a minha escolha, mas não é compreensível nada do que fizeram, acabou que eu vim para cá e fiquei como a errada da história, quando na verdade eu só quero poder encontrar a minha felicidade ao lado do João, essa foi a nossa escolha, no mínimo que nossos pais respeitassem e nos deixassem viver como queremos.

Ao invés disso, foi toda aquela baixaria sem tamanho, as brigas, as discussões, os tapas, fico me perguntando se isso faz com que eu me torne uma filha ruim, se todos esses anos eu não tenho feito o que eles queriam, tive as melhores notas, me casei virgem, estudei muito e quando comecei a ganhar um dinheirinho fui depositando na conta da minha mãe, eu os ajudei a reformar a casa deles, eu

sempre fui presente, carinhosa com ambos, fui uma boa filha e fiz tudo o que estava ao meu alcance para ajudá-los como eu podia, e, no entanto, tudo isso foi jogado no lixo pelo fato de que aos olhos deles, minhas decisões não foram certas.

Não sei se aceitaria isso por parte da Clara ou da Alice, mas eu, com certeza não bateria na cara delas e as expulsaria da minha vida.

—*Nanda?*

Saio dos meus pensamentos com a voz trêmula do meu pai do outro lado da linha, estamos tão longe quanto poderíamos estar, limpo as minhas faces, tento tanto ser forte e mesmo que eu não consiga ok, mas ele não precisa saber disso.

— *Espero que ela fique bem, vou mandar dinheiro para ajudar com o acompanhamento.*

— *Filha, sei que falhamos com você, sua mãe e eu não esperávamos a esta altura da vida presenciarmos isso para você, é difícil.*

— *Eu sei que é e entendo que não me queiram por perto, mas essa é a minha decisão.*

— *Acha que vai ser feliz vivendo com dois homens Fernanda? Sendo uma prostituta?*

— *Não sou uma prostituta papai—nego e as lágrimas caem.— Eu não sou uma puta como o*

senhor pensa.

— Eu não queria dizer isso!—papai replica nervoso.

Tento engolir o choro mas não consigo.

—Nanda.

— Eu vou desligar—digo trêmula.— O que precisar a Socorro irá ajudar, tchau pai.

E desligo.

Deixo o celular sob o batente do lavatório, lavo o meu rosto, seco bem com a toalha e depois me ergo e vejo refletido no espelho, o homem de olhos azuis-claros e cabelos escuros, me encara tão chateado, segura uma caneca de cor preta na mão, o cheiro de chá invade minhas narinas deixo a toalha de lado e me viro, tento sorrir.

— Vai para o Brasil?—Kalel pergunta com a voz baixa.

Ir para o Brasil?

Fico bem surpresa com a pergunta dele uma vez que eu e o João não temos planos de ir embora, espero que não mais.

— Por que a pergunta?

— Sua mãe, ela precisa de vocês lá, entendo que esteja sofrendo e entendo também se quiser ir —Kalel fala de onde está.— Sei que o que eu

ofereço não é certo ao ver dos pais de vocês e compreendo que vocês tem as suas famílias.

Nossa.

Abro a boca para falar, mas ele nem deixa.

— Eu posso ficar indo ver vocês uma vez a cada mês?—Kalel questiona.— Prometo que serei fiel e discreto, que os pais de vocês não saberão sobre nós 3.

—Kalel de onde você tirou que quero ir embora?—pergunto chateada.— Para com isso! Já quer se livrar de mim?

— Não—ele basicamente berra.— Claro que não, só que é a sua mãe certo? Ela precisa de você!

— Ela já está bem meu amor—explico e me aproximo.— Para de ficar falando essas coisas.

Os ombros dele descem devagar e sobem com mais pressa, depois ele se aproxima com a caneca e me entrega, estende os dois braços e me puxa, sorrio.

— Não vou embora Kalel, não tem porque ficar com medo, estamos casados.

— Não quero que vocês vão embora—ele beija a minha testa.— Eu não me enxergo mais sem vocês 3 nesta casa.

— Nem eu querido—afirmo e beijo seu peito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Era o meu pai.

— Ele disse algo que a machucou?

— Sim, contudo isso não faz diferença, acho que estou sensível por conta da gestação.

— Deve influenciar muito.

— Demais—bebo um pouco do chá.— Eu choro feito um bebê as vezes.

—John quer tomar banho agora—Kalel explica.— Eu também acho que preciso de um banho, trouxe seu bolo, a Bah vai trazer as meninas.

— Vamos fazer uma sessão de cinema?

— Esse é o intuito.

— Você está tão família!—sorrio abertamente.— Está se superando.

— Você acha? Eu disse que era um bom pai, eu só não disponho de muito tempo, nunca faltou nada para Alice, nem vai faltar para vocês e a Clara.

Ele não fala muito dos bebês, mas toca a minha barriga com carinho, beijo seu pescoço e seu pomo de adão, Kalel respira fundo e me beija devagar, bem devagar, mas tão intensamente que perco o ar fácil, meu coração dispara.

Andamos pelo banheiro enquanto nos

PERIGOSAS ACHERON

beijamos e ele toma a caneca de chá da minha mão, depois ele a coloca sob a pedra do lavatório e me ergue me colocando sentada ao lado da caneca, eu o puxo pelos ombros e o beijo de novo ouvindo o som da porta sendo fechada.

João passa a tranca na porta e passa direto por nós dois, Kalel deixa meus lábios e abre as minhas pernas me puxando de encontro aos seus quadris, abre o roupão que visto sem pensar duas vezes e aperta os meus quadris, ele mordisca meu seio direito com gosto, meu corpo sobe, olho para o meu marido, ele liga a banheira e começa a se despir enquanto nos observa tranquilamente.

Desço do batente e vou até ele com pressa, me ajoelho diante sua cadeira e abro o zíper do jeans que ele usa, Kalel puxa meus quadris para trás, João tira a toalha dos meus cabelos e a joga para longe, Kalel toca a minha intimidade com força, arfo e levo um tapa bem servido na bunda, ele abaixa e sem mais delongas me penetra com força, gemo alto, minha mente fervilha bem como meu corpo todo se arrepia com a sensação de ser penetrada assim.

Puxo o membro do João e coloco na minha boca, começo a chupar ele devagar, chupo com

gosto, ele me puxa os cabelos e move minha cabeça com mais força para ele, abro as pernas deixando que Kalel entre todo dentro de mim, grito.

— Sem gritos.—João ordena e me dá um tapa forte no rosto.

Afirmo com um assentir de cabeça e deixo ele me colocar de novo para chupar ele, minhas mãos são rápidas, vou tirando seu jeans com pressa, ele ajuda e está tão relaxado na cadeira que isso pela primeira vez na vida não parece envergonhá-lo.

Nunca fizemos nada com ele sentado em sua cadeira, o João se sente incapaz.

Me ergo puxando sua camisa para cima e arfo me apoiando nos braços da cadeira enquanto Kalel mete em mim com intensidade, minha boca procura a dele sem receios ou barreiras e nossas línguas se tocam sem pressa, as mãos dele toca minhas faces e a minha mão desce até onde gosto e eu o masturbo devagar, nada condiz com o ritmo de Kalel, mas é gostoso assim, com um intenso, com o outro mais lento, adoro isso.

Kalel sai de dentro de mim e me puxa pelos cabelos, subo e giro ficando de frente para ele, João me puxa pelos quadris e Kalel afasta minhas pernas

para os lados ficando de joelhos de frente para nós dois, ele puxa o roupão do meu corpo e me sento sob a ereção do João perdendo o fôlego, Kalel me segura pelos quadris e me suspende sem nenhuma dificuldade me movendo em cima do João, ele beija meus seios devagar, minha barriga e desce mais até meu clitóris, me inclino para trás, e beijo os lábios do João e tudo fica tão gostoso.

— Papai—chamo com voz entrecortada.— Gosta assim?

— Gosto—João fala e aperta o meu seio depois ele estende a mão e puxa os cabelos do Kalel.— Chupa isso direito!

Kalel me mordisca e estremeço da cabeça as pés adorando o prazer que me proporciona com a língua e João metendo mais devagar em mim.

— Deve dar um apelido para ele—João diz entre o beijo.— Para ele não se sentir excluído.

— Pode me chamar de: Senhor Prazeres!— Kalel diz e me chupa com força.— Chama!

— Ai—grito involuntariamente.— Isso Daddy!

— Esse também serve—Kalel diz e se ergue deixando beijos quentes no meu corpo até chegar a minha boca.— Vou te chamar de buceta doce!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa!—exclamo sem ar e acho graça, e continuo a me mover em cima do João.— Porque não apenas Nanda?

— Porque a sua buceta é doce ora—replica ele me fitando com uma cara de safado.— Melhor irmos para hidro.

— Eu concordo.—João fala e mordisca as minhas costas.

— Vocês dois me deixam louca—digo e fecho os olhos.— Não me dão tempo para sentir tristeza, vivem cheios de fogo.

— Assim é bom amor—Kalel me puxa.— Vem “*papai*”.

— Vai se foder—João fala tirando o par de tênis com pressa.— Puto.

Entro na hidro e Kalel fica atrás de mim, me inclino e mordisco o ombro do João, ele está de costas para nós dois, Kalel me penetra bem devagar na bunda e me seguro na borda da banheira, não dói tanto, só incomoda um pouco.

— Você não pode ver esse rabo não é mesmo?—pergunto e me inclino para trás sentando mais nele.— Ah! Daddy!

— Você é tão gostosa quando trepa assim conosco—ele ergue meus braços para cima e aperta

PERIGOSAS ACHERON

meus seios, puxo seus cabelos.— Quero chupar mais, mas também quero meter mais em você, fico igual a um menino uma doceria, não sei o que escolher.

— Escolha o que mais gosta.—digo e começo a me mover encostando o corpo no dele.

— Quero tudo querida—Kalel justifica.

João de repente está na banheira, ele se inclina e me puxa abrindo mais as minhas pernas, afastando-as, Kalel estende as duas mãos e o puxa.

— Com licença—ele diz e deposita as duas mãos nos quadris do João, a banheira está quase pela metade.— Abra as pernas querida.

Puxo as pernas para frente sem que ele saia, eu as abro e o João se segura na borda da banheira, ele se aproxima mais e abaixa, Kalel puxa seus quadris para cima e ele me penetra na frente com firmeza, gemo de novo e sorrio incrédula, ele fica de joelhos, me beija devagar e começa a se mover devagar com a ajuda do Kalel.

Poxa que Delícia!

Kalel meio que se senta e se curva se movendo em nosso ritmo mais lento, me seguro no João e me movo com ambos tocando o corpo do meu primeiro marido, seus braços, seu peito, ele

toca a minha face com carinho, sorrimos um para o outro, é tão diferente e ao mesmo tempo tão igual.

Fecho os olhos e toco os cabelos do Kalel, tento alcançar sua bunda, ele beija o meu ombro e o meu pescoço, eu o fito por alguns instantes, meu coração dispara e perco por alguns sentidos a sanidade deixando que gritos imensos saiam pela minha garganta, um choro arrastado e coberto de prazer causado pela dupla penetração.

O orgasmo me toma com tanta força que se torna longo.

Kalel mete mais fundo na minha bunda, João morde meu pescoço e me abraça me deixando sem ar algum nos pulmões, Kalel me empurra e João se senta na banheira me levando junto, ele se apoia no batente, Kalel se inclina sob meu corpo e começa a foder com tanta força que meu corpo pula na água, João me segura e tapa a minha boca com a mão, tapo a dele também, porque enquanto Kalel mete na minha bunda sento com força no João.

— Papai!—chamo em português num sussurro.— Daddy, quero mais, mais!

João aperta meus seios com força e segura as minhas mãos para cima pressionando meus pulsos, então ele morde os biquinhos dos meus seios, Kalel

me empurra e monta em cima de mim fodendo gostoso, beijo João adorando a violência dos dois, as metidas intensas, o jeito como meu corpo roça no do João, desliza para cima e para baixo.

— Isso querida—Kalel aperta meus ombros com força e investe com pressa.— Isso!

Me seguro no João e outro orgasmo violento me enche o corpo mais uma vez, Kalel goza na minha bunda, ao mesmo tempo que o João goza na minha vagina, trepido e arfo mais uma vez esperneando, presa entre os dois homens potentes, entre suas ereções enfiadas no meu corpo.

O prazer se espalha por nós três e partilhamos desse momento juntos, de igual para a igual, satisfeitos, apenas completos.

— Amanhã tenho que ir a empresa!

Kalel deposita um beijo carinhoso no meu ombro, Clara e Alice dormem em um colchão ao lado da nossa cama, ambas de pijamas dividem o mesmo cobertor, Clara não quis ir dormir no quarto dela tão pouco Alice, assistimos filmes juntos por todo o resto da tarde, estava meio esgotada depois do momento à três na banheira então acabei dormindo em boa parte dos filmes, quando acordei

já era hora do jantar, as meninas estavam querendo carinho, atenção, assim como os dois pais delas, não sei dizer quem me adulou mais, me agradou mais, me senti tão amada.

Estou sendo mais amada agora.

Não pelo sexo, mas porque os dois se preocupam comigo, me amam e querem que eu fique sempre bem, apesar de que nesse momento as coisas não estejam boas para mim, estou mais tranquila agora do que estava mais cedo.

Acordei a pouco, Kalel e João estão vendo um filme da Marvel, sussurrando, trocando farpas amigáveis, já passa das 02:00 da manhã.

— Queria que não fosse—admito baixinho.
— Queria que ficassem comigo no nosso canto.

Não gosto de sentir que preciso de ninguém, minha relação com o João não é assim, mas quando se trata do Kalel as coisas mudam de contexto nesse sentido, estou tão carente.

— O que o seu pai disse?—João pergunta e se apoia no cotovelo.

— Não quero falar sobre isso.—respondo e já fico inquieta só em tocar no assunto.

— Não quer conversar?—João toca a minha face.— Pode falar amor, estamos aqui para te

apoiar.

Sei disso, mas... E se isso só causar raiva neles? Não nos levará a nada, sei que não é verdade.

—Fernanda—Kalel chama.

Me ergo e saio de cima dele, fico entre ambos, sei que não vão desistir.

— Ele me chamou de prostituta, disse que não esperava que a essas alturas da vida eu me envolvesse com dois homens—digo olhando para o teto.— Isso me entristece, mas não quero que vocês dois odeiem ele por isso.

— Não acho certo que ele ligue para falar essas coisas—Kalel fecha a cara, ainda que relaxado.— Você não é isso meu amor.

— Eu sei—respondo.— Mas, é muito ruim.

— Papai já me ligou várias vezes, eu não atendo as ligações dele, nem da minha mãe nem da Paula—João reflete carrancudo.— Eles não tem esse direito, temos que deixá-los de lado.

— Não me sinto mal por nosso relacionamento, eu tenho certeza do que quero, mas é triste perceber que meus pais não respeitam a minha decisão e me veem dessa forma, sei que o que fazemos não é certo aos olhos dos outros nem

aos olhos de Deus, mas ninguém tem o direito de nos julgar além dele—replico e abraço o meu travesseiro.— Não me sinto mal por isso, é pecado que eu ame os dois?

— Ninguém pode dizer que isso é pecado— Kalel estende a mão e toca a minha face.— Você não pode se deixar abater.

— Nos amamos Nanda, queremos isso, não é errado que nos amemos e vivamos como queremos —João replica.— Você não se sente segura do que temos?

— Me sinto, mas não é todos os dias que se ouve seu pai te chamando de prostituta—começo a chorar.— Estou tão machucada com isso, me preocupei tanto com a minha mãe, sinto que foi atoa sabe? Não me sinto mais merecedora de chamá-los de pai e mãe, isso é triste.

— Pelo contrário, eles não a merecem— Kalel pragueja.— Não chore sim?

— Isso é tão injusto!—reclamo.— Se eu fosse homem não seria vista dessa forma.

— Meus pais também não aceitaram Nanda! —João toca meu ombro.— O que importa é que nos amamos lembra?

Estou passando minha insegurança para

PERIGOSAS NACIONAIS

ambos, coisa que não quero, porque não desejo me separar nem de um nem do outro, quero ficar com eles para sempre, se assim eu puder.

— Sim—afirmo.— Nos amamos muito, amamos nossa família, nossas filhas e os nossos bebês que virão.

— Então, não tenha medo amor—João me abraça.— Estamos aqui para o que der e vier.

— Eu vou cuidar para que sua imagem fique preservada, ninguém nunca irá te ofender em relação a isso—Kalel me abraça por trás também.

— Te amo querida, não chore!

— Ficarei bem.—respondo sincera.

Ficarei mesmo!

PERIGOSAS ACHERON



Acordo, levo alguns instantes para me mover, escuto algo que lembra uma voz feminina coberta de dureza, bocejo e procuro Kalel e João na cama, não os acho, olho para o lado e a cama está vazia, nem Kalel nem João aqui, nem as meninas, há um bilhete na cama ao meu lado esquerda, pego o papel ainda sonolenta, leio.

“Fomos ao mercado com a Barbará, comprar o material escolar da Clara e da Alice, voltamos em alguns minutos, te amo, João”

Ps. Não beije muito o Thurman.

Sorrio toda boba, me sento na cama me acomodando e me estico, depois ouço de novo algo que lembra um grito feminino, dessa vez coberto de histerismo, dou um pulo ao ouvir o berro mesmo sem entender, saio da cama um pouco preocupada.

Não é a Clara, não é a Alice, sei que a Barbará também não é, quem pode ser?

Saio do quarto colocando a camisa do pijama,
PERIGOSAS ACHERON

uso uma cueca do João para dormir, ando pelo corredor e a cada passo me aproximo mais da discussão, dos berros e gritos, não faço barulho enquanto me aproximo do corredor que leva para a escada, desço a escada devagar e caminho até a sala em silêncio, posso escutar a respiração forte daqui, parece um touro bufando ou coisa assim.

Ando na ponta dos pés até a parede e fico parada aqui sem entender porque estou dentro da minha própria casa ouvindo berros de alguém que nem faço ideia em segredo, então espio pelo canto da parede e fico analisando a frieza estampada nos olhos do Kalel, ele está com os braços cruzados, usa ainda a calça do pijama, mas está sem camisa, os cabelos bagunçados dando sinais nítidos de que também acordou neste momento.

Não muito longe dele tem uma senhora de cabelos brancos e lisos, bem, devo chamar essa mulher de senhora? Ela não parece ter nem 50 anos direito, exceto pela cor platinada do cabelo, quase não tem rugas, usa um vestido preto justo e sapatos altos, tem lábios cor de carmim e olhos azuis como o mar, sobrancelhas finas e escuras e seios bem avantajados.

Muito bonita e apenas um pouco mais velha

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu.

É branca, magra e mais alta que eu, nariz fininho e pontudo e maçãs do rosto que denunciam algum procedimento estético.

— Eu quero que isso acabe agora!—grita ela e dou um pulo de onde estou.

— Não vejo necessidade de que grite Lynn—Kalel responde sem ao menos pestanejar.

— Não?—ela solta outro berro—Onde está essa vadia preta hein? O que acha que as pessoas vão pensar?

— Eu vou dar duas alternativas para você...

A voz dele não se altera, mas ele nem consegue continuar a falar, a mulher avança na direção dele, arregalo os olhos e uma adrenalina louca me toma o corpo, meu coração dispara, Kalel estende a mão e se precipita impedindo-a de bater em sua face, respiro com rapidez espantada com a velocidade dessa discussão, eles dois trocam um olhar duro e sério, ela parece querer matá-lo e ele a fita com ódio.

— Não ouse se referir a minha mulher assim—Kalel diz entredentes.—Acho bom que vá embora da minha casa ou eu vou ter que ligar para o seu marido vir te buscar!

PERIGOSAS ACHERON

Marido?

— Você não tem esse direito—ela fala com o peito inflamado de um tipo de orgulho.— O que as pessoas pensarão?

— O que as pessoas pensarão?—repete Kalel e solta a mão dela.— O que eu penso não importa para você?

Ela não responde, agora ele está muito bravo, passa a mão nos cabelos todo nervoso e se afasta respirando fundo.

— Olha, vai embora, faz um favor some da minha vida e da vida da minha filha.

— Alice merece mais que você!

— Ah é, ela merece ser criada por uma avó que é racista e que não se preocupa com nada além de plásticas e ler uma revista, que tipo de mãe é você Phoebe Lynn?

Nossa! Ela é a mãe dele?

— Eu sou a única mãe que você tem deveria ser grato porque me preocupo.

— Ah é, sua preocupação incluiu pagar um detetive para me vigiar?

— Só quis cuidar de você!

Ela ainda está muito brava Kalel, no entanto, a olha como sentisse uma espécie de desprezo ou

algo assim, ele a detesta, mal consigo acreditar que essa mulher linda e esbelta é a mãe dele.

— Seu pai...

— Eu não tenho pai a alguns anos, ou esqueceu que o seu querido marido me expulsou de casa?

— Tudo culpa da influência daquela vadia da Melissa.

— Não meta a minha tia nisso.

— Claro, ela sempre te deixou fazer tudo o que queria não é? Ir a puteiros, se envolver com homens, mulheres.

— Você não sabe nada sobre mim, porque não vai cuidar daquele corno do seu marido? Dos seus filhos viciados!

Nossa!

Meu coração se encolhe em ouvi-lo falando assim com sua própria mãe, ela respira fundo e percebo o quanto apesar de disfarçar, ela está atingida com isso, Kalel não deveria falar com ela assim, não mesmo.

— Vai perceber que isso é um erro Kalel, ninguém em sã consciência verá essa união com bons olhos, você vai se arruinar por conta dessa mulher, ou até que enjoje dela irá pagar as duras

consequências, apenas vim para avisar que não somos a favor dessa união.

— Pedi sua opinião?

— Sabe como seu pai é, quando ele souber disso...

— O que? Ele vai me espancar como fazia quando era criança enquanto você ia ao spa?

Ela se endireita e mantém a cabeça erguida, é tão estranho vê-lo agir assim, porque ele era muito frio quando nós conhecemos, agora não é mais e é assustador que ele fale assim com a própria mãe.

— Me preocupo com você...

— Se preocupa com seu nome, sua reputação, porque afinal de contas você não sabe fazer outra coisa, se já não bastasse ter estragado todos os seus filhinhos agora quer estragar a minha vida também!

— Sempre fiz o que pude pelos seus irmãos, por você!

— Ah, mas é claro, transando com um dos sócios do papai na frente da gente, na cama dele, e ele num puteiro comendo quem via pela frente, inclusive suas amigas, quem sabe se Jude não é filha dele?

— Pare Kalel!—ela berra e respira fundo.—

Essas insinuações são absurdas.

— Absurdo é você querer mandar na minha vida depois de tantos anos, deveria ter pensado nisso antes de ter negligenciado minha criação.

— É algum tipo de vingança isso?

— Não.

— Então o que é? Já não basta levar uma vida suja ainda vai se casar com aquela preta desqualificada?

Meus músculos do corpo enrijecem e meu corpo todo se enche de uma espécie de nojo, mas não me movo.

— Já estamos casados Phoebe Lynn, não precisa se preocupar.

— E o marido dela concorda?

— Ele também é parte disso.

— E acha normal?

— Dá para fazer o favor de ir embora?

— Não é bem-vindo a minha casa com essa mulher.

— Nem você na minha—Kalel responde.—
Silas!

Grita o nome do motorista tão alto que dou um pulo, Silas vem do rumo da cozinha todo apressado, Kalel e sua mãe trocam olhares com

farpas.

— Acompanhe a minha mãe até o carro dela, não quero que ninguém entre na minha propriedade sem a minha permissão a partir de hoje.

— Sim senhor—Silas fala apressado.— Senhora, vamos.

— Você é um desgosto Kalel—ela fala e pega a bolsa de couro em cima do sofá, sempre de cabeça erguida.— Contarei ao seu pai, reze para que ele não mande matar essa negrinha inútil.

— Por favor, diga a ele que tente—Kalel sorrio muito calmamente.— Terei muito prazer em matar ele com as minhas próprias mãos.

Ela vira as costas e começa a sair da sala toda apressada.

— Eu vou tacar fogo nas coisas da Alice.— avisa ela como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Tente—Kalel sugere.— Boa viagem mamãe querida.

— Vai pro inferno.

Senhor!

Kalel respira fundo quando a porta da sala se fecha e logo em seguida ele passa a mão nos cabelos todo nervoso, conheço, ele começa a

PERIGOSAS NACIONAIS

caminha para o rumo da escada, me apresso, volto para o quarto correndo, então entro no banheiro e encosto a porta, ligo o chuveiro e me dispo rapidamente, só dá tempo de me enfiar na ducha e escuto o som dos passos dele no lugar.

— Amor?—Kalel chama.

— S-sim?—respondo afastando o nervosismo.

—John e Barbará sairão com as meninas, vou preparar nosso café está bem?

— Tá—penso rápido.— Não vai a empresa?

— Não—Kalel diz.— Temos que conversar, acho que não iremos mais a casa dos meus pais.

— Está bem, desço em 10 minutos.

— Ok.

E sai do banheiro.

Respiro fundo e de novo e mais uma vez.

— E eu que achava que estava na pior.

PERIGOSAS ACHERON



— Minha mãe esteve aqui a alguns minutos.

—Esteve?

Faço minha melhor cara de surpresa, por mais que não esteja eu sei que ela acabou de sair, aquela mulher é uma das mulheres mais bonitas que já vi em toda a minha vida, mas também a que tem o coração mais ruim de todo e qualquer ser humano que já conheci.

Não gosto nem de lembrar do que ela falou ao meu respeito, acho tão absurdo.

— Esteve, você não ouviu os gritos?

— Bem, eu ouvi.

Kalel respira fundo, ele me estende uma xícara de café e se senta ao meu lado à mesa.

— Não sei o que passou pela minha cabeça em pensar que poderia te levar para conhecê-los, eles não mudam sabe?—ele diz com pesar.— Sinto muito amor.

— Não sinta—replico.— O importante é que
PERIGOSAS ACHERON

estamos bem.

— Queria sentir mais o apoio dos meus pais ou algum apoio em vários sentidos da minha vida, ao menos você e o John contaram com o apoio dos seus pais durante toda a vida.

— Toda família tem defeitos.

— Me envergonho de fazer parte dessa família, vou ligar para minha tia, conversar com ela, ela tem que tomar alguma providência.

Sinto que essa tal Melissa é o único apoio que Kalel tem, a pessoa de seu sangue que não o recrimina nem o pune por ele ser quem ele é.

— Ela vai conversar com alguns outros parentes, quero meus pais longe de nós.

— Disse a sua mãe onde morava?

— Ela mandou um detetive atrás de mim, ele nos seguiu do porto até aqui.

Não estou surpresa, ouvi a conversa, mas isso é tão absurdo!

— Eu quero vocês em casa por enquanto, não quero que vocês se arrisquem, conheço meus pais, eles vão tentar se aproximar de vocês e fazer mal, acredito que a minha tia Melissa possa nos ajudar nesse sentido.

—Kalel, sua família representa perigo para

você?

— Sim, infelizmente.

Ele desvia o olhar para o prato, pega o sanduíche que preparou e começa a comer, pego as torradas que ele fez para mim, fico mexida em vê-lo de repente triste, medroso, Kalel não é um homem de ferro e ele pelo visto tem muito mais medo da mãe do que aparentou durante a discussão.

— Não vou permitir que se aproximem de vocês, eu prometo que a nossa vida...

— Amor, calma!—peço e toco seu ombro.— Respira, calma!

— Você não conhece a minha mãe—ele reclama com cara de choro.— Juro por Deus que se eles se atreverem a se aproximar de vocês eu faço uma grande merda.

Me ergo e estendo os braços para ele, Kalel me abraça pelo tronco e encosta a cabeça na minha barriga me apertando com força, ele tem medo de que as pessoas de sua família nos faça mal, contudo não acho que ele deva ficar nesse estado de nervos.

— Desculpe—Kalel fala baixinho.— Me desculpe por tudo o que ela falou, eu não sou mais como ela, eu amo sua cor querida, sei que ouviu.

— Não me importo com o que ela disse—

replico e o abraço com carinho.— Eu sei que você não é igual a ela, você é bom Kalel, você ama a sua filha e sua família, ela não te merece ter como filho.

—Já fui uma pessoa de coração ruim sabe? Mas depois de te conhecer eu mudei um bocado— admite ele e beija o meu ventre.— Nossos bebês ficarão bem, nossas filhas, o John, juro por minha vida que ninguém se aproximará de vocês, nenhum Baltazar.

— Ah, mas isso não é verdade porque tem um bem aqui me apertando.—respondo e tento sorrir.

As mãos dele apertam meus quadris e ele me puxa para baixo, eu o beijo com muito carinho, toco suas faces sentindo as lágrimas quentes escorrerem por meus dedos, não sabia o quanto isso poderia feri-lo, magoá-lo, eu mesma estava alterada quando a mãe dele foi embora, no entanto me acalmei, Kalel pelo visto não.

— Não tenha medo amor—digo.— O que importa é o que temos, lembra?

— Sim, mas se eles tentassem alguma coisa contra vocês eu não sei o que faria meu amor, eu ficaria sem chão, você não tem noção do que essa

gente é capaz—retruca ele choroso.— Não me perdoaria.

—Kalel nada de ruim vai acontecer!

— Vou ligar para a minha tia, pedir uma opinião ao Nick, só ficarei sossegado quando estivermos plenamente seguros ok? Até lá atenção redobrada!

— Se você me prometer que ficará bem, ok.

— Ficarei.

Kalel se afasta, sai da cozinha, respiro fundo.

— E eu que achava que os problemas haviam acabado! Só que não!



— Bom dia Senhora!

Não gosto desse “*senhora*” que a Barbara usa para se referir a mim, porém acredito que ela não saiba mesmo se referir a mim de alguma outra forma além dessa, é senhora “*isso, aquilo e aquilo outro*” desde que cheguei.

Estou surpresa que ela esteja entrando tão cedo no nosso quarto, até perceber que os dois cantos da minha cama estão vazios e que quando ela abre as portas da sacada a luz que entra no quarto já é bem mais forte do que algo que lembre uma manhã.

Está mais para tarde.

—Bom dia?—pergunto e me sento na cama.

— O senhor Thurman foi a empresa e o senhor Carvalho foi a empresa com ele, eles levaram Alice e Clara para passear, mas já chegaram para o almoço.

— Almoço?—arregalo os olhos espanta.

— Sim, almoço—repete Barbara arrumando as cortinas das janelas do quarto.— Todos a esperam no andar de baixo para o almoço juntamente da senhora Melissa Baltazar, do menino Nick e da esposa dele Joane Carsson.

Senhor!

Melissa? Menino Nick? Joane Carsson?

— Eles vieram para passar a semana, é aniversário da senhora Melissa, ela veio com o esposo Jeremias Carsson—explica Barbara com naturalidade.— Obviamente que o menino esperava a visita só para alguns dias, porém são muito bem-vindos.

— E... E...Bem... Eu...

— Não precisa ter medo Senhora, Melissa e Nick tem a mente aberta, Joane também, você adorará conhecê-los, são a única família do Kalel, tenho certeza de que adorará conhecê-los e vice e versa.

— Está bem.

Não acho que esteja assim tão pronta para conhecer os parentes do Kalel, ainda estou tentando me adaptar a Barbara, ao escândalo que foi ter que ouvir os berros da mãe dele ontem pela manhã, gostaria que as coisas fossem diferentes, a forma

que tudo está acontecendo, é muito rápido, contudo em algum momento sei que irei conhecê-los e bom ou ruim as coisas terão de fluir.

Não fluíram com a mãe dele, mas creio que possam fluir com os parentes.

Ontem foi um dia bem estranho, inicialmente pela visita da mãe do Kalel, depois porque pelo resto do dia ele estava longe falando ao celular, mexendo no notebook e longe de mim, do João Gabriel, quando ele chegou com as meninas eu estava tentando apenas relevar todo o mal entendido que houve com a mãe do Kalel mais cedo.

Chamei o João para conversar e expliquei o que houve, até que a distância entre Kalel e nós é compreensível agora, acho que ele estava pedindo ajuda a tia, claro, para ela vir tão rápido, possivelmente ele ligou e falou o acontecido.

Olho para Barbara meio fora do ar e me pergunto como ela sobreviveu tantos anos na casa dos pais de Kalel, como era seu relacionamento na casa dos Thurman, se os Baltazar descriminaram ela de alguma forma, parece meio impossível que a mãe do Kalel tenha tolerado alguém próxima de ser ao menos parda perto de seus filhos, tão pouco uma

mulher negra.

— Barbara, como era na casa dos pais do Kalel?

— Como assim senhora?

— Como eles te tratavam?

— Bem.

Bem?

Aquele monstro racista que me chamou de “*preta*” tratou você bem? Pelo Amor né? Conta outra!

— Nunca te trataram diferente por sua cor?

Barbara me olha e desvia o olhar para o lado toda constrangida, sinto que não pensei direito quando fiz a pergunta.

— Me desculpe Barbara se de alguma forma te ofendo.

— Cheguei lá com 11 anos de idade senhora, meus pais eram muito humildes e vieram do Sul para trabalhar, eu era uma menina que lavava pratos e trabalhava de babá, se me destratavam por minha cor? Sim, mas eles nunca chegaram de fato a me humilhar por isso, porque a pergunta?

— A mãe do Kalel veio aqui ontem.

Depois que revelo os olhos dela se enchem de uma espécie de raiva, diria um rancor ou algo

assim.

— Ela lhe disse algo senhora? A ofendeu?

— Digamos que não diretamente—respondo entre um suspiro longo.— Ela disse ao Kalel, sei que isso o machucou muito, ele se sente ameaçado.

— É por isso que ele está no canto dele—Barbara se aproxima da cama e se senta diante de mim.— Senhora, não sou de me meter, mas posso pedir algo?

— Claro Barbara.

— Se mantenha o mais longe possível dessa família, por onde eles passam deixam uma marca de sangue enorme—pede ela muito séria.—Kalel a ama, ele cuidará para que todos fiquem bem, mas por hora o melhor a fazer é se manter bem afastados deles.

— Porque fazem isso Barbara?

— Essa gente não tem alma senhora, eles não tem coração—é como se uma dor a tomasse de repente e ela mudasse de brava para magoada, olha fixamente para mim, mas está muito longe.— Certa vez o menino quase morreu num acidente, ele suspeita de que foram os filhos “*dela*” que fizeram isso.

Filhos dela? Dela quem?

Fico me indagando sobre essa afirmação e tentando entender sobre a quem ela se refere, mas, de repente, escuto o som da porta sendo aberta, dois segundos depois, Kalel entra no nosso quarto usando uma calça social cinza e uma camisa branca engomada, gravata, as mangas dobradas e todas essas tatuagens que o deixam com cara de quem não presta a amostra.

Barbara se levanta apressada, ela vai com o cesto de roupas sujas para o banheiro, Kalel se aproxima com um semblante um pouco melhor do de ontem, ontem não teve carinho antes de dormir nem abraços, não da parte dele, ele dormiu num canto da cama todo distante.

Queria que ele não se sentisse assim tão pressionado.

— Bom dia.—Kalel fala me fitando.

— Bom dia, vou tomar banho—aviso e puxo os cobertores.— Não demoro, quer que eu use algo mais arrumado para conhecer seus familiares?

— Não precisa—ele estende a mão e segura meu pulso.— Tudo bem?

— Sim—digo sem graça.— E você?

— Bem também—responde ele e segura a minha mão, a ergue e a beija delicadamente.—

Desculpe não ter avisado, mas dadas as circunstâncias achei melhor que eles viessem logo, eles também moram aqui em São Francisco.

— Que bom!—exclamo.

Ficamos calados nos olhando, ele segura minha mão e acaricia com o polegar toda ela, seu olhar tem significado e está mais calmo até que Kalel se levanta e solta a minha mão, o calor se esvai rapidamente, sinto que ele está tão travado perto de mim, não gosto disso.

— O que foi?—pergunto incerta.

— Não quero falar sobre isso.—responde ele.

— Temos que falar sobre algo Kalel?

— Temos—afirma ele e enfia as mãos nos bolsos.— Eu quero conversar com você e John, mas só depois que minha tia se recolher assim como o Nick e os demais.

— É algo grave?—pergunto.

— Não muito.

— Não precisa ficar estranho comigo Kalel, não tenho medo das ameaças da sua mãe.

— Não estou tanto com medo, quanto envergonhado, ontem foi um dia de muita reflexão para mim, me fez lembrar de coisas do meu passado nas quais quero deixar para trás—ele

explica.— Minha tia e o Nick já estão acomodados nos quartos, estão desfazendo as malas, vão ficar por essa semana.

— Se sentiu mal porque você era como ela? —é estranho concluir isso.

— Sim—responde ele com dureza.— E me senti envergonhado por me ver nela em muitas situações da minha vida, quando eu não estou bem costumo me afastar, é o melhor que posso fazer para não acabar misturando as coisas.

— Eu compreendo.

O que posso falar? Também quando não estou bem me isolo.

— Não quero que você descubra coisas sobre mim nesse sentido e que se sinta discriminada, eu era muito jovem quando pensava como meus pais, achava que estava certo...

—Kalel o fato de você ter sido ou ser racista vai mudar os sentimentos que você tem por mim? —interrompo-o séria.

— Em nenhuma hipótese!—responde convicto.

— Então porque a preocupação?

— Não quero te ferir.

— Acredito que não há infelicidade maior do

que saber que alguém é tão vazio de amor que não possa respeitar o outro por sua diferença.

Ele fica calado, respiro fundo mantendo a distância.

— Eu entrei na universidade por cota Kalel, mas também por meu esforço, acompanhei durante 5 anos da minha graduação vendo colegas sendo privilegiados com cargos em empresas de grande porte, contemplados em estágios de escritórios famosos e até mesmo sendo tratados muito melhor que eu por professores que também tiveram os mesmos privilégios que eles, e os pais deles, e os avós, e os bisavós e por ai vai—reflito.— Você não é a primeira pessoa racista que eu encontrei em minha vida, eu já fui muito desfavorecida pela minha cor, os pais do João não me aceitam por minha cor, no fundo, no fundo ninguém aceita realmente ninguém como a pessoa é, é muito pouco cortês da sua parte e muito pretensioso pensar que pelo fato de já ter sido racista isso irá me ferir.

Kalel me fita em silêncio, ainda muito sério, a testa franzida, os olhos cerrados.

— Você está falando com a única negra da turma que se formou sendo parte de uma minoria, de uma turma de 50 alunos onde 49 eram brancas,

eu era a única negra a fazer parte da minha colação de grau, alguém que ouvia todos os dias pessoas como você falando coisas como “*a minha doméstica é uma sebosa*”, “*o pedreiro do meu pai não sabe fazer nada*”, “*pessoas negras não deveriam ser privilegiadas com bolsas, existe mérito para que?*”, enquanto eu ouvia isso estava sentada na primeira fila da minha turma absorvendo cada pequena mínima palavra que o professor dizia, tirando boas notas e ganhando bolsas de estudos e viagens para estudar fora pela universidade, dormindo 3 horas por noite para fazer provas, nunca me senti menor do que ninguém, nem uma coitada pelo simples fato de que eu sei quem eu sou, onde quero estar, e não importa nada do que as outras pessoas falem sobre a minha cor, o meu cabelo, isso não vai mudar a forma que eu me sinto em relação a mim mesma, eu amo a minha cor—declaro.— Não se sinta mal se já agiu como a sua mãe agiu ontem comigo, com você, o passado não pode ser mudado, o seu presente é este, e só quem pode determinar seu futuro é você, esqueça o que ficou para trás, supere isso e não permita que isso te afete, nos afete, porque se preocupar com o passado é desperdício de tempo.

Escuto os passos de Barbara, ela passa por mim cabisbaixa, mas percebo um sorriso discreto, respiro fundo e fíto o Kalel.

— Vou tomar banho, já desço para conhecer sua família.

— Eles não irão te descriminar.

— Eu sei que não Kalel, as pessoas são diferentes das outras, mostre isso, mostre que não é igual à sua mãe, seja apenas o homem que é e ponto.

— Eu tenho mostrado.

— Justamente e eu entendo perfeitamente que precise de espaço, porém estou deixando bem claro que eu não me importo com o que você viveu no passado, temos o agora e tudo isso é precioso demais para ser desperdiçado, não gaste seu tempo se desculpando comigo, você tem que se perdoar, se permitir e tentar ser alguém melhor hoje, para amanhã ter sua paz de espírito clara de que falhou, mas também tentou muito ser alguém melhor.

— Não quero te magoar querida.

— O que poderia ser pior do que ter três ex-namoradas?

Kalel sorri, mas está triste, ele abaixa a cabeça numa cara de derrotado, contudo não me

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximo, não posso demonstrar pena, ele deve sentir isso sozinho e aprender a entender como se sente sobre isso sem que eu me meta, é algo dele com ele mesmo.

— Eu vou tomar banho, quero um café— determino.— Como o que você fez ontem.

— Não pode tomar muito café querida, o médico disse...

— E blá, blá, blá...

Enquanto falo vou para o banheiro, escuto uma risadinha baixa, isso me deixa um pouco melhor.

Ao menos isso.

PERIGOSAS ACHERON



— Não Bea não é... Eu não disse isso... Mas, a Helena me falou...

A moça loira tem a voz entrecortada e rápida, eu a vejo falando ao celular perto da porta que dá para o jardim lateral da casa, é inevitável que me sinta nervosa porque eu sei que esse é mais um dos largos passos que dou ao lado do Kalel e o João, tentei dizer para mim mesma que mesmo tendo que conhecer toda essa gente ao menos não contaria com rejeição como foi com os meus pais e os pais do João, contudo isso não me priva de sentir medo.

Alice e Clara estão colorindo sentadas numa mesinha perto da tv, nos sofás da sala tem um homem de cabelos cor de cobre e olhos azuis chamativos e claros, muito bonito, ele usa uma camisa folgada e calça jeans, sandálias, ao lado dele uma mulher que já parece ter uns cinquenta e poucos anos, cabelos mais escuros e lisos, lábios carnudos, olhos mais densos, usa um vestido

PERIGOSAS ACHERON

folgado e comprido, pela semelhança é a mãe dele e também tia do Kalel.

Meu corpo todo fica tenso enquanto me aproximo e vejo o João sentado no sofá, Kalel está sentado ao lado dele com as mãos juntas, eles conversam sobre algo e ambos sorriem, nunca em toda a minha vida pensei que presenciaria algo assim, eu e mais dois homens...

Acho que a sociedade não está pronta para isso ainda.

— Olha ela aí.—João fala.

Não é bem uma vergonha ou algo assim, não sei explicar, talvez por ser a primeira vez que eu conheço alguém sob essas condições, só que de repente a mulher se levanta sorrindo e me olha toda contente, me abraça assim do nada e respiro fundo sentindo que o meu coração desacelera um pouco.

— Seja bem-vinda a família querida—diz ela com uma voz melodiosa e calma depois me larga e me olha com muita doçura.— Sou Melissa Carsson.

—Maria Fernanda, muito prazer.—digo sem graça.

— Veja Nick, ela é linda como ele disse—Melissa fala para o filho.—Jô querida, venha até aqui conhecer a Fernanda.

— Seja bem-vinda a família, sou Nicholas— ele fala e também me abraça.— É um enorme prazer conhecê-la Fernanda, o Kalel só fala de você, já não aguento mais ele falando da excelente advogada que você é.

— Muito prazer.—sorrio sem graça.

— Eu estava na cozinha.—escuto uma voz masculina falando.

Mas, ele demora para chegar, não dá tempo de me virar para ver quem é, sou novamente abraçada com força, a moça loira me espreme e dá dois afetuosos beijos nas minhas bochechas, ela cheira a algo doce, eu a abraço também me sentindo tão... acolhida.

— Sou Joanne—ela diz e se afasta, segura as minhas mãos.—Bem-vinda a família, “K” não fala de outra coisa desde que te conheceu.

— Isso é bom?!—o alívio me toma.

Não esperava que um bando de desconhecidos me tratassem tão bem, tão diferentes da minha própria família, ainda mais por se tratar de algo do qual sempre queremos muito apoio.

— Você deve ser a pobre moça que se apaixonou por esse safado!

Olho para o lado e um senhor se aproxima

PERIGOSAS NACIONAIS

todo bem-humorado, esse deve ser o Jeremias.

— Ela parece com a Duda—ele fala e estende os braços para mim.— Venha aqui jovem.

Quem é Duda?

O nome é bem familiar.

Nos abraçamos, depois a mão do Kalel me envolve a cintura e ele me puxa para ele, ele me dá um selinho e tento sorrir.

— Está é a minha família Fernanda—Kalel diz educado.— Meus tios Melissa e Jeremias, meu primo Nick e a Joanne que é a esposa dele.

— Muito prazer.—digo sem graça.

— Trouxe o café.—escuto Barbara anunciar.

Eu e Kalel vamos para o outro sofá e me sento ao lado direito do João, Kalel ao meu lado, seguro a mão do meu marido e estou tensa, ele não parece tão nervoso quanto eu estou, sei que para ele também é algo complicado, contudo o João sempre foi mais calmo em muitas situações em nossas vidas infelizmente não posso falar o mesmo sobre mim.

— Fiquei muito feliz pela gravidez.—Melissa avisa e se senta ao lado do esposo, Joanne se senta no colo de Nicholas toda a vontade.

Eles formam casais tão lindos.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós também—Kalel segura a minha outra mão.— Não é querida?

— Sim.—afirmo.

— Não precisa de formalidades, nós não somos muito formais.—Joanne fala.

Barbara coloca a bandeja com um conjunto de louça muito bonito em cima do centro, há cestinhas com quitutes, pedaços de bolo e pãezinhos que cheiram bastante, Clara e Alice vem correndo, Clara sobe em cima de mim apontando para os biscoitos e Alice vai para o colo do João abraçando-o, somos observados pelos Baltazar, ou seriam Carsson?

— Acho que não sobrou nenhuma para mim.
—Kalel fala sem graça.

— O papai 2 disse que quer um pouco de carinho querida—explico para Clara em português.
— Porque não dá um beijinho nele para alegrá-lo?

Clara sorri e pula em cima dele abraçando-o, cobrindo ele de beijos.

— Golpe baixo—João replica em inglês.

— Papai.—Clara chama abraçando o Kalel com carinho.

— Eu sempre soube que ela gostava mais de mim.—ele faz carinho nas costas da Clara e beija a

testa dela.

— Vai sonhando.—João responde.

— Já vão começar?—pergunto nervosa.

— Não. — ambos dizem ao mesmo tempo.

Barbara nos serve com xícaras modestas de café, então entrega biscoitos para as meninas.

— O almoço será servido em duas horas—ela anuncia—a senhora está seguindo alguma dieta senhora Joanne?

— Nenhuma, nem posso, eu estou abaixo do peso desde o parto do Clarence.

— Senhor Jeremias é diabético, não pode comer doces, Senhora Melissa alguma preferência?

— O que fizer está bom Bah—ela avisa e lhe dá um sorriso aberto.— Nós não temos nenhuma preferência, não estamos na casa do meu irmão, tem toda a liberdade para preparar o que quiser, desde que mantenha meu marido longe das suas tortas de morango.

Jeremias fecha a cara para a esposa.

— Cara feia não me assusta senhor Carsson.

— Bem que eu queria te assustar com alguma coisa mulher, está pior que a minha cunhada.

— Só pensamos no bem de vocês dois.

Provo o café, está maravilhoso forte e

adocicado, mas com certeza o de Jeremias está amargo, a Barbará pensa em tudo mesmo, ela é uma pessoa e tanto.

— Está certo—Barbara avisa.— Então bife bem passado com salada e purê de batatas.

— Aprovado—digo de imediato.— Pode colocar bastante cebola no meu bife por favor?

— Sim senhora, com licença.

— A Barbará é uma funcionária de ouro não é?—pergunta Joanne.— Ela me lembra a Helena minha irmã, sempre disposta a mimar todos a sua volta, ajudar, tem gente que parece já destinado a ser assim.

— É verdade—João afirma.— São casados a muito tempo?

—17 anos—Joanne fala.— Nós casamos muito rápido não foi amor? Fiquei grávida e daí tinha a rixa entre nossas famílias, foi uma confusão.

— Foi até bom você tocar nesse assunto, Kalel não me falou sobre como ele vai fazer quando os bebês nascerem—Melissa fala.— Se precisarem posso vir ajudar no resguardo.

— Seria ótimo—afirmo.— Só temos a Barbará e creio que ela fique sobrecarregada.

—Joanne não gosta muito da ideia de ter

PERIGOSAS NACIONAIS

babás—Nick afirma.— Por isso revezamos em todas as gestações dela.

— Que foram...

—4.—respondem Nick e Joanne juntos.

Senhor!

Arregalo os olhos com espanto, Melissa e Jeremias riem.

— Vai se acostumar com essa família querida —Melissa afirma—logo vai perceber que todos nós também somos diferentes da maioria das famílias.

— Isso é bom?—pergunto.

— Nem tudo o que é diferente é ruim—ela responde.

Pelo visto não.

PERIGOSAS ACHERON



— O que está fazendo aqui amor?

João encosta a cadeira ao lado do banco, não pensei que ele viria atrás de mim, afinal, ele é muito mais sociável que eu quando se trata de conhecer outras pessoas.

— Estava meio enjoada—respondo.— Decidi respirar um ar puro sabe?

Vim ao jardim, chequei as mensagens no meu celular, tentei ligar para o meu pai para saber se mamãe melhorou, no entanto ele não atendeu, acho que agora que ela está melhor ele não vai mais querer falar comigo mesmo.

— Ele não te atendeu não é mesmo?

Ele me conhece tão bem que sinto vontade de rir por ter pensado que poderia mentir para ele ou tentar disfarçar o que quer que seja, não posso, são muitos anos de convivência, é muito tempo junto de alguém para que a pessoa não saiba que você não está bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

João pega o celular da minha mão e desliga com raiva.

— Não vai mais ligar para eles Nanda, eles não se importam com você.

— Só queria saber se mamãe está melhor.

— Socorro avisa para o Kalel sobre o estado de saúde dela.

— Está bem.

Olho para as minhas mãos, almoçamos a alguns momentos, foi um dos melhores almoços que tive o prazer de saborear nos últimos meses porque a família do Kalel está sendo super-receptiva e calorosa conosco, Melissa me trata como a uma filha querida enquanto Jeremias faz muitos planos para viagens conosco, mas isso me fez também lembrar da minha família, da única que tive e que sempre me apoiou, exceto por alguns meses quando conheci o Kalel e decidi ter ele também em minha vida.

Meus pais eram tão bons para mim, tão calorosos, eles me olhavam com muito orgulho como se eu fosse uma filha digna e merecedora de muitos sorrisos e amor, agora, tudo o que tenho é o meu pai me chamando de prostituta e uma mãe que me chama de puta.

PERIGOSAS ACHERON

— Nanda—João chama.— Para com isso.

— Queria que eles não pensassem coisas feias ao meu respeito—admito olhando para a minha nova aliança de casamento.— Que eles entendessem que eu fiz as minhas escolhas, mas que em outro sentido eu não poderia obrigar o meu coração a banir os meus sentimentos.

— Você não está feliz?

— Muito—sorrio e o fito querendo chorar.— Eu estou muito feliz que você tenha aceito, mas sabe, eles são meus pais.

— Não quero ficar te vendo chorar por causa que os seus pais não aceitam nossa condição de vida Nanda, você é um enorme motivo de orgulho para mim, para a Clara, você é uma mulher forte e honesta e eu a admiro muito—ele fala e segura a minha mão.— Tem que ser forte como eu estou tentando ser, sei o quanto é difícil pois meus pais também não aceitam a minha decisão.

— Eu sei—aperto seus dedos.— Obrigada por sempre me apoiar.

— Fiquei muito contente com a recepção dos parentes do Kalel, você não?

— Estou surpresa, não esperava por isso, acho que é por isso que estou emotiva—admito.—

Queria que nossos pais nos olhassem como eles nos olham, com normalidade e que aprendessem a ter algum tipo de carinho por nosso casamento.

— Talvez com o tempo as coisas melhorem você não acha?—João sugere e entrelaça os dedos nos meus, encosta a cabeça em meu ombro olhando para o belo jardim diante de nossos olhos.— Temos que ser felizes com o que temos.

— Temos um ao outro não é verdade?— pergunto.— E o Kalel.

— É—ele revira os olhos.— Ao menos alguém parece feliz nessa porra.

Rio, beijo sua bochecha, ele sabe que o Kalel também não está bem por conta da mãe, eles devem ter conversado hoje sobre isso, ainda que Kalel esteja um pouco mais tranquilo pela visita dos tios e do primo.

— Sabe Nanda, quando o Kalel disse a alguns dias atrás que havia mentido para você sobre sentimentos eu pensei mesmo em ir embora, mas aconteceu uma coisa quando eu conversei com ele.

— Mesmo?—eu o fito.— E o que foi?

— Ficamos o dia todo conversando, mas eu percebi um certo desespero no jeito dele me pedir que ficássemos, Kalel me contou sobre a história de

vida dele, sobre os pais dele, o tratamento que recebeu durante toda a vida, ele tem uma história de vida muito triste—João conta pensativo.— Ao menos eu e você tivemos os nossos pais incondicionalmente durante toda a infância e adolescência, Kalel sempre foi desprezado pelos pais, sua mãe disse diversas vezes que queria que ele morresse em sua infância, ele passou por muitas coisas.

— Não sabia disso.—digo triste em ouvir isso.

— Senti que ele precisa de nós sabe? Tipo como amigos mesmo, como apoiadores dele, somos sua única família e percebo que ele está mesmo se dedicando para tudo ficar bem, para que nós sejamos uma família de verdade, eu queria muito, muito ir embora, mas sabia que você nutria sentimentos por ele e que se fôssemos embora no calor do momento você ficaria muito ferida.

— A mãe do Kalel é desumana—digo lembrando de ontem.— Ela é tão má.

— Eu imagino que seja mesmo, ele sempre me conta dos problemas que ele teve na adolescência com os pais dele, percebi ontem que o Kalel morre de medo que nós o deixemos, que a

Alice já entende que somos parte disso com ela e que a Clara já o enxerga como pai—João reflete e me fita.— Você tem a opção de voltar para o seio dos seus pais Nanda, de fingir que é uma boa filha e de deixar eles dois aqui, mas não pode fingir para sempre, não podemos fugir do que construímos, e se nossos pais não entenderem o poder de nossas escolhas este não é um problema nosso.

— Parece que eles esqueceram de quem somos sabe? Nos tratam como se não fossemos merecedores de sermos bons filhos, parece que mamãe passou um apagador em tudo o que fiz por ela e por papai nesses anos, o quanto me dediquei para ser uma boa advogada e uma boa filha, no primeiro “*erro*” eles esqueceram do amor que sentiam por mim.

— Eu entendo você, e eu entendo muito mais agora o fato de como se sente em relação aos meus pais, porque eles deveriam ter ficado chateados comigo e ainda sim te culparam por tudo e isso é injusto—João fala.— Eu peço desculpas por todas às vezes que meus pais de alguma forma foram preconceituosos com você Nanda, eu sei que eles foram, porém eu fazia vista grossa para não termos problemas.

Nossa!

— Me perdoe—João fala com pesar.

— Amor, eu entendo sua posição...

—Kalel me disse hoje cedo sobre o que conversaram, ele me contou sobre o que você pensava, eu quero só reforçar o fato de que amo sua pele, não quero que isso te atinja.

— Não atinge—afirmo encantada com isso.

— Só queria entender porque as pessoas não aceitam a cor das outras e ficam com toda essa besteira, somos todos iguais não é mesmo?

— Somos—escuto a voz do Kalel soar atrás de nós dois, então ele beija o meu pescoço, sorrio.

— A Bah pediu para que voltassem para dentro, ela vai servir sorvete.

— É uma ótima ideia—eu o fito.— Está aí a muito tempo?

— Não muito, cheguei na hora do perdão—Kalel confessa.— Não precisa ter vergonha da minha tia, ela entende e aceita nosso relacionamento.

— Eu sei que sim, me sinto grata por isso, saber que estamos construindo isso de forma transparente sem ter mais inimigos—abaixo o olhar e toco a minha barriga.— Nossos bebês terão uma

família e tanto, dois papais que os amam, acho que isso basta, com ou sem o consentimento dos nossos pais.

— Exatamente—João está satisfeito com a minha resposta.— Você sabia que o Kalel já teve mais de 35 mulheres?

— Que?—pergunto e me levanto olhando para Kalel.— Que história é essa?

— Amor isso foi antes de nós, do nosso casamento—Kalel tenta explicar apavorado.— Você não sabe manter essa sua boca fechada não é mesmo seu desgraçado?

—35?—repito e cruzo os braços.— Quem eram essas hein?

— Pelo menos nenhuma chamava Jordana.— insinua Kalel irritado.

— Epa, epa, não meta a Jordana nisso—João replica erguendo as mãos para o alto.— Vai baixar o nível Thurman?

— Vocês dois não aprendem mesmo.—aviso fazendo cara feia.

Me afasto.

Estou rindo muito enquanto escuto Kalel começando a choramingar, João também ri, ele sabe que eu não levo a sério, eu não me importo se

PERIGOSAS NACIONAIS

ele teve 35 mulheres.

Sei que ele me ama e isso é o que me importa.

Agora mais que nunca, nossa família.

PERIGOSAS ACHERON



— Está gostando de São Francisco?

— Ah, sim, estou sim.

Estava distraída, mal vi Melissa se aproximando, coloco Clara já adormecida em cima do sofá, ela não quis mais ninguém depois do jantar, está enjoadinha, só quer colo, sei bem quando está prestes a ter uma crise de bronquite, espero que ela não dê nenhuma crise mais brava.

Alice está deitada no outro sofá vendo tv, como depois do jantar a Clara começou a chorar eu vim para a sala de tv com as duas, para fazer a Clara tentar parar de chorar, ela chorou ainda um bocado, mas acabou por adormecer em meu colo.

Já estou acostumada, quando não é isso, só quer o pai.

Melissa se senta no sofá ao meu lado, tiro os sapatinhos da minha filha, começo a desabotoar o vestidinho que coloquei nela para o jantar, queria que ela e Alice estivessem lindas e arrumadas para

PERIGOSAS ACHERON

o primeiro jantar em família.

Foi um bom jantar.

Com direito a conversas sobre a empresa de Joanne e os anos dourados de Melissa quando era uma jovem divorciada que viajava pelo mundo com os filhos a procura de seu lugar longe dos Baltazar.

Que família!

Cada história Cabeluda que nem sei onde vão parar.

— Posso falar uma coisa Fernanda?

Me viro para ela, faço que sim com a cabeça.

— Não deixa que as loucuras da minha cunhada afetem o casamento de vocês, eu sei o quanto a Lynn às vezes pode ser má, ela é uma mulher insana, espero do fundo do meu coração que as coisas entre você e o meu sobrinho deem certo para valer.

— Obrigada.

— Eu confesso que fiquei bem surpresa quando o Kalel me chamou para conversar e me contou que você é casada, ou era... Espera!

Acabo rindo, Melissa é tão para cima, tão engraçada, uma mulher muito diferente da mãe do Kalel, gentil e bondosa.

— Você anda meio tristonha—ela fala.—

Percebi que se isolou parte do dia.

— É que me senti um pouco incomodada com a situação.

— Mas, porque?

— Não é estranho?

Ela me analisa por alguns instantes.

— Querida não é estranho que se amem, eu não entendia muito dessas coisas e me desculpe falar, mas prefiro o Kalel neste relacionamento do que ver ele dia após dia saindo com aquelas sugadoras de dinheiro ou com casais que nunca dariam a ele o que vocês dão.

—Kalel é muito dono de si, às vezes me pergunto porque ele me escolheu, eu e o João somos pessoas tão... Comuns.

— Talvez seja isso o que ele precise, pessoas sensatas que mostrem para ele a importância de se ter uma família, eu sempre tentei orientar o Kalel e o Nick da forma certa, mas os dois sempre foram uns rebeldes.

— Imagino que sim.

— Não foi um erro deixar que o Nickolas aprendesse a viver, mas foi um erro permitir que o Kalel vivesse tudo o que viveu, ele sofreu muito só que ele é duro na queda e não fala nada, não sabe se

expressar, nesse sentido o Nick sempre foi muito sincero comigo.

— Eu amo o Kalel, mesmo que às vezes nós dois sejamos muito diferentes em muitos sentidos.

— Eu posso imaginar, quero dizer que admiro a coragem de vocês três em viverem algo assim e abrirem a vida de vocês para que suas famílias entrem, para que nós entremos em sua casa, não queria te constranger com nossa presença, o Jeremias é velho, mas ele tem uma cabeça muito aberta para essas coisas, nós já vivemos muitas coisas para ficarmos perdendo tempo com falso moralismo.

Poxa.

—Fiquei tão feliz em saber que o Kalel se casou, eu só queria conhecer vocês dois, sua filha, a Alice está tão feliz depois da sua chegada é uma criança que merece amor e zelo, coisa que aquela mãe desregulada não quis fazer.

Pigarreio ao lembrar do nome dela...

— Ela e o Kalel tiveram algo... Sério?

— Não, por isso ela é desregulada ora—diz Melissa e começo a rir.— Ela só deu o golpe no meu sobrinho e sumiu, agora reapareceu com casada com um ai que eu nem sei quem é, mas fez

PERIGOSAS NACIONAIS

bem o Kalel em obrigar ela a assinar o termo em que ela falava que era barriga de aluguel, assim ela não poderá se aproximar da Alice nunca.

— Ele a amou?

— Ele ama você!

Fico sem graça, nem sei porque perguntei isso. Melissa toca minha face, a mão carinhosa e acolhedora.

— Olhe para você querida, é uma mulher bela e jovem, porque ele não a amaria? Você é o motivo que fez o meu sobrinho comprar uma casa, montar uma família, ele a ama mais que tudo, pode ter certeza.

— É que ele fala dessa Jéssica como se ela houvesse marcado a vida dele.

— E marcou, deu a ele a filha dele, mas apenas isso, você sim é a eleita para o meu sobrinho.

— Mesmo... Mesmo eu sendo casada com outro homem?

— Ele sabe disso não sabe? E aceita! Porque questionar?

Sorrio.

É verdade, Melissa estende os braços e eu a abraço sem receio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao menos agora teremos algum apoio aqui, uma família que nos aceita e nos acolhe.

Melissa Carsson.

Me aproximo da soleira da porta e fico observando os dois deitados na cama, João num canto e Kalel no outro, enquanto Kalel mexe no celular, João lê um livro, um mantém a face relaxada e o outro está muito sério, os cabelos do João bagunçados os do Kalel penteados para trás.

Eles saíram primeiro do banho, fiquei um pouco mais, foi um dia muito bom com a família porém cansativo, ter visitas é bom, saber que eles nos apoiam é maravilhoso, contudo eu também passei metade do dia meio travada, a tensão me deixou estressada, demorou um pouco para que eu relaxasse.

— John?

— Que?

— O que achou da minha família?

— Boa gente, gostei da Joanne, ela é uma mulher muito prática.

— Ela é teimosa como a peste, Jeremias também é complicado.

— Como se você fosse um santo.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem—Kalel pondera.— Eu não sou, mas os Carsson são conhecidos por terem um temperamento bem forte, diria que a minha família está mais para vingativa mesmo.

— Bom saber.

João deixa o livro em cima do criado, ele puxa os cobertores e tenta pegar o par de meias que eu deixei no pé da cama para que ele use a noite, mas não consegue Kalel se inclina e pega as meias, depois puxa os cobertores e começa a colocá-las nos pés do João.

— Nunca perguntei—João diz reflexivo.— Você não se importa com o fato de por enquanto eu não ter dinheiro para bancar a casa também?

— Do que você está falando John?—Kalel o olha muito surpreso.

— É que eu não tenho dinheiro, você sabe, não curto que você banque tudo para a Nanda e a Clara, queria poder pagar alguma coisa para elas, algo para a casa.

Ah João!

— Não deve se preocupar com isso—Kalel fecha a cara e puxa o cobertor depois de colocar a coberta em cima dos pés dele.— Estamos aqui para nos ajudar, eu trouxe vocês dois para cá então são

minha responsabilidade.

— Eu já tive muito dinheiro sabe, não tanto quanto você, mas eu já tive uma boa grana, mas gastamos tudo com o acidente e cirurgias—ele está pensativo e triste.— Queria poder pagar ao menos pela estadia, comida, infelizmente não tenho dinheiro.

—Não me importo com isso é melhor que pare de ficar falando essas coisas John, o dinheiro é só um pedaço de papel que uso para pagar as contas, eu não ligo para o dinheiro tanto quanto ligo para a Fernanda, para... Você e a Clara—ele replica.— Eu não tive irmãos presentes na minha vida fora o Nick, o que você fez por mim ao decidir ficar não tem preço.

— Fiz isso pela Nanda, odeio ver ela sofrendo.

— Eu sou muito grato por que você aceitou que eu entrasse para a sua família, apesar de não falar muito.

João o olha por alguns momentos, Kalel o fita e eles ficam se olhando por mais alguns instantes, não parecem bravos, apenas pensativos demais.

— Não quero que me veja como seu inimigo

John, eu não desejo mal a você, eu admiro muito a história de vida de vocês dois, o casamento, são o mais próximo do que eu posso chamar de algo feliz, eu não tive tanta sorte na vida, você sabe, eu falhei muito com a Fernanda e não quero ver ela sofrendo por meus erros ou minha família, quero que você tire da cabeça essa coisa de dinheiro, não importa o quanto eu gaste para que fiquem, eu quero e nada mais importa.

— Está dizendo que quer ser meu amigo Kalel?

— Apenas não quero que fique inventando coisas para nos afastar, não gosto de brigar por dinheiro, minha família é toda baseada em dinheiro sujo de sangue, eu tenho uma imensa dívida com a Joanne e o Jeremias e todos os Carsson e já me basta saber que se hoje tenho esse dinheiro é porque minha família sujou as mãos por ele.

— Sinto muito.

— Não sinta, apenas não fica falando isso como se o dinheiro fosse mais importante, se um dia você quiser e puder pagar alguma coisa em nossa casa eu não me oponho, mas até lá não fique falando essas coisas, dá a sensação de que você é impotente e sabemos que as coisas não são assim,

você é sadio e tem muito potencial John, é um excelente advogado, Nick viu isso, hoje mesmo ele me perguntou se eu poderia falar com você para dar uma olhada em uns papéis da empresa da Joanne.

— Mesmo?

Os olhos dele até brilham, meu coração se enche, sei o quanto ele ainda é afetado pelo sentimento de impotência, sinto orgulho de tudo o que o Kalel disse, isso significa que ele realmente se importa com o João.

— Sim, amanhã mesmo ele irá te procurar para conversar com você, na verdade a Joanne.

— Eu agradeço, qualquer trabalho extra que eu pegar já ajuda.

— Tenho certeza de que você logo, logo vai aprender a administrar mais seu tempo e ter dinheiro, quero a Fernanda focada no caso do Hans daqui a alguns dias, vou te dar alguns casos também.

— Eu agradeço cara, nem sei o que falar.

— Só não fica falando sobre essa coisa de dinheiro está bem?

Kalel estende a mão para ele amigavelmente.

— De acordo.

João aperta a mão dele todo contente, Suspiro

e entro no quarto puxando a porta do banheiro, Kalel se endireita e João se afasta para longe dele soltando sua mão ligeiramente, pigarreia.

— Não estão brigando—digo e subo na cama.— Que milagre!

— Pois é—João arruma os travesseiros.— Kalel disse que a esposa do Nick tem um possível emprego para mim, o que acha?

— Ótimo amor—sorrio toda feliz.— Eu quero que você sempre cresça e aprenda a voltar para o trabalho.

—Joanne administra uma empresa para a cunhada dela, esposa do irmão dela, ele se chama Jack Carsson, e a empresa fica no Brasil, o bom é que você não vai ter dificuldade já que a sede é lá, para analisar os papéis, mas não são de processos trabalhistas, são apenas processos contra algumas terceirizadas—Kalel explica e coloca o celular no criado.— Amor, se sente bem para voltar a trabalhar?

— Sim, os enjoos diminuíram, se quiser volto o quanto antes.—respondo e me enfio embaixo dos cobertores.

— Ótimo, então acho que as coisas vão se encaminhar agora.—Kalel desliga seu abajur e se

aconchega.

Me inclino e lhe dou um beijo, Kalel aperta meu seio e a minha bunda puxando a calcinha para baixo, me deito em cima dele ajudando-o a tirar a peça, ele vai mais para o lado e o João me abraça afagando meus cabelos.

— Te amo—digo para ele e o beijo também.
— Muito.

— Também te amo—João desliga seu abajur.
— Boa noite amor.

— Boa noite.—respondo sossegada.

Kalel abre as minhas pernas e acaricia minhas nádegas devagar, João as minhas costas, ambos estamos nus, João de cueca, é bom assim, nós três juntinhos.

Sem barreiras, sem medos, apenas assim.



— Você não parece muito bem.

— Pois é, estou enjoada do cheiro de molho de carne.

Faço uma careta, Joanne liga a torneira e joga água no meu rosto com cuidado, respiro fundo querendo vomitar de novo, só deu tempo de chegar no banheiro, e eu nem comi muito hoje, estava ficando insuportável ficar sentindo o cheiro de carne.

— Você me lembra o meu irmão mais novo Alejandro, ele é vegetariano, quando vai a um churrasco ele fica bem longe das demais pessoas, ele odeia o cheiro de carne assada.

— No meu caso é mais por conta da gravidez mesmo.

Joane usa um biquíni bem bonito de cor azul, discreto, mas ela nem precisava esconder nada, é lindíssima, seios pequenos, magra, uma mulher padrão, diferentemente de mim que não me sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

uma supermodelo usando esse maio e short, estou com vergonha de entrar na piscina, por isso eu fiquei mais sentada lendo um livro, toda a família do Kalel interagindo superbem na piscina e eu morrendo de vergonha da minha celulite e as estrias e todo o resto.

— Posso fazer um chá.

— Não precisa se preocupar Joanne, tudo bem, eu posso fazer.

Ela seca meu rosto com a toalha e me analisa com um sorriso tão gentil que fico sem graça.

— Que nada, faço com gosto, eu sei bem o que é passar por isso, vamos a cozinha, a Bah está superocupada e os rapazes jogando cartas, que papai nem sonhe que o tio Jeremias está jogando cartas, ele o mataria.

Não quero parecer grosseira.

— Está bem então, eu aceito, acho que preciso mesmo de uma água.

Não sei, é só que eles são tão calorosos, sorridentes, às vezes até mais que o Kalel que às vezes é fechado demais, Joanne é gentil, Melissa uma mulher sorridente, Nickolas é bem-humorado enquanto Jeremias adora as crianças.

Tão diferentes da mãe do Kalel.

PERIGOSAS ACHERON

Vamos para a cozinha, Joanne vai direto para os armários e começa a fuçar um a um a procura da caixinha com os sachês de chá, me sento à mesa mais calma, toco minha barriga, esses bebês pelo visto não darão trégua alguma durante a gestação.

Sorrio, é estranho pensar no plural, em dois, mas são gêmeos e são meus bebês, filhos dos dois homens que eu amo, um que amo a muito tempo e outro que cativa amor em mim todos os dias.

Acho que é questão de costume mesmo, eu só tive a Clara e foi um momento maravilhoso da minha vida, agora conhecerei outros momentos ao lado do João, do Kalel, estou feliz ainda que não entusiasmada, com tantos acontecimentos acho que a minha gestação foi ficando um pouco de lado.

Tenho que me dedicar mais a eles, as meninas, tentar deixar os receios e preconceitos das nossas famílias de lado, ser feliz com o que tenho e não com o que as pessoas pensam que eu sou.

Eu sei que não sou nada daquilo o que papai falou, nem o que a mãe do Kalel disse.

— Posso te fazer uma pergunta bem indiscreta?

Olho para Joanne sem entender, meu assentir é automático.

— Como é estar com... O Kalel?

— Em que sentido?

— Em todos— ela cochicha com cara de malícia e coloca a chaleira no fogo.— Tipo, ele é mesmo como as mulheres falam que ele é?

— Mulheres?— pergunto bem surpresa.

— Ele é bem conhecido nos negócios, as revistas de fofoca adoram bisbilhotar, o Nick sempre foi um safado sabe, abertamente, mas o Kalel não, ele é muito reservado sobre a vida dele, ninguém sabe se quer quem é a mãe da Alice, ouvi falar que ela é de uma barriga de aluguel.

— Bem, o Kalel é um pouco reservado mesmo, mais fechado e na dele, a mãe da Alice eu creio que ele conheça.

Dou de ombros, Joanne pega duas xícaras no armário e colheres de chá, ela se senta ao meu lado e fica de frente para mim.

— Estou casada a 13 anos, me desculpe ser tão intrometida, mas poderia me falar como é estar casada com dois homens?

Começo a rir, ela está tão empolgada, curiosa que os olhos brilham como duas bolinhas de gude azuis.

— É um inferno, eles brigam por tudo—

confesso a Joanne e os ombros dela caem sem empolgação.

— Só isso?— questiona.— Esperava mais de uma relação à 3.

— O que posso dizer? É bom estar com os dois, o que um não tem o outro tem de sobra, Kalel é o contrário do João e eu amo isso nele assim como amo o João do jeito que ele é.

— E... Na... Cama?

Joanne não parece mesmo de meias palavras, e logo me sinto assim como nunca me senti com ninguém, nem com a Socorro, ela é do tipo de pessoa que eu tenho certeza que daria certo para ser minha amiga.

— É bom— respondo.

— Só bom?— repete incrédula.

— Porque tantas perguntas?

— Nick queria saber se o Kalel e você estão bem, ele se preocupa com o Kalel, menos a parte da cama, essa foi por minha parte mesmo.

— Temos intimidade como qualquer outro casal, só que somos três pessoas, eu amo muito o Kalel Joanne, não sei se é isso o que quer ouvir, mas é a única coisa que posso falar sobre o assunto, ele é difícil e às vezes insuportável, contudo sinto

mesmo que quero viver isso com ele.

Ela sorri abertamente.

— Espero que sejamos grandes amigas, minhas melhores amigas são minhas irmãs, meus irmãos, quero que saiba que você e Kalel são muito bem-vindos a nossa família também e que entendemos muito bem o relacionamento de vocês.

— Obrigada por entender Joanne.

Isso me deixa feliz.

— Seria ótimo se vocês fossem no próximo natal, será na casa do meu pai.

— Eu adoraria.

— Então está combinado, no natal, todos vocês na casa do meu pai.

Acho que só tem um porém.

— Sua família não acharia... Estranho?

— Querida se tem uma coisa que precisa saber sobre os Carsson é que nós não temos nada de comuns, o Kalel já te contou a história da vovó Flora?

— Sim.

— Você vai conhecer a peça no natal.

— Eles não achariam ruim que eu fosse com o João e o Kalel?

— Deixa eu te contar uma coisa sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha família querida, é comum ser estranho no Clã dos Carsson.

Já gostei disso.

PERIGOSAS ACHERON



— Eu ainda acho que será melhor se a Clara estudar numa escola pública.

— Pois eu não.

— Você não tem que achar nada Kalel.

— Claro que tenho, ela é minha filha também.

Nossa, Nossa.

Kalel e João acabam de chegar do aeroporto, foram acompanhar a família do Kalel, eles embarcaram hoje logo após o almoço, foram dias tão bons mais próximos de qualquer normalidade que eu já tenha sentido na vida, então Melissa e Joanne foram embora com a promessa de nos vermos em alguns meses para o chá de bebê dos gêmeos.

Mal acreditei quando Melissa se ofereceu para vir me ajudar a organizar tudo e ainda melhor, mesmo que pequeno ela quer oferecer um almoço em comemoração a minha gravidez, eu estava

PERIGOSAS ACHERON

muito feliz com o fato de que ela me aceitou na família de verdade.

Foi uma semana com começo difícil, mas que no final acabou tudo bem, graças a Deus.

Entro na sala fingindo que não ouvi nada, Clara e Alice veem tv, me sento entre ambas e pego Clara para mim, ela sorri e me abraça com a pepeta na boca, Alice se deita com a cabeça na minha coxa toda sorridente, esses dias foram dias muito bons para todos nós, senti Kalel mais à vontade, João mais espontâneo, e eu fiquei mais calma, não tivemos notícias de mamãe, não por parte do meu pai, porém Socorro ligou assegurando que ela está bem, me senti confortada e mais tranquila também porque foram dias cobertos de refeições em família e piscina, Melissa e eu até trocamos nossos números.

Acho que é um maravilhoso começo, sem falar que as meninas adoraram o Jeremias, Alice já o conhecia, mas Clara se sentiu fascinada com o marido de Melissa, não largava dele um segundo.

— Mamãe— Alice chama.— Faz “*cafuné*”.

Sorrio, beijo-lhe a cabeça e começo a acariciar sua cabeleira lisa, Alice relaxa e seus olhos ficam focados na tv, um programa infantil

local.

— Mor— João chama.— O Kalel e eu queremos conversar com você.

— Que tal vocês virem ficar com sua família?— pergunto ao vê-lo se aproximar.

— Não é má ideia— escuto Barbara falar da cozinha.— Já levo uma pipoca e suco.

Kalel puxa o apoio do sofá e transforma a peça rapidamente numa espécie de sofá-cama, não tinha visto ainda isso no sofá, ele se acomoda a minha direita e João se senta na outra ponta ao lado de Alice, ele gosta muito de ter autonomia e está se adaptando cada dia a mais a casa, eu também, adorei todo esse lugar, é espaçoso e confortável bastante grande e bem organizado.

Barbara tem sido muito presente em nosso dia a dia, ajuda em tudo, cozinha, cuida das roupas e da casa, às vezes me pergunto como ela da conta, ela é muito atenciosa.

— Como foi a despedida?— pergunto.

Ao menos eu me senti triste em me despedir da família do Kalel, Joanne e eu quase não nos largávamos, desenvolvemos uma rápida amizade essa semana, ela prometeu que se arrumasse uma brecha na empresa dela, viria me ver antes do chá,

PERIGOSAS NACIONAIS

espero que sim.

— O Nick me deu o boné dele.— João sorri.

— Ele nem gostava tanto daquele boné.—

Kalel argumenta.

— Tá com ciúme?— João pergunta.

— Enfim— digo interrompendo-os— Espero que tenha sido boa.

— Foi boa— Kalel me olha.— E por aqui?

— Tudo bem, eu fiquei com as meninas e depois fui dar uma organizada no quarto delas— suspiro.— Não compra mais brinquedos por esse ano ok?

— Sim senhora.— Kalel diz e me beija.

Sorrio, me inclino e beijo o João também. Não sinto diferença, não sinto como se fosse errado, é a nossa união, nossa família, ninguém poderá dizer como devemos ou não viver isso, nem meus pais nem os pais deles dois.

— Mor.— João chama e se afasta um pouco.

Acho tão fofo quando ele me chama de mor, faz muito tempo que ele não me chama de mor.

— Sim?

— Eu e o Kalel estamos falando sobre a escola das meninas, ele quer por elas numa escola particular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mais seguro— Kalel garante. — E melhor é claro.

— Quero que a Clara tenha oportunidade de estudar em escola pública— João fala.— Lembra amor? Era o combinado!

— É verdade— admito e faço biquinho para o Kalel.— O que custa hein?

— Não faz essa cara— argumenta ele.— Sua chantagista.

Estamos tão bem juntos.

— Eu acho que é melhor para elas amor— digo.— Pensa com carinho.

— Está bem— cede ele.— Eu vou pensar em todas as possibilidades.

Espero que essas possibilidades sejam bem parecidas com as minhas possibilidades e as do João, não quero separar a Alice e a Clara nesse momento, eu sei que eu e o João tínhamos uma vida e planos juntos para a criação da nossa filha, mas agora não podemos pensar apenas por nós porque tem a opinião do Kalel que é igualmente importante assim como as nossas opiniões.

— Estou feliz que a estadia dos meus tios tenha sido boa para todos nós— Kalel me analisa todo concentrado.— A minha tia te adorou, ela

PERIGOSAS ACHERON

também gosta do John, nunca pensei que ela aceitaria que eu vivesse um relacionamento de poligamia abertamente.

— Nem eu— respondo.— Eu adorei saber que a Joanne vai me ajudar com o chá dos bebês.

— Eu também.— ele afirma.

Clara vai para cima do pai e o abraça, Alice fica enciumada e também vai para cima do João, ele tem muito jeito com crianças, Kalel se estica no sofá e me puxa me deito de frente para ele, nos olhamos em silêncio.

Tão lindo...

— Vou providenciar para que as meninas estudem em uma boa escola, não quero separá-las, Alice já me relatou muitos planos de estudar na mesma escola que sua irmã— toca minha face.— Você está bem melhor ainda bem, eu estava preocupado.

— As coisas estão mais calmas agora amor— explico.— Acho que andamos dando muito ouvidos as nossas antigas famílias, eu e teve o acidente com a minha mãe, não tinha como ficar bem, agora as coisas estão melhorando mais estou mais calma.

— Vamos ao médico depois de amanhã— avisa.— Será que conseguimos ver o sexo dos

bebês?

— Creio que sim, já entrei no terceiro mês— encolho os ombros.— Será ótimo, assim podemos começar a arrumar o quarto deles, ou delas, ou dele e dela.

— Não escolhemos os nomes— João diz segurando Clara em um braço e Alice no outro toda sem jeito, mas ela não o larga.— Eu quero que um se chame João Júnior.

Kalel revira os olhos, começo a achar graça.

— Você não vai desgraçar meu filho com esse nome.— retruca Kalel.

Concordo.

— E você não vai colocar a Clara numa escola particular.— João diz com muita praticidade.

— Eu cedo então essa escolha a vocês dois se me permitirem escolhe os nomes dos gêmeos— Kalel está pensativo.

— Feito— João fala.— Escola pública para as duas, com direito a uma vida normal e sem agendas.

— Eu também estou de acordo, porém eu tenho uma sugestão— digo.

— Qual?— Kalel me dá um selinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que eu escolha o nome de um pelo ou menos— sorrio.— Posso?

— De acordo— fala Kalel.— Eu vou dar o nome de Daniel, em homenagem ao pai da Bah, ele se chamava Daniel.

Que fofo.

Me derreto toda, o Kalel ama muito a Barbara, ele tem imensa consideração por ela, acho que às vezes ele só não sabe demonstrar como se sente para ela, não é tão carinhoso.

— Se for menina vai se chamar Maria, como a mãe— ele me fita.— E ela terá olhos grandes e redondos com os da mãe dela e cabelos cacheados e lindos.

— Eu gostei— João da de ombros.— São belos nomes, e você mor?

— Pensei em Joaquim se for menino e se for menina, Bella, mas não sei, são nomes simples...

— São lindos amor— João diz.— Eu gostei.

— Também gostei— Kalel meu aperta.

— Então estamos de acordo— firmo sincera.
— E nada de brigas os dois entenderam?

— Entendido.— ambos falam ao mesmo tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Quem é o pai?

Kalel e João se entre olham, aperto pano da maca, o doutor não chegou a tempo do Brasil então nós fomos atendidos por essa moça que trabalha no hospital doutora Karen, este é o nome dela.

— Nós dois somos os pais.— João responde.

— Ah.

A moça fica toda sem graça, ela despeja o gel na minha barriga e liga os aparelhos, não faz mais perguntas, Kalel se senta na cadeira ao lado direito da cama e o João se coloca ao lado dele, ambos focados na pequena tela de tv na parede.

— Já poderemos ver o sexo dos bebês doutora?— Kalel pergunta curioso.

— Creio que sim— a médica espalha o gel com o pequeno bastão então as imagens fluem na tela em preto e branco.— São gêmeos.

— Sim— olho para a tela também.— Eles estão bem?

— Aparentemente normais, as paredes do útero— ela fala enquanto move o bastão e mexe no painel.— Querem ouvir os corações?

Sorrio, João segura a minha mão todo contente, os olhos dele brilham, Kalel está olhando para a tv todo sério, acho que ele está nervoso, saberemos o sexo dos bebês hoje. Logo o som de um coração rápido soa em meus ouvidos, sinto vontade de chorar.

— Este bebê... Ou melhor, esta bebê é uma menina, ela é um pouquinho maior do que o outro bebê, que é este aqui— ela indica caba marquinha com uma seta na tela muito rápida.— O segundo bebê é menino, está vendo aqui?

— É o meu— Kalel sorri de imediato.— Quer dizer, nosso.

— É, nosso— digo e limpo as faces rápido.— Eles estão bem?

— Sim— doutora Karen sorri, ela tem traços orientais e olhos escuros— Crescimento normal, são gêmeos não idênticos, já foram avisados certo?

— Sim— João fala sorridente.— Então é uma menina e um menino?

— Sim— Karen confirma.— São bivitelinos, só não entendi porque um apresenta um

crescimento um pouquinho mais superior ao outro.

— Nosso médico sabe— Kalel está sorrindo de ponta a ponta.— Então, já podemos chamá-los de Daniel e Bella.

— Com certeza.— concordo.

Ele está feliz, o João está encantado.

A médica fala sobre os tamanho e peso dos bebês, sobre meu útero e depois de ficar falando sobre o desenvolvimento dos gêmeos ela encerra o exame, limpa a minha barriga e nos pede que esperemos pelos resultados na sala de espera, fico contente em saber que é um casal, mas principalmente em saber que estão bem, eles estão com o peso e tamanho certo, desenvolvimento normal, Graças a Deus.

Sorrio a cada segundo enquanto esperamos pelos resultados, Kalel está a minha direita e João a minha esquerda um meio espantado e o outro feliz demais contudo acho que são reações normais vindas deles, afinal de contas cada um tem seu jeito de reagir as coisas, Kalel ainda parecendo não acreditar que será pai de um menino e o João todo feliz por ter mais uma menina para a nossa família.

Claro, ambos serão pais dos dois bebês porém não posso ignorar o fato de que

PERIGOSAS NACIONAIS

biologicamente cada bebê talvez tenha um pai separado, isso é algo que só saberemos depois que eles nascerem, ainda não falamos sobre isso, acho que depois de todas as coisas que passamos este é um detalhe irrelevante, os dois são nossos assim como Alice e Clara.

Doutora Karen retorna e nos entrega os resultados, não demonstra incomodo, mas fica nos olhando assim toda curiosa, agradecemos e nos despedimos, vamos para o carro, Said não veio nos trazer viemos no carro do Kalel e ele veio dirigindo, foi nossa primeira saída oficial de casa depois que chegamos.

Não estava muito atenta ao caminho, estava com sono porque levantamos cedo, João e Kalel foram na frente e eu atrás basicamente dormindo durante todo o percurso, nossa casa fica afastada mesmo da grande São Francisco, mas é bom saber que contamos com descrição e paz.

Ao menos isso.

Kalel ajuda o João com a cadeira e abre a porta para que eu entre assim que chegamos ao estacionamento, analiso os pedidos de exame da médica, reviro os olhos só de pensar que vou ter que fazer aquele exame de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Glicemia?— João pergunta do banco da frente.

— É— digo chateada. — Espero que eu não vomite as tripas dessa vez.

— Perdi algo?— Kalel indaga assim que entra no carro.

— A Nanda vai ter que fazer o exame de glicemia— João explica.— Ela vomitou na gestação da Clara durante o exame.

— Obrigada por lembrar— reclamo faço uma careta.— Ai que nojo daquele gosto doce.

Só de lembrar da vontade de vomitar de novo, meu estômago revira.

— Que dia será?— Kalel questiona.

— Sexta— respondo.— E vou ter que colher sangue de novo, urina e todo o resto.

— É padrão— João diz.— Talvez ela só queira checar se está tudo ok com você amor.

— Eu sei— dou de ombros, Kalel começa a tirar o carro da vaga.— Quem vai vir comigo?

— Posso pedir que eles façam em nossa casa — Kalel responde atento a saída do estacionamento.— Por falar nisso, não pensamos em um programa de parto.

— É verdade, e você não me falou se a sua

PERIGOSAS ACHERON

mãe liberou as coisas da Alice.— me inclino para a frente e me apoio nos dois bancos.

— A Bah disse que as coisas dela chegam na quinta, Lynn late, mas não morde.

Cobra não morde, pica amor.

— Entendi— digo.— Agora eu acho que podemos planejar o quarto dos gêmeos e nos estabelecer.

— Eu andei dando uma olhada com a decoradora, ela tem alguns planos mas preferi consultar vocês primeiro— Kalel diz atento ao caminho.— Não sou muito bom com coisas de bebê.

— Você aprende— João mexe no celular.— Vamos chegar a tempo para o almoço?

— Pensei em irmos a algum restaurante no centro— responde Kalel.— De comida mexicana, eu gosto.

— Boa ideia— concordo.

— Amor, coloca o cinto— Kalel pede.— Você também cara.

— Ah, eu esqueci completamente— João explica.— Fiquei tão feliz com a notícia.

— Eu também— puxo o cinto.— Agora teremos um menininho também para a turma,

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel, é um nome tão lindo.

— E Bella— Kalel completa e sorri de lado.

— Bella— repito contente.— Mor, você acha que ela se parecerá comigo? Não dei sorte com a Clara.

— Espero que sim— João afirma e afivela o cinto.— O Daniel vai puxar a mim, bonitão como o pai.

— Sonhar não paga John— Kalel debocha achando graça.— Meus filhos se parecerão comigo.

— Na verdade eles se parecerão comigo porque eu sou a mais bonita dessa relação— rio.— Seus bobões!

Ambos riem, aos poucos Kalel vai ficando mais relaxado, acho que foi apenas o nervoso mesmo pela ultrassom, de qualquer forma estou feliz, e eles também.

Daniel e Bella, nossos bebês, mal vejo a hora de que nasçam.

PERIGOSAS ACHERON



— Gostou do lugar?

— Sim, é bem família.

O restaurante mexicano estava lotado, então o Kalel nos trouxe para um restaurante no II Fornaio San Francisco, é bem mais fino do que a maioria dos restaurantes que já frequentei na vida, não é bem um lugar muito formal, mas tem seu requinte.

Um garçom nos traz cardápios, Kalel escolheu uma mesa maior, todo o lugar é belíssimo cercado por um jardim maravilhoso, tem plantas por todos os lados, as mesas são redondas e bem-postas, a apresentação linda, amei.

— O que querem comer?— Kalel questiona analisando o menu.

— Pode ser uma massa para mim— João decide.— E eu quero beber uma cerveja bem gelada, para comemorar a chegada dos bebês.

O garçom anota o pedido do João.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para mim essa massa com camarão e frutos do mar— Kalel escolhe.— Vinho, por favor, Chateau, este aqui.

O garçom anota enquanto olha o cardápio.

— Para a senhora?— pergunta o garçom.

— Eu vou querer uma salada de entrada, purê de batatas com almôndegas e a massa da casa— explico.— Não quero queijo no meu purê, e também não quero queijo na minha salada, eu aceito um vinho banco e seco, o mais simples que tiver e, por favor, duas águas de sobremesa eu quero esse sorvete aqui— indico no menu.— Ele parece ótimo.

— É nossa especialidade senhora— o garçom sorri.— Alguma sobremesa para os senhores?

— Eu quero o mesmo de sobremesa.— João fala.

— Pode trazer tudo o que ela pediu e para nós também— Kalel responde.— E suco ao invés do vinho branco.

— Ora mas...

— É tudo. — Kalel determina.

— Sim senhor!

O garçom se afasta, olho para ele chateada, como assim? Que audácia.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não pode beber.— replica ele todo sério.

— Quem está dirigindo? Não é você? Um pouquinho de vinho não faria mal aos bebês.— retruco emburrada.

— Amor...

— Kalel nada te dava o direito de responder por mim.— retruco irritada.

— Ok, então não vamos beber, nenhum dos três— João determina.— Para que não pareça injusto.

Cruzo os braços, Kalel fica sem graça sei que ele não fez de propósito nem que ele tinha intenção de me chatear, mas poxa, precisava disso?

— Então— João sorri descontraído.— Estão empolgados com a chegada dos bebês? Podemos montar um quarto com dois ambientes.

— Concordo— Kalel fala e toca a minha coxa embaixo da toalha de mesa.— Para com isso amor, não fica chateada.

Reviro os olhos, Kalel passa o braço envolta da minha cintura e me espreme, tento manter a carranca, mas derreto com o sorriso desse idiota controlador, João não se importa, ainda não falamos sobre questões de afeto em público

PERIGOSAS NACIONAIS

contudo está sendo tudo tão espontâneo que tenho certeza que nenhum dos dois irão se incomodar, sabemos o que temos os três e isso nos basta.

— Podemos colocar dois ambientes, azul e cor-de-rosa...

João começa a falar seus planos todo empolgado, fico babando ao ver o meu marido tão feliz, faz tanto tempo que eu não o vejo assim espontâneo, que conversa mais, mais aberto, pensando bem nosso relacionamento apesar de ter passado por coisas bem conturbadas com a chegada do Kalel melhorou cem por cento.

O garçom logo começa a colocar a mesa, nos servir a comida colorida e cheirosa, primeiro a salada com o purê de batatas e almondegas de acompanhamento, pego os talheres toda ansiosa, salivo, estou faminta também acima de tudo porque não comi muito pela manhã, estava tão ansiosa com a consulta ao médico que eu mal consegui comer direito.

— Parece delicioso— escuto Kalel falando.
— Você tem um ótimo gosto amor.

— Eu gosto de experimentar de tudo quando venho a algum lugar assim— confesso e provo a salada, refrescante e temperada.— Hummm...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto mastigo, gemo, João acha graça, Kalel pede que o garçom troque as bebidas por sucos de uva, nossa mesa está tão farta que não deixo de me sentir sortuda, até alguns meses atrás não tínhamos nada disso, diria que o básico era muito para nós.

Estou feliz de ter vindo, apesar dos incidentes iniciais, ao menos Kalel está fazendo com que tudo fique bem, me acalmou também conhecer a família dele, saber suas verdadeiras intenções, estamos, sem dúvida, mais próximos dele, tanto eu quanto o João.

— Hum...— João mastiga sua salada.— Nossa, está ótima mesmo!

— Eu nunca vim aqui— Kalel confessa discretamente.— Mas, dizem que é um bom lugar, pelo visto faz jus a fama que tem.

— Falta de tempo?— questiono curiosa.

— Também, eu não tenho hábito de jantar fora com frequência, só jantares e almoços de negócios— Kalel me fita.— Prometo que sempre sairemos para jantar, nós três.

— Tem previsão de quando vai viajar?— já fico desanimada só de pensar.

Sei que esses dias foram ótimos, mas o Kalel

PERIGOSAS ACHERON

ainda tem que trabalhar, eu e o João também, temos muito a fazer.

— Eu cancelei minha agenda— Kalel fatia sua salada.— Para ter mais tempo para nós, as meninas, por enquanto estou enviando alguns funcionários de confiança para as viagens e tentando manter contato por e-mail ou telefone.

Quase dou um pulo de felicidade na cadeira, mas me contenho.

— Acho que tenho trabalhado muito nos últimos anos, é bom tirar um tempo para a família — Kalel diz.— Eu pedi a Bah que arrumasse o escritório para nós três, o que acham?

— É uma ótima ideia— digo de imediato.— Eu concordo.

— Se você vê necessidade por mim tudo bem — João dá de ombros.— Será bem-vindo as reclamações da Nanda e aos resmungos dela.

— Eu não sou resmungona— retruco com cara feia.

— E ela também fala sozinha e quando vai tomar café fica fazendo barulho.

— Gracinha você falando mal de mim na minha cara né João Gabriel?

— Amor, eu só estou alertando o seu novo

marido sobre suas manias.

— Tem muitas manias?— Kalel acha graça.

— Tem— João responde antes de mim.— Ela fica mordendo a tampa da caneta também.

Dobro os pés sentindo-me estranha em ver o João falando de mim com tanta naturalidade para o Kalel, porque de fato não nos conhecemos tão profundamente, falamos sobre sentimentos, sobre nossas famílias, mas não temos trabalho juntos ultimamente, na verdade eu tinha até me esquecido do trabalho com tantas coisas acontecendo na nossa união.

— E você? Já falou para ele sobre as suas manias querido marido?— pergunto.— Você sabia Kalel que o João é um obcecado por canecas espalhadas pelo escritório? Copos, pratos.

— Isso não é mania— Kalel argumenta.— É normal esquecer uma coisa ou outra.

— É o que eu falo para ela.— João protesta e coloca uma almondega no prato.

— Eu juro por deus que na próxima encarnação, vocês dois tem que vir com a mulher e eu como o homem da relação.

São tão diferentes, mas tão homens!

Kalel ri abertamente, João também, nisso

combinam, ficam lindos quando riem, Kalel me puxa e me dá um selinho, continuo carrancuda, ainda que por dentro as coisas estejam quentes demais.

João está sentado de frente para nós dois, ele estende a mão por baixo da mesa e eu a alcanço apertando seus dedos, sei que estamos os três nisso, sem ciúmes, sem espaço para disputa, apenas nós.

Kalel limpa o canto da boca e continua a rir, nega com a cabeça.

— Eu pensei que só eu quem fazia barulho ao tomar café no escritório— ele revela.— Estamos empatados nessa amor.

— Awnt— encosto a cabeça em seu ombro gargalhando.— Viu João? Nossa metade da laranja também chupa o café.

— Acho que vou ter que arrumar canudinhos para vocês dois.— João justifica.

Olho para o Kalel, seus olhos pousam em mim e depois estão centrados em algo que os tira do estado de felicidade, seus lábios vão se desfazendo do sorriso e logo seu semblante endurece, tento olhar com descrição para o mesmo rumo que ele olha, mas o João já vai bisbilhotando e girando o pescoço no mesmo rumo, belisco a mão

PERIGOSAS NACIONAIS

dele e ele dá um pulo na cadeira todo estressado.

— "Mor"— chamo o Kalel.

Ele demora a olhar para mim de novo.

— O que foi?

— Nada— ele responde, mas não é a mesma coisa, tenta sorrir, mas é forçado.— Então, o que estávamos falando?

— Sobre canecas— João o encara sacudindo a mão.— Ai Nanda.

— Para de ser bisbilhoteiro, parece até aquela desregulada da sua mãe, fofoqueira mais que o vento.— praguejo.

— Quem é?— João pergunta mesmo assim.

Kalel sorri mais nervoso que nunca e nos olha um de cada vez.

— Alguém do passado.

— Uma das namoradas?— a pergunta sai antes que eu perceba.

Droga, também quero saber quem arrancou o sorriso dos lábios dele.

— Não— Kalel me fita.— É a mãe da Alice.

— Puta que me pariu.— João fala arregalando os olhos.

Tirou as palavras da minha boca, cada uma delas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei o que ela está fazendo aqui— Kalel diz.— Pelo o que soube, ela estava nas Maldivas com o marido dela.

— Entendi.— me decepçiono em saber que ele sabe sobre ela.

— Você fica procurando saber dela?— João pergunta todo sério.

Nossa, nossa, credo, também quero saber.

— Não— diz Kalel convicto.— É que ela é casada com alguém bem próximo.

— Disso eu não sabia— falo.— Não era um rico empresário de fora do país?

— Amor, eu tenho muitos parentes que moram fora— Kalel responde tenso.— Não queria entrar nesse assunto, acho que devemos ir para nossa casa.

— Pois eu não— João replica e volta a comer.— Essa comida ta fera.

Respiro fundo, pego meus talheres.

— Não tem que ter medo dela Kalel, ela fez as escolhas dela e não iremos embora só porque ela chegou— respondo.— Não me sinto incomodada nem você deveria se sentir, você não falhou com a Alice e sim ela.

— Acontece que ele é o meu irmão mais

PERIGOSAS ACHERON

velho.— Kalel replica com uma ponta de estresse.

Senhor!

— Melhor— João insinua.— Você não é o fodão da família? O comilão? Quem papou primeiro não foi você?

— João!— estou horrorizada.

Kalel o encara furioso e então do nada começa a rir, João estende a mão e ambos trocam uma batida de mãos como se fossem parceiros, prendo o riso.

— Você deveria se envergonhar— aponto para o João com o garfo.— Do nada virou um machista de merda?

— Amor, só queria que ele risse, não podemos estragar nosso almoço— João replica.— Me desculpe por me referir a mãe da Alice com palavras tão feias...

— De certa forma foi isso, com a diferença de que ele não é meu irmão por parte de mãe, é filho do meu pai, ele teve esse filho na Itália, mas nunca foram próximos— Kalel explica.— Podem imaginar como me senti quando eu soube que ela estava com ele, exceto por todos da minha família ninguém sabe que ela é a mãe da Alice.

— É até a Joanne pensa que a Alice foi

entregue pela cegonha— reflito.— Mas, você não nos falou desse irmão.

— Falei sim, ele está entre os que tentaram me matar, só que nunca foi comprovado se ele entrou ou não para o clã na época, pelo o que soube é um grande vendedor de carros caros na Itália, ela o conheceu por lá, também não procurei saber, eu apenas não entendi porque ela está aqui.

— Coincidência ou destino?— João indaga.
— Bocejou ele entediado ao lado de sua nova esposa.

— É isso o que as novelas fazem com a cabeça de alguém normal— explico, Kalel ri de novo.— Está vendo?

— Vocês dois são divertidos demais— Kalel afirma.

— Somos mesmo, não queremos te ver triste por causa dela— digo e me inclino, coloco um selinho em seus lábios.

Kalel me fita e toca a minha face, me beija devagar, escuto um pigarreo do João, mas demoro um pouquinho para me afastar, o beijo é gostoso demais.

— Te compenso quando chegarmos em casa
— justifico em português para o João quando enfim

PERIGOSAS NACIONAIS

nos afastamos— tá?

— Não estou preocupado com isso amor—
João fala rindo abertamente.— Hum, hum!

— Kalel!— escuto a voz firme e áspera soar
bem próximo.

— Matheo.— Kalel fala de imediato.

Ele se levanta, e então estende a mão para o
homem alto e robusto diante de nossa mesa, ele usa
roupas informais, não posso dizer isso da mulher ao
lado dele, ela é..

— Jéssica. — Kalel fala num tom não muito
amigável.

— Kalel. — a garota fala também educada.
Senhor.

Ela é apenas uma... Jovem garota?

PERIGOSAS ACHERON



— Não pude deixar de reparar— Matheo fala com um sorriso muito manso.— Soube que se casou, vim parabenizar, está é sua esposa?

— Sim— Kalel fala e não gosta de nada disso.— Acredito que a pessoa que te passou esta informação tenha sido a minha mãe?

— Foi a tia Melissa.— Matheo fala cordial.

Ele aparenta ter uns quarenta mas não mais que isso, Kalel sorri com tanto sangue frio que me surpreendo.

— Ah, não sabia que era próximo da tia Mel.

— É, muitas pessoas da família não sabem— responde Matheo— Está é a sua esposa?

— Sim, amor este é o filho mais velho do meu pai, Matheo, ele é fruto do primeiro relacionamento do meu pai— Kalel explica.— Está é a Fernanda a minha esposa.

— É um imenso prazer Fernanda.— Matheo estende a mão para mim.

Me levanto, estendo a mão para ele e o mesmo a ergue e deixa um beijo na minha mão, é bonito, tem olhos azuis mais densos e um sorriso de arrancar o fôlego, charmoso, sem sombra de dúvidas, sorrio para ele, contudo tenho a impressão de que ele não sabe de nada a respeito dessa azinha e do Kalel.

— Minha esposa Jess — Matheo fala apontando para a moça jovem ao lado dele.— Jess está é a esposa do meu irmão, ela não é encantadora?

— Com certeza— fala ela sorrindo para mim.
— Muito prazer, Jessica.

Quem olha até acredita.

— Não sabia que haviam liberado o casamento infantil.— João comenta em português.

Ainda que tensa sinto vontade de rir.

— Este é o primeiro esposo da Fernanda, John— Kalel apresenta secamente.

— Muito prazer— Matheo aperta a mão do João com firmeza.— Você é um homem de muito azar por ter que conviver com o meu meio irmão.

Não é normal que as pessoas deem um ataque de pelanca ao saber que eu sou mulher deles dois? Mas, ultimamente não tem sido assim. Estou

surpresa, ainda não totalmente envergonhada.

— Podemos nos juntar a vocês?— Matheo questiona.— Faz uns cinco anos que não nos vemos Kalel.

— Pois é, tempo— Kalel responde e me olha.
— Pode ser amor?

— Claro— digo.— João?

— Por mim tudo bem— João pega os talheres.— Mais gente, mais comida.

Ele se empolga com treta, não tem jeito.

Se bem que as últimas tretas têm sido bem tensas para nós três.

Me sento, Kalel chama o garçom e o homem providencia mais dois lugares a mesa, rapidamente traz cadeiras, talheres e mais menus, João coloca a cadeira dele a minha esquerda e o casal recém-chegado se senta diante de nós três, Kalel não demonstra nervosismo, pelo contrário respira autoconfiança de tão firme, a tal Jéssica também não se importa pelo visto, o que ela tem de jovem tem de fria e bonita.

Fico me perguntando como ele se envolveu com alguém tão jovem, ela não parece ter mais de vinte e poucos anos.

De repente me dá uma vontade imensa de

saber mais sobre a morena de cabelos escuros e olhos azuis-claros diante de nós, ela usa um vestido floral longo e sapatilhas, é magra e baixinha, uma mulher pequena, não usa muita maquiagem e nem precisa, é jovem de dar inveja e bonita de fazer qualquer homem aqui presente babar.

— Estou surpreso que tenha se casado Kalel, você sempre fugiu de relacionamentos como o diabo foge da cruz.— Matheo fala com um sorriso calmo.

É, ele também é muito bonito.

— Eu vou querer apenas uma salada e uma água— fala Jéssica para o garçom.— Para o meu esposo, a massa com molho branco e o vinho da casa.

— Sim senhora.— o garçom anota e se afasta.

— Como estão as coisas Kalel?— Matheo indaga me olhando com curiosidade.

— Ótimas— Kalel responde.

Jéssica usa uma aliança dourada no dedo esquerdo e um anel com uma pedra imensa de diamantes, Matheo uma aliança dourada no dedo esquerdo, o que ainda me consola ao olhar para ambos e saber que apesar de eu não ser exatamente

PERIGOSAS NACIONAIS

como esse tipo de casal, não vim das mais feias, coloquei uma saia cintura alta e uma blusinha por dentro, sandálias fechadas, algo bem básico, hoje deixei meu cabelo solto, sei que estou bem acima de tudo.

— Não esperava te ver aqui— Matheo sorri.
— Estão de passeio na cidade?

— Talvez.

Kalel não queria isso, não esperava, volto a comer, mas não é a mesma coisa que antes.

— E a sua filha? Está bem?

— Está sim.

— Não precisa ficar envergonhado Kalel, eu não penso como nosso pai, você sabe que aquela velha bruxa bem que tentou me controlar mas não conseguiu.

— O Matheo morou uma época conosco mas ele não deu certo com a minha mãe— Kalel me fita.— Desculpe não ter falado sobre isso, para mim é irrelevante, ele é reconhecido como todos os meus outros irmãos.

— E vacinado— Matheo diz.— Ele também não tem motivos para falar de mim, somos muito distantes, raramente convivemos, Kalel é afastado da família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele tem os motivos dele.— respondo.

— Com certeza e eu os meus— afirma.—
Nunca pensei que viveria para ver meu irmão casado.

— Você não se casou?— pergunto.— Porque ele não poderia se casar também?

João começa e sufocar o riso, percebo o semblante do Kalel suavizando, enquanto a tal Jéssica golpista está me olhando toda surpresa, Matheo só me analisa.

— Jess e eu somos casados a alguns anos, apenas não pensei que o Kalel decidisse se casar, ele é muito galinha, desinteressado e tem um estilo de vida muito desregrado.

— E você se casou com uma pré adolescente.

— Dois!— João pigarreia e bebe um gole vasto de suco.

— Tenho 28 anos— responde Jessica e sorri.
— Estamos casados a 8 anos.

— Legal.— digo com desinteresse.

É só que não queria julgar mas fico me lembrando da Alice e tudo na qual essa garota a sujeitou ainda em sua barriga e vai me subindo um ódio dela, mesmo que eu não queira, achei tão feio o que ela fez com a minha menina.

PERIGOSAS ACHERON

— Se sente à vontade sabendo que sua mãe não aceita sua relação?— Matheo questiona olhando para Kalel.

— Você acha mesmo que eu me importo com a minha mãe?

— Bem, é que você passou a vida inteira tentando agradar ela.

— E você ao meu pai.

— Eu confesso que cometi muitos erros, era muito jovem mas isso ficou para trás.

— Sei.

Kalel também não gosta desse Matheo pelo visto e não tem a ver só com a Jéssica.

— Está bem— Matheo diz cheio de sotaque.
— A tia Melissa me disse que estava na cidade e eu queria conversar com você sobre a Alice, a Jess me contou sobre ela a alguns meses e eu queria deixar claro algumas coisas.

— Eita!— João fala espantado.

Eita mesmo!

— É?— Kalel pergunta bem devagar.

— Só queria deixar claro que estou ciente de que você e a Jess tiveram um caso e que sei que a Alice aconteceu.

— Que?— Kalel olha para Jéssica.— Foi isso

o que disse para ele?

— Foi o que aconteceu.— ela responde com arrogância, mas parece esconder um medo imenso por trás disso.

Kalel está começando a ficar nervoso, seguro sua mão por baixo da mesa e a aperto, ele respira fundo, acho que o irmão dele não merecia ouvir nada diferente nesse momento.

— É que decidimos ter nossos filhos, mas ela infelizmente está com problemas para engravidar, o médico disse que as chances são mínimas— Matheo explicar.— Eu quero ser pai, então ela acabou me confessando tudo sobre vocês, que vocês decidiram que a Alice ficaria com você, eu respeito muito isso quero que saiba, a Jess também não quer laço com a Alice, longe de nós Kalel, somos irmãos, o mesmo sangue.

Ele parece tão sincero...

— Que ironia não é mesmo?— Kalel alfineta.

— É, uma grande ironia— Jessica concorda.

— Quero deixar bem claro que eu não queria ter vindo, vim por meu marido.

Teria evitado o desprazer de ter te conhecido, o pior é ver que ela não está nem ai mesmo para a Alice.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Kalel...

— Olha Matheo, entendi já, estou num momento agradável com a minha mulher, com o meu melhor amigo, não quero estragar esse momento discutindo com você sobre a sua esposa, eu e ela não temos nada incomum, a Alice é só minha, temos um acordo e um contrato, ela foi apenas a minha barriga de aluguel, a meu pedido, não deve se preocupar.

— Estou aliviado em saber disso, sei que a Jess era muito jovem, quando eu a conheci ela estava numa fase difícil da vida, mas superando — Matheo me fita.— Desculpe incomodar vocês.

— Não, imagina— digo sem graça.— Nós já sabemos a história toda, pode ficar tranquilo.

Pelo visto é iludido.

— É bom que está tudo claro agora.— Matheo fala.

Você é quem pensa.

PERIGOSAS ACHERON



Lavo minhas mãos.

Acabei de vir para o banheiro, estava muito apertada enquanto ouvia o Kalel conversando com o Matheo e o João sobre a empresa dele, eu meio que não gosto do assunto contudo, percebi logo que o Kalel quer mesmo é encher linguiça até terminarmos o almoço para irmos embora.

Ele não quer falar sobre a Alice com o irmão e pensando bem, eu também consigo entender porque antes ele não nos disse quem era o marido da Jéssica, acho que o Kalel não quer levar isso para um patamar maior do que já foi em seu passado.

Apesar de não ter aprovado o fato de que ele omitiu tudo, não posso julgar ele, melhor mesmo é que deixemos isso para trás, para o bem da Alice.

— Então você é a eleita!

Não me assusto com a pergunta, mas fico bem surpresa em ver a dita cuja retocando a
PERIGOSAS ACHERON

maquiagem na ponta do lavatório, mantém uma bolsinha de mão aberta, batom e pó com pincel em cima do batente do lavatório.

Jéssica é muito bonita, mesmo, mas infelizmente a beleza dela só parece uma prerrogativa para algum homem transar com ela, não a conheço e já a detesto, ela é vazia e pelo visto muito mais fútil do que eu pensava, sem falar mentirosa porque, com certeza, ela mentiu para o Matheo sobre tudo em relação ao que houve entre ela e Kalel.

— Pois é— digo tentando ser o máximo que posso educada.

Mal dá para acreditar que a minha menina saiu dessa garota que agora me olha com deboche.

— Sabe, nunca pensei que com tantas mulheres no mundo ele fosse logo escolher alguém como você.

Ela delineia o lábio superior com o cajado vermelho, depois seus lábios espalham o batom de cor purpura, ela se vira e me olha tão sugestiva que fico travada, não sei o que dizer.

— Você sabe, a família não gosta de gente de cor.

— É mesmo?— pergunto de repente sentindo

PERIGOSAS NACIONAIS

chateação com a afirmação da mãe de Alice.

— Sim, e também você não é bem o padrão que os Baltazar exigem.

— Na verdade o padrão deles já deve estar a muito tempo defasado não é mesmo?

Ela pisca bem devagar e sorri como se não desse a mínima.

— É mesmo... Como é mesmo seu nome querida?

— Maria Fernanda.

— Ah! me desculpe, é que é um nome tão... Exótico, assim como você suponho.

— Não tão comum como Jéssica eu acredito, querida!

Pego o papel toalha e começo a secar as minhas mãos, Jéssica guarda a maquiagem, mas finjo não prestar atenção nela, sei que devo ignorar ela por completo, simplesmente não vale a pena, apesar de que por dentro me inflamo com as insinuações dela, não seria nada sensato.

— Kael te contou que eu abandonei a Alice? É tão ele ser sentimental, não sei porque ele pensou que eu iria querer algum vínculo com ele, desde o começo deixei bem claro que era um mero negócio.

— Jéssica insinua.

PERIGOSAS ACHERON

Amasso o papel com toda força entre os dedos e meus ombros enrijecem com a tensão.

— No final da gestação eu já estava supercansada e queria logo que tirassem aquela garota de dentro de mim, não aguentava mais o fardo de ter que carregar aquilo dentro de mim— Jéssica se aproxima mexendo no cabelo— Ele te contou que eu nunca quis a Alice?

— É normal para você esse tipo de coisa?

— Não deveria ser? O corpo é meu afinal de contas.

— Mas, você não pensou em nenhum momento na Alice? Nos sentimentos do Kalel?

— Que sentimentos? Kalel nunca teve sentimentos por mim, para ele eu era apenas mais um passa tempo, se eu houvesse conhecido o irmão certo primeiro eu, com certeza, não teria tido aquela menina com ele.

— Não precisa se referir a Alice assim.— digo e respiro fundo.

— Aquele entojó me deixou gorda por meses depois da gestação.

Nossa.

— Sinto nojo de lembrar todo o pós-operatório, de ter carregado aquela coisa dentro de

mim...

— Por favor, cale-se!— peço cortando-a, não suporto mais ouvir uma palavra se quer da boca dessa garota.

Jéssica me fita, os olhos afiados.

— Quem acha que é para me mandar calar a boca? Acha mesmo que ele a quer de verdade? Você não passa de um capricho nas mãos dele, não passa de algo descartável assim como todas as mulheres que passaram pela vida dele e passam...

Não sou obrigada a ouvir isso.

Começo a me afastar, mas assim do nada sinto um puxão forte no meu braço, me viro e encaro Jéssica de perto, ela aperta meu braço com tanta força que suas unhas machucam a minha pele.

— Ninguém dá as costas para mim, tão pouco uma suburbana de quinta como você.— Jéssica fala.

— Garota o que mais te incomoda? O fato dele ter casado comigo ou o fato de que você foi só mais uma na lista dele? Um erro?

— Kalel Baltazar nunca se casaria com uma mulher negra na vida dele, tão pouco gorda.

— Me solta.— exijo irritada.

— Desculpe-se por ter me insultado.

Eu a olho e finjo que não me importo com o que acabou de pedir, então me lembro de um famoso dizer do Brasil.

— Já acabou Jéssica?

Jéssica aperta meu braço com maldade no olhar, me solto de sua mão com muito custo, ela me empurra do nada e não penso duas vezes antes de devolver o empurrão, só que não meço minha força, empurro ela pelos ombros e ela cambaleia, então assim do nada, ela ergue a cabeça boquiaberta e avança na minha direção trincando os dentes.

Ah, não! Dessa vez não!

Ela vem para o meu rumo e seguro seus pulsos, Jéssica solta um gemido alto, não penso duas vezes antes de puxa os cabelos dela, ela esperneia, só que nesse momento eu não consigo mais pensar em nada, nem em ouvir a voz dessa insuportável falando da Alice, do Kalel, não depois de tudo o que ela fez a eles, porque que o meu marido não presta eu sei, mas ele ama a Alice acima de tudo.

— Olha aqui garota, ninguém chama a minha filha de “*aquilo*”— explico e empurro ela contra a parede, estendo a mão e cravo as unhas no pescoço

dela, vejo pânico em seu olhar, Jéssica começa a gritar.— Isso, grita, grita mesmo, para todo mundo ouvir o som da galinha cantando.

Já foi a época que eu permitia que alguém me fizesse de tapete, cansei também de levar na cara, está na hora de bater.

Sapeco uma mão bem servida na cara dela e puxo os cabelos dela fazendo com que ela fique de joelhos no chão do banheiro, Jéssica tenta acertar minha barriga, mas recuo, fecho o punho e acerto um soco no meio da cara dela, ela cambaleia, a vontade que me vem é de meter um chute na cara dela, contudo, sinto um puxão rápido e alguém me agarra por trás.

Esperneio fora de mim.

— Me solta— berro enfurecida.— Me solta!

— Kalel tira ela daqui— escuto a voz do João nervosa.— Ou ela vai matar a sua cunhada.

— Essa desgraçada merece isso— grito cansada de tentar lutar contra os braços fortes que me prendem e me puxam para fora do banheiro.— Me solta.

— Não— Kalel diz nervoso.— Nanda, para!

— Não!— grito quase sem voz— Essa vaca merece levar uma surra— estou sem ar.— Sua

piranha aproveitadora, golpista, sua vadia que só pensa em dinheiro, me solta Kalel!

Jéssica tenta se levantar, Matheo também entra no banheiro, ele se aproxima dela parecendo em choque, ela cobre as faces com as mãos mas não cai uma lágrima.

— Suas lágrimas não são verdadeiras, sua vaca egoísta, você só quer o dinheiro deles, você nunca os amou de verdade, sua vagabunda desqualificada...

— Nanda!— João berra.— Chega!

Sinto que as minhas faces estão úmidas, estou chorando bem antes que perceba, fungo e fico parada enquanto Kalel me puxa para fora do banheiro, uma funcionária do restaurante nos espera no corredor dos toaletes, Kalel não me solta, João para a cadeira perto de nós, respiro fundo.

— Calma— João ordena.— Ela te machucou?

— Não— digo trêmula.— Eu quero ir embora.

— Vamos— Kalel não diz mais nada.

Nem quero que ele diga, respiro fundo de novo e de novo, com as pernas bambas me afasto de ambos, passo pela funcionária e sigo em rumo a

saída.

Não consigo falar, não consigo emitir nenhum som além dos das minhas lágrimas, e não me arrependo de ter batido naquela vadia.

Ela mereceu, e ela que não se aproxime da Alice nem da minha família.



— Amor?
— Não quero brigar João.
— Não queremos brigar também, só quero saber se você está bem.
— Eu não estou bem, não mentalmente, fisicamente estou bem sim.

Já chorei tanto.

Sei que nem deveria por conta que aquela vaca não merece uma lágrima se quer minha, mas não é algo que eu possa controlar, não é bem um problema porém é algo do qual quero esquecer de hoje em diante, o difícil é não lembrar das duras palavras que ela usou ao seu referir a Alice, nem tanto a mim, mas a Alice... Ela não tinha o direito de falar coisas tão feias da minha pequenina.

Nosso caminho para casa foi só silêncio, nenhuma pergunta por parte do Kalel nem do João, os dois não brigaram comigo nem disseram nada para me repreender preferi até assim porque eu não

estava bem, agora com a cabeça mais fria depois que subi e tomei um banho, coloquei roupas confortáveis, sentia-me sufocada quando sai daquele restaurante.

O que começou como um dia agradável acabou como um dia muito cansativo e triste.

— A Alice e a Clara estão te chamando para o jantar— escuto Kalel falar.— Vamos?

— Estou sem fome.— falo e puxo o cobertor para cima da minha cabeça.

Agora estou um bocado envergonhada, com tantas coisas em minha cabeça, eu sei que não deveria ter feito aquilo, mas Jéssica me atijou demais, nunca em toda a minha existência bati em ninguém, exceto por aqueles tapas que dei em Kalel e no João, eu nunca briguei em toda a minha vida.

— Amor você tem que se alimentar— João insiste.— Por favor, para com isso.

Respiro fundo, me ergo e me sento na cama, Kalel está diante de mim, João em sua cadeira ao lado da cama, não sei nem o que dizer.

— Entendo que perdeu o controle— Kalel fala antes de mim.— Eu também teria perdido, o John me disse o que houve.

— Você estava escutando atrás da porta?—

pergunto para o meu marido.

— Claro, você começou a demorar então fui atrás de você— João responde.— E o Matheo atrás da mulher dele.

Caralho!

— Foi im-pa-gá-vel.— João soletra com uma cara de destruidor de lares.

— Fofoqueiro— acuso querendo rir.

— Mas, eu não chamei ele, ele quem foi ao banheiro, não foi Kalel? Me defende aí Marido 2.

— É verdade— Kalel sorri.— Eu tive que atender a uma ligação então ele foi ao banheiro, foi uma coincidência.

— Ele ouviu nossa conversa João? Nossa!— cubro as faces.— Coitado do homem.

—Ele merecia a verdade— Kalel argumenta.
— Claro que eu não contaria, mas a própria Jéssica quem disse, Matheo infelizmente não acreditaria em mim, nem precisei fazer esforço para contar tudo.

— Você fez todo o trabalho sujo— João sorri.— Que orgulho.

— João para!— repreendo.— Você ouviu todas as coisas feias que ela falou da minha Alice?

Kalel me olha com um tipo de orgulho bobo,

toca a minha face e me abraça.

— Ah querida, não chore por isso, nós amamos você tanto quanto você nos ama, não ligue para o que aquela louca disse, Alice tem o seu amor de mãe— ele replica.— Que orgulho ter uma esposa que nos defende como você nos defendeu, que protege sua filha.

— Eu não quero nunca mais ver aquela desgraçada— reclamo chateada e aperto o Kalel.— Por favor não deixa ela chegar perto da Alice.

— Acho que ela não chegará perto de ninguém, duvido muito que o Matheo continue com ela depois de saber a verdade.

— Sinto muito por ele Kalel.

— Não queria que soubesse que ele era meu irmão ou meio irmão porque eu tinha medo de que pensasse mal de mim.

— Como poderia amor?— pergunto.

— Bem, já que começou Malhação 2018, vou para a mesa de jantar, não demorem.— João começa a se afastar.

— Há, há há, engraçadinho— acuso desprovida de humor.

— Às vezes vocês dois são tão melosos que nem eu aguento— responde ele manobrando a

PERIGOSAS NACIONAIS

cadeira para fora do quarto.— Depois eu quem sou o sentimental.

— Não liga para ele— Kalel argumenta.

— Não ligo mesmo— afirmo e o aperto.—
Desculpe pela vergonha que te fiz passar.

— Não há o que se desculpar— retruca.— Te amo demais para ficar bravo, só me assustei.

— Eu não queria brigar com ela, mas ela mereceu.

— Eu tenho certeza que sim.

Kalel me mantém eu seu abraço seguro e carinhoso, respiro fundo, aspiro seu cheiro.

— Mudou de perfume?

— Sim, gostou desse?

— É mais suave.

— Sei que enjoou do outro.

— Você é o máximo sabia?

— Sabia.

Eu o beijo e Kalel toca a minha barriga com cuidado.

— Tem certeza de que ela não machucou nossos bebês?

— Tenho, quando ela se aproximou da minha barriga eu soquei a cara dela— afirmo.— E o Matheo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei— ele fica sério.— Não sei se sinto por ele, Matheo é um dos meus suspeitos de ter tentado me matar.

— Ele não parece ruim.

— Me pergunto se desde o começo ela não me seduziu para se aproximar dele.

— Ela era muito jovem Kalel.

— É, ela tinha dezenove anos e eu não tinha cérebro, só fiz merda pensando bem.

— Ainda bem que essa fase passou.

— Ainda bem que você apareceu na minha vida meu amor.

Meus lábios se curvam num sorriso aberto, Kalel me puxa e saímos da cama, ele passa o braço envolta da minha cintura.

— Vamos jantar com a nossa família, depois falamos sobre isso, ok?

— Está bem— digo.

Melhor assim.

PERIGOSAS ACHERON



— Mor.

— Humm...

— Tá enjoadinha?

— To sim.

Ai eu fico inquieta, nós mal nos deitamos e eu já fui no banheiro e vomitei todo o jantar, me sentia meio tonta, melhorou depois de um longo banho frio, a minha pressão despencou.

— Vem cá.

Me aconchego, João beija a minha cabeça e fico deitada de bruços em cima dele, ele faz carinho na minha cabeça, fico me indagando como ele consegue me deixar tão relaxada apenas com um toque.

— Algo errado?— Kalel pergunta baixinho.

— A Nada está passando mal ainda, não consegue dormir.

Eu pensava que os dois estavam dormindo já, viemos para o nosso quarto logo que o jantar

acabou, Kalel colocou as meninas na cama hoje, a Barbará caprichou muito na comida, pena que meu estômago está virado, e tem esse maldito calor...

— Enjoos?— Kalel indaga.

— Estou com muito calor— respondo.— Não é possível, eu estou apenas de camisola.

— Está casa não tem ar-condicionado, mas tem um ventilador no closet— Kalel diz e se levanta, ascende o abajur.— também sinto um pouco de desconforto, aqui na Califórnia costuma fazer mais calor mesmo em algumas épocas do ano.

Ele sai da cama, totalmente nu, João puxa a barra da camisola que eu uso e me ergo, eu a tiro e vou para o lado, parece que meu corpo prega de tanto suor, ou seja lá o que é isso.

Me deito com a cabeça em seu abdómen e o João puxa meus cabelos para cima deixando minha nuca livre, Kalel coloca o ventilador na poltrona ao lado da nossa cama e quando o ar começa a circular no quarto, tudo parece um pouco melhor.

— Obrigada amor.— digo aliviada.

Ele se senta na cama e puxa as minhas pernas, eu as coloco em cima de sua barriga e Kalel massageia minhas pernas ainda sonolento, realmente dormir a três é bem a mesma coisa que a

dois, ambos sempre acordam quando eu acordo.

— Estava pensando em algumas coisas hoje, cheguei a conclusão de que eu tenho que contar para a Alice sobre a mãe dela.

Nada se move no quarto, não estou exatamente tensa nem o João, estamos apenas surpresos.

— Não quero que ela cresça e isso a machuque, vou explicar que a mãe dela é viva e que mora longe, e se ela me perguntar quem é eu vou explicar que é a Jéssica, não é justo com a Alice que eu minta mais para ela.

— Talvez isso seja confuso na cabecinha dela não acha?— João responde baixinho.

— Eu discordo— falo de imediato.— Alice merece isso, antes agora do que na adolescência, talvez ela se revolte contra o Kalel.

— Pensei dessa forma também— Kalel toca meu pé direito.— Vocês me ajudam a explicar para ela?

— Claro.— digo.

— Por mim tudo bem também— João concorda.— Ainda que eu pense que ela não vai entender.

— É bom ela ir se acostumando com a

verdade, e a verdade é que a mãe dela está viva, sei que a Alice não vai querer conhecer ela, simplesmente ama a nova mamãe dela.

— Olha que gracinha, ele usando termos fofos— João caçoa.

— Ai cara, cala essa sua boca— retruca Kalel achando graça.— Só sabe ficar tirando uma com a minha cara.

Rio, estendo o pé esquerdo e toco a parte onde seus pelinhos pubianos estão crescendo, Kalel toca meu pé e me lança um olhar muito tranquilo.

— Que foi?— pergunta.

— É carinho— digo sincera.— Não gosta?

— Gosto— ele puxa a minha calcinha.— Que tal eu te fazer carinho também?

— Eu quero— ergo as pernas e ele tira a minha calcinha, depois abre as minhas pernas e me toca devagar— “*carinho*”— repete em português.

Tão fofo.

— Acho que estamos bem— João fala.— Apesar do “*box*” que a Nanda trocou com a Jéssica as coisas estão bem.

É verdade.

— Amanhã será um novo longo dia— Kalel se estica e desliga o abajur— “*Mor*” me da

“carinho”?

Awnt, ele está aprendendo a falar português!

Me ergo e me deito de costas, Kalel se inclina e eu o puxo, João fica de lado e me abraça por trás, enfio o braço embaixo da cabeça do Kalel e começo a lhe fazer cafuné, ele puxa a minha coxa e me dá um beijinho lento.

— Te amo— diz baixinho.— Está melhor?

— Sim— digo e entrelaço os dedos do João, ele me abraça pela cintura.— Estou ótima.

Melhor impossível.



— Bom dia minha princesa!

Alice sobe na cama toda sonolenta, Kalel coloca Clara deitada em cima do João que ainda dorme com a cabeça enfiada embaixo dos travesseiros, Clara o abraça e ele dá batidinhas nas costas dela cobrindo-a com o nosso cobertor, Alice me abraça bocejando, Kalel pega um short de dormir que deixou num canto da cama e veste rapidamente, não tenho vergonha, abraço a minha menina.

— Bom dia mamãe— Alice sussurra e toca as minhas faces, acomoda a cabeça entre meus seios com naturalidade.— Ela quem me chamou.

— Eu sei. — concordo e toco sua cabeleira.

Kalel nos olha em silêncio, então ele se deita de novo e nos abraça, beija a cabeça da Alice, toco sua face, ele mudou tanto com ela desde que nos conhecemos, está mais carinhoso com ela, está sendo o pai que eu nunca pensei que ele seria.

É bom saber que ele aos poucos se adapta a realidade, é bom saber que apesar de tudo ele realmente a ama, Alice merece uma família estável que o pai esteja por perto sempre para protegê-la e ensinar ela a ser uma menina forte para que quando ela crescer não ter que se submeter a tantas outras coisas da vida, principalmente na adolescência.

— Alice, o papai e a mamãe queriam te falar uma coisa— Kalel começa todo apreensivo.— É sobre a sua outra mãe.

— É?— os olhos azuis focam no pai, mas não tem tanto interesse neles.— É o que é?

— O papai... Quando você nasceu... Bem, eu... Como posso dizer?

— Dizendo ora— Alice replica e sorri.

De fato, sorrio, mas Kalel está de repente nervoso.

— Alice sua mãe biológica não faleceu a alguns anos— revela João com voz preguiçosa.— Seu pai não podia te contar porque você ainda era muito pequena para entender.

Kalel e eu ficamos sem reação, Alice arregala os olhos agora bem esperta, ela se ergue e se senta na cama e fica nos olhando em silêncio, ela ainda é tão pequena para ter que receber essa notícia assim,

seus olhinhos estão confusos e apreensivos, eu a amo tanto que não quero que se magoe, mas, de repente, Alice olha para o pai com tanto medo que sei que ela irá em breve ficar muito zangada com ele por tudo.

— Mas, isso quer dizer que eu vou morar com ela?— Alice pergunta incerta.

— Bem, não— Kalel responde depressa.— Porque essa pergunta Alice?

— Eu não quero que me devolva para ela, eu gosto da nossa família agora— revela a menina pensativa.— A Bah já havia me dito que a minha mãe biológica me deu para você quando nasci, ela me contou a alguns meses quando eu ouvi você conversando com a vovó sobre ela, fiquei muito zangada, mas depois a Bah me disse que meu pai sempre me quis e a minha mãe não pode ficar comigo.

Ainda bem.

— Eu não quero que fique magoada Alice— Kalel fala.— Eu amo muito você, sua mãe e eu fomos namorados, mas não deu certo.

— Eu sei, prefiro a nossa família como está agora papai— Alice estende a mão e toca a face do pai.— Não é sua culpa que ela não me quis.

— Eu não disse isso Alice— ele replica logo de cara.— Filha...

— Eu sei papai, a vovó disse várias vezes isso enquanto você viajava, mas eu não ligo, o que importa é que você me quis e sempre me deu tudo o que podia.

Sinto meu peito saltando pela boca de tanto orgulho dessa criança, ainda tão pequena teve que ouvir algo assim da avó, aquela mulher não tem alma.

Kalel fica sem reação, Alice o abraça.

— Não quero falar mais disso, eu já tenho uma nova mãe e um novo pai, eu gosto da nossa família assim papai.

— Sinto muito filha, sua avó não deveria ter dito isso.

— Não importa papai, eu amo você desse jeito.

Porra.

Kalel me fita com uma cara de choro, sei que o fato da mãe dele ter dito o machuca, me machuca também pensar no quão desalmada foi aquela mulher, contudo, ao menos a Barbara teve todo cuidado de explicar para Alice sobre tudo o que aconteceu em relação a mãe dela, acredito que não

tenha sido recente isso porque Alice já parece bem-acostumada com a história, acho que ela a fez jurar segredo para não magoar Kalel ou coisa assim.

— Também te amo filha— Kalel a aperta e beija a cabeça dela.— Muito viu?

— Papai você está me espremendo.— Alice retruca achando graça.

— É que o papai te ama demais ai ele fica emotivo— explico. — Vem aqui meu amor.

Ele a larga e Alice vem para o meu colo, ela me abraça toda sorridente, Kalel respira fundo, os olhos cobertos por lágrimas, estendo a mão e as limpo ligeiramente.

— Que momento família— João fala enternecido.— Agora vai buscar o nosso café papai.

Kalel fecha a cara e mostra o dedo do meio para João, tapo os olhos da Alice, porém já é tarde demais, ela vê e ri muito, João sorri também, Kalel se levanta fazendo cara feia, aponta para o João.

— Tem sorte que eu gosto muito da sua mulher— reclama.— Trago o nosso café aqui.

— É bom mesmo— João provoca e aperta Clara.— Acorda preguiçosa.

Clara se estica risonha e abraça o pai com o

PERIGOSAS NACIONAIS

bico na boca, Kalel se inclina e me dá um selinho.

— Viu? Não doeu muito!— digo.

— Não mesmo.

PERIGOSAS ACHERON



— Cansada?

— Tem sido dias bem corridos.

E põe corridos nisso.

Acho que foi até bom porque me serviram para me acalmar, estar em casa e aos poucos ir voltando a trabalhar me deixou um pouco mais tranquila e me fez me sentir mais segura em relação a uma porção de coisas. Desde que chegamos aconteceram tantas coisas, o aborto da minha mãe, a visita da mãe do Kalel, a minha briga com aquela cobra, contudo, me sinto mais segura porque aos poucos as coisas vão se encaixando e tudo vai ficando mais calmo.

Faz quinze dias desde a minha briga com aquela lambisgoia, quando me lembro já fico toda nervosa, contudo acredito que apesar de todos os pesares é melhor ir deixando de lado, Kalel tem ido a empresa dele durante alguns dias revezados da semana desde então e eu e o João estamos

PERIGOSAS ACHERON

trabalhando novamente no caso do senhor Hans.

Que está muito, muito atrasado.

Basicamente passamos o dia todo no escritório e cuidando das meninas, Bárbara ajuda bastante com os afazeres domésticos, Kalel enfim decidiu ontem juntamente conosco que matricularemos as meninas numa escola pública, eu e Bárbara tiramos a tarde de ontem para pesquisar uma lista de boas escolas em São Francisco para tentar uma vaga, ela fez algumas ligações e os responsáveis ficaram de ligar.

Alice e Clara tem estado mais conosco também, percebi que desde que Kalel “*contou*” para Alice sobre a mãe dela ela estava um pouco deslocada e carente nos primeiros dias após a revelação ela não desgrudava de mim, depois foi ficando de novo mais independente, ela também queria o colo do João, ficou bem afastada do pai demonstrando um pouco de mágoa ainda que não falasse porém se reaproximou depois do quinto dia.

Kalel estava como sempre tentando ficar próximo, mas os dias de ausência na empresa dele lhe renderam muito trabalho e pouco tempo, houve dias que ele ficou o dia todo na empresa só para que no dia seguinte conseguisse estar em casa

conosco, saia muito cedo com Said e voltava já depois das 22:00, ficamos mais nós com as meninas e a Barbara do que ele propriamente dito.

Mas, não senti que a distância o afastou de mim, nem da nossa família, ele está me tratando sempre com atenção e carinho conversamos quando estamos na cama a noite ou pela manhã cedo, quando ele não vai a empresa resolve tudo por telefone ou computador, como o escritório dele não está adaptado para nós três, ele acaba ficando na sala com a mesa de jantar.

Também percebi que a Clara anda mais próxima dele, às vezes ela não quer nem eu nem o João, só quer o pai Kalel, dá vontade de rir quando ela começa a dar escândalo para ficar com ele e ele está no telefone, nunca pensei que veria um homem como ele se desdobrando para cuidar de uma criança e falar ao mesmo tempo sobre ações e o mercado imobiliário.

É atual segundo marido é dono de alguns outros negócios que envolvem aluguéis de imóveis e compra e venda de casas, Kalel não fala muito conosco sobre isso, acho que é porque ele não quer que o João se sinta enciumado ou menor que ele no sentido financeiros e eu entendo também que ele é

bem discreto nesse sentido também.

Eu percebi que eles dois discutiram a no começo da semana, sobre o que eu não sei, contudo brigaram, nem foi na minha frente, mas quando Kalel chegou da empresa na noite seguinte cada um estava muito calado, o clima de discussão no ar resolvi não me meter e deixar que se resolvessem e até funcionou pois no dia seguinte ambos estavam conversando de novo.

Acho que é assim mesmo, é complicado, não somos mais duas pessoas que se acostumaram uma com a outra, somos três pessoas tentando do zero se relacionar e mantermos uma união literalmente estável.

Fiz o exame de glicemia em casa, alguém do hospital veio e colheu meu sangue o que foi bem cômodo e dessa vez eu não vomitei apesar de ter sentido bons embrulhos no estômago, quando lembro me tremo toda, argh.

— ... Amor, eu estou falando com você— João chama— não vem para o banho?

— Ah, sim.

Kalel tira a gravata, é sábado e eu já coloquei as meninas na cama, ele acabou de chegar da empresa e eu e o João terminamos mais uma pilha

PERIGOSAS NACIONAIS

de arquivos de um caso da empresa do senhor Hans, muitos autos e muitos fatos e contra fatos no processo, já houve tantas propostas de negociações entre as partes, mas nunca entram em consenso, foram dias bons, mas bem cansativos.

— Você está aérea hoje— Kalel diz enquanto desabotoa a camisa.— Algum problema?

— Só bastante leitura, acho que estou ficando enferrujada.— digo e tiro o vestido que uso dando as costas para ele, João está no chuveiro já.

— Eu estive pensando— Kalel começa.— Vocês dois não estão usando os celulares que eu dei para vocês.

— Não é que não estamos usando, é que o pai do João está telefonando toda hora nos números e ele está de saco cheio.— explico.

— Podemos mudar os números— Kalel me abraça por trás.— E para ajudar vocês dois durante a semana, podem usar um carro, o que acha?

— Kalel...

— Sem negativas— repreende ele.— Said não ficará a disposição e a Bah tem as coisas dela.

— Deixa ele Nanda, ele quer dar— João retruca num tom de voz cheio de raiva.

Bingo, eis o motivo da briga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, então é por isso que vocês estavam brigados— concluo e nenhum dos dois fala nada.— Acho que vocês dois são ingênuos de pensar que eu não percebo as coisas.

— O Kalel já comprou dois carros sem nos consultar— João pragueja de dentro do box.— E uma mini vã.

Me viro para ele, Kalel me olha como se isso fosse irrelevante.

— Não conversamos...

— Já está feito— ele replica.— Ponto.

Nossa.

Entendi porque o João se chateou.

Me afasto e tiro a calcinha, vou para o box, Kalel vem logo atrás, entro e ligo o chuveiro, já fico logo tensa, nenhum dos dois fala nada. Pego o sabonete e começo a tomar banho calada, não estou exatamente com raiva contudo estou chateada dele ter feito isso sem que conversássemos os três, não precisamos de um carro agora quanto mais dois porque já temos o carro dele e também duvido que saíamos com tanta frequência sem ele ou coisa assim.

— Só quero que vocês dois tenham conforto assim como as meninas, os bebês, a van é

PERIGOSAS ACHERON

justamente para que possamos sair todos juntos quando eles nascerem— Kalel declara chateado.— Eu não quero que vocês pensem mal de mim, só quis ajudar.

— Sem nos consultar?— indago.

— Não acho que isso seja motivo de consulta — retruca.— Eu sei que precisaremos de ter carros para cuidarmos das crianças e na minha ausência vocês dois terão que se virar, e quando a Bah não puder?

— Aqui não tem transporte público?— João pergunta.

Kalel despeja shampoo na cabeça e começa a lavar os cabelos com toda a naturalidade do mundo.

— Vocês acham que aqui passa ônibus? Estamos a quilômetros do centro, não aceitar as coisas por orgulho além de uma tremenda falta de educação é tolice, os dois precisam melhorar isso e aceitar a condição de vida que tenho a oferecer, estamos juntos não estamos?

— Não é tão simples Kalel— explico.— Nós também queremos ajudar...

— Podem ajudar começando pela postura de vocês, chega a ser medíocre que não aceitem o que eu tenho a oferecer— Kalel fala com sequidão.—

PERIGOSAS NACIONAIS

Melhor que parem com essa postura por frescura ou orgulho.

— Não é frescura Kalel eu também quero sentir que sustento a nossa família.— João fala magoado.

Ele fica calado, o João se enxágua e sai do box com uma cara, me lavo, enxáguo meu corpo, começo a desligar o chuveiro.

— Já vai correndo consolar ele?— pergunta Kalel irritado.— deixa ele aprender a se defender Fernanda, o Jonh tem que parar com isso, ele não é um coitado.

— Ele não é um coitado mesmo, mas ele tem sentimentos.

— Você sempre fica do lado dele.

— Isso não é verdade Kalel porque já teve muitas vezes de o João até te defender, sua postura é errônea, todo o processo por parte dele é um pouco mais lento e ele quer sentir que também é economicamente independente, não foi certo o que você fez.

— Só quero facilitar a vida de vocês.

— Não bastava que tentasse conversar conosco?

— Não aceitariam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, mas era melhor do que fazer as coisas pelas nossas costas e ficar brigando com o João como se tivesse razão, você sabe que está errado.

— Sei.

— Então!

Ele fica calado, saio do box, visto o roupão de sempre e respiro fundo, vou conversar com o João, ele está no closet vestindo uma cueca, seca o rosto todo zangado.

— Amor...

— Agora não Nanda.

Sua voz tem tom de mágoa e raiva, me aproximo mesmo assim, João recua com a cadeira de uma vez e passa com a roda por cima do meu pé, solto um berro assustado e recuo, pulo em um pé observando os meus dedos e prendendo o choro.

— Merda— ele xinga.— Porque você estava ai?

— Só queria conversar.— justifico aguentando a dor lançante.

— Porra Nanda!— João grita.— Não quero conversar, você se machucou?

— Não— digo assustada e decido não insistir.— Tudo bem me desculpe.

Saio do quarto basicamente mancando, passo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo quarto e Kalel está saindo do banheiro secando os cabelos, acho que prefiro não discutir com ele também, eles dois que se resolvam.

Não fiz nada de errado e não vou ficar no meio do fogo cruzado.

Ele também não diz nada, saio do quarto e desço para o andar de baixo, vou para a sala e ligo a tv, pego um saco de gelo no congelador e retorno a sala, me sento e me acomodo entre as almofadas, faço uma careta ao perceber os dedos arroxeados e coloco o saco sobre eles, pelo menos três— e o infeliz do mindinho— estão latejando.

Consigo escutar uns berros, mas não me movo, fico parada olhando fixamente para a tv me incomodo com o som dos gritos do João e eu entendo ele porém não vejo motivo para esse ataque de histeria, vou até a porta que separa a sala de tv da outra sala e fecho, aumento o volume da tv.

— Se quer saber, que se matem!

Este não é um problema meu, a minha parte eu fiz, são dois estúpidos mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— A senhora parece chateada dona Fernanda.

— Não é nada Barbara.

Decidi tirar as meninas daquela casa de clima insuportável antes que os dois brigões acordassem, acordei no sofá hoje cedo com os chamados da Bárbara, sei que não saiu morte porque pedi que ela subisse e visse se estava tudo bem, ela disse que até onde viu pela brecha do quarto, João dormia num canto da cama e Kalel no outro, pedi que ela pegasse uma roupa para mim e minha bolsa, então a chamei para que saíssemos para o shopping mais próximo com as meninas.

Fui ao salão de cabeleireiro enquanto Barbara levou as meninas num playground, a alguns momentos ela me buscou, paguei com o cartão que o Kalel deu para ela para os gastos da casa, fiz a cava, as unhas e pedi que arrumassem meu cabelo gostei mais do produto que passaram nele hoje para hidratar, também fiz a sobrancelha, axila, pernas,

PERIGOSAS NACIONAIS

massagem, fazia tempo que não tirava um dia desses para mim, foi ótimo poder sair de casa e daquele clima tenso.

Eu dormi a noite toda e acordei disposta a não deixar que um assunto tão banal me tirasse do sério, Kalel e João tem que aprender um a lidar com a realidade do outro e pararem de infantilidade e brigar por coisas tão pequenas, logo de início achei a postura do Kalel errada, contudo depois analisei a do João e por outro lado eu achei bem exagerada, então acho que ambos deveriam tentar resolver os problemas sem me colocar entre a cruz e a espada.

Agora eu e Barbara e as meninas estamos comendo um Mc Donalds e aproveitando o finalzinho da tarde, Clara e Alice amaram o dia pelo visto devem ter brincado muito nos brinquedos do play, sei que talvez isso não pode ter resolvido nossos problemas, mas acredito que também não seja obrigada a lidar com tudo e ainda ficar como culpada porque eles estão tendo problemas.

— Eu sei perceber as coisas senhora, o que houve?

— O Kalel e o João brigaram ontem.

— Por causa dos carros?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me espanto em saber e nem sei porque, a Barbara mora conosco, ela está lá em casa todos os dias 24 horas por semana e nos ajuda em tudo, ela quem faz nossas refeições e nos ajuda com as meninas quando precisamos.

— Ele me disse que comprou— Barbara diz.
— Bem, achei meio precipitado, mas tenho certeza de que o Kalel não fez por mal.

— Ele não nos consultou.

— Ele é assim senhora, ele gosta de agradar sem ser questionado, não sei bem se é um defeito ou uma qualidade, o Kalel sempre foi precipitado sabe? Ansioso.

— Ansioso?— chocada.

— Sim, ele nunca demonstrou?

— Bem, precipitado sim, mas ansioso?

— Ele é muito ansioso, a senhora deveria ver quando ele voltou do Brasil da primeira vez, ficava repetindo diversas vezes que precisava te ver, o Kalel é assim mesmo.

— Mas, ele não perdeu tempo em ir ficar com aquelas outras né?

Barbara olha para as meninas e ri.

— Kalel é difícil mesmo senhora, mas ele tinha já essa vida antes de conhecê-la, acredito que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora ele vai sossegar aquele fogo que tem nas partes baixas.

Vou ficando vermelha até as orelhas, Barbara bebe refrigerante e limpa o canto da boca de Clara.

— Será bom poder recomeçar de novo, cuidar de dois bebês, tenho certeza de que o Kalel amará ser pai novamente, ele só não sabe demonstrar infelizmente foi algo que aconteceu por conta dos pais dele, foram muito rígidos com ele desde que nasceu.

— Compreendo.

Aquela bruxa velha...

— Tudo irá se resolver senhora, basta ter paciência.

— É complicado saber lidar com eles as vezes.

— A senhora se acostuma com o Kalel depois, ele vai aprender a entender vocês dois.

— Você já conheceu alguma das pessoas com quem ele... Você sabe.

— Algumas garotas sim, mas nada sério, os casais nunca conheci, Kalel sempre manteve uma postura bem discreta quanto a isso.

— Entendo.

Suspiro.

PERIGOSAS ACHERON

Volto a comer meu sanduíche, terminamos nosso lanche vendo Alice e Clara se divertirem com os brindes que ganharam com o lanche, depois é hora de ir embora, Barbara e eu descemos com as meninas para o estacionamento, o shopping aqui é bem grande e moderno um lugar com lojas de todos os tipos, vim de jeans e blusa folgada, sandálias, não foi tão familiar quanto ir ao salão do Gigi porém foi renovador novamente.

Quero encontrar tempo nos próximos meses para vir sempre me cuidar, ao menos me distraio, e a massagem já ajudou demais.

— Vamos para casa amores?— pergunto para as meninas enquanto nos dirigimos até o carro da Barbara.

— Vamos!— Alice sorri.— Mamãe eu amei o passeio.

— Agradeça a Barbara por mim— sorrio.

— Obrigada Bah— Alice a abraça segurando seu brinquedo.

Barbara comprou balões coloridos e balas para elas, ela mesma os carrega com um sorriso no rosto, ela ama a Alice isso é nítido.

— Se quiser eu dirijo— falo dando de ombros— estou tão bem, é bom que você vai me

PERIGOSAS NACIONAIS

ensinando o caminho, para eu me adaptar.

— Pode ser senhora.

— Senhora não!

— Desculpe, Fernanda.

— Isso mesmo.

PERIGOSAS ACHERON



— Acho que tem um carro nos seguindo.—
Bárbara diz do nada.

Olho no retrovisor e percebo que tem um carro escuro vindo atrás do nosso, mas mantém distância, eu a encaro e ela está bem calma.

— Seguindo?— repito espantada.

— Sim, mantenha a velocidade— Barbara orienta olhando pelo retrovisor e pega o celular na bolsa.— Vou ligar para o Said.

— Porque nos seguiriam?— questiono preocupada.

Barbara me encara assim toda séria e começa a discar o número no celular, subo os vidros de todas as janelas e mantenho na minha mão e a mesma velocidade, as meninas adormeceram no banco de trás.

— O carro é blindado— Barbara olha para a tela do celular.— Ele não atende.

— Devemos ficar preocupadas?— questiono
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nervosa.

— Estamos a dez minutos de casa, ela não ousaria— Bárbara diz mexendo no celular.— A senhora trouxe seu celular?

— Não, eu deixei em casa— não queria que João ou Kalel me ligassem afim de me perturbar, fico me perguntando a quem Bárbara se refere.— Ela quem?

— A Linn, aquela louca.— explica.

Meu Deus.

— A mãe do Kalel? Porque ela mandaria alguém atrás de nós?

Fico sem resposta, de repente vindo na contramão o carro avança em nossa direção, acelero e troco de marcha sem pensar duas vezes, olho para o retrovisor e o carro ainda que venha a minha esquerda na contramão acelera quase pareando o carro ao lado do nosso.

— Senhora...

— Vê se os cintos das meninas estão seguros, as cadeirinhas.— aviso olhando para a estrada.

— Senhora está indo muito rápido.

— Liga o som, não se preocupa não, por bem menos eu já corri pra não perder audiência, 80 por hora não é nada perto do que eu corria.

PERIGOSAS ACHERON

Não me gabo, nem deveria porque graças a um inconsequente o João hoje é paraplégico contudo sei dirigir muito bem, a pista é um caminho reto sem muitas curvas, pelo trajeto no GPS estamos bem perto.

Bárbara não está acostumada a correr tanto pelo visto, ela estica os braços e segura dos lados do banco com força, Alice e Clara se quer acordam, aperto no painel e checo o carro ao lado, ele diminui e velocidade vou me sentindo mais segura em ver que o carro vai reduzindo.

— Ufa— Bárbara coloca a mão no peito aliviada.— Acho que estou ficando paranoica.

Eu acho que não, mas prefiro não falar sobre isso agora.

Pegaremos uma curva em poucos metros, paro de pisar no acelerador e o carro continua a ir em toda velocidade, enquanto os faróis do outro carro vão ficando distantes estico o pé e vou pisando levemente no freio.

— Senhora ele não está mais atrás de nós.— avisa Bárbara.

— O freio— engulo a seco.— Não está funcionando!

Bárbara arregala os olhos, piso no freio de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gradativamente contudo ele não exerce nenhum tipo de poder nas rodas, reduzimos uns dez quilômetros depois que parei de acelerar contudo o carro continua a 70 por hora, respiro fundo tentando manter a calma ainda que as minhas mãos tremam no volante.

Analiso o freio de mão, o GPS aponta a curva em menos de 30 metros e o carro continua a correr, sei que é quase impossível fazer uma curva nessa velocidade sem ao menos reduzir, dos dois lados são só mato, puxar o freio de mão não é uma opção, então só me resta uma opção.

— Segura aí Barbara, nós vamos dar um giro e tanto.

— O que a senhora vai fazer?

O terror se espalha pelo olhar de Barbara.

— Nos salvar.

PERIGOSAS ACHERON



— Você poderia ter se machucado, onde está a sua cabeça? Você por algum acaso pensou em si mesma? Nas meninas? Na Bah? Nos bebês?

Reviro os olhos, não foi nada demais, acho tão desnecessário que tenha que ouvir tudo isso do Kalel, o João está em pânico, eu até estacionei o carro sem precisar dos freios.

— Fernanda!— berra João.— Estamos falando com você.

— Ah é? Não me diga— perco a paciência e olho para ambos, Kalel anda de um lado para o outro enquanto o João está sentado no sofá quase arrancando os cabelos da cabeça.— Para começar, quem mandou um carro seguir a gente fui eu?

Kalel arregala os olhos nervoso.

— Em segundo lugar, eu sei fazer uma parada sem freio Kalel, obrigada eu tenho habilitação, as meninas nem acordaram— retruco.

— Em terceiro lugar, estávamos todas de cinto e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em quarto e último lugar, se tem alguém aqui que merece ser alvo de críticas é aquela sua mãe louca que mandou um carro nos seguir e cortou os freios do carro da Bárbara.

— Você poderia...

— O que Kalel? Não tentar nada? Ver o carro capotar floresta a dentro?

— Pelo amor de Deus amor, nem fale uma coisa dessas— João repreende pasmo.

— Era o que teria acontecido se eu não houvesse mantido a calma e feito a parada sem freio gradativa.— respondo encarando Kalel.— A estas horas estaríamos todas mortas.

— Ela tem razão— Bárbara fala e entra na sala carregando uma bandeja com chá.— Já coloquei as meninas na cama, foi um baita susto.

— Deveria ter esperado lá— Kalel coloca as mãos nos quadris, ele treme.— ter ligado para mim.

— a Barbara ligou mas deu fora de área— dou de ombros.— deveria estar feliz porque voltamos seguras.

Ele não responde, tira o celular do bolso todo nervoso.

— Eu vou ligar para a Linn e vou...

— Você não vai fazer isso Kalel—

PERIGOSAS ACHERON

repreendo.— Você vai mandar alguém, um perito analisar o carro e eu vou fazer um BO, isso não pode ficar assim, se de fato tiver sido sua mãe ela tem que pagar pelo o que ela fez, a justiça está aí para isso.

— Se fosse tão simples...— Kalel deixa a frase morrer ele mal consegue segurar o celular.

— Você escolhe, mas eu vou telefonar— digo e seguro a mão da Barbara.— Eu e a Barbara não podemos nos curvar diante da sua família.

— Acontece que você não tem carteira de habilitação...

— Quem te disse que não? Eu tenho sim carteira de habilitação internacional, tirei quando viajei para a Europa a um tempo e fique sabendo você que ela vale aqui também— aviso.— Barbara, você vai comigo a delegacia ou vai ligar para a polícia para registrarmos uma queixa?

— É melhor chamar a polícia— Barbara aconselha e olha para Kalel.— Kalel, tudo tem limite meu filho.

Seu olhar não esconde a súplica, Kalel passa a mão na barba todo tenso, depois ele coça os olhos absolutamente fora de controle.

— Olha, não queria meter a polícia nisso, eu

mesmo queria resolver com o meu pai, mas não acho justo que você tenha passado por isso tudo e as nossas filhas então faremos como você desejar.

— Nanda— João chama.— Por favor, repense.

— Repensar no que João?— estou incrédula. — Vocês mesmo disseram a pouco que eu poderia ter morrido, eu estou grávida, haviam duas crianças no carro, eles cortaram os freios do carro e mandaram alguém nos seguir.

— É algo delicado a ser decidido agora.

— Pois, eu já decidi, Bárbara, pode pegar o telefone que eu quero resolver isso logo, estou cansada, preciso dormir.

Barbara me serve um chá e me sento no sofá, estava tão nervosa quando consegui diminuir a velocidade do carro que eu só queria chorar, Bárbara estava com o coração na boca quando eu fiz a parada sem freio, depois o carro foi parando conforme eu manobrava e só quando ele ficou totalmente parado foi que nós duas começamos a nos permitir chorar.

Depois eu liguei o carro de novo e vim dirigindo a 40 por hora até casa, eu estava a toda hora aterrorizada olhando para o retrovisor do

PERIGOSAS NACIONAIS

carro, com medo de ser seguida de novo e ao mesmo tempo com receio de ir mais depressa, por muita sorte o carro da Bárbara não é automático ou do contrário estaríamos nessa hora... Ou melhor, não estaríamos.

— Você tem razão— Kalel fala e se aproxima.— Sinto muito tá?

— Eu sei que sente— falo e cruzo os braços.
— Não é justo que sua família saia impune Kalel, eles não merecem isso da parte de ninguém.

— Eu mesmo ligo para a polícia— ele avisa e me dá um abraço apertado.— Só fiquei com medo.

— Eu sei.— encosto a cabeça em seu peito.
Ele me espreme e me solta limpando as faces, me fita.

— Sinto muito por ontem, por tudo— Kalel fala.— Eu vou ligar para a polícia, John ficará com você.

— Não sou uma incapaz Kalel— retruco e bebo meu chá.— Eu estou bem, a Bárbara também.

— Ok— Kalel pega o celular no bolso novamente e começa a digitar os números.— Alô... oi, boa noite...

Ele se afasta falando ao celular, olho para o João e viro a cara também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ainda tem tempo para ficar brava depois disso tudo?

— Olha João os meus dedos deformados não vão esquecer o que você fez comigo ontem e nem se desculpou.

João vai ficando terrivelmente vermelho, viro as costas e começo a me afastar para o rumo da escada.

— Quando a polícia chegar me avisem, vou tomar um banho.

As coisas devem mudar, Kalel tem que saber se impor mais nesse sentido para a família dele, e os Baltazar que me aguardem, aquela gente me paga, começando pela mãe dele.

PERIGOSAS ACHERON



Lábios beijam meu pescoço enquanto outros lábios se demoram nos meus seios, respiro fundo e calo os arrepios que meu corpo sente me levantando, não posso me deixar levar mesmo pelos beijos desses dois... Esses...

Kalel coloca a boca na minha nuca e começa a chupar de leve a pele, arfo porque o João enfia a mão na minha calcinha e me toca devagar, Kalel me empurra contra a cama e caio deitada, João puxa a minha calcinha e abre as minhas pernas, beijo Kalel sem conseguir resistir um segundo se quer aos beijos, aos toques arfo quando o João beija a parte lisa da minha pele com intimidade e observo Kalel tirar a camisa do pijama em silêncio.

Toco seu abdômen e me contorço com os beijos quentes do João na minha virilha, Kalel aperta meu seio e se estende ao meu lado me beijando mais uma vez, sua boca é possessiva e cheia de vontade essa vontade que me deixa louca

PERIGOSAS ACHERON

às vezes.

João começa a beijar as minhas dobras como se chupasse um sorvete isso desperta em mim uma vontade insana, puxo os cabelos do Kael e mordo a boca dele escorregando o pé pelas costas do João, ele é tão gostoso quando me chupa assim, senti muita falta desse lado dele, sempre gostei.

João me puxa pelas coxas e me ergo girando na cama, me apoio nas mãos e fico de quatro, ele coloca a cabeça entre as minhas pernas e continua a me sugar com vontade, Kael puxa os meus cabelos também e lambe meu pescoço com jeito, a barba dele arranha minha pele e isso me excita, perco o ar quando ele começa a chupar os cantos do meu pescoço, ao mesmo tempo o João me chupa e sua língua brinca com meu ponto sensível, isso me enlouquece.

Por alguns momentos Kael me deixa e me apoio na cabeceira da cama engolindo os gritos que se formam em minha garganta por conta do prazer, eu o olho me chupando e sorrio adorando a cara que ele faz.

— Ah!— deixo escapar um gemido de prazer.

João mordisca minha dobra direita e tapo a

boca me movendo em seus lábios, ele me segura pelos quadris com firmeza e me mantém parada e me consome toda movendo a língua no meu clitóris com rapidez, solto o ar aos poucos tentando engolir o som do meu prazer, meu corpo esquenta tanto que sinto que vou explodir.

Assim do nada meus cabelos são puxados novamente, então Kalel coloca uma venda nos meus olhos, estou sem ar quando sou puxada para baixo e sinto que sou penetrada onde adoro, me seguro no João e procuro seus lábios, meu corpo todo se movendo nele.

— Mete nela com força.— escuto o Kalel ordenar.

Sou jogada para cima e logo o João começa a me mover em cima dele me puxando para baixo com força, sorrio perdida na sensação de ser possuída com força por ele, me apoio nos pés e me movo com ele sem receio, fazemos estalos gostosos enquanto transamos rapidinho.

Sua intensidade é deliciosa.

Não sei explicar, eu ando num fogo ultimamente, nunca fui assim, claro, era fogosa, mas parece que agora quanto mais melhor, não me canso de ter os dois para mim, dentro de mim e que

Deus me perdoe porque sei que é pecado, mas a carne... Ah! A merda da carne é fraca e treme toda com a metida desses dois homens.

Estremeço tomada por um orgasmo rápido e o João puxa meu pé, ele enfia meus dedos na boca e os suga, sorrindo fico sentada até o talo nele e meu orgasmo me deixa intensamente quente, viscosa, meu clitóris queima e a minha entrada se enche do gozo feminino, ele nunca chupou meu pé antes.

Ele beija meus dedos um a um enquanto respiro com dificuldade em cima dele, então entendo o significado por trás do gesto. Depois de alguns minutos, sou puxada e o Kalel me coloca deitada de costas em cima do João abre as minhas pernas e me penetra com força, João mordisca meu ombro e me toca o clitóris molhado com o dedo médio, Kalel me puxa pelo quadril e me segura, me agarro a ele e me movo em seu pênis sem receio, minhas pernas se fechando em seus quadros, meu corpo soa tanto que escorrega no dele, Kalel fica em pé e começa a meter comigo na violência também.

Me seguro nele enquanto meu corpo sobe e desce com as estocadas, a metida faz um barulho

alto e é gostosa, quanto mais ele entra mais tesão eu sinto, meu corpo todo está tão sensível com tudo isso que os bicos dos meus seios estão doloridos, quando ele toma um para si solto um gemido involuntário.

— O que dois paus bem duros não fazem com uma mulher não é mesmo?— ele pergunta e mete rapidinho.

— E você não gosta da minha buceta não?— pergunto profanada pela provocação.

— Eu adoro sua buceta— ele responde e arfa.
— Você mete tão bem de olhos fechados querida!

Rio me movendo com ele, Kalel anda comigo pelo quarto e quando sinto o corpo do João nas minhas costas eu o solto, João esfrega o pênis dele na minha bunda e tento relaxar enquanto ele coloca, já está bem lubrificado, estou tão liberta quando ele coloca tudo que me movo com os dois sem receio ou medo de ser machucada.

Me apoio nas mãos e me movo com os dois no vai e vem gostoso, algo sublime que me causa arrepios da cabeça aos pés, o prazer me toma e Kalel me beija gemendo de forma arrastada, ele me empurra e sobe em cima de mim metendo mais fundo, João geme alto porque me contraio toda com

a posição, assim é bem gostoso, sinto ele todo dentro de mim, abro mais as pernas deixando que os dois se enfiem em mim como querem.

— Rebola no meu pau— pede João.— Rebola esse cú no meu pau do jeito que eu gosto amor.

Gemo alto, meu corpo colado nos corpos deles enquanto nos movemos, Kalel puxa as minhas pernas para baixo e fica acocado metendo em mim com força, ele sai quando alcanço meu ápice e me puxa pelos cabelos tirando a máscara do meu rosto, depois ele fica de joelhos diante de mim e me ajoelho me movendo no João rapidinho, enfio o pênis do Kalel na minha boca e chupo com vontade, ele segura meus cabelos para cima e começa a prendê-los com algo no qual não consigo ver, João segura os meus pulsos e sento com mais força.

Chupo o Kalel e ele bate com o pênis no meu rosto com muita intimidade, sorrio e mordisco a pontinha, ele enfia tudo na minha garganta e me segura contra ele, fico parada sentindo uns tapas na bunda, perco o fôlego e o Kalel sai da minha boca, tusso, ele enfia três dedos na minha boca e se masturba enquanto João mete mais fundo na minha

bunda, me sinto torturada pelo prazer que eles dois me proporcionam.

Não sei explicar.

Nunca fui tão usada por dois homens, nem vista como um objeto sexual, mas isso é tão delicioso de repente, ser desejada e cobiçada, alvo do desejo de dois ao mesmo tempo e me permitir ser de ambos sem receios é maravilhoso e prazeroso.

João arranha as minhas costas e se ergue ficando sentado na cama, Kalel se aconchega e abre as minhas pernas completamente, ele junta as pernas do João e sobe em suas coxas ficando meio sentado, ele retira os dedos da minha boca e se masturba com essa mão, a cena me arranca o ar dos pulmões.

Ele se abaixa e coloca o pênis dentro de mim novamente segurando minhas pernas, me beija enquanto se move, por alguns momentos a posição fica difícil para nós três e ele se cansa rápido, João morde as minhas costas então me livra de suas mãos, me segura em seus ombros e me move sozinha fitando-o.

— Vem aqui.— João chama baixinho.

Me viro e o beijo, João deixa os meus lábios,

o beijo é intenso e profundo, molhado, depois Kalel me puxa me fita e me beija com vontade, então João me puxa e me beija também com intensidade, meu corpo vai e vem rapidinho, para um e para outro, a penetração se torna mais severa e eu fico ainda mais molhada, me seguro em Kalel me movendo com os dois, minha vagina queima enquanto ele me penetra, e a minha bunda se contrai toda.

Me retraio e recebo a porra do João na minha bunda com força, o orgasmo percorre meu corpo tão rápido quanto o gozo dele se espalha em mim, Kalel solta um gemido alto e também goza alcançando seu ápice de prazer.

Fico parada incapaz de me mover, meu corpo todo recebendo o choque do prazer, todo o meu couro cabeludo se ouriça com a força disso, meus olhos se inundam com estrelas fabulosas e a satisfação me preenche todo o corpo numa velocidade incrível.

Caralho.

Que porra de orgasmo.

Me demoro com o leite, o meu corpo todo trepida e a minha virilha lateja com a potência disso, Kalel sai e caio deitada na cama ao lado do

PERIGOSAS NACIONAIS

João, meu clitóris queima ainda quando Kalel se inclina e abre as minhas pernas me lambendo toda.

Coloco o braço embaixo da cabeça e o observo me chupar e me lamber toda com cuidado, estou tão sensível que hora rio e hora soluço, ele beija toda a parte da minha virilha e meu ventre devagar, depois sobe traçando beijos pelo meu corpo lentamente, João me beija a boca, Kalel se deita sobre o meu corpo e segura a minha mão entrelaçando os dedos nos meus.

— Bom dia.— ele diz baixinho.

— Bom dia.— respondo deixando os lábios do João.

João fica de lado, respiramos os três com muita dificuldade, ele se aconchega parecendo exausto, estendo o braço e ele nos abraça.

— Liga o ventilador— João pede ao Kalel.— Por favor?

— Aham— Kalel vai para o lado e se senta de costas para nós dois.— Vou mandar instalarem um ar-condicionado aqui.

— É uma boa— João responde e me fita.— Tudo bem?

— Tudo ótimo.— respondo esgotada.

Ele sorri numa cara de safado, o vento

PERIGOSAS ACHERON

começa a circular e alivia mais os calores no nosso quarto, ainda parece nem ter amanhecido, mas está claro lá fora, não consigo me mover nem para pegar o celular do João e ver as horas.

— Acho que preciso de uma água— confesso arfante.— Nossa!

— Quer que eu busque?— Kalel pergunta procurando o calção de dormia na cama.— Vocês virão meu short de dormir?

— Não precisa não— digo.— Vem para cá.

Kalel se estica na cama e me abraça, ficamos quietos, eu o abraço e o João me abraça, ele acaricia a minha barriga enquanto Kalel faz carinho na minha cabeça.

— Amo você— ele fala quase num sussurro.
— Não queria brigar, sinto muito por ontem.

Eu também sinto.

Acabou que a Bárbara subiu e me chamou para conversar, ela insistiu que não queria chamar a polícia para o “*bem*” da nossa família, fiquei bufando de raiva quando os dois entraram no nosso quarto, eu queria ter ido dormir no sofá de novo, mas o João fez cara de bosta e para não parecer infantil ou implicante acabei por dormir com eles dois, eu queria tanto ter chamado a polícia, resolver

isso da minha forma, mas pelo visto a família do Kalel não é uma gente da qual a polícia dê jeito.

Achei um absurdo, mas fiquei sem opção, porque eu sabia que ele ficaria ainda mais estressado com a situação, foi como saber que eu tinha razão, mas estar de mãos atadas porque aquela era a solução por momento, também fiquei com raiva da Barbara, não disse nada, mas fui dormir num ranço.

Fecho os olhos um bocado cansada desse assunto, sei que esquecer não é parte do que sou e nem quero, mas se por hora eu tiver que ficar calada para que as coisas fiquem bem eu ficarei, não é o melhor para mim mas é o melhor para nós três.

Casamento as vezes é uma droga... Mas o sexo... Ah! Eu acho que posso repensar mais sobre tudo isso depois da trepada.

Ah, se posso.



Como a minha salada em silêncio.

Acordei já bem tarde, dormimos a manhã toda basicamente, eu estava um pouco mais relaxada quando levantei, mais calma, tomei um banho bem demorado e quando cheguei ao quarto Kalel estava sentado na cama enquanto o João se esticava para todos os lados, quis sorrir, mas não disse nada, fingi que não vi e fui para o closet, vesti um short e uma blusa qualquer e descii, as meninas já estavam sentadas na mesa para o almoço, me juntei a elas e Barbara me deu bom dia a alguns instantes.

Alice e Clara estão sentadas lado a lado e comem um prato colorido de frutas e legumes, Barbara acaba de servir salada para mim, Kalel se sentou-se a minha esquerda e João encostou a cadeira a minha direita, não disse nada.

Não sei se tenho que dizer alguma coisa.

Para falar a verdade eu adorei nossa manhã

juntos, me vi sorrindo durante o banho, me tocando, lembrando de todas as sensações que eles me provocaram, contudo acordar e lembrar de ontem sem estar influenciada pelos pecados da carne é duro, porque não sei se é seguro para nós, para as meninas e isso me preocupa.

Deveria ser diferente?

Sinto o cheiro de carne com cebolas de longe, já salivo, toco minha barriguinha, ainda não enjoiei hoje, espero que eu fique bem até a próxima ultrassom, será em uma semana com o doutor, ele chegará do Brasil para meu acompanhamento.

— Mamãe— Clara chama.— Tá sélia.

— Não é nada— digo e sorrio.— A salada está ótima não está?

— Tem manga— Clara responde.— Mamãe, você viu meu bibi?

Olho para Alice e ela faz gesto de silêncio, Barbara está no pé do fogão fingindo que nem ouviu a pergunta.

— A mamãe não viu amor, mas podemos procurar depois do almoço, o que acha?— questiono.

— Sumiu— Clara ergue as mãos encolhendo os ombros.— Papai disse que eu sou moxinha.

— É mesmo— concordo.— Às vezes nem precisa mais do bibi.

Sei que às vezes a Alice não entende o que conversamos, mas ela se entende muito bem com a Clara, sabe o que ela quer, os nomes que ela dá a suas coisinhas, ela é uma ótima irmã, acho que a Barbara começou a tirar o bico da Clara, creio que seja hora apesar de que sei que ela vai dar um baita trabalho por conta daquele bibi dela.

— Podemos tirar o dia e ir para a piscina— sugere João pensativo.— Que tal? Relaxar um pouco?

— Já está tarde— respondo e checo a hora no relógio da parede.— Eu quero aproveitar e dar uma lida em alguns arquivos, eu fico com as meninas hoje.

— Posso ficar com elas se preferir— Kalel comenta vagamente.

— Não vejo problema em ficar com elas na sala enquanto reviso algumas coisas— explico.— Também, quero organizar algumas coisas e começar a arrumar o quarto dos bebês.

— Eu pensei em chamarmos a decoradora— ele me olha.— O que acha amor?

— Como preferir— dou de ombros.— Não

quero nada chique demais, mas quero que seja algo que fique bem bonito para os dois bebês.

— Posso ajudar— Barbara se aproxima com uma travessa de macarrão com molho branco e almondegas.— O senhor John pediu comida brasileira, Said trouxe os ingredientes e estou fazendo muitos experimentos.

— Obrigada Barbara.— respondo.

Não posso dizer que é culpa dela, mas acho que ela deveria ter ido até o fim comigo, isso me chateia, acaba que ela faz tudo o que o Kalel quer e eu não concordo com isso.

Termino a salada e a Barbara vem trazendo outros pratos, me apresso e sirvo o macarrão no mesmo prato da salada, eu já percebi que ela gosta de trabalhar demais, não vejo porque sujar 3 pratos para comer alguma coisa, como tudo no mesmo prato.

— Senhora...

— Não precisa Barbara, para de caçar serviço, você tem que ser esperta e prática não precisa trocar os pratos em cada refeição.

— Bem, é que o Kalel...

— Acontece que eu sou a dona da casa e o Kalel não sabe o que é bom para mim, nem o João

PERIGOSAS NACIONAIS

— corto e começo a comer.— Você pode trazer o meu bife bem passado com bastante cebola por favor?

— Eita— João fala e começa a se servir de macarrão.

Lanço um olhar punitivo para ele e ele fica envergonhado.

— Come calado.— ordeno chateada.

— Pensei que havia se acalmado.— Kael diz e estreita os olhos para mim.

Mostro os dentes pra ele e solto um grunhido baixo, as meninas começam a achar graça e ele volta a comer em silêncio.

— Os homens não aprendem mesmo— Alice diz enquanto eu a sirvo.— Quem manda na casa são sempre nós mulheres, não é mesmo mamãe?

— Sempre.

Sei que não é bem assim, mas hoje... Hoje não, não quero discutir, seja pelo o que for.

Hoje não!

PERIGOSAS ACHERON



Acordo sentindo que algo se move, abro um olho e fico observando a minha barriga mexendo devagar, como pequenos tremores, sorrio e me acomodo entre os travesseiros, de novo ele chuta, ou ela, não sei, acho que os dois, meu coração fica tão cheio de sentimentos que mal sei explicar, toco meu ventre.

Está crescendo, passando bem mais rápido do que eu pensava, já entrei no quinto mês essa semana.

— Oi, bom dia— digo e a vibração é mais forte.— Que bom que decidiram aparecer, a mamãe fica tão feliz meus amores.

Mais um chute, rio querendo chorar porque nunca pensei que a essas alturas engravidaria tão pouco de gêmeos, é uma situação na qual já vivi quanto a Clara contudo parece que foi a tanto tempo que me esqueci de como era ter um bebê chutando dentro de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A mamãe ama vocês— digo baixinho e eles chutam de novo.

— Estão chutando?— João pergunta e se vira depressa, ele coloca a mão sobe minha barriga.

— Sim.— afirmo.

— Os dois?— Kalel estende a mão e coloca ao lado da do João.

— Shiu— ordeno aos dois.— A mamãe ama vocês meus amores.

E assim do nada o chute vem com mais intensidade, o João sorri todo bobo enquanto o Kalel estende a cabeça e encosta mais embaixo, os bebês se movem e ele também sorri visivelmente emocionado.

— Chuta o papai— digo feliz.— Podem chutar ele merece um belo chute na cara.

Eles se movem mais uma vez, meu riso se espalha pelo quarto, eu não converso muito com os bebês, as vezes choro um pouco e fico na minha, ouço música, pelas indicações do doutor Tadeo estou fazendo caminhadas pela tarde e tomando alguns remédios quando sinto dor, mas isso não aliviou meus enjoos, tenho outro retorno com ele mês que vem, nós vimos ele a alguns dias e desde então percebi que o João e o Kalel estão tentando

PERIGOSAS ACHERON

me agradar mais, fazem tudo o que eu peço, não ficam reclamando, a raiva vai se dissipando aos poucos, mesmo que eu ainda lembre de quase ter morrido num acidente de carro por culpa da família do Kalel, preferi não ficar lembrando disso.

Por nossos bebês e por mim, porque me faz mal acima de tudo, esquecer eu nunca vou, assim como também não esqueci tudo o que passei desde que cheguei aqui, nem as mentiras do Kalel, nem a visita da mãe dele ou da briga com a mãe da Alice, porém, não quero ficar pensando nisso.

Desde que não aconteça de novo...

— Eles chutam forte— Kalel diz todo contente.— Eu não tive a oportunidade de sentir a Alice chutando, é incrível.

— Sim— sorrio.— É indescritível sentir um bebê conversando conosco.

— A Clara mexia demais no último mês.— João beija a minha barriga.

— É verdade— concordo e me ergo.

— Quer seu café amor?— Kalel pergunta e beija minhas costas.— Eu não vou a empresa hoje.

— Acho que vou querer beber uma água de coco— confesso.— Comer uma salada de frutas.

Me estico, João me beija de leve, tenho

evitado bastante atrito e com isso evitado também os dois, confesso que dormir a noite é complicado sem querer abraços e beijos, é tão bom sentir-se amada, mas precisava desses dias depois do atentado para me acalmar.

Também andei resolvendo as coisas quanto a escola das meninas, ainda não conseguimos as vagas, a Barbara anda com tanto receio de se aproximar de mim que está deixando bilhetes a noite em cima da mesa de jantar informando o que aconteceu no dia e como andam os preparativos para o retorno de Clara e Alice a escola.

— Mor— João chama antes que eu saia da cama, eu o fito.— Ainda está brava conosco?

— Um pouco.— revelo.

— Sinto muito por ter gritado com você, eu não queria ter ferido seus sentimentos, era um problema entre eu e o Kalel e passamos dos limites — ele se senta na cama.— Não é fácil para nós dois chegarmos a um consenso às vezes.

— Eu entendo, mas isso não é motivo para os dois descontarem em mim, teria sido fácil conversar como sempre fazemos.— retruco.

— É que já estávamos brigados por conta do carro e tal, daí aconteceu o negócio do acidente e

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo só ficou pior— ele me analisa por alguns momentos.— Fiquei com muito medo de que algo ruim acontecesse a você Nanda, sinto muito por ter machucado seu pé.

— Não quero brigar— Kalel diz.— Podemos falar sobre isso depois?

— Tá— concordo.— Se não quiserem falar também não vai mudar nada, já aconteceu, eu só espero que não aconteça de novo.

— Não vai— Kalel promete e me puxa.— Vem aqui sua teimosa.

Rio.

João vai puxando a minha calcinha arregalo os olhos.

— Temos que trabalhar.— replico e as minhas bochechas vão ficando quentes.

— É verdade— Kalel mordisca meu pescoço.— Vamos trabalhar bastante hoje durante o dia.

Safado.

Fecho os olhos, não protesto, é melhor assim.
É delicioso que seja assim.

PERIGOSAS ACHERON



— Bom dia.

Ganho um beijo no pescoço, Kalel toca a minha barriga, me abraça.

— Bom dia amor— respondo.— Acordou tão cedo?

— É, você não estava na cama— Kalel acaricia minha barriga.— Como está a mamãe mais linda nesta manhã?

— Bem— sorrio e bebo um pouco do meu chá.— Aceita chá?

— Porque não volta para a cama?— pergunta com carinho.— Ainda nem amanheceu direito.

— Eu perdi o sono— confesso incerta.— Pode voltar, hoje eu acordei com um pouco de enjoo.

— Quer companhia?

— Bem, vou ver tv, ajuda a relaxar um pouco.

Também vomitei um pouco a alguns

momentos, mas não queria acordar nenhum dos dois, sai do quarto sem fazer barulho, sexo é muito bom, meu apetite sexual está bem aguçado, contudo eu também ando sentindo bastante enjoo quando acordo todos os dias.

Me sento no sofá e o Kalel se deita com a cabeça no meu colo, ligo a tv ele fica me olhando em silêncio, os olhos claros estão pensativos e profundamente concentrados em mim, às vezes eu ainda fico sem graça quando pego ele me olhando, porque é estranho pensar que até alguns meses atrás ele era meu chefe e estava entrando na minha vida da forma mais estranha do mundo, e também porque quando estamos na cama fazemos cada coisa...

— O que foi?— pergunto enquanto mexo no controle.

— Te acho muito linda e estou muito feliz que você tenha aceito compartilhar comigo sua vida — Kalel toca a minha barriga com carinho.— Não queria esses bebês e nem o John e a Clara, mas desde que vocês chegaram na minha vida eu não consigo mais pensar em nada além de vocês.

É estranho quando o Kalel fala coisas maduras demais, além de me fazer ficar sem

PERIGOSAS NACIONAIS

palavras ele me deixa um bocado feliz e emocionada, sei que em boa parte porque é verdade, a minha família é preciosa demais contudo também porque do outro lado havia um homem que nunca teve uma família de verdade.

— Me sinto grato porque você e o John tem paciência comigo, sei que sou difícil e que às vezes é muito complicado conviver comigo, sou mais velho que vocês dois, mas tão tolo às vezes que me fazem me sentir infantil. Quero poder melhorar mais esse meu lado sabe? É que eu não sou muito de ficar dialogando com ninguém, sempre tomo as decisões que acho certas e ponto.

— Se readaptar de novo para mim está sendo um desafio— concordo.— Só acho que vocês dois têm que parar de brigar por coisas pequenas.

— Parecem pequenas, mas não são, o John faz uma tempestade em copo d'água.

— Sem razão senhor Thurman?

Ele ri.

— Bem, com razão é claro, mas acho que ele tem que entender que eu sou homem da casa também e que vocês precisam de uma ajuda às vezes, não é por caridade, é porque eu amo vocês e nossa família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ama é?— pergunto cativada.— Que fofo.
- Não fala isso para ele tá?— pede e se ergue.— Posso te confessar uma coisa?
- Claro amor.
- Eu gosto do John, ele é um irmão para mim, meus irmãos nunca foram presentes na minha vida então é difícil aceitar que às vezes estou errado, acho que aprendi a gostar dele nesses meses sabe? A entender ele e tal, acho que é assim que funciona um relacionamento de irmãos.
- Irmãos bobões que discutem por tudo.
- É que somos muito diferentes amor.
- E faz uma cara de coitado, até parece que eu vou sentir pena desse bobão.
- Você sabe que eu sou louco por você não sabe?— pergunta e começa a beijar o meu pescoço.
- Eu amei a manhã de ontem, você é tão gostosinha na cama.
- Minhas bochechas queimam.
- Sei.— digo envergonhada.
- Não tem que ter vergonha do que fazemos na cama, você é muito boa, trepa muito bem.
- Ah é?— pigarreio.— Bom saber que virei uma trepadeira.
- Ele sorri, não vale um centavo quando ri

PERIGOSAS ACHERON

assim.

— Eu amo isso em você sabe? Você se entrega de verdade e fode de um jeito tão diferente.

— Nunca encontrou nenhuma outra que lhe desse prazer senhor Thurman?

— Encontrei, mas você tem uma coisa que nenhuma delas teve.

— É mesmo?— desdenho.

— Para de ser debochada Fernanda, isso é sério.

Não respondo.

— Eu não era assim, mas você faz com que eu queria só você por quem você é comigo, seja na cama ou fora dela, você transa do jeito que eu gosto, mete comigo como eu gosto sem receios ou medos.

— Porque eu também gosto— confesso sem graça.— Fazia muito tempo que eu não tinha momentos assim, é novo e bom.

— Sei que o nosso casamento me faz muito bem, eu me sinto como se pudesse confiar até a minha vida a você e ao John, não sinto medo de me entregar ao nosso relacionamento.

— Nem eu.

Kalel toca a minha face e por alguns instantes

PERIGOSAS NACIONAIS

está um bocado sério.

— Você é linda e uma mulher que merece ser muito feliz querida, já sofreu muito tento que cuidar de tudo sozinha, agora eu estou aqui para te ajudar então peço que aceite a minha ajuda.

— Sei que quer o melhor para nossa família, eu entendo meu amor.

— Então aceita o que eu te dou amor, para de teimosia.

Ele se refere aos carros.

— Você não usa o celular que eu te dei, nem os presentes, quero que se sintam bem amor, meus presentes foram de coração.

— Eu não tive tempo de usar tantas coisas.

— Então comece ora!

— Mandão.

— Sou mesmo, um mandão louco de amor por você, sua teimosa.

Desfaço a carranca e o beijo, Kalel me puxa e me abraça apertando a minha bunda sem receio, estou sem calcinha, vim com uma camisa dele.

— Você me consome— sussurra ele entre o beijo.— E eu a adoro por isso.

— É?— eu o beijo de novo.— Pois fique sabendo que você também me consome.

PERIGOSAS ACHERON

Os olhos deslizam até minha barriga devagar, ele a toca e se inclina cobrindo-a de beijos, beijo sua cabeça.

— Te amo— Kael diz.— Nunca, nunca vou permitir que nada nem ninguém a machuque, nem a você nem a nossa família.

Sei ao que ele se refere, mas não adianta brigar por isso, eu já não posso dizer que se fosse comigo eu iria querer alguém denunciando minha mãe para polícia, mesmo que ela merecesse.

— Eu sei.— afirmo.

Mãe... Isso me faz lembrar da minha própria mãe.

— Você teve notícias da minha família?

— Socorro disse que depois que a sua mãe ganhou alta ela não entrou mais em contato e por falar em Socorro, ela chegará em três dias, tinha esquecido completamente, nas primeiras semanas ela ficará hospedada aqui para te ajudar com o que precisar quanto ao caso do senhor Hans.

— Sêrio?— arregalo os olhos toda feliz.

— Sêrio, havia pedido que ela ficasse lá até sua mãe estar recuperada, ela já viria mesmo.

Algo me intriga nesse momento.

— Acha que ela vai entender nosso

PERIGOSAS NACIONAIS

casamento?

— Ela não é paga para entender nada querida.

— Uau, que arrogância!

Kalel ri a beça, ergo as mãos para cima.

— Senhor, se existe alguém mais arrogante na terra que o me mostre.

— Não é isso amor, é que eu acho que a Socorro é sua amiga, se ela realmente gostar de você não vai se importar com isso, até porque não é anormal que três pessoas se amem e fiquem juntas.

— É, mais ou menos certo, mas ainda continua arrogante.

— Seu arrogante.

— É verdade.

Me inclino e o cubro de beijos, Kalel me abraça com todo o carinho, depois se ergue me segurando pelas pernas.

— Vamos para nossa cama— ele diz entre nosso beijo.— Acho que precisamos acordar o John para brincar um pouco mais.

— Você não presta.— acuso entre o beijo que se torna mais intenso.

— Você não quer hein?

— Quero!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Posso escutar nossas risadas enquanto Kael corre para o elevador, quero brincar bem mais do que ele pensa.

PERIGOSAS ACHERON



— Gostou do papel de parede?

— Sim, ele é adorável.

Kalel não me deixa sair mais com a Barbara então basicamente recebemos a decoradora aqui e ela teve que me mostrar todas as opções de decoração, cores de papéis de parede, berços, estilos e tendências, então no começo dessa semana eu escolhi como seria ambientado o quarto dos gêmeos, o material chegou ontem e todo o resto vai chegar nos próximos dias.

Foi uma semana mais tranquila e calma, a quietude tomou nosso lar, não sei se porque agora eu estou mais tranquila ou se o fato de ter o Kalel e o João em casa me deixa mais sossegada, é bom saber que ele está em casa conosco todos os dias de segunda a sexta.

É bom ter os dois por perto.

Socorro chegou a dois dias, mas teve que resolver algumas coisas na empresa, ela se

PERIGOSAS ACHERON

hospedou num hotel em São Francisco contudo vai vir com as malas hoje a noite para o jantar, estou feliz que enfim alguém conhecido vai vir nos ver, mesmo que eu não saiba como ela vai reagir.

Nesse momento, ele e o João estão colando o papel de parede no quarto que será dos Gêmeos, escolhemos um que fica de frente para o nosso, já me imagino numa cadeira de balanço amamentando eles na sacada, dando banho de sol... Tudo ficará perfeito.

— Mor, melhor você ir lá para fora, esse cheiro não é tão bom ou saudável para você.— sugere João enquanto passa um rolo com selador na parede.— É forte.

— Está bem— digo.— Estou esperando os dois para nosso almoço.

— Sem problema.— Kalel responde.

Ele fica andando para cima e pra baixo com esse shortinho de dormir, não tem nem vergonha, o João está com uma calça de moletom e chinelas, Kalel está de chinelas também, deixo a garrafa com água e os copos num canto no chão do quarto, escolhi um papel de parede de cor pastel, o tema do quarto dos gêmeos será neutro, porque eu não quero nada de cores só azul e rosa, eles já terão

PERIGOSAS NACIONAIS

roupas assim por um bom tempo, não quis dividir o quarto mais que o necessário.

Saio do quarto dos gêmeos e desço sem pressa para a sala, Barbara ainda está meio assim comigo, acho que ela está com medo por conta do fato de que não quis chamar a polícia comigo, eu meio que isolei ela um pouco assim como isolei o Kalel e o João, foi melhor, me ajudou a pensar bastante, acho que ela está envergonhada.

— Alguma resposta das escoas?— pergunto entrando na cozinha.

— Recebi telefonemas de duas escolas, mas ambas são separadas.— Barbara responde.

— Onde estão Alice e Clara?

— Na sala de vídeo vendo tv, a senhora quer comer alguma coisa?

— Não, obrigada Barbara.

Me encosto na pedra de refeições e ela fica mexendo nas panelas, usa um avental, o olhar escuro sempre focado no que faz, Barbara é uma pessoa maravilhosa e prestativa, mas não quero sentir que ela faz as coisas a mando do Kalel para tentar me barrar em alguns sentidos, acho que ela tem que ser mais independente dele, ainda que seja difícil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não gostei de você ter optado por não ligar para a polícia Barbara, isso me machucou e me decepcionou, como pessoa e como mulher.

Ela se vira para mim e me fita assim tão culpada, mas prefiro ser sincera.

— Não queria que se sentisse manipulada pelo Kalel apesar de considerá-lo um filho, você tem que saber decidir por si mesma.

— Eu decido, mas é que eu estou na família a mais tempo e sei que isso não adiantaria.

— Fazer a justiça sempre adianta de alguma coisa.

— Acontece que a Senhora não é justiceira dona Fernanda, muito sangue já foi derramado muito antes que a senhora entrasse para a família, não conhece essa gente.

Ainda que assustada me recuso a acreditar que ela sinta medo da família do Kalel e que esse medo seja maior do que o medo de que algo pior acontecesse a nós, as meninas.

— Se perdoaria acontecesse algo às meninas Barbara? Aos bebês?

— Sei que seria um duro golpe, mas também sei que o Kalel...

— Barbara, eu estou falando das crianças?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você está se ouvindo? Está colocando o Kalel acima delas?

— Estou.

Nossa!

Isso de alguma forma me irrita muito.

— Pensei que você fosse mais humana— digo irritada.— As minhas filhas são tudo o que eu tenho, não é justo que por causa dessa gente elas paguem um preço por algo que não é culpa delas.

— O que poderia fazer?— pergunta Barbara com um olhar duro.

— O que é certo— falo chateada.— Poderia simplesmente denunciar junto comigo.

— E porque a senhora não denunciou?

— Você testemunharia?

— Não!

— Então Barbara!

Ela fica calada por alguns momentos, depois me dá as costas como se eu fosse insignificante, me irrita ainda mais.

— Sabe, você não tem que viver na sombra do Kalel só porque precisa de um emprego Barbara.

— Nem você precisa viver na sombra dele por causa de uma cama quente ou do dinheiro dele senhora.

PERIGOSAS ACHERON

Que?

— Sabe que está errada, se algo houvesse acontecido as minhas filhas por causa dessa gente eu, com certeza, não deixaria eles impunes.

— O Kalel achou melhor...

— Barbara Pelo Amor De Deus!— berro.— O Kalel não manda em você.

— Eu não posso escolher entre as suas filhas e o meu único filho!— ela berra de volta.

Dou um pulo, Barbara está exaltada, ela se vira de repente com os olhos cheios de lágrimas, está trêmula, eu estou devido ao susto.

— Kalel é tudo o que eu tenho— ela ergue a cabeça com um tipo de orgulho.— Ele é tudo o que eu tenho na minha vida.

As palavras vão entrando na minha cabeça e fico dura onde estou, e logo cada uma delas vai formulando algo que me parece um bocado impossível de acreditar, vou me lembrando da forma como ela o trata, de como ela cuida dele, de como ela o aceita...

Deus!

— O que está havendo aqui?— escuto o chamado do Kalel.— amor?

Analiso o semblante coberto de orgulho de

PERIGOSAS NACIONAIS

Barbara, me viro para Kalel com raiva.

— Você sabia que a Barbara é sua mãe Kalel?

— Que?— Kalel pergunta confuso e olha para Barbara.— O que está acontecendo aqui?

— Ela acabou de falar.— respondo nervosa.

— Eu não disse isso.— Barbara retruca.

— Disse sim, você disse que ele é seu filho— desminto.— Sua mentirosa.

Barbara abaixa a cabeça enquanto chora, as faces se contraem, Kalel olha para ela e olha para mim parecendo ainda mais desentendido do assunto.

— Kalel eu cuido de você desde pequeno, mas a sua mulher é uma atrevida, nenhuma das outras me tratou com tanta falta de respeito...

— Ah, é depois de me chamar de puta e aproveitadora não é mesmo? Quer saber Barbara, eu sei que você é a mãe dele, não adianta negar, o jeito como cuida dele, como protege ele, ele está errado e você ainda sim insiste em passar a mão na cabeça dele— conto nos dedos cada coisa ligando tudo ponto a ponto.— Você acha que porque é preta não pode ser mãe dele?

— Ela está passando dos limites.— grita

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Barbara furiosa.

— Eu passando dos limites?— aponto para ela.— Sua... Sua...

— Já chega!— Kalel dá um grito e olha para Barbara.— O que ela fala é verdade?

Barbara não responde, só chora e isso confirma o que eu acabo de concluir, meu coração começa a disparar. Acho que terei que ser mais enérgica com ela para que ela fale a verdade, mesmo que isso de alguma forma machuque o Kalel, ao menos que ela se explique.

Infelizmente terei que fazer com ela o que eu fazia nas audiências nas quais defendi durante toda a minha vida profissional, pressioná-la!

— Bah, eu vou perguntar de novo...

— Não é verdade.— nega Barbara mais uma vez.

— É verdade.— insisto.

— Podemos conversar a sós?— Barbara pergunta para ele toda chorosa.

— Bah sinto muito, mas a Fernanda é a minha esposa, ela é parte da minha vida também, não é justo com ela que você peça para que ela saia, eu não tenho nada a esconder dela.

— Eu não posso... Não posso...

PERIGOSAS ACHERON

— Afinal de contas, porque vocês duas brigaram?— pergunta Kalel meio trêmulo.

— Sua mulher veio aqui e me encheu de acusações.

— Eu apenas questioneei a ela porque ela te apoiou na decisão de não chamar a polícia, não achei justo, queria colocar tudo em pratos limpos.

— Eita!— escuto a voz do João vinda de algum lugar da cozinha.

— Olha, quer saber, eu posso até estar errada, mas a Barbara disse que eu só estou com você porque te quero na cama e porque quero seu dinheiro e isso não é verdade— retruco fitando-o.

— Eu exijo que ela saiba se defender de uma forma digna sem me ofender pelas minhas escolhas, daí ela começou a apelar e disse em alto e bom som que você é filho dela e que só tem você, agora ela está me desmentindo e você sabe muito bem que eu não sou mentirosa, falo logo é na cara porque não tenho sangue de barata, me conheceu assim e eu vou morrer assim.

— Bah isso o que ela falou é verdade?— Kalel indaga.

Barbara só chora e coloca as mãos nas faces, não queria chegar a esse ponto, mas ela me ofendeu

PERIGOSAS NACIONAIS

muito.

— Bah...

— Que Bah o que? Essa mulher não tem coração, ela disse que preferia as minhas filhas mortas a você morto, isso não se diz para uma mãe...

— Porque ele é o meu filho!— Barbara berra magoada.— Ele é o meu filho, não posso permitir que ninguém o machuque, como pode me pedir que eu escolha entre o meu filho e as suas filhas?

— Puta que pariu!— João diz.

Kalel a fita em choque, cruza os braços e me afasto.

— Vou subir com o João...

— Não amor, mas não vejo problema em ficar...

— VEM JOÃO!— ordeno secamente.

Consegui o que eu queria, agora ela vai ter que se justificar com o Kalel, depois com calma converso com ela, me afasto saindo da cozinha, João me segue emburrado, esse fofoqueiro não perde uma chance.

— Desalmada— acusa.— Acha que é verdade?

— Saberemos mais tarde não se preocupe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim espero.

PERIGOSAS ACHERON



Não gostei da Barbara ter mentido para o Kalel na minha cara e isso me magoou um bocado, me fez chorar e tive que sair um pouco de dentro de casa para respirar. Não pensei que ela agiria daquela forma nem que dissesse tantas coisas feias ao meu respeito.

Tirei alguns momentos para mim e vim ao jardim para refletir sobre o que aconteceu, não me sinto culpada, mas estou preocupada com a situação, ao mesmo tempo um peso me surge na mente e no coração, fico me questionando se esta é a real percepção que as pessoas têm de mim.

Não quero o dinheiro do Kalel, não sou uma vagabunda, eu não sou nada disso o que as pessoas pensam, eu apenas o amo e quero ficar com ele, ter ele e o João perto, sei que não mereço a compreensão de cem por cento das pessoas do mundo, mas ao menos que me tratem com respeito.

Acho que confundi demais as coisas, no

PERIGOSAS ACHERON

fundo, no fundo, é isso o que a Barbara pensa de mim, Said, meus pais, os pais do João, quem sabe Melissa e Nick, o que devem imaginar por minhas costas? Mesmo que me tratem bem pela frente eles, com certeza, devem pensar mal de mim.

Me sinto tão envergonhada, de novo, mesmo que não queira, ainda que tenha dito para eu mesma, machuca muito saber que talvez as minhas escolhas não só incomode as pessoas, mas cause nelas o que causou em Barbara, ela não merece que eu chore, ela não merece que eu me sinta mal, mas me sinto.

Fico olhando para a piscina, para o jardim, acho que bem lá no fundo as pessoas nunca compreenderão esse casamento, elas nunca aceitaram o meu direito de escolha e elas sempre ligarão minha imagem a imagem de uma prostituta.

Talvez eu seja não é mesmo?

Escuto o som de passos, limpo as minhas faces, queria que tudo fosse diferente, mas sei que as coisas serão bem assim na minha vida de agora em diante, mas infelizmente esse é o preço caro que eu acho que vou pagar por ter me apaixonado por outro homem amando meu marido.

—Oi—Kalel se senta ao meu lado no banco

do imenso jardim.

—Olá—digo sem conseguir fitá-lo.—
Conseguiu acalmar a sua mãe?

—Sim—a voz dele está tão inflexível.—
Amor, olha para mim.

—Eu estou bem—digo a força.—E o João?

Kalel fica calado por alguns momentos, depois ele toca a minha mão e analisa nossa aliança de casamento, ainda sim não consigo fitá-lo, sua mão treme e está fria.

—O meu mundo está desmoronando a cada segundo desde que você saiu daquela cozinha Fernanda — Kalel fala com firmeza.—Eu sinceramente não posso me desculpar pelas palavras dela, ela não merece nem o seu, nem o meu perdão, parece que tudo está caindo na minha cabeça agora.

—É verdade então?

—Segundo ela é.

Engulo o bolo que se forma na minha garganta, não consigo me mover.

Barbara é a mãe do Kalel!

—Eu passei tantos anos acreditando que era filho daquela mulher e assim do nada, descubro pela minha esposa que a minha babá é a minha

mãe, não é algo que se descobre todos os dias.

—Não mesmo.

Os dedos dele se entrelaçam nos meus, seguro sua mão e a beijo, quero poder dizer coisas para confortá-lo, mas nada me vem a mente, nada, também estou em choque, ainda tinha dúvidas sobre o que Barbara disse sobre ser a mãe dele.

Porque eles são tão diferentes!

—Sei que é muito difícil para você ouvir essas coisas, que você é sujeita a isso por minha causa, sinto muito, mas...—a voz dele fraqueja.— Só não me diz, por favor, que vai embora. Não me diz que isso vai te impedir de continuar comigo porque se você decidir partir eu não vou suportar Fernanda, eu juro que não aguento tanto.

Eu o fito, Kalel está chorando, as lágrimas caem incessantes, meu coração fica apertado, toco sua face e suas lágrimas se tornam as minhas lágrimas, eu o puxo sem pensar duas vezes e o abraço com força, Kalel se inclina e se ajoelha diante de mim me apertando, chora feito uma criança ferida, machucada por uma queda que acabou de levar.

Isso também me machuca, não tão somente a dor das palavras de Barbara, mas porque sei que ela

o machucou também com a verdade, não que ele não a merecesse, porém ela deveria não ter agido daquela forma, se eu soubesse também não teria nem entrado no assunto.

Não para vê-lo tão machucado.

Enquanto ele me aperta, sinto um par de braços nos abraçando, Kael chora desconsolado.

—Calma—João fala baixinho.— Calma irmão, tudo vai se resolver.

Beijo a cabeça do Kael sem saber o que dizer.

A merda já está feita, o que podemos fazer agora se não tentar lidar com isso? Nem que para isso tenhamos que chorar um bocão agora.



— Quer conversar agora?

Kalel me lança um olhar coberto de receio, ele chorou tanto que os olhos estão avermelhados, o nariz também, subimos direto para o quarto, o João cuidou das meninas, Barbara não sei onde foi parar, não pensei muito nela desde que subimos, estava preocupada com o Kalel, ainda estou, com a crise de choro dele, é uma merda ver ele assim.

— Ela disse que é a minha mãe biológica, que engravidou do meu pai quando tinha 13 anos.

Sufoco com a revelação, Kalel bebe um pouco do chá que eu fiz para ele, estamos em nossa cama, trouxe água, fiz chá para nós, sei que não vai adiantar nem ajudar muito.

—Barbara não quis entrar em detalhes, mas deu a entender que meu pai estuprou ela quando ela tinha 13 anos e que quando ele descobriu que ela estava grávida, forçou ela a manter relações com ele escondido da minha mãe... Quer dizer, da Lynn

—ele explica e olha fixamente para frente.— Quando eu nasci, a Lynn descobriu tudo e me tomou dela, mas meu pai não quis me tirar da Barbara, porque o irmão dela descobriu e disse que se eles fossem demitidos do emprego, iria a imprensa.

Nossa.

Kalel ergue o olhar me fitando com tristeza.

— Anos mais tarde quando Barbara tentou fugir comigo e o irmão dela, papai mandou matá-lo, eu ainda era muito pequeno.

Meu coração fica disparando, toco minha barriga, não consigo nem imaginar alguém tirando meus bebês de mim, minhas filhas, que coisa mais horrível.

—Barbara disse que não teve outra opção se não ficar para cuidar de mim e foi o que ela fez durante todos esses anos, até hoje, ela tentou me proteger da maldade dos meus pais, ela sofreu muito para me proteger Nanda, mal acredito que eu fui preconceituoso com ela um dia, mal acredito que eu a tratei dessa forma como trato, uma empregada, ela é a minha mãe!

Seus olhos se movem nervosos, as lágrimas caem sem que ele perceba mais uma vez, eu as

PERIGOSAS NACIONAIS

limpo, Kalel me fita tão triste.

—Sou fruto de um estupro...

—Não, não fala isso amor—peço nervosa.—
Para com isso, não pensa por esse lado.

—Mas é a verdade, agora eu entendo porque eles sempre me rejeitaram, é porque eu não sou um puro sangue, um maldito Baltazar!—replica entre dentes.—Como eu os odeio Nanda.

—Calma.—só consigo dizer isso.

—Sinto nojo de carregar nas veias o sangue daquele homem, nojo por tudo o que ele e aquela família representam na minha vida, ele abusou tanto da Barbara, pode imaginar uma criança grávida? Ela chegou a casa deles com apenas 11 anos, ela nem tinha corpo...—ele deixa a frase morrer.

Os olhos azuis cobertos por lágrimas dolorosas e cheias de raiva, rancor, nojo, tantos sentimentos que não presenciei antes vindos dele, gostaria de tirar de seu peito essa tortura, dizer coisas para que ele se acalme, mas nem sei por onde começar.

—Kalel, eu te amo—falo fitando-o.—Por favor, acalme-se, por nós, por nossos filhos sim?

— Poderia matá-lo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não vai fazer isso, você não é como essa gente, você é mais que isso, você é um homem bom, honesto.

— Eles me fizeram odiar a cor da minha própria mãe Nanda!—reclama furioso.

— Mas, você não é mais como eles, você nos ama não ama? Você nos aceita, isso é o que importa.

Ele me fita em silêncio, sua dor é tremenda, algo dilacerante.

— Sinto muito se ela te magoou, eu não vou mais permitir que a Barbara diga essas coisas para você, eu dispensei ela por alguns dias até esfriar a cabeça, ela saiu chorando muito, foi para a casa do Nick.

— A de campo?

— Sim, eu já liguei para ele, ela vai ficar lá um tempo até eu decidir o que farei.

— Eu não queria que as coisas chegassem a esse ponto.

— Não foi sua culpa—ele funga.— Nem culpa da Barbara, acho que ela não estava mais suportando esconder isso de mim, ainda mais agora, ela se sente ameaçada com a sua presença, ela tem medo de que eu a demita porque você é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dona da casa agora.

— Ela não precisava me insultar.

— Não deveria, estou decepcionado por ela ter dito algo tão feio para você amor, sinto tanto que você sofra por isso.

Não sei dizer se é pior do que saber sobre algo que desconstruiria toda a minha vida de uma só vez.

— Não sei se me sinto mal por saber disso ou aliviado em alguns sentidos, porque nunca me senti de fato encaixado em nada daquela família.

— Não tem que se martirizar, vamos pensar com calma nisso tudo.

— Me sinto forte em ter o apoio de vocês dois, do John, ele é um amigo incrível, me acalmou antes de eu ir no jardim conversar com você, mesmo que não tenha adiantado muito é claro.

— O João te ama.

— Eu também o amo.

Ele bebe o resto do chá, toco sua face, seu pescoço.

— Somos uma família.—determino.

— Sim—ele me fita com receio.—Vai embora?

— Não!—digo de imediato.—Não mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sorri e isso me dá uma ponta de esperança.

— Você é parte de mim Kalel—digo e seguro sua mão, coloco em meu ventre.— Vocês são nossa família também.

— Somos?—ele faz cara de choro.— Ah amor, você é tão maravilhosa de dizer tudo isso.

Ele está sensível, quebradiço.

— Vem aqui meu amor.—chamo e lhe ofereço meu colo.

— Não conta para o John o que eu disse aqui sobre ele não tá?

— Não conto.

Sorrio.

Um dia passa.

PERIGOSAS ACHERON



— Ele está melhor?

— Está sim amor.

O João dormiu na sala com as meninas, tudo virado, uma bagunça, tv ligada até mais tarde, desci agora para fazer nosso café da manhã, Kalel e eu dormimos abraçados, o João subiu mais de madrugada e ficou um pouco conosco depois de um rápido banho desceu, ele quem trancou toda a casa e deu o jantar para as meninas, levou nosso jantar, uma salada com torradas, Kalel comeu e não reclamou, mas o estado emocional dele não ajuda.

Ele não quis sair do quarto nem desgrudou, mas acho que hoje as coisas estarão um pouco melhores.

— Acho que foi besteira brigar com o Kalel por dinheiro, afinal de contas, cada dia, que passa percebo que ele faz tudo por nós porque gosta do que construímos com ele—João diz atrás de mim.
— É besteira brigar por isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não gosto quando brigam—respondo e ligo o a chama do fogão me viro para ele.— Me senti constrangida pelo o que a Barbara disse ontem sobre mim.

— Mas, não é verdade Nanda.—João se aproxima, ele usa pijama.

— Não é, mas é triste sabe? Me senti sei lá, uma puta interesseira.—explico.

— Mas, não é—repete ele todo sério.— Sabe que você é uma mulher honesta, o que temos em nossa casa não diz respeito a ninguém, nem mesmo a ela, ela não tinha o direito de julgar você nem de dizer aquilo.

— Não pensei que fosse verdade.

— Nem eu, eu me senti como numa novela mexicana ao vivo.

Não deveria achar graça, mas rio, me aproximo e me sento em seu colo, lhe dou um beijo quente, ele toca a minha barriga com carinho, amo o meu primeiro esposo, amo meu segundo esposo e tudo o que temos, isso sim é o que deve importar.

— Você está ficando barriguda—ele diz e sorri.—Bonita demais com essa barriga de melancia.

— É mesmo?—questiono feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mal vejo a hora deles nascerem— confessa e encosta a testa na minha.— Sinto muito por tudo o que provoquei nesses dias, você não merecia nada daquilo da minha parte, é que eu me acostumei tanto a ser um ferrado que quando aparece um cara que pode te dar algo melhor fico ofendido.

— O Kalel só quer que fiquemos bem, mesmo que eu concorde com você é impossível negar tudo isso João, ele tem razão de querer que estejamos melhores que antes e não é sua culpa que não temos dinheiro, não deve se sentir mal por isso.

— Orgulho.

— É mais importante que o nosso amor? Nossa família?

— Não.

João me beija a cabeça e faz carinho na minha barriga.

— Nada é mais importante que nossa família, você!

— Não quero mais me desgastar tá?

— Prometo que farei o meu melhor para que tudo fique bem.

— Eu sei que sim amor.

— Hei, hei, hei, que pegação é essa?—escuto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a voz do Kalel soar na cozinha.

— Ele já voltou ao normal.—João fala com deboche.

Saio de seu colo rindo a beça, levo uma palmada na bunda e vou até o fogão.

— Por falar nisso, eu ouvi você falando que me ama—João provoca e vai saindo da cozinha.—Mor!

Kalel fecha a cara e mostra o dedo do meio para ele.

— Fofoqueiro de merda.—acusa Kalel.

— Vai se fuder veado.—João insulta num tom de brincadeira.

— Só você sentar aqui para eu te mostrar quem é veado seu desgraçado.

— Que desnecessário—arregalo os olhos horrorizada.— Estou chocada com esse linguajar.

— É esse arrombado que não admite nada—João fala da sala.— Oi meu amor, já acordou?

— Lembre-se que você é um papai de família, não pode usar esse linguajar perto das crianças—digo e coloco os braços envolta do pescoço dele.— Mal criado.

— Ele me provoca demais.—reclama Kalel.

Ele parece melhor depois da noite de sono.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem?—pergunto abraçando-o.

— Melhor agora, acordar e ver que você está aqui, que me apoia.

— Sempre meu amor.

Ele me beija.

— Acho que temos que conversar sobre outras coisas hoje—Kalel me olha e toca meus cabelos.— Não é saudável que fique nesse clima emocional tão negativo, nem que as meninas fiquem em casa sem fazer nada, vamos resolver isso?

— Sim—é melhor mesmo que ele levante a cabeça e apenas siga em frente.— Quando se sentir melhor, falamos sobre outros assuntos, meu amor.

— Com certeza, por hora, vamos relevar e decidir o que tem que ser decidido, até porque sua amiga chega hoje, ela ficará uns dias aqui conosco.

— Eu acho que vai ser bom sabe?

— Eu espero que ela entenda nossa posição porque não vou permitir que ninguém te machuque mais em relação a isso.

— Meu salvador!

Seus lábios cobrem os meus, estou um pouco mais tranquila agora, o meu marido está mais calmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao menos vamos começar a tentar colocar tudo no lugar agora.

PERIGOSAS ACHERON



— Miga Sua Loka, tá grávida?

Rio e abro os braços recebendo um aperto forte da Socorro, poxa, faz tanto tempo que eu não a vejo, meses. Ela me analisa toda risonha e toca minha barriga com carinho, me sinto tão feliz de enfim poder ver um rosto amigo, ter alguém que conheço por perto, espero que a Socorro não me julgue mal.

— Ai amiga—Socorro me espreme.— Porra Nanda, que saudade.

— É—concordo e me afasto, eu a olho de cima abaixo.—Como sempre a elegância em pessoa.

— Nada—ela faz um gesto banal com a mão, Kalel traz suas malas.— Se você chorar eu vou chorar.

— Tá—respiro fundo engolindo a emoção.

Fiz um jantar legal para receber a Socorro, quero que ela se sinta em casa sei que com ela não
PERIGOSAS ACHERON

tem besteira nem frescura, ela é humilde apesar de tudo, eu coloquei um short, mas percebi hoje que a barriga só cresce e ele não fechou, então me conformei em colocar um camisão por cima para disfarçar a braguilha aberta.

Até me maquiei, o Kalel cuidou das meninas e o João me ajudou a organizar a baderna na sala, foi um dia bem, mais tranquilo apesar de que não ter alguém ajudando nas tarefas diárias de uma casa desse tamanho é complicado, Said acaba de chegar com Socorro, eu mesma arrumei um dos quartos para ela.

Socorro usa uma calça social cintura alta e blusa de seda elegante, saltos, os cabelos soltos e a maquiagem intocável, às vezes me pergunto como ela consegue sempre estar bem para qualquer ocasião que seja, unhas feitas, sobrancelhas intocáveis, como sempre, lindíssima.

— Você está linda Nanda—ela diz me olhando de cima abaixo.— Cabelão solto, maquiada, gostei de ver.

—Pois é, vamos entrar—convido.— Os rapazes estão nos esperando para jantar.

— Ouvi o boato de que o senhor Thurman se casou, é verdade?—ela pergunta cochichando.

— Bem, é—digo sem graça.

Não pensei que Kalel diria, acho que ele quer que eu conte para a Socorro para que ela não se assuste, afinal, ela veio a trabalho, mas é minha amiga.

— A esposa dele está aqui?—pergunta ela.

— Você está olhando para ela.—digo com um sorriso totalmente forçado.

Estou desprevenida, é como se falar isso me deixasse de repente nua, não sei explicar, coloco as mãos para trás e fico esperando ela dizer algo, Socorro fica me olhando com os olhos arregalados.

— Você se divorciou do João Gabriel?—ela está horrorizada com a constatação.

— Não—digo envergonhada.

— Então é verdade o que sua mãe disse?—ela arregala os olhos ainda mais.

Faço que sim com a cabeça e minhas bochechas queimam, não quero acreditar que a mamãe falou isso para Socorro, já vou ficando tensa.

— Ai que alívio!—Socorro fala do nada.

Agora eu arregalo os olhos, fico sem ação.

— Porra Nanda, não me assusta, pensei que você havia se divorciado do João para se casar com

PERIGOSAS NACIONAIS

o senhor Thurman.

Cacete.

Socorro se aproxima e segura meu braço.

—Socorro eu... Eu...

—Nanda, não precisa me explicar nada, se você estiver bem e feliz eu também me sentirei feliz por você amiga—Socorro fala com calma—Eu me assustei quando sua mãe me contou, mas depois pensei “*Ah, problema dela de ter que suportar dois agora*”.

Rio, é involuntário.

— Poligamia não é algo tão incomum amiga, meu tio é mórmon, ele é polígamo, tem 5 esposas.

Putaquepariu.

— Não me olha assim—ela faz cara de deboche.— Você acha que é a única com podres na família? Meu pai já chifrou tanto a cabeça da minha madrasta que ela tem que andar com aqueles negócios no pescoço para segurar a cabeça.

Os pais da Socorro são divorciados a um tempo, até onde eu soube nunca teve problemas com o pai ou a madrasta, a mãe dela se casou com um homem rico no Rio de Janeiro e mora lá, mas nunca imaginei isso em nenhuma hipótese, acho graça, mas é de nervoso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Depois você se acostuma—ela fala com tranquilidade.— Estou tão feliz de ter vindo para cá, aqui é outro nível né?

— É, é um bom lugar.—reflito e entramos na sala.

—Socorro!—João exclama todo sorridente.—Mas, demorou hein?

— Meu voo atrasou amigo—Socorro diz e vai logo dar um abraço nele.

Kalel se levanta e só percebo a outra presença na sala quando ele se levanta também.

Matheo?

Socorro dá dois beijos afetuosos nas bochechas do João e depois vai estendendo a mão para o Kalel, ainda estou tão chocada de ver o irmão dele aqui que fico paralisada, Clara vai correndo para cima de Socorro toda feliz, acho que faz mais de um ano que a Socorro não a vê, mas é incrível, ela não a esqueceu.

— Oi my Love!—Socorro fala e a pega no colo, aperta ela olha para Alice.— Você deve ser a senhorita Alice.

— Lembro de você, do trabalho do papai—Alice explica sorridente.—Bem-vinda.

— Muito obrigada.—Socorro sorri

PERIGOSAS ACHERON

abertamente para ela.

— Doutora—Kalel fala e aperta a mão da Socorro cordialmente.— Seja bem-vinda a São Francisco.

— Muito obrigada patrão—Socorro estende a mão para Matheo.— Muito prazer, Socorro.

Matheo aperta a mão dela com firmeza, Socorro coloca Clara no chão, me aproximo ainda chocada em rever o irmão do Kalel aqui, realmente não esperava ele aqui, nunca.

—O Matheo veio para conversar comigo mas o pneu do carro dele furou a alguns quilômetros— Kalel sorri.— Se importa de colocar mais um lugar a mesa?

Ah! Graças a Deus que aquela desgraçada não veio.

— Posso sim—afirmo.— Bem-vindo Matheo.

— Muito obrigado pela hospitalidade, acho que pisei na sua horta, peguei a trilha errada e acabei vindo pela parte de trás da casa, o motorista do Kalel quase me deu uma surra.

Fato interessante que eu não tinha notado, ele está sem sapatos, sem meias, os pés brancos e dedos grandes descalços, não sei se devo rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ficar com as minhas chinelas—João tira as dele dos pés e estende para o Matheo.— Acho que calçamos o mesmo número.

— É muito gentil.—Matheo responde sem graça.

Que Situação!

— Vou colocar a comida para esquentar—aviso e olho para a Socorro.— Em sua homenagem, frango frito, batatas fritas e arroz branco.

— Me sinto honrada—Socorro diz toca contente.— Então, já fritou o frango e a batata?

— Não né?—vou me afastando até a cozinha.— Eu só fiz o arroz e preparei a salada, mas é coisa rápida, eu tenho uma fritadeira elétrica, é um sonho!

— Chique demais—Socorro vem atrás de mim achando graça.— Eu lembrei também que você é cachaceira, então coloquei umas cervejas na geladeira e um vinho.

— Já quero—Socorro vai para o rumo da geladeira.— Tem limão e sal?

— Eu também pensei nisso—acho graça.— Sua pinguça!

— Você tipo quis fazer uma recepção estilo “*mesa de boteco*” para mim, awnt, que linda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os molhos estão na geladeira—aviso contente.— Molho de alho e molho de mostarda.

Socorro vai pegando tudo na geladeira, pega as cervejas no freezer, João vem logo e já vai abrindo uma para ele, coloco as batatas na fritadeira e ascendo o fogo do óleo para começar a fritar o frango, foi divertido poder preparar a pequena recepção para minha amiga, não queria que Socorro se assustasse com a minha nova família nem com meu estilo de vida.

Quero que ela se sinta bem e a vontade.

— Miga você aceita uma?—Socorro pergunta e abre uma cerveja para mim.

— Ela não pode—Kalel responde e pega a cerveja para si mesmo.

Fecho a cara, ele abre a geladeira, Alice e Clara se sentam na pedra de refeições, Matheo também, Socorro fica sem graça.

— Não liga para ele não Socorro, ele é mal educado de natureza.—comento e coloco o avental.

— Vou te servir um vinho—Kalel retruca e pega a garrafa na geladeira.— Aceita Matheo?

— Uma cerveja por favor.—responde o irmão do Kalel todo sério.

Acho que é mal de família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deve ser.

— Pega o suco das meninas—aviso e pego umas coxinhas de frango que fritei mais cedo para elas no forno, levo a cestinha e coloco em cima da pedra.— Já lavaram as mãos?

— Vem Clara—Alice esfrega as mãos.— Lavar as mãos.

Alice desce do banco e pega Clara, ambas vão correndo para a pia, João as ajuda a lavar as mãos, Socorro bebe a cerveja e lava bem as mãos.

— Então, você quer mesmo enfiar a minha dieta pelo ralo?

— Não tenho culpa—dou de ombros.— Quem mandou ser minha amiga?

Socorro pega a vasilha com frango temperado e me dá uma bundada.

— Sai para lá, eu vou fritar isso aqui em dois minutos.

Acho graça, Kalel me estende uma taça com vinho e me puxa me abraçando por trás.

— Não pode beber muito—avisa e toca a minha barriga.— Esqueceu dos nossos bebês?

—É mais de um?—Socorro me encara chocada e começa a despejar as coxinhas no óleo quente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— São gêmeos—João responde sorridente.—
Um casal, Bella e Daniel.

— Sabe que eu nunca pensei em ter filhos—
Socorro fala pensativa.— Acho que quando eu tiver
um bebê quero tipo isso, um atrás do outro para ter
o trabalho tudo de uma vez.

— Coitada—João ri.— Pena.

— Pena mesmo—aviso e beberico meu
vinho.— Como estão as coisas no Brasil?

— Como sempre na mesma—ela suspira— E
a pergunta é se sua mãe está bem, está sim, ela está
ótima.

Graças a Deus.

— Aquela velha bruxa.—João pragueja.

— Mor!—exclamo horrorizada.

Kalel beija a minha bochecha e me solta.

— Vou até o escritório conversar com o
Matheo, vem John?

Nossa, nossa!

— Tá.—digo só para dizer algo.

Vivem se matando, mas quando é para tratar
esses assuntos ficam de segredinho, vou querer
saber de tudo depois.

Eles três saem da cozinha, Socorro começa a
mexer no frango, as meninas comem as coxinhas e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bebem bastante suco, coloco o molho que fiz para elas e pego a salada e começo a colocar nos pratinhos para elas.

—Nanda—Socorro chama.— Aproveita, bebe um gole aqui.

Fico rindo enquanto bebo um pouco da cerveja dela, faço gesto de silêncio para as meninas e ela os repetem rindo a beça.

—Homens.—Socorro revira os olhos.

Né?

PERIGOSAS ACHERON



Tive medo de abrir esse envelope antes, mas enfim, é destinado a mim, em algum momento terei que ler, então o momento é agora.

Respiro fundo e abro o envelope branco, retiro a folha de papel dobrada e a abro sentindo que as minhas mãos tremem um pouco, foi a primeira coisa que a Socorro me deu quando eu a deixei em seu quarto a alguns momentos.

Mamãe me mandou uma carta do Brasil, estou tão nervosa.

Kalel e João ainda estão lá embaixo conversando com Matheo, o que eu não sei, eles estavam calados durante o jantar e decidi não instigar, depois Kalel disse que iriam ver um jogo e eu tirei a mesa, Socorro me ajudou com a louça e subimos com as meninas, eu as coloquei na cama e levei Socorro para o quarto onde ela ficará hospedada, ela me disse que minha mãe tinha me mandado algo, então me entregou o envelope.

Nos despedimos com um abraço e vim para meu quarto, tomei banho pensando na carta, se deveria ler, pois bem decidi que vou ler agora.

Analiso bem a letra cursiva e bonita, então começo a ler.

“Maria Fernanda, eu decidi escrever essa carta para lhe agradecer por toda a ajuda que nos prestou, sei que não contava com algo tão inesperado quanto eu e seu pai, mas apenas aconteceu e agora estou melhorando um pouco. Quero dizer que sinto muito por toda a situação e que eu e seu pai lamentamos não ter tido muita paciência com você com o que aconteceu, somos pessoas mais velhas e nem sempre sabemos como lidar com coisas novas.

Quero que saiba que muitas coisas que eu disse foram da boca para fora e que eu falei no calor do momento, eu sei que sou uma pessoa antiquada e difícil, seu pai ficou muito magoado porque não é uma coisa que nós estamos acostumados de ver, queria que as coisas houvessem sido diferentes, Clara merecia um abraço apertado dos avós antes de ir para longe.

Eu não esperava mesmo que você fosse se juntar com um outro homem depois de tantos anos

de casada, nem que o João aceitasse isso, me sinto envergonhada pela sua decisão, mas é algo do qual eu sei que não tenho que opinar, fizemos tudo errado e te machucamos e isso não foi justo com você, eu sinceramente não pensei que você fosse embora sem nos avisar, mas eu entendo sua decisão porque faz o que acha melhor para sua família, não é meu dever dizer o que deve fazer com seu esposo e sua filha.

Foi um erro ter me deixado levar pelo calor do momento, foi um erro ter dito todas aquelas coisas, mas não posso dizer que concordo com sua vida com esse homem e o João apoiando, porque eu estaria mentindo, eu amo muito você, mas não me entra na cabeça que você esteja na cama de dois homens, que viva com eles como se isso fosse normal.

Me desculpe pois para mim não é, só quero que saiba que estaremos aqui e que espero que essa sensação ruim saia do meu peito para que possamos voltar a conversar, seu pai vive chorando quando está em casa e sente que a feriu, não era intenção nossa te machucar, eu espero que um dia você pense com cuidado nas suas decisões, Deus não poderia aprovar esta relação, não é

certo, mas enfim, eu também não sou Deus, sinto muito.

Eu amo você, se quiser ligar para conversarmos estarei aqui, se não quiser ligar, ao menos mande notícias e me deixe conversar com a Clara.

Um grande abraço, mamãe.”

Fico olhando para a carta por alguns momentos, mas não consigo chorar, não sinto raiva nem mágoa, só fico tentando entender porque disso, porque ela sempre mete Deus em tudo para justificar as falhas dela, a rigidez, não posso dizer que estou nervosa depois de ler tudo isso, é a minha mãe, o que eu poderia esperar além da dureza e frieza quando se trata de falar de moral e bons costumes?

Escuto o som das vozes de Kael e João, guardo a carta no envelope e enfio no criado, ligo a tv e me acomodo entre os travesseiros, coloquei uma camisola para dormir hoje porque temos visitas e a Barbara não está aqui... Barbara.

Outra coisa que sei que em breve terei de resolver.

Nós conversamos sobre a escola das meninas hoje na hora do café, elas vão ter mesmo que ir

para uma escola particular, Kalel já resolveu tudo por e-mail e elas começam semana que vem, depois ficou decidido que eu vou ficar cozinhando durante a semana até tudo se resolver e revezando com o João, não falamos sobre a Barbara, mas nem deu tempo, eu tive que preparar o almoço e tive também que fazer o jantar, dar banho nas meninas, ajudar o João com umas dúvidas de alguns autos, no final das contas nosso dia até rendeu, Kalel ficou mais no celular no notebook, ele trabalhou, senti que fazia isso mais para saber como lidar com os problemas, no final da tarde ele me ajudou com as meninas, ficou mais com elas.

Acho que devagar as coisas se resolvem.

—Já tomou banho?—João pergunta me trazendo para a realidade.

—Já sim—digo.— Eu estou um pouco fadigada, Matheo já foi embora?

— Ele vai dormir aqui hoje, o guincho levou o carro dele.—Kalel explica e tira a camisa.

—Ah!—digo surpresa.

Não entendi essa aproximação repentina deles dois, pensei que se odiassem.

— Eu vou primeiro—João avisa e se apressa para o rumo do banheiro.— Mor, vamos assistir a

um documentário que vai passar agora as 23:00?

— Sobre o que é?—pergunto.

— Sobre poligamia, um homem que é casado com 4 mulheres.—João fala do banheiro.

— Tá—digo e escorrego na cama, suspiro e toco a minha barriga.—Frutos do poli amor.

— Eu conversei com o Matheo, ele disse que pediu o divórcio para a Jéssica, veio se desculpar e eu nem sei porque—Kalel se senta na cama ao meu lado e toca a minha barriga.— Estou apreensivo, ele disse que ficou muito magoado de saber que ela mentiu para ele, expliquei para ele que não tenho nada a ver com a Jéssica.

— Caramba!—exclamo chocada.— Ele largou ela?

— Largou—Kalel reafirma.— Conversamos muito, eu contei toda a história para ele, levei o John para que não houvesse atrito, ele é um excelente conciliador.

— Eu entendo—digo fora do ar.— E agora?

— Agora o Matheo está sem saber o que fazer, ele me ouviu, se desculpou pela briga no restaurante e disse que desde aquele dia está separado dela, eu não sei o que dizer, mas não me senti no direito de mandar ele embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele é seu irmão.

— Não é por isso, é que eu me solidarizei com a dor dele, sei o que é ser iludido pela Jéssica.

— E ela te iludiu foi? Logo você? O comedor das menininhas!

Kalel abaixa a cabeça e as orelhas vão ficando vermelhas.

— Eu não sou mais assim amor, para de ficar falando isso.

—Kalel Thurman com vergonha produção?

— E você não imagina como, me arrependo muito de quem fui, por incrível que pareça depois que nos casamos estou ficando com senso de pudor enorme.

— Sei.

Os olhos azuis me fitam.

— Eu estou ainda meio magoado com a Bah sabe? Ela me ligou hoje, mas não consegui falar muito, acha que eu consigo perdoar ela? Me perdoar?

— Bem amor, isso é algo que só o tempo pode falar, perdão é algo sério.

— Eu me sinto mal por ela.

— É comum que se sinta, ela mentiu para você, mas ela também te protegeu como pode do

PERIGOSAS ACHERON

seu pai.

— Eu e Matheo decidimos ir até a casa dele para uma conversa.

— Porque?

— Porque ele também é fruto de um estupro. Fico boquiaberta.

— A mãe dele disse que não foi consensual, que ela não queria, este é o motivo da revolta dele com os Baltazar.

— Porcaria!

— Acho que dessa vez ele foi além dos limites, que isso tem que ficar esclarecido, por isso eu decidi que vou conversar com ele semana que vem, quando formos ao doutor Tadeo, quero te apresentar e apresentar o John como minha família e dizer a ele tudo o que tenho para falar.

— Não corremos o risco de ele tentar algo?

— Pois ele que tente.



— Mamãe, olha!

Escuto o berro da Alice e em seguida, o Matheo a joga na piscina com tanto cuidado que parece que ela é quebrável, decidimos descer para a piscina, o João quer assar uma carne em comemoração a chegada da Socorro.

Nem quis discordar, dado o clima por conta de tudo o que aconteceu acho que o Kael está precisando mesmo esfriar a cabeça, esquecer um pouco a briga com a Barbara, não quero que ele se sintam mal com tudo ainda mais com essa história agora do irmão dele.

É algo complicado, mas não é impossível de se esquecer, ou deixar apenas de lado, ao menos até as coisas melhorarem um pouco nesse sentido.

Socorro se aproxima usando um maiô preto todo chique, uma entrada de banho cheia de pedras, ela não faz muito o estilo perua, mas adora essas coisas com brilho e sofisticação, contrário de mim, PERIGOSAS ACHERON

também ela tem corpo para isso, tem porte, é bonita e se cuida sempre.

— É normal que eles dois briguem até para ver quem vai ascender a churrasqueira?—Socorro se senta ao meu lado na borda da piscina.

— É—digo revirando os olhos.— Infelizmente eles dois não gostam de demonstrações de afeto em público.

— Me diz aqui, aquele bonitão é irmão do senhor Thurman mesmo?

— É, meio irmão, ele é bonito né?

— É muito bonito—Socorro sorri olhando discretamente para o rumo de Matheo.— Dez gotinhas de orvalho pingaram na minha calcinha só de ver esse Deus grego sem camisa.

Acho graça, tiro meu vestido e estico as pernas na espreguiçadeira, Socorro tira a entrada de banho dela e se estica também, Matheo está na piscina com as meninas, ele usa um calção do Kalel, ele não é muito de falar, durante o café estava calado me olhando e encarando o Kalel, depois o João o convidou para ficar e ele topou, acho que também está precisando de um apoio moral.

— Parece que você emagreceu depois que

veio para cá Nanda.

— Infelizmente vomito como uma jumenta.

— Amiga, me conta um pouco de como aconteceu essa gravidez na sua vida, como você está?

— Socorro, posso te pedir uma coisa?

— Claro amiga.

— Me desculpe por ter me afastado de você, é que quando tudo isso começou a acontecer eu estava confusa e com medo de que as pessoas soubessem sabe? Foi uma tremenda falta de consideração da minha parte com você me afastar.

— Nanda eu até estranhei que você se afastou, mas quando o patrão começou a dar ordens referentes a você e tudo mais eu dei uma desconfiada, porque o senhor Thurman não ajuda ninguém na empresa, se trocou duas palavras com alguém lá na nossa filial esse alguém foi você, ele parece tão diferente agora.

Olho Kalel e João perto da churrasqueira, João abanando a fumaça com um pedaço de papelão enquanto ele pega as grades, ambos usam calção de banho, estão descalços, João faz uma careta imensa e eles conversam sobre algo que não consigo ouvir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele é importante demais para mim— admito.— Me apaixonei pelo Kalel, então eu e o João decidimos que ele faria parte do nosso casamento e das nossas vidas, não foi uma decisão fácil porque isso destruiu meu casamento com o João de início, mas estamos aprendendo todos os dias a conviver.

— O senhor Thurman tem uma cara de safado, me perdoe a palavra amiga.

Sinto as bochechas queimando quando ela ri.

—Tá né—Socorro afirma.— Tem algo que eu quero te contar.

— Conta.

— Quando eu vim para cá eu tinha decidido algo muito importante para minha vida.

— E isso seria...

— Engravidar!

Socorro sorri tranquila, ela se estica na espreguiçadeira e coloca a mão no ventre.

— Se tudo der certo em breve eu terei um bebê também.

— Que?

Meu berro é tão alto que Matheo olha para nós duas, fico constrangida, fito a Socorro toda sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mano, você ficou louca?

— Que linguajar é esse senhora Fernanda?

É o meu linguajar... Ou era o que eu usava quando ainda era sensata.

— Eu já tinha feito uma inseminação a dois anos mas não deu certo, então comecei a fazer tratamento para tentar engravidar.

— Se...

— Qualquer um ora, eu não quero um pai, eu quero um reprodutor.

Senhor!

— Socorro você está se ouvindo?

— Ai Nanda, você as vezes é tão antiquada nesse sentido, olha para você, é casada com dois homens, está grávida dos dois, quer coisa mais moderna que isso?

— Bem, só não esperava ouvir isso de você.

— Eu não comentei com ninguém, nem com a minha mãe, acho que é uma decisão pessoal demais, agora eu tenho que achar um doador para conseguir ficar grávida, eu estou ficando velha e não tenho planos de me casar sabe? Então acho que é uma boa ter um bebê independente.

— Algum problema?—Matheo pergunta se aproximando.

PERIGOSAS ACHERON

Eu o olho puxando as meninas por seus coletes, ele parece ter algum jeito com crianças, Clara e Alice agarram seus macarrões coloridos e boias e ficam brincando perto da borda, Matheo tem ombros largos e uma barba bem mais cheia, olhos incríveis e lábios vermelhos, os cabelos são compridos e encaracolados nas pontas, acho que ele tem uns quarenta e poucos, o físico dele é daqueles caras que não malham, mas se cuidam ou coisa assim.

— Ah, nenhum—digo sem graça.

— É que eu ouvi um berro—Matheo justifica tímido.

— Estávamos falando de bebês—Socorro explica e puxa a caixa de isopor.— Que tal uma cerveja para acalmar os ânimos senhora Fernanda inadequada?

Fecho a cara, olho para o Matheo toda retraída, não me sinto inadequada.

— Você que é homem, me responde uma coisa por favor?

— Claro.

— Você acharia normal uma mulher ter um bebê de proveta?

— Hei, não fala assim do meu futuro bebê—

Socorro repreende e pega duas cervejas na caixinha de isopor.—Joãoooo! Cadê os limões?

— Na caixa de tampa azul, também coloquei sal—João berra.— Vocês querem linguiça primeiro ou carne?

— Linguiça—berro primeiro e me viro para Matheo.— Então, o que acha?

— Não sou preso ao tradicionalismo, fui criado num lar destruído e confuso, minha mãe foi uma mulher da vida livre para me sustentar boa parte da minha infância, então acho que seja normal que uma mulher possa sim ter o direito de ter bebês com quem julgar certo—Matheo fala pensativo.— Mas, acho válido que ela conheça o pai da criança, para não gerar problemas durante a adolescência do filho.

Fico sem palavras, então a mãe do Matheo era prostituta? O que mais esperar da família do Kalel? Assassinos, estupradores, prostitutas... Senhor!

— Sua amiga quer ter filhos?—Matheo pergunta e olha para Socorro.

— Quero—Socorro diz.— Eu já estou fazendo o tratamento para engravidar, estou com 35 já, por isso estou meio que correndo contra o

tempo.

— Tenho 44—Matheo diz.— Eu queria ter filhos também, pelo ou menos um, mas a minha ex esposa não queria.

— Ah, você é divorciado?

— Estou em processo de divórcio.

Socorro entrega uma cerveja para ele e começa a tirar as vasilhas de dentro da caixa de isopor, ajudo Clara e Alice a saírem da piscina e coloco ambas sentadas uma toalha no chão, entrego a ambas petiscos com queijo picadinho, frutas, elas comem contentes.

— Mor—João chama.— Vem temperar a carne?

— Tá—respondo e pego duas cervejas, Socorro e Matheo conversam calorosamente enquanto bebem, vou até os meus dois amores.— Você não temperou?

— O frango não, fiquei com medo de salgar demais—João fala e fica olhando para o Matheo e a Socorro.— Estou sentindo clima de romance no ar.

— Para de ser fofoqueiro—Kalel repreende carrancudo.

— Ah, deixa eles se conhecerem, com certeza não estão perdendo nada.—João da de

ombros.

Estendo uma cerveja para cada um, sorrio e pego os temperos que o João trouxe, vou abrindo as vasilhas Kael se senta a mesa e fica me olhando assim como o João. Lavo as mãos e começo o preparo, o João é ótimo em escolher carne, ele pegou as melhores peças no freezer, colocou coxinhas de frango para descongelar mais cedo, gosto desse lado dele sempre tenta cuidar de tudo.

Ele me puxa para seu colo e me sento, sorrio, Kael se aproxima no banco e fica ao nosso lado, ele toca a minha barriga com carinho.

— Vamos a Nova York em dois dias—Kael comunica.— O que acha?

— Estou pronta.—afirmo confiante.

—Bom.

Espero que tudo se resolva mesmo com essa decisão dele de conversar com o pai, acho que agora ou essa gente se afasta de vez ou o Kael vai ter que tomar decisões extremas em relação a eles.



—No que está pensando?

—Em nós.

João se apoia no cotovelo, me deito de costas e dobro as pernas, os bebês chutam, Kalel se aconchega, viajar assim é muito fácil, é discreto e é maravilhoso poder contar com privacidade, um canto só nosso sem que ninguém nos perturbe, e também com a Socorro e o Matheo por perto, as meninas estão mais apegadas a ambos.

Desde que se conheceram não param de conversar, acho que está sendo até bom para o Matheo porque sei que não está enfrentando um momento fácil, a Socorro também sempre foi bem empática e muito comunicativa.

— Ficaremos hospedados num hotel—os olhos azuis estão em mim.—Quero que as meninas fiquem seguras com a Socorro, não vou demorar muito também em minha conversa com o meu pai, eu e o Matheo vamos só deixar claro algumas

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas e ir embora.

— Entendo—suspiro.— Só não quero te ver brigando Kalel.

— Eu não posso prometer que não vou brigar com meu pai, ele é alguém muito complicado— declara ele.— Mas, eu vou tentar fazer tudo de forma mais democrática possível.

— Está bem.

Estamos mais em paz esses dias, sei que em algum momento voltaremos a rotina, mas eu na verdade não me importo porque só quero que os problemas acabem e que tudo de alguma forma dê certo em nosso casamento e que nosso lar fique em paz.

Sem ameaças e medos, tão pouco sem isso tudo que nos ameaça desde que chegamos aqui, brigas, discussões, descobertas ruins, tantas coisas.

Vivi com o João 3 anos tremendos de sofrimento por causa do acidente, no último ano é que as coisas estão melhorando um pouco, então tudo ficou inerte desde então, me acostumei a viver com pouco e com o problema de sempre, estar casada com Kalel me tirou de alguma forma dessa zona de conforto, na qual me enfiei nos últimos meses antes dele aparecer na minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

João estende a mão e toca minha face com lentidão, eu o abraço e o beijo sem pressa, ele toca a minha cintura e enfia a mão dentro da minha calcinha apertando minha bunda com suavidade, Kalel apalpa meus seios e começa a beijar minhas costas devagar.

Minha mão desliza para dentro da calça dele e eu o toco enquanto nos beijamos, Kalel segura a minha perna e me penetra cobrindo meus ombros de beijos molhados, sorrio e continuo a beijar o João, ele palpita entre meus dedos contudo se controla.

Kalel se deita de costas e me puxa para cima dele me deixando de costas para ele, puxo o João e ele se ergue, meus quadris se movem com as mãos de Kalel num vai e vem desprovido de pressa, é gostoso sentir ele entrando e saindo de mim, estou quente e tão úmida, adoro fazer amor com eles dessa forma também.

Puxo a calça do João para baixo e ele se masturba nos observando, tem bastante luxúria e desejo em seu olhar, me inclino e ele faz que não com a cabeça, depois se afasta e fica nos olhando calado e se masturbando, também olho e me sinto cheia de tesão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Abre mais as pernas.—João pede baixinho.

Me apoio nos pés e abro as pernas completamente, meu corpo todo reage enquanto subo e desço na ereção do Kalel, me apoio em seu peito tentando manter a posição, João nos olha e seus lábios ficam entreabertos enquanto nos olha.

Ele se inclina e abre mais as minhas pernas, então me abocanha o clitóris com força, solto um grito involuntário, Kalel geme um pouco alto também, João me chupa a região sensível com vontade.

— Ai amor—digo sem ar.— Ai amor!

Seu olhar me atinge e ele segura meus quadris me incentivando a ficar parada, Kalel então começa a se mover sozinho enquanto ele me mantém um pouco erguida, arfo suportando o prazer lento e doloroso de ser chupada e comida ao mesmo tempo.

Ah, fodam-se os termos, essa puta dessa trepada está me deixando louca.

— Mor que gostinho gostoso que você tem.
—João diz me lambe minha virilha.

— Chupa mais mor—peço sem ar.— Por favor, chupa papai.

PERIGOSAS ACHERON

— Chupar o que?

— Minha buceta caralho, chupa ela, chupa papai.

João dá uma risadinha malvada e se ergue, Kalel me tira dele e se senta na cama todo suado, ele me olha de um jeito tão safado e segura o pênis, está coberto e úmido pelo meu gozo. Ele me puxa pelos braços e me puxa para que fique deitada, o João abre as minhas pernas vindo para cima de mim, fico surpresa em vê-lo se deitar sobre meu corpo e me penetrar devagar, gemo.

É tão gostoso sentir ele por cima.

Ele beija meus seios e se apoia nas mãos, abro as pernas e me movo devagar, Kalel suporta nosso peso e estende as duas mãos segurando os quadris do João, ele o ajuda a se mover e se move também, sorrio, me sinto tola por estar feliz com isso.

Toco as costas do João, sua face e seus cabelos, sorrio a todo momento, ele também, sinto o Kalel aqui, mas também sinto que esse momento é tão agradável com o meu primeiro marido, eu amo os dois, mas faz tanto tempo que não fazemos amor assim.

Abraço o João quando ele goza, sinto prazer,

PERIGOSAS NACIONAIS

não tão intenso como a alguns momentos, mas sinto, eu o beijo e ele vai para o lado, Kalel me abraça e beija a minha cabeça, o João respira com dificuldade por alguns momentos depois puxa o cobertor e então dorme sossegado.

Fico olhando ele por alguns instantes, sorrio, sei que isso é muito importante para ele, para sua masculinidade, me sinto tão grata pelo Kalel nos ajudar nesse sentido.

— Você gozou?—Kalel pergunta baixinho.

— Não importa—digo e me viro para ele.—
Obrigada por ajudar ele nesse sentido.

— Quando ele se acostumar com o meu toque podemos tentar outras coisas na cama—Kalel se apoia no cotovelo.— Ele ainda tem vergonha.

Eu sei, as vezes eu também tenho.

— Você não tem?

— Não, eu me preocupo mais que se sintam bem comigo.

— Estamos aprendendo a perder mais o medo.

— Não tem que ter medo de transar com seu marido amor.

— Eu sei que não.

Eu o abraço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Te amo, muito obrigada mesmo, te amo mais que tudo meu amor.

Kalel me abraça e beija a minha cabeça.

— Eu também te amo querida.

Sorrio.

Acho que virei a querida dele.

— Agora sim eu sou sua querida amor.

— Sempre foi—ele diz num tom modesto.—

Descanse amor, faltam só mais duas horas até chegarmos ao nosso destino.

— Sim.

Beijo seu peito e procuro seus lábios, Kalel me olha daquele jeito que me aquece toda por dentro.

— Eu amo quando me olha assim—confesso sonolenta.— Faz eu me sentir alguém especial.

— Porque você é.

Sorrio de novo e sinto que ele nos cobre, acho que sou muito sortuda isso sim.

PERIGOSAS ACHERON



Entramos no apartamento enorme, é um duplex no centro de Nova York, fomos recebidos por uma funcionária de olhos claros e cabelos bem penteados para trás, uniformizada, fico um pouco sem graça como a forma como ela me espia contudo não acho que seja algo assim tão grave, acho que a moça nem faz ideia de que eu e Kalel estamos casados, tão pouco que o João também é casado comigo.

Acho que pela cara dela, está muito mais surpresa com o fato de ver o Kalel aqui do que tudo, Matheo veio conosco também, Kalel quer por um ponto final nisso tudo e também acredito que ele quer esclarecer muitas coisas com os pais, ou melhor, pai.

Entramos numa sala com conjuntos de sofá de couro, todos os móveis sofisticados demais e muito luxuosos, quadros bonitos e um ar meio modernista demais, o prédio é de luxo em si, algo

PERIGOSAS ACHERON

que lembra o Plaza de Nova York, mas estou bastante apreensiva com a recepção dos pais de Kalel, tenho medo de que as coisas não fiquem bem.

— Vou comunicar ao senhor Baltazar que os senhores estão aqui.—diz a moça educada.

Ela se afasta, Kalel olha para Matheo todo sério, Matheo cruza os braços e vai para perto da lareira que já está acesa, fico onde estou atrás da cadeira do João, achei justo que o Kalel tenha nós trago, afinal somos sua família agora e também eu já me preparei para ouvir o que quer que seja da mãe dele, sei a verdade por trás de sua família e alguns segredos ruins sobre os Baltazar, então creio que eu hoje tenha vindo com o intuito de apoiar o Kalel acima de tudo não me importando com o que pensem ou falem ao meu respeito.

— Ela trocou os móveis de novo—Matheo comenta discretamente.

— Lynn troca de sofás uma vez a cada dois meses, e toda a decoração—Kalel explica com um tom de mal humor.— Com quem acha que ele a traiu dessa vez Matheo?

— Pode ser essa que abriu a porta mesmo.— Matheo diz tranquilamente.

Nossa!

— Porque eles não se divorciam?—João cochicha também incrédulo.

— Dinheiro, status, nome...

A voz vem acompanhada de uma neutralidade que de longe é falsa, o som dos saltos batendo no piso de taco me causam arrepios, mas não é tão ruim quanto olhar para a mulher frente a frente.

Phoebe Lynn Thurman está usando um vestido colado e os cabelos estão presos no alto da cabeça, está maquiada e segura um celular, ela é sem sombra de dúvidas uma mulher espetacular de perto, acho inclusive que nunca diria que essa mulher de fato é a mãe do Kalel, porque ela parece tão jovem, ela tem um corpo de dar inveja.

— Ora, ora se não é a mamãe—Matheo diz com desdém— Boa tarde Lynn.

— Seu pai já está vindo, está no escritório tratando de negócios—ela responde e me olha.— Sejam bem-vindos.

Kalel indica o sofá e me sento, João coloca a cadeira dele ao meu lado ficamos de mãos dadas sob a mira do olhar da mãe de Kalel, ela cruza as pernas como uma perfeita dama e fica ereta sentada

no sofá do outro lado.

Nem parece aquela mulher louca e dissimulada que foi até nossa casa para nos insultar, ameaçar.

— Você deve ser a esposa do Kalel—Lynn fala me analisando— E pelo o que vejo não perderam tempo.

— Não precisa responder a Lynn—Kalel avisa.— Eu só quero falar uma coisa com o Bill.

— E eu não conto?—Lynn pergunta escondendo um imenso rancor por trás do olhar.

— Você é enfeite.—Matheo enfia as mãos dentro dos bolsos da calça que usa.

Antes de virmos, passamos no hotel onde ele estava hospedado para pegar as coisas dele, ele pode trocar de roupas e devolveu as roupas do Kalel, veio para a viagem de social, Kalel, eu e João viemos mais informais, coloquei um vestido e sapatilhas fechadas, João e Kalel jeans e camisetas de algodão, tênis.

— Não se dê ao trabalho—escuto a voz soar na sala com firmeza.— Então, ao que devo a honra dos dois ingratos em minha casa?

Bill Baltazar é alto, tem cabelos castanhos claros, mas também muitos fios brancos na cabeça,

PERIGOSAS NACIONAIS

o olhar azul é duro e a barba é bem-feita, cerrada, sobrancelhas que lembram as dos dois filhos e lábios que são finos, sem sombra de dúvidas a genética desse homem foi concedida muito bem aos filhos e ainda que tenha cabelos brancos na cabeça, há muita vitalidade em sua postura.

— Vim saber porque você mandou cortar os freios do carro da Barbara.—Kalel fala sem fazer rodeios.

O olhar de Bill se torna ainda mais fechado, ele demora olhando para o Kalel e então depois me olha e olha para o João, Matheo não passa despercebido, mas Kalel deixa de ser alvo de seu olhar e passamos a ser eu e João.

— Pai!—Matheo chama.— O Kalel fez uma pergunta.

— Eu não tenho resposta—diz Bill com naturalidade.— Simplesmente eu não tomei partido disso, Lynn?

— Eu também não—ela responde impaciente.— Eu respeitei o que ele pediu de não ir mais a casa dele.

— A Barbara me contou uma história sobre ela ser minha mãe, mas eu não acreditei muito.— Kalel fala.

PERIGOSAS ACHERON

O semblante de Lynn muda e de impaciente ele passa para nervoso ou de alguma forma medroso, não sei dizer.

Um silêncio imenso toma todo o lugar e por alguns momentos vou me sentindo um pouco incerta quanto aos olhares que os quatro trocam, eu e o João parecemos dois peixes fora d'água.

— Não faço ideia do que a Barbara disse para você Kalel, mas não é verdade, eu sou sua mãe— Lynn diz quebrando o silêncio, cheia de convicção.

— Eu já me conformei com a verdade dela Lynn, até prefiro assim, a Barbara sempre foi uma mãe para mim...

— Não, você não está entendendo, a Barbara não é sua mãe—Lynn o interrompe e coloca a mão contra o peito.— Eu sou sua mãe.

— Não acredito em você.—Kalel está duro feito uma rocha.

— Não tem que acreditar em mim Kalel, a Barbara não é sua mãe, ela é mãe do Bruce.

Que? Agora fiquei confusa, quem é Bruce?

— Eu aposto que ela contou a mesma historinha de horror para você, que eu abusei dela e que você foi fruto do estupro—Bill diz e se senta no braço do sofá ao lado de Lynn.— Na verdade

ela chegou em nossa casa grávida, ela me acusou de estupro e o irmão dela quis me processar.

— Seu pai nunca tocou em um fio de cabelo da Barbara, acontece que quando eu tive você dois meses depois ela teve o Bruce, como ela não tinha condições de cuidar dele e o irmão dela fez um escândalo, seu pai o registrou.

—Ah, que pena—Matheo diz e bate no ombro de Kalel.— Poxa!

Kalel respira fundo, sei que não gostou disso, eu também já estava até me acostumando com o fato da Barbara ser a mãe biológica dele.

—Barbara teve depressão porque ela sofreu de fato muitos abusos na casa de onde ela veio, ela criou essa ilusão de que você era filho dela porque o Bruce nunca quis saber dela—Bill revela.— Ele sabe que ela é a mãe dele.

— Mas, ela me disse...

— Ela te disse qualquer coisa para você não afastasse ela de você, a Barbara não tem família—Lynn comenta.— Porque? Preferia ela a mim?

— Você foi em algum momento da sua vida mãe de algum de nós?

— Ora, mas você é um ingrato Kalel, eu tive 5 filhos, eu era muito jovem quando me casei com

seu pai, eu cuidava de todos sozinha...

— Amor, não se desgaste—orienta Bill com calma e coloca as mãos nos ombros dela.— Calma.

— Calma? Você está vendo o que esse ingrato está falando? Eu cuidei da filha dele todos esses anos...

— Na verdade a Bah cuidou...

— A sua *BAH* só serve para ficar andando para cima e para baixo e fofocando com os outros empregados—Lynn corta com uma cara de sofredora.— Você é um ingrato Kalel, você e o Matheo, outro ingrato que nunca soube reconhecer o que eu fiz para ele na infância.

— Hora, mas você basicamente brincou de bonecas comigo.—Matheo retruca de forma cínica.

— A sua mãe só quis dar um golpe na nossa família...

— Não fale da minha mãe Lynn, ela não tem nada a ver com isso.—Matheo replica raivoso.

— Eu quero um DNA—Kalel interrompe os dois.

—DNA?—Lynn está trêmula.—Kalel, temos fotos com você na maternidade, eu tenho fotos da minha gestação de você, o que mais quer de mim? Você sempre foi um revoltado, não importava o

quanto eu e seu pai nos aproximássemos que você sempre mantinha distância.

— Isso está melhor que a Usurpadora.—João cochicha baixinho.

Contraio os lábios querendo rir.

— Para de se fazer de vítima tá?—Kalel argumenta impaciente.— Só quero que vocês dois parem de tentar me matar.

— Você acha mesmo que eu mandaria matar você?—Bill franze a testa.— Você sabe que temos nossos princípios, não sujamos as mãos com o nosso sangue Kalel, você acha que eu te mataria em troca de que? Meu próprio filho, minha própria carne.

— Porque eu sai da família ora—Kalel está indignado.— Vocês nunca gostaram de mim.

— Isso não é verdade, você foi crescendo e fazendo o que queria, sempre foi uma criança difícil e que nunca procurou cativar ninguém—a mãe dele está exaltada.— Depois fez 18 anos e se achava o dono de si, se afastou da família, começou a ir para essas casas de prostituição e deu nisso aí, casado com uma mulher estranha e casada.

— Nós não somos os monstros que a minha irmã Melissa fala—Bill me fita.— Nós não

PERIGOSAS NACIONAIS

concordamos com muitas coisas que a família decide e não participamos das chacinas contra os Carsson, somos apenas neutros, Melissa é exagerada.

— Ah é, só mandaram matar o marido dela.
—Matheo se senta na poltrona a esquerda.

— Aquele bosta mereceu, abandonou ela com uma criança pequena para cuidar—Bill apela irritado.— Eu queria ter pego aquele safado com as minhas próprias mãos e enchido a boca dele de formiga, mas o papai chegou primeiro infelizmente.

Ele parece o All Pacino em o poderoso chefão.

— Melissa é complicada também, uma filha é sapatão, o outro filho virou um banana suscetível as vontades da mulher, misturou o nosso sangue com o sangue daquela gente que nunca mereceu um pinga do suor que vovô derramou por eles.

Só falta ele cuspir no chão e pegar um charuto.

— Enfim—Matheo diz.— Só quero que fale para o Kalel que eu não estava envolvido na tentativa de assassinato dele, porque até o meu nome enfiaram no meio e eu nem estava aqui, estava na Itália trabalhando.

PERIGOSAS ACHERON

— Kalel, até quando você vai continuar com essas acusações contra seus irmãos? Eles tem um pouco de inveja admito, mas nenhum deles fariam mal a você—Lynn respira fundo.— Chester só tinha 19 anos, Bruce estava na Espanha, Robin é uma mulher e o Matheo acabou de falar que estava trabalhando.

— Vindo de vocês não duvido—Kalel passa a mão nos cabelos.— Não entendi porque a Bah mentiu para mim sobre eu ser filho dela.

— Barbara não é a sua mãe, eu sou a sua mãe —Lynn repete enfática.— Você nasceu com 3,258 kg, com 0,47 centímetros depois de 5 horas de parto, as 02:43 da manhã, seu pai estava bêbado porque os Lackers tinham perdido naquela noite, a única coisa que aconteceu foi que meu leite secou quando você estava com 3 meses e a Barbara te amamentou, só!

Kalel cruza os braços, não está magoado, não está nervoso, ele só está pensativo.

— A mãe do Matheo era mulher da vida, eu e seu pai nem éramos casados ainda quando ele viajou para a Itália e ela ficou grávida, seu pai mandava dinheiro para ela, mas infelizmente ela tinha um desses homens que mandam na prostituta,

ele tomava o dinheiro dela e a obrigava a fazer programas, quando Matheo nasceu ele veio para cá, depois quando ele foi crescendo ela começou a querer extorquir dinheiro do seu pai.

— Ela disse que o senhor abusou dela.—
Matheo replica chateado.

— Esse abuso não custaria tanto Matheo, sua mãe infelizmente mente muito, eu e ela tivemos um caso de duas semanas e só, eu posso não ser um homem com escrúpulos, mas nunca recorri a esse tipo de coisa para ter uma mulher, pergunte a sua tia Melissa, ela responderá.

— Ela disse que de fato, você não era assim, mas mamãe nunca mentiria para mim.

— Acho que é o que ela mais tem feito, e a Barbara também—Lynn argumenta.— Não somos pessoas perfeitas, mas não recorreremos a essas coisas para resolver as coisas, se fosse assim seu pai não teria registrado você e reconhecido você publicamente, ele tentaria te esconder e você sabe que as coisas não foram assim, seu pai sempre foi carinhoso com você Matheo.

— Mas, não foi comigo—Kalel pragueja irritado.

— Não fui? K eu já te levei para pescar 25

vezes, tudo o que você sabia dizer era “*eu odeio pescar*”, você é a pessoa mais difícil que eu já conheci em toda a minha vida.

Kalel não o olha, parece um menino birrento.

— Eu quero saber quem cortou os freios do carro da Bah.

— Não fui eu, se fosse o serviço não teria ficado pendente—o pai dele responde.— Não parou para pensar que tenha sido alguma das suas mulheres? Afinal de contas, quem teve mais mulheres que Salomão na família foi você!

João tosse, mas ri ao mesmo tempo, Kalel vai ficando vermelho feito um tomate, não consigo olhar para ele nesse momento porque agora eu fico com raiva, não suporto a ideia de que seja alguém da família dele, mas daí ser outra mulher...

— Eu admito que a Barbara me ajudou muito com você, mas é porque ela era a única pessoa na face da terra a parecer entender e querer cuidar de você Kalel, a Alice ela também olhou e cuidou, mas eu quem tratava de resolver tudo em relação as coisas dela, a escola, portanto não acho justo que você ache melhor que ela seja sua mãe, eu não sou uma mãe ruim.

— Sei—Kalel diz.— Eu vou ter que procurar

a polícia, porque a Fernanda estava no carro com as crianças e ela está grávida, só vim avisar que se eles abrirem um inquérito serão os primeiros a quem eu falarei.

— Fique à vontade—Bill me olha.— Quero que você saiba que apesar de você ser de cor, não tenho nada contra você.

— Ser de cor não é errado—respondo de imediato.— E eu não me importo se vocês se incomodam, este não é um problema meu.

— Ele arrumou uma revoltada assim como ele para ter filhos—Lynn diz para o marido.— Me diga querida, você engravidou para prender ele ou ele te engravidou para te prender?

— Na verdade eu transo com dois homens então não sei quem é o pai.—respondo com deboche.

Lynn para de sorrir, Bill vai ficando muito constrangido, me ergo e olho para o Kalel.

— Vou te esperar lá fora, não me sinto bem —confesso.—João vem comigo?

— Tá—João olha para o Kalel.— Estaremos no carro com o Said irmão.

— Sim—Kalel fala cabisbaixo.— Eu e o Matheo já estamos indo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Beleza—João olha para os pais de Kalel.
— Muito obrigado por nos receber, tenham um excelente dia.

É muito típico dele ser educado com quem não presta, isso porque ele se sente superior, e deve ser, eu não, já respondo é na lata e ponto.

Não estou triste, nem chateada, só um pouco nervosa.

Enquanto saímos desse apartamento vou imaginando como é essa relação com os pais dele a fundo, e pensando na Barbara e no acidente, ou quase isso, não sei nem em quem acreditar, será mesmo que a Lynn é a mãe do Kalel? Ou seria a Barbara? Acho que nosso próximo passo é descobrir.

PERIGOSAS ACHERON



— E então amiga, como foi lá?

— O de sempre, ataques racistas, brigas de família, barraco e etc.

Socorro acha graça, ela está na sala da suíte com as meninas vendo tv, jogo minhas sapatilhas para longe e me sento ao seu lado, João se aproxima e Clara já vai pulando em cima dele.

— Cadê o patrão?

— Ficou por lá com o irmão dele, ele disse que tinha que ter uma conversa mais séria com os pais dele então mandou o Said nos trazer.

Não achei ruim o João fofoqueiro achou.

— Eu gostei deles—João fala muito tranquilo.— Ao menos sabemos com o que teremos que lidar, já não confio mais na Barbara que parecia uma santa e mentiu para nós.

Isso é verdade, nesse sentido ainda me sinto muito curiosa.

— Amiga, o que está acontecendo de fato?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai Socorro é tanto rolo, tanto rolo que nem eu sei, eu só sei que parece que quanto mais nós sabemos dessa família do Kalel mais enrolado nós ficamos.

— Diga com quem se casas e te direi quem és — João diz com deboche.

Estamos conversando em Português, até prefiro, porque a Alice ama a Barbara e não seria justo com ela.

— A mãe do Kalel é racista, a família dele é misógina e muito preconceituosa, a mãe dele parece a Pamela Anderson e o pai dele o All Pacino — João relata. — Eles vivem um casamento de aparência e o Kalel é o filho revoltado, Matheo é o filho fora do casamento.

— Resumindo—digo e me sento no sofá tentando me acomodar entre as almofadas.— Nem acredito que vim até aqui para conhecer essa gente, mas confesso que não foi tão ruim, acho que a mãe do Kalel não agiria de forma tão preconceituosa em público porque ela sabe que seria eticamente errado.

— Hipocrisia—Socorro da de ombros.— É melhor fingir na maioria das vezes que suporta para não ser oprimido, ainda mais gente rica.

PERIGOSAS ACHERON

É verdade.

Os pais do João são a prova viva disso, para o pessoal da igreja uma família perfeita, mas lá dentro daquela família a perfeição passa longe, mamãe e papai são outros dois, vivem fingindo que entendem as coisas mas transbordam intolerância.

Acho tão absurdo que eles sejam assim, ao menos eu o Kalel e o João nunca mentimos para eles, nunca fingimos nada, estamos juntos e não temos que esconder isso deles.

— Vocês querem almoçar?—Socorro pergunta.— Eu e as meninas tomamos sorvete mais cedo.

— Ai Socorro com esse pensamento e ainda quer ter filhos?—pergunto achando graça.— Não pode dar sorvete para as meninas pela manhã.

— Ai você as vezes é rígida demais— reclama ela.— Temos que aproveitar, esse hotel é um dos melhores da cidade, o cardápio é maravilhoso.

— Acho que temos que esperar os rapazes— dou de ombros e olho para o João.— Mor?

— Você não pode ficar sem comer—João explica.— Vou ligar para o Kalel e perguntar que horas eles chegam.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ótimo—concordo.— Então Socorro, o que tanto você conversa com o Matheo?

— Ele tem plantações de azeitonas na Itália, fascinante, ele é uma pessoa muito estudada sabe? Gosto de conversar com ele, ele disse que nunca foi ao Brasil e que adoraria conhecer.

Os olhos dela brilham enquanto ela fala dele.

— É que ele é sempre muito calado.—digo surpresa.

— Você acha?—Socorro sorri.— Eu não acho amiga, o Matheo é um excelente ouvinte, ele só é um pouco na dele, mas falamos de tudo.

— Pelo visto já fez amizade mesmo com o cunhado.

João se afasta e vai até o telefone que está numa mesinha no canto da sala, Socorro ri.

— Ai amiga você sabe que eu amo conversar com as pessoas, fazer novas amizades.

É verdade.

Suspiro e me deito no sofá, os bebês mexem bastante, acho que já aconteceu muita emoção por hoje.

—Nanda, você está bem?

— Acho que sobrevivi.

— Sei que é difícil, muitas pessoas não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compreendem amiga, leu a carta da sua mãe?

— Li—desanimo.— Pelo ou menos ela se desculpou.

— Eles vão entender um dia.

— Bem, espero que não seja tão tarde até lá.

PERIGOSAS ACHERON



Voltamos para casa.

Kalel e Matheo não entraram em detalhes sobre o que conversaram com seus pais e percebi que eles também estavam meio que isolando o João de suas conversas, a mim e a Socorro, não achei ruim apesar de estranhar um pouco. João também não reclamou, acho que entendemos que essa é uma coisa da qual Kalel deve resolver com sua família sem nossa interferência.

Aliás, desde que chegamos o Kalel anda sem um bocado de tempo para nós, ele teve que ir para a empresa todos os dias desde então, a Barbara não voltou e a Socorro tem trabalhado comigo e o João em nossa casa.

Faz duas semanas desde que chegamos de Nova York, Matheo foi embora um dia depois de nossa chegada, ele não se despediu, nem da Socorro e isso a deixou meio chateada apesar dela não ter dito quando acordamos para o café, Kalel

disse que Matheo teve que ir, ela fez uma cara de magoada, mas ficou na dela.

Desde então Kalel está indo trabalhar todos os dias bem cedo e chegando tarde, ele não mudou comigo, me trata muito bem, trata as meninas muito bem também, mas não tem tempo e isso me deixou apreensiva nos primeiros dias, mas me fez e faz entender todos os dias desde então que é a vida dele, seu trabalho e que os problemas familiares não devem interferir na vida dele na empresa.

Sei que Kalel sustenta nossa casa sozinho e que precisa muito trabalhar, o João e eu também temos trabalhado e com a ajuda da Socorro as coisas estão mais apuradas, tenho cuidado das meninas, que inclusive vão começar as aulas hoje, acordei cedo, arrumei as coisinhas delas, Kalel disse que acha mais seguro que Said nos leve, ele já foi para o trabalho portanto eu e o João iremos com as duas para seu primeiro dia de aula.

É um pouco decepcionante porque ele não pode ir, mas sei que é o melhor para nós, quando me casei com ele eu já sabia que seria assim, ele também tem seu emprego e sua vida fora de nosso lar, então é isso.

— Pegou a mochila amor?—João pergunta

PERIGOSAS NACIONAIS

apressado.

— Sim e já coloquei os lanches.—aviso.

— Podem ir tranquilos, hoje eu fico por conta do almoço—avisa Socorro.

Da vontade de rir, ela não sabe nada de cozinha, aposto que vai pedir o almoço por aplicativo e fingir demência, é bom tê-la conosco e saber que a Socorro é uma grande irmã, ela me ajuda muitas vezes com as meninas e com as tarefas de casa, coisa que nem deveria, mas por sermos amigas ela tem me ajudado muito.

Não pensei que contaria com uma amizade tão forte mesmo que tenhamos ficado muito tempo afastadas e tal, sinto que a Socorro poderia ficar para sempre por perto e ainda sim não me incomodaria, conversamos muito nesses fins de semana, ela é uma ótima “tia” para as meninas e muito carinhosa, e é uma pinguça de primeira quando se trata de chamar o João para beber, infelizmente nem nos últimos fins de semana Kalel tem tido tempo, mas acho que é só questão de dias para ele se organizar e deixar tudo arrumado para que voltemos a ter ele mais tempo conosco.

Ao menos isso.

PERIGOSAS ACHERON

—Bom dia, sejam bem-vindos a Thomas Edison Charter Academy, muito prazer, eu sou a Kaligh, vocês devem ser os Thurman.

Nem acredito que o Kalel deu nosso sobrenome a diretora da escola das meninas.

— Sim, muito prazer, João Gabriel.—meu marido aperta a mão da mulher de cabelos loiros.

Ela usa um terninho e salto, usa óculos, é uma mulher de uns 50 anos eu acho, negra, sorridente, acabamos de deixar Alice numa sala e Clara em outra sala, quando nos despedimos de ambas estavam inseguras e com um pouco de medo, mas suas respectivas professoras, Senhorita Sandra e Senhorita Candy as receberam sorridentes e felizes.

Não queria acreditar que alguém deu o nome de “*doce*” a uma mulher, em uma tradução geral para o português, mas enfim, são professoras jovens e muito gentis, a escola é tradicional e muito grande, nós não tivemos dificuldade em achar as salas das meninas, havia um instrutor bem na entrada, gostei muito daqui, é seguro, limpo, uma instituição enorme.

— Queremos dar as boas vindas a sua família e a comunidade os recebe com muito carinho, este

é um cronograma das nossas atividades desenvolvidas em sala de aula e todas as datas com atividades complementares—Kaligh fala estendendo panfletos e algumas pastas para mim e João.— Podemos falar um pouco sobre o perfil da Alice e da Clara?

— Bom, a Clara não fala inglês, ela entende algumas coisas com gestos, somos Brasileiros— explico bem surpresa com toda essa organização e recepção.—Alice já estudou em uma boa escola em Nova York.

— Sim, nós tivemos acesso ao histórico dela, ela é uma aluna com boas notas—Kaligh comenta e começa a fazer anotações numa tipo de formulário. — Mas, tem preferências por idiomas para as meninas? Aulas de música? Literatura? Atletismo?

— Nós não paramos para pensar nisso, mas de início preferimos que o inglês seja introduzido nas aulas acadêmicas da Clara e que mantenham aulas de português também.—João fala e ela anota.

— Com licença.—escuto a voz firme adentrar na sala.

Logo em seguida Kalel Thurman se senta a minha direita, ele usa um terno escuro e gravata azul escura, os cabelos estão penteados para trás

como em todas as manhãs e a barba feita, analiso com surpresa a figura séria que se senta ao meu lado, fico dura, João está bem mais surpreso que eu.

— Desculpe a demora, tive algumas coisas a resolver—Kalel diz e estende a mão para Kaligh.—Kalel Thurman.

—Kaligh—ela sorri enquanto aperta a mão dele e estende uma pasta com panfleto para Kalel.— Seja bem-vindo a nossa escola senhor Thurman.

— Obrigado—Kalel fala educadamente e me olha.— Elas já entraram nas salas? Como foi?

— Foi bem—digo.— A Clara nem chorou.

— É, ela costuma dar um escândalo quando vai para a Creche—João concorda.

—Alice faz aulas de Frances, Espanhol e piano—Kalel diz para Kaligh.— Ela também faz natação com um professor particular, as atividades extras dela incluem balé e dança contemporânea.

Nossa, Nossa.

— Ótimo—Kaligh anota.— E a Clara?

— Se ela fizer literatura ou aprender a tocar algum instrumento já está bom—digo sem graça.— A escola parece muito boa.

— A Teca é uma das escolas públicas

melhores de São Francisco—Kaligh fala com orgulho.— É um enorme prazer recebê-los, pedimos desculpas pela demora em responder as ligações, mas é que as vagas estavam bem difíceis.

Essa é uma escola pública?

— Nós que agradecemos toda a atenção senhorita Kaligh, eu gostaria de ressaltar algumas coisas quanto as reuniões de pais e mestres—Kalel diz com um sorriso muito simpático.— Somos uma família poli afetiva, não sei se a Barbara informou ao corpo docente, nós queremos que as nossas filhas tenham o mesmo tratamento que qualquer outra criança, independentemente disso.

João vai ficando vermelho enquanto eu fico boquiaberta, não pensei que ele diria, na verdade nem esperava que ele viesse, Kalel está sendo tão diferente do que pensei que seria, ele é tão corajoso nesse sentido que nem sei o que pensar, ele segura a minha mão e percebo a ponta de nervosismo por trás do sorriso, do jeito sério que ele aparenta ter de costume.

— Elas terão sem sombra de dúvidas—Kaligh diz fazendo anotações em seu formulário.— Todas as nossas crianças são tratadas de forma igual, talvez sofram um pouco com a pressão de

PERIGOSAS NACIONAIS

terem uma família não tradicional, mas por nossa parte pode ficar tranquilo que garantiremos que as duas sejam sempre preservadas nesse sentido.

— É que em alguns momentos eu não poderei comparecer por conta dos negócios e em outros creio eu que a nossa esposa não consiga, ela está grávida e logo entrará de licença maternidade, então seremos eu e o outro pai durante alguns meses.

— É uma excelente notícia—Kaligh fala sorridente.— Estão animados com a chegada do bebê?

— São dois na verdade—João responde com um sorriso aberto.—Um casal.

—Ah, surpresa em dobro...

Kaligh continua a falar toda simpática, João segura a minha mão e entrelaça os dedos nos meus, sorrio, dentro de mim orgulho não cabe mais no peito.

Nossa família é o que somos, vivemos assim e não temos que ter medo de sermos quem somos, nos amamos e ponto, essa é a nossa forma de amar, de ser amado, e quem não quiser entender tudo bem.

Não é nosso problema.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Vai voltar para a empresa?

— Não, eu consegui resolver tudo hoje cedo.

— Que horas você saiu?

— Às 05:00.

É, porque eu acordei às 06:00 e ele já não estava aqui, estou um bocado surpresa de que o Kalel tenha ido a escola, que tenha vindo para casa conosco, acabamos de almoçar com a Socorro, Said vai buscar as meninas na escola às 15:00, tenho certeza de que elas não poderiam estar em um lugar melhor, nossa conversa com a Kaligh foi sincera e muito boa.

As meninas estão numa excelente instituição de ensino.

— Escuta, tem algo que eu preciso te contar
—Kalel tira a gravata do pescoço.—John?

— Já vou.—João berra do banheiro.

Acho que nem o João também não sabe o que está havendo, Kalel sobe na cama e se senta de
PERIGOSAS ACHERON

frente para mim, toco minha barriga, a Socorro fez salada e frango frito ficou até bom, ela disse que se entendeu bem com o fogão, tinha um resto de arroz e ela esquentou, almoçamos os quatro juntos e falamos sobre a escola das meninas e sobre a empresa do Kalel.

— Ando meio ausente esses dias—Kalel diz desabotoando a camisa social.— Estava resolvendo algumas coisas na empresa.

— Eu sei.—digo.

— Falei com a tia Melissa e com o Nick ontem, eles virão mês que vem para o chá de berço dos bebês—ele comunica.— Também quero conversar sobre a Barbara.

Não pensei que falaríamos sobre ela tão cedo, não depois de tudo o que houve, mas...

— Aham—respondo.

João já vem subindo na cama todo apressado, ele pula e se deita se apoiando no cotovelo, fica deitado ao meu lado de forma que ficamos de frente para o Kalel.

— Sou todo ouvidos.—João sorri abertamente.

Kalel revira os olhos, começo a rir.

— Conversei com a Barbara, meus pais

vieram aqui semana passada e nós três e o Bruce conversamos juntos—revela Kalel, mas prefiro não julgar, deixo ele falar.—Barbara disse que realmente mentiu em relação a mim, infelizmente ela não é minha mãe.

— Poxa, eu tinha apostado com a Socorro que ela era—João replica.—perdi 10 paus.

— Queria que ela fosse mesmo, mas infelizmente ela não é, eu não quis envolver vocês dois nessas conversas porque era algo que eu precisava resolver com os meus pais e com a Barbara, ela também mentiu sobre a morte do irmão dela, papai não mandou matar ele, ele morreu porque devia drogas para uns traficantes na Carolina do Sul, para o bem de Barbara eu, papai e mamãe decidimos aposentar ela, comprei uma passagem para ela e dei 2 meses de férias, ela vai fazer um cruzeiro e viajar para Paris depois, quero que ela espaiреça as ideias, acho que a Bah confundiu tudo mesmo nesse sentido não posso reclamar dos meus pais, Bruce quem fez questão de pagar a viagem dela.

— Você não quer adotar a gente não hein?— João questiona bem-humorado.

— Não precisa se preocupar, quando eu tiver

tempo nós viajamos para onde vocês quiserem— Kalel garante todo sério.— Só quero me desculpar por todos os problemas que foram gerados pelas atitudes da Bah, ela é uma pessoa maravilhosa e eu a amo, mas achei inadmissível tudo isso o que ela fez para tentar afastar a Fernanda de mim, ela se sente ameaçada com a presença da Fernanda e não soube a quais artifícios recorrer para tentar afastar ela de mim, ela se tornou alguém obsessiva depois que a Fernanda e você chegaram aqui.

É triste ouvir o Kalel falar isso da Barbara porque ela é prestativa e carinhosa sempre com as meninas, ajuda em tudo, é uma pessoa muito bondosa, não sei se posso julgar ela apesar de ter ficado muito zangada com suas atitudes ultimamente.

— Eu não apoio meus pais nas decisões nem na vida pessoal deles, mas nesse sentido não foram mentirosos, Matheo trouxe a mãe dele e também teve uma conversa com nossos pais, a mãe dele não quis admitir que estava mentindo, tia Melissa veio, enfim, essas duas semanas eu tirei para resolver algumas pendências quanto a família, papai prometeu que não vai tentar interferir nas minhas decisões, mamãe não virá aqui sem ser convidada

PERIGOSAS NACIONAIS

—comunica.— Eu também descobri quem foi que cortou os freios do carro da Barbara.

— Foi a Barbara?—João supõe boquiaberto.

— Não—Kalel me fita.— Foi a Jéssica quem tomou partido desse atentado.

— Nossa!—exclamo meio alto.

— Porra!—João se ergue e fica sentado.—

Que?

Estamos chocados.

— Sim, mas calma—Kalel determina.— Ela não irá se aproximar mais de nós, Matheo conseguiu mandar ela para bem longe.

— Como assim?—pergunto nervosa.— Aquela mulher fez isso conosco?

— Papai tem uns contatos—ele revela.— Ele conseguiu descobrir fácil quem mexeu no carro da Bah, papai é amigo do dono do shopping para onde vocês foram naquele dia, ele pediu as filmagens do estacionamento e viu um movimento suspeito perto do carro da Bah, um homem se abaixou e demorou minutos para levantar, ele estava vestido de mecânico, fora de qualquer suspeita, depois ele saiu andando como se nada houvesse acontecido.

— Sério?—pergunta João ainda em choque.

— Sério, papai achou o homem dois dias

PERIGOSAS ACHERON

depois e pressionou ele para que falasse um nome, ele disse que foi pago pela Jéssica para cortar o freio do carro da Bah, ele realmente é mecânico, papai liberou ele logo em seguida, disse que ficaria de olho nele, infelizmente papai não conseguiu isso por meio de lei ou algo assim, o homem é um mecânico que mora aqui em São Francisco, ele nem sabia do que se tratava, ela entrou em contato com ele por telefone e perguntou se ele não queria um bom dinheiro, então deu a placa do carro da Bah e disse onde estaria.

— Mas, como ela sabia?—João pisca nervoso.

— Ela estava seguindo a Bah desde que o Matheo largou ela no hotel onde estavam hospedados, depois da briga ele pediu o divórcio e ela não quis aceitar, desde então ela começou a planejar uma forma de me atingir porque ela atribuiu o divórcio ao fato de que eu e ela tínhamos a Alice, sabe o carro que te seguiu?

— Era ela.—concluo.

— Exatamente, ela te seguiu porque já sabia que os freios do carro estavam cortados, quando ela viu que você tomou velocidade ela achou que você bateria em alguma árvore ou algo assim, por isso

ela só te assustou, Matheo não quis fazer a denúncia ele ofereceu a ela uma boa quantia em dinheiro e fez ela viajar para o Canadá, mamãe ameaçou ela, disse que caso ela voltasse iriam denunciar ela para a polícia.

Tanta coisa em apenas duas semanas!

— Eu e o Matheo conversamos muito com Lynn e Bill e pedimos que ambos respeitassem nossas decisões, Lynn não gostou nada do fato de que eu não a quero em minha casa, porque afinal de contas sempre tivemos inimizade, mas ela e eu sempre nos víamos, Bill não se opôs, eu pedi que não viessem aqui e que me deixassem viver a minha vida como eu quero.

— É justo.—concordo.

— Não posso mudar o passado nem eles, mas acho que não nasci mesmo para ser um Baltazar, minha tia Melissa me apoia e isso é importante, meu relacionamento com os meus pais sempre foi conturbado e não acho que isso mude porque eles são pessoas que não abrem os olhos para a modernidade, vivem naquele clã presos ao passado, ao preconceito e eu não quero ser parte disso.

— Nós apoiamos você irmão—João diz e coloca a mão no ombro dele.— Estamos aqui para

o que der e vier.

— Estava estressado no começo da semana passada porque eu soube que era culpa da Jéssica, Matheo ficou muito abalado, nós não esperávamos que fosse ela, eu na verdade soube pelo meu pai que a Jéssica era uma golpista desde a adolescência e isso mexeu comigo, ela engravidou só para me dar o golpe da barriga, depois ela seduziu o Matheo para que eu me sentisse mal por tudo.

— Alice não merece aquela vaca como mãe— me irrita.— Aquela desgraçada!

Kalel me olha e começa a sorrir.

— Não fica zangada porque não compensa, eu já resolvi tudo, espero que agora tenhamos um pouco de sossego—ele diz.— Quero o quanto antes que nós nos casemos, vamos tirar uns meses de folga, seria ideal que nós assinássemos os papéis antes dos bebês nascerem.

— Não sei se quero ir ao Brasil agora— confesso.— Estou cansada emocionalmente amor, e fisicamente também, podemos esperar até os bebês nascerem não acha?

— Pode até ser, mas não quero ter que esconder de ninguém nosso relacionamento, eu quero que as coisas sejam bem abertas entre nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem a sua empresa Kalel, sua imagem.—João sugere suas sobrancelhas estão arqueadas.

— Não ligo—ele sorri.— Depois de tudo isso só quero que nossa família tenha liberdade, que estejamos bem, desde que chegamos aqui não tivemos sossego, não é bom para a Nanda.

— É, nesse sentido eu concordo.

Ele me fita e toca a minha barriga.

— Não é errado que tenhamos nosso jeito de viver, eu respeito muito você querida, eu amo muito o fato de que você é nossa e as outras pessoas não tem nada a ver com isso.

— Eu sei amor—sorrio mais calma, feliz.— Obrigada por ir a escola hoje.

— Eu iria com vocês, mas tive que ir ao centro, Matheo chega hoje, ele quer saber se vocês não se importam de ele passar um tempo aqui, ele está tentando superar o divórcio e tal, nunca tive um irmão por perto além do Nick.

— E eu hein?—João pergunta.

— Você não é um irmão John, você é o meu maridinho de merda.—caçoa Kalel com deboche.

Rio muito, João empurra ele pelo ombro e Kalel também gargalha, fico entre ambos e me

PERIGOSAS ACHERON

deito gostando muito mais deles assim.

— Essa tensão me deixou tão cansado, tenho saído cedo e chegado tarde tentando resolver tudo, não quis dizer porque eu queria que tudo estivesse bem primeiro para que a Nanda não ficasse preocupada.

— Fez bem—João suspira, toca minha barriga.— Nossos bebês estão perto de vir, ela já entrou no sexto mês, precisa de paz e tranquilidade para o dia do parto.

— Nós merecemos viver em paz—esclarece Kalel e me beija.— Eu amo você, sinto muito por tudo.

— Está tudo bem—digo.— O importante é que as coisas estão se resolvendo devagar.

— Acho que agora teremos mais tranquilidade—os olhos azuis deslizam para as minhas pernas.— Não querem tomar um banho?

— Eu quero—João fala de imediato.— Na banheira?

Rio de novo, faço que sim com a cabeça e me seguro no pescoço do Kalel, ele se ergue me segurando em seus braços.

— Duas semanas sem sexo—ele fala baixinho.— Não aguento mais essa merda de

tensão.

— Hoje acaba.—determino.

João vai na frente na cadeira, beijo Kalel com gosto.

— Uma trepada é sempre bem-vinda—João diz fechando a porta do banheiro assim que entramos.

Eu também acho.



- Mor.
- Humm...
- Você viu meu short de dormir?
- Está dentro da sua gaveta Kalel.
- Eu já procurei em todas as partes e não acho.
- É que você deixou no banheiro ai eu lavei e coloquei de volta a sua gaveta.
- Obrigado mor.
- De nada querido.

Kalel beija a minha cabeça e vai para o closet secando os cabelos, dei adeus ao sétimo mês ontem, falta um mês para que os gêmeos cheguem e estou um pouco mais tranquila nesses últimos meses.

Melissa e Joanne organizaram meu chá de bebê mês passado, não me lembro de ter sorrido tanto nos últimos tempos, elas fizeram um café da manhã com direito a temática e tudo, havia um bolo

metade rosa e metade azul e lembrancinhas com os nomes dos bebês.

Me senti tão bem em saber que elas queriam me deixar confortável.

Dessa vez a família veio em peso, Nick e Joanne trouxeram seus 4 filhos, Jeremias veio assim como Melissa, Matheo estava aqui e a Socorro, foi um fim de semana em família muito bom.

Fizemos churrasco, ficamos na piscina, os homens jogaram cartas e as mulheres falaram sobre os bebês, Joanne me deu roupinhas de bebês e Melissa me deu joias para os bebês, as meninas não desgrudavam dos filhos de Nick, os mais velhos têm 13 e 11 anos, trouxeram vídeo game, mas os mais novos têm basicamente a idade de Clara e Alice, elas brincaram e se divertiram muito com os primos.

Socorro não desgrudava do Matheo, eles se tornaram amigos bem próximos, apesar do João viver tentando arrancar alguma verdade dela, não fala nada, não dá o braço a torcer, Matheo ficou duas semanas aqui e depois decidiu morar na casa de veraneio do Nick, foi bom porque assim ele tem tirado um tempo para si mesmo, apesar de que vem

aqui basicamente todo dia.

E eu sei porque.

Percebi também uma aproximação do Kalel de seu meio irmão mais velho, um bocado de companheirismo e que ambos estão mais abertos, não tivemos notícias dos pais de Kalel nem de Barbara, bem, o Kalel tem, ela ainda está viajando e não tem previsão de volta, prefiro até assim porque depois de tudo nosso lar está um pouco mais calmo.

João topou um emprego de meio período na empresa de Joane e começou sua nova jornada a dois dias, a BCLT de São Francisco, uma gigante em comunicação, quando ele acordou para ir para seu primeiro dia de trabalho eu estava tão feliz e orgulhosa que chorei um pouco, sei que é importante para ele tudo isso.

As oportunidades em São Paulo não eram das muitas e senti como se ele precisasse mesmo do emprego, de se sentir ainda mais útil, ele vai trabalhar no período da tarde, pela manhã ele e o Kalel estão tirando a primeira hora do dia para nadar, semana passada o preparador físico do Kalel chegou e eles estavam animados com o treino, João nunca teve tantas oportunidades de conseguir ter

uma vida saudável e feliz.

Estou feliz por ele.

Tenho cuidado da casa e dos papéis do senhor Hans com a ajuda da Socorro, esse mês foi bem puxado nesse sentido, eu ando começando a sentir algumas dores nas costas, nos quadris, o espaço para os bebês está menor, então é complicado.

Agora quando eles mexem minhas costelas doem, meus pés também incham cada dia mais, meus seios estão explodindo no sutiã, tive que pedir ao Kalel que me levasse a uma loja de roupas no shopping no início do mês passado, comprei alguns vestidos e sutiãs para amamentação.

O quarto dos gêmeos está quase pronto, com a correria do trabalho Kalel não teve muito tempo de ajudar o João com o papel de parede, contudo a dois dias eles retornaram a arrumar o quarto dos bebês.

Gosto disso, a cada dia mais eles estão unidos.

A casa é bem grande, mas tenho tido a ajuda de todos, Alice e Clara se adaptaram bem a nova escola, eu as acompanho com Said todas as manhãs desde então, Kalel sai para o trabalho e o João fica

tirando a mesa do café.

Quando chego, João está arrumando nossa cama ou lavando a louça, ele está muito mais disposto que antes, mais alegre, cada dia que passa melhor, é bom vê-lo animado com os preparativos de tudo em nosso novo lar.

— Mor— João chama.— E o jantar?

— Eu já terminei de preparar.— aviso vendo-o entrar no quarto.

João está de terno, gravata e sapatos reluzentes, poxa, a quanto tempo não o vejo assim, barba feita, cabelo cortado, sorrindo de ponta a ponta.

— Vou tomar banho então, a Socorro disse que você está assando carne.— ele esfrega as mãos.

— É, no forno, como foi o dia?— me inclino e lhe dou um beijinho.

— Foi ótimo, eu já estou me adaptando a minha nova mesa, o pessoal é bem receptivo na empresa— ele sorri.— O setor de advogados é comandado pelo primo da Joanne, ele se chama Alejandro, um bom homem, muito legal ele.

— Que bom— sorrio e dobro mais uma camisa.— Eu tenho que lavar as roupinhas dos bebês e passar, o enxoval ainda nem ficou pronto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Melissa decidiu encomendar o enxoval dos gêmeos, escolhi cores neutras para ambos, mas as roupinhas inevitavelmente são azuis e rosa, Joanne também me deu a sugestão de usar fraldas de pano e revezar com fraldas descartáveis, ainda não sei, não é por preguiça, mas fralda de pano é tão ultrapassado, ela disse que usa nos bebês dela, é mais saudável e melhor para a natureza.

Já percebi que os Carsson são bem naturebas, os filhos de Joanne não comem muita carne e preferem legumes, enquanto Nick, apesar de ser um Baltazar é um homem que anda o dia todo de chinelas e calção colorido, Joanne é uma mulher simples que de dia veste social e de noite usa saia comprida e blusas com furos.

E eles nadam no dinheiro.

— Vai ficar amor, calma— João vai para o banheiro.— Kalel, você deixou tudo molhado aqui cara.

— Eu esqueci o rodo na dispensa— Kalel responde do closet.— Pode tomar banho tranquilo, eu vou buscar lá agora mesmo.

— Porco— João pragueja.

Rio, é aquela mesma coisa, amam se odiar e odeiam se amar, vai entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pego a pilha de roupas dobradas e coloco na cesta, nem dá tempo de levar e o Kalel aparece usando uma camisa e uma calça de moletom, ele pega a cesta da minha mão e me beija com carinho.

— Pode deixar que eu cuido disso mor.— ele fala.

Kalel tem saído por volta das 09:00 e chegado as 18:00, o João vem com ele sempre, Said leva o João até a empresa um pouco depois do almoço, ele ainda tem um bocado de receio de aceitar o carro que o Kalel deu para ele, vi os dois carros cobertos na garagem, mas não me atrevi a olhar, a mini van também, nem eu e o João tivemos tempo para parar para pensar nisso.

— Está cansada?— ele pergunta.

— Um pouco, os enjoos passaram, mas ando sentindo muita dor nas costas.

— O doutor Theo disse que é normal.

— Sim, eu lembro.

E no último encontro com ele fui banida de atividades pesadas, apenas caminhadas pela manhã ou fim de tarde, aproveito o período em que as meninas estão na escola para trabalhar, por volta das 16:30 eu e a Socorro damos um passeio no bosque, sem pressa é claro.

PERIGOSAS ACHERON

— Mor.

— Sim?

— Você está linda.

Eu o puxo para mim e o abraço, Kalel tem sido tão carinhoso conosco, mais paciente, acho que aos poucos ele entende o significado do nosso relacionamento, de ter algo durável apesar de que uns dias da semana ele fica estressado e impaciente por causa da empresa, ele quer mesmo nos provar que nos ama, nos aceita como ele disse.

— Você bem que podia me fazer uns agrados hoje não acha?— pergunta com voz sedutora.

— Eu estou pensando seriamente em colocar o senhor de castigo, porque semana passada o senhor judiou de mim, o senhor e aquele outro lá.— retruco.

Não tenho vergonha do que fazemos na cama, é ótimo, nossa vida sexual é muito ativa e fazemos o que queremos os três juntos, não tenho medo de gostar do que fazemos nem o João, estamos descobrindo muitas coisas com o Kalel na nossa cama.

É bom ser de dois homens nesse sentido.

Nunca pensei que seria tomada por pensamentos tão pecaminosos, mas é a mais pura

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade, eles adoram o meu corpo e eu adoro os dois corpos que me possuem na hora do sexo.

— Não gosta?— pergunta num tom de malícia.

— Adoro— sorrio agarrando ele pelo pescoço.— Você não pode ver um rabo não é mesmo Thurman?

— O seu não— ele me aperta com cuidado.— Sabe que depois que você engravidou você está bem mais solta na cama.

— São os hormônios.— digo, meu olhar tem um tom de travessura.

Kalel sorri maldoso e me beija de um jeito que me arranca o fôlego nos pulmões.

— Quer saber o que eu quero para jantar?— pergunta maldoso.

— Que tal eu te dar a sobremesa?— questiono em contra resposta.

— Gosto de sobremesa quente e molhada— ele me fita e aperta a minha bunda.— Bem apertadinha.

Kalel não vale nada e gosto disso.

— Feito— digo e me afasto.— Vamos jantar agora com a família?

— Bela, recatada e do lar— satiriza ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respirando fundo.— Faz o meu pau ficar duro e depois sai andando.

— É a vida meu bem— digo imaginando os absurdos que poderemos fazer na cama mais tarde.

— É a vida.

E com prazer.

PERIGOSAS ACHERON



— Mor.

— Humm...

— Acorda!

Depois que chamo, João desperta com cara de quem comeu e não gostou, Kalel se senta na cama e me encara todo sério, estou sentindo muita dor, nunca senti tanta dor desde que entrei no nono mês, agora eu sinto como se a todo momento minha bexiga estivesse explodindo, quero fazer xixi e o João e o Kalel estão me abraçando, não tem nem como sair da cama.

— Eu preciso ir ao banheiro— aviso e me ergo, Kalel vai para o lado e liga o abajur.— Obrigada.

— De nada querida— Kalel responde e se levanta, ele me olha com sono.— Quer ajuda?

— Não— digo incerta.— Acho que consigo fazer xixi sozinha.

Bella e Daniel já não tem espaço, eles já estão prontos para nascer, meu parto está

PERIGOSAS NACIONAIS

programado para daqui a uma semana, exatamente no dia 22 de Setembro, hoje é doze, nunca pensei que iria tão longe nessa gestação.

Coloco o pé no chão e sinto mais pontadas nas costas, o doutor Theo disse que as dores seriam comuns nos últimos dias, que é por conta do final da gestação, mas nunca me senti tão inquieta quanto agora.

Primeiro porque são dores fortes, sei que são contrações, mas não acho que deveria estar sentindo tantas já que meu parto está marcado e segundo porque não consigo dormir a 3 dias, parece que os bebês estão rasgando o meu útero e todo o resto dentro de mim.

Respiro fundo enquanto vou para o banheiro, é difícil para o Kalel e o João terem paciência, eu sei, mas não é impossível, esse último mês foi incrível, almoços em família, visitas, o quarto dos bebês ficou pronto, mas eu também estou exausta com o fim da gestação, e tudo só tem piorado com a aproximação da cesariana.

No meu último exame Bela estava posicionada e Daniel de lado, mas eu não terei abertura suficiente e cesariana é bem mais seguro para um parto de gêmeos.

PERIGOSAS ACHERON

Me aproximo do vaso quase não conseguindo pisar no chão, bem, quem diria que seria fácil?

Estou tão cansada dessas dores que às vezes sinto que vou morrer, não encontro mais conforto, não consigo ficar muito tempo sentada nem deitada, quanto tento andar parece que as minhas costas estão se abrindo, acho que também porque na gestação da Clara eu estava menos problemática emocionalmente.

Tem horas que eu quero matar o João e o Kalel, porque eles dois às vezes ficam discutindo por pouca coisa, já tem hora que eu choro feito criança e busco conforto neles, não é por querer eu só não consegui me manter estável nessa gestação.

Acho que por conta de tudo o que houve.

Puxo a camisola, estou muito soada, preferi que o Kalel ainda não colocasse ar condicionado no quarto por conta dos bebês, então usamos o ventilador, mas hoje ele esqueceu de ligar, puxo a calcinha e me sento no vaso me apoiando nas barras de apoio, o banheiro é bem equipado por conta do João, todo adaptado.

Começo a fazer xixi sentindo como se algo rasgasse por dentro e oprimo a vontade de gemer com a dor, minhas costas ardem o pé da minha

PERIGOSAS NACIONAIS

barriga está com uma dor intensa, como um cólica forte, respiro fundo e de novo esperando a dor passar, mas não passa.

Me seguro na barra e a dor vem com mais intensidade, sinto que o xixi sai de vez fazendo um barulho alto no vaso, me espremo tentando controlar a dor, depois pego o papel higiênico, coloco a mão para me secar ainda tolerando a dor insuportável, então quando me seco, o papel vem cheio de uma água com sangue.

Minha bolsa estourou? Mas como? Porque? Não é para hoje, não é!

Arregalo os olhos e os bebês se movem na minha barriga causando ainda mais dor, me ergo olhando envolta e respiro fundo querendo soltar um grito.

Avisto a banheira e caminho para lá tentando massagear minha barriga, acho que se eu ficar um pouco na água quente, quem sabe não passa? Ligo as torneiras e entro dentro me sento e toco o pé da minha barriga, mais embaixo e então sinto no meu canal algo úmido e firme.

A contração vem e me seguro na pedra da banheira suportando a dor, me encosto e começo a fazer força, respiro fundo oprimindo os gritos que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se formam na minha garganta, dividida entre deixar que eles saiam e que acorde a todos, ou que eu continue praticando o exercício de respiração até me aliviar e conseguir chamar o João e o Kalel.

— Puta que pariu.— reclamo querendo morder algo.

Não consigo ficar sentada, a dor é insuportável, acho que não vai nem dar tempo de ir para o hospital.

— Querida você não vai voltar para a ca...

E Kalel deixa a frase morrer, estou de joelhos vendo a água morna subir dentro da banheira, aguentando a dor insuportável que me toma.

— Ah, meu Deus!— Kalel berra alto e vem correndo na direção da banheira— Ok, calma, respira, sopra...

— Você não está ajudando— respondo sem ar e faço força.— Preciso de algo para morder, preciso de algo que faça essa dor parar.

— Ok— Kalel diz imóvel.

Seu semblante tem total pavor, ele não se move, começo a chorar enquanto meus quadris descem e sobem, parece que estão pressionando meu útero com tanta força que nem sei descrever a maldita dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Liga para o doutor Tadeo— escuto a voz do João soar no banheiro, rapidamente ele está ao lado da banheira.— Vai Kalel, liga para o médico.

— Tá— Kalel sai do banheiro correndo.

João começa a prender meus cabelos para o alto, ele sobe no batente da banheira e depois entra dentro, ele fica sentado ao meu lado e passa a mão nas minhas costas, na minha barriga.

Aperto os olhos e meu corpo todo fica tenso, fico de frente para ele e me seguro em seus ombros, João beija a minha testa e meu choro é alto e magoado devido a dor, a água já está na altura da minha cintura quando sinto que a dor vai me tomando toda.

— Ele está saindo amor— João diz baixinho.
— Kalel, traz toalhas e pede para a Socorro vir aqui.

— Tá— Kalel berra do quarto.— O médico está vindo.

— Preciso que seja forte amor— João diz.— Vamos, só mais um pouquinho até eles dois saírem.

— Eu não consigo— digo chorosa.— Eu não consigo.

— Consegue sim— João toca minha barriga.
— Vamos, faz mais um pouquinho de força amor, a

PERIGOSAS ACHERON

cabecinha dele já está saindo.

Me seguro nele e faço força, o bebê sai rápido e João o segura assim que ele sai pegando-o no colo, arfo ouvindo o som do primeiro choro dela, sorrio, mas a dor infeliz retorna, logo, vou sentindo de novo que tenho que fazer mais força, escuto os berros de Bella vendo Kalel se aproximar todo apressado, ele carrega várias toalhas de banho todo trêmulo, estendo as mãos e olho para baixo, Daniel vai saindo bem rápido também, a dor me sufocando enquanto me espremo para que ele saia, toco sua cabecinha e o pai dele começa a chorar de joelhos diante da banheira.

Abro as pernas e o seguro tão logo ele sai, a dor piora um pouco e então vou me aliviando ao entregá-lo a Kalel, me sento na banheira ouvindo os berros altos dos meus dois bebês, um choro silencioso do Kalel e outro cheio de felicidade do João.

Sorrio tocando a cabecinha miúda de Bella, ela tem cabelos negros e bem escuros, Daniel também, são bebês pequenos.

— Cheguei, cheguei!— Socorro entra no banheiro toda apressada, usa um pijama.

— Está tudo bem.— asseguro ainda sem ar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se aproxima fazendo uma cara de choro, João se inclina e me dá um beijo na testa, Kalel me analisa tão cheio de sentimentos que não sei descrever.

— Amo você querida— ele fala e me entrega Daniel.— Acho que ele quer a mamãe.

Me dá um selinho e eu seguro meu menino com muito cuidado, ele é tão pequeno e frágil, o coloco em meu seio e ele berra ainda choroso, acho que não esperava tanto quanto eu ter saído tão rápido de um lugar quente e aconchegante.

— Não chore meu amor— peço e beijo sua cabecinha.— A mamãe te ama tanto.

— Bella é mais quietinha— João funga.— Já parou de chorar.

— Claro, saiu ao pai— Kalel toca a cabecinha de Bela com cuidado.— Não é querida?

Sorrio, João me entrega ela, estou sorrindo e chorando ao mesmo tempo em segurá-los, em vê-los bem, sei que de hoje em diante tudo em nossa família será composto por desafios, mas estou pronta, preparada e melhor, feliz.

Com a minha família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Eles são muito pequenos...

— São prematuros irmão.

Não pensei que viveria para ver o João chamando o Kalel de irmão, não sei quem é mais babão, eles não saem de perto desde que eu acordei. Estive tão cansada por conta do parto que depois que o doutor Theo chegou e terminou de fazer todos os procedimentos e de um banho bem demorado, vim para a cama e capotei.

Estava tão exausta que não lembro nem de em que momento dormi, só sei que acordei a alguns momentos e os bebês estão famintos, Bella usa um conjuntinho cor-de-rosa e Daniel um azul, acho que foi o João que os vestiu, eles cheiram a bebê e amaciante, agora, mamam devagar em meus seios com os olhinhos fechados.

— Ela é tão serena— Kalel diz pegando no pezinho de Bella.— Veja, ela tem pés miúdos.

— Meninas costumam ser menores mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— João concorda todo contente.

— Alice quase não saia de cima do berço quando a viu, Clara também— os olhos azuis pairam em mim.— Obrigado amor.

— Não tem o que agradecer— digo sorrindo.
— Não fiz sozinha.

— Você foi muito bem— João está olhando para os dois bebês— Eles são muito parecidos.

— São de duas placentas, o doutor Theo disse que a teoria dele foi confirmada, mas que apenas um DNA poderá dizer se de fato um bebê é de cada pai— falo sincera.— Se vocês quiserem fazer por mim tudo bem.

— Não precisamos disso— Kalel fica sério.
— Para que DNA? Eles são nossos filhos.

— Concordo.

— Bem, é que eu pensei que vocês dois iriam querer saber...

— Não precisamos saber de nada amor— Kalel corta.— Temos nossos bebês e isso é o que importa.

— Eu sei.

Deveria saber, o Kalel nunca faria distinção da Bella por ela não ser biologicamente dele, nem o João quanto ao Daniel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando acha que poderemos ter mais dois desses?— Kalel pergunta vidrado nos bebês.

— Nem tão cedo.— determino.

— Deixa ele amor, quando começar a ter que sair da cama para as mamadas.— João debocha.

— Gosto do que construímos— ele nos olha.
— Eu amo o que temos e não abro mão disso por nada, não consigo me sentir mais grato por vocês estarem aqui.

Sorrio e lhe dou um beijinho.

— Também me sinto grata por ter você conosco— admito.— Foi um ano bem puxado não?

— É, parece que foi ontem que essa praga apareceu na nossa casa.— João ri.

Kalel sorri, ele está sem camisa, usa o short de dormir, os cabelos úmidos e o João está de pijama, sei que já é fim de tarde o dia passou depressa, mas nunca estive tão feliz em toda a minha vida.

— Nosso próximo passo agora é casar— Kalel afirma todo feliz.— Em 3 meses nós oficializamos no Brasil e tiramos férias, o que acham?

— De acordo.— fico entusiasmada.

— Feito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais do que feito, perfeito!

PERIGOSAS ACHERON



Kalel me abraça por trás e começa a beijar o meu pescoço, seco a boca com a toalha de rosto e olho nosso reflexo no espelho. Todas essas tatuagens nos braços dele, os ombros largos, o peito firme, os olhos dele me fitam nesse instante e fico um pouco envergonhada por ele ter me pego de surpresa.

Aprendi a amar esse homem, a respeitar ele e a compreender seu estilo de vida, tento todos os dias conviver com isso desde que decidi vir para cá com a minha família porque sei que apesar de seu passado tudo o que ele tem hoje somos eu e o João.

— Já faz mais de quarenta dias.— ele fala baixinho.

— É mesmo?— pergunto oprimindo o sorriso.

— Você não sente nossa falta na cama?— Kalel me olha contrariado.

— Claro que sinto.

O parto parece ter ficado para trás por conta da minha recuperação, porque está indo tudo tão bem que mal sei explicar, no dia seguinte ao parto dos gêmeos eu estava andando para todo o lado, não sentia dor em nenhum sentido, uma semana depois eu estava cuidando do Daniel e da Bella sem precisar ficar pedindo para os dois, mesmo que não precisasse, eu tenho dormido no quarto dos bebês todos os dias desde então.

Eles estão com 45 dias de nascidos hoje, Kalel e João tem revezado comigo toda noite, às vezes Kalel leva um colchão e dorme no chão quando é a noite do João, até agora, os bebês tem sido bebês, às vezes fico toda boba de ver eles dois trocando frauda, todo o processo é um pouco cansativo ter que dar atenção as meninas agora também, as atividades escolares com o final do ano tudo se intensificando, mas é prazeroso ver nossa família unida e bem.

— Vem para a cama.— ele convida.

— Está bem.— concordo.

Não pensei que fosse diferente, eu não posso dizer que meu corpo está lá essas coisas, voltei ao mesmo corpo de antes da gestação, cinco quilos mais magra contudo não me importo tanto com isso

agora, estou mais segura de mim, a Socorro fez as minhas unhas ontem, arrumou minha sobrancelha, ela é mais vaidosa nesse sentido.

Tenho me preocupado mais com sutiãs de amamentação e mamadeiras do que isso para ser sincera.

Kalel vai na frente, me olho no espelho e arrumo a camisola no corpo, sorrio comigo mesma me endireitando e decido colocar ao menos algo mais atraente para usar, procuro nos armários meus conjuntos de lingerie mas só encontro calcinhas de algodão e sutiãs de cor bege, acho graça.

Coloco uma calcinha e tiro a camisola, solto os cabelos e os deixo de lado, depois vou para o quarto, João está deitado nu e de bruços, Kalel está nu com uma perna dobrada, mexe no celular, aperto os lábios querendo rir quando os dois me olham.

— Porque demorou?— pergunta ele num esforço óbvio para não rir.

— Queria estar sexy— digo e estufo o peito, coloco as mãos na cintura.— Mas, nem cheguei aos pés de vocês dois.

— Não mesmo— João começa a rir.— Foi ideia dele!

— Vem logo— Kalel chama todo sério.

Corro até a cama sem pensar duas vezes e pulo em cima dos dois achando graça, Kalel começa a rir assim como João, beijo o meu primeiro marido e toco suas costas, João gargalha vindo para cima de mim.

— Sua danada— sussurra entre o beijo.— Mas, eu gostei da calcinha da vovó.

— Eu também.— confesso.

O João anda fazendo exercícios com o Kalel, ele tem um instrutor particular de judô e natação, o homem também é o personal trainer dele, eles nadam juntos e o João começou com o judô a alguns dias atrás, ele está tão gostosinho agora, um pouco mais do que era.

— Já começou com o anticoncepcional?— Kalel questiona beijando meu pescoço, tocando a minha bunda.

— Sim, mas temos que usar camisinha— digo com pressa e deixo os lábios do João, beijo ele.— vem aqui.

João começa a beijar meus seios, depois vai descendo, abrindo minhas pernas, sinto arrepios bons com seus beijos quentes, Kalel me toma num beijo louco e toco seu corpo com mais vontade, sinto falta disso, sinto falta de ter os dois dentro de

mim, do calor, do sexo.

Apalpo ele e Kalel abre o meu sutiã deixando mordidas fortes no meu pescoço, por alguns momentos, João se afasta e Kalel me puxa para cima dele colocando o pau na minha entrada bem devagar, ele brinca fazendo gestos circulares com a cabecinha em mim, sorrio, eu o beijo adorando isso.

João despeja lubrificante na minha bunda e me puxa pelos quadris, fico de costas para ele abrindo as pernas, Kalel pega a tira de camisinhas na gaveta e enquanto João me coloca sentada com o rabo em seu pau, Kalel nos observa se masturbando, abro bem as pernas.

— Você tem que ter cuidado para não machucar o cu dela— Kalel aconselha.— Mete devagar.

— É o que eu estou fazendo— João diz.— Mor, tá apertadinha!

— Não dói tanto.— confesso sincera.

Me seguro nos braços dele apoio os pés na cama e começo a me mover nele bem devagar, acostumando com o tamanho dele na minha bunda, João toca meus quadris me ajudando a me mover, Kalel se inclina e começa a me chupar, mordo o

PERIGOSAS NACIONAIS

lábio e enfio a mão em seus cabelos adorando que ele me chupe.

— Ai mor— digo baixinho quando ele me mordisca.— Não judia não.

Ele se ergue e me beija vindo para cima de mim, Kalel monta em minhas pernas e eu o puxo para o meio das minhas pernas recebendo o beijo apaixonado, quando ele me penetra meu corpo todo estremece.

Passo uma perna por cima da dele e me movo com ele e o João encontrando a sincronia na hora do sexo, eu o fito colando a testa na dele e ele começa a meter comigo com vontade, João me ergue os quadris e faz mais forte também.

— Mete— peço fitando Kalel.— Mete com força na sua buceta daddy.

Seu olhar se intensifica e ele começa a foder tão gostoso que meu corpo todo trepida em cima do João, ele também se aproveita do meu rabo sem cerimônia, me sinto tão sedenta que mal sei explicar como o prazer se espalha rápido em meu corpo e me faz querer mais.

— Mete— ordeno secamente e me deito sobre o corpo do João, o fito de lado.— Mete nesse cu João.

PERIGOSAS ACHERON

— Não grita— João reclama e bate na minha cara depois me beija com violência.

Kalel se inclina sobre meu corpo e mete rapidinho me movendo no João, ele morde meus seios, e em alguns momentos, João me masturba com os dedos enquanto nós metemos juntos.

— Quero o cu dela— Kalel fala.— Mor me dá seu cu.

Me ergo e ele sai, já estamos muito suados, João tira a camisinha e me apresso sentando nele, abrindo bem as pernas, Kalel vem sem nenhum tipo de receio e mete no meu cu, abaixo os quadris e me movo, João enfia a língua na minha boca e eu a sugo enquanto mete com força em mim também.

Arfo sentindo o primeiro orgasmo me tomando dos pés a cabeça, meu clitóris queima e estremeço, mas o Kalel segura meus braços e os puxa para trás fodendo meu cu com tanta força que perco o ar, João bate com força no meu rosto, nos meus seios, até que não suporte mais o prazer e libere o gozo, tremo, as minhas pernas pulam e eles dois param enfiando tudo em mim, soltando gemidos altos também.

Ainda estou sensível quando eles começam a se mover de novo, Kalel mantendo minhas mãos

para trás, puxando meus cabelos, João abre mais as minhas pernas e segura meus quadris, então mete com intensidade em mim.

— Por favor— peço entre soluços.— Por favor papai...

Ele aperta os meus mamilos e o leite materno começa a sair, sinto a ponta de sua língua lambe os meus seios e meu corpo começa de novo a entrar no frenesi maravilhoso que é ser deles dois.

Aperto os olhos e meu corpo desliza com mais sutileza para ambos, sorrio em alguns momentos e em outros suporto o prazer que me proporcionam, meu corpo todo queima, sinto em meu íntimo a aproximação do clímax, do ápice que me tomam dos pés a cabeça.

Sinto como se me jogassem no chão e de repente me erguessem dele muito rápido, o apogeu me toma e estremeço tentando me libertar de tudo o que sinto, Kalel me solta e meu corpo todo se move para ele e para o João de forma involuntária, ele goza na minha bunda soltando um gemido alto, João me puxa e enfia na minha bunda, então goza também, me seguro nos travesseiros, algumas lágrimas caindo de minhas faces, algo que eu jamais conseguirei explicar em palavras.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou para o lado esquerdo do João respirando com dificuldade, Kalel cai a direita dele e fica deitado de costas sem ar, João me olha arfante, mal nos movemos, começo a sorrir.

Ficamos quietos, Kalel se aproxima e apoia a cabeça no peito do João, me aconcheço em silêncio e me deito de lado abraçando o João.

— Vem para cá— ele chama baixinho.— Sua danadinha.

— Tudo bem— João diz.— Pode ficar aqui Kalel, só não fica se esfregando demais em mim.

Kalel estende a mão e toca a minha face, pisco devagar tão exausta e feliz, não sei explicar isso, nunca saberia.

— Te amo.— Kalel diz baixinho.

— Também amo você— respondo e olho para o João.— E você também.

— Entendidos, todos nos amamos.— João está sonolento.

Seguro a mão do Kalel e entrelaço os dedos nos dele, João coloca a mão em cima da nossa, sorrimos um para o outro e subo no corpo dele, Kalel se aconcheça e nos abraça, puxo ele e o beijo.

— Mais tarde eu quero mais.— João diz com voz pesada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também— digo baixinho.— Quero
mais dos meus dois amores.

Quero muito mais.

PERIGOSAS ACHERON



— Gostou da árvore?

— Ficou perfeita.

Kalel liga o pisca-pisca e as luzes natalinas se ascendem, acho que esse é o primeiro natal que eu e o João passaremos sem termos que nos preocupar em nos locomover para ir a casa dos pais dele, dava tanto trabalho que não gosto nem de lembrar.

Socorro voltou para o Brasil no início do mês, foi passar o natal com a família dela, não disse, mas o Kalel contou que o Matheo foi junto, como amigos— sei— e que ela retorna depois do ano novo, então nosso natal seremos nós e nossas crianças.

Melissa e Jeremias vieram aqui ontem com Joanne e Nick, as crianças, eles vão passar na casa do primo da Joanne, um tal de Jack, Jeremias sempre fala dele, ele é o sócio da BCLT com ela, parece que os Carsson são bem unidos nesse sentido também.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas, não achamos ruim, foi até melhor porque contaremos com privacidade, eles nos visitaram bastante desde o nascimento de Bella e Daniel, Alice e Clara estão muito contentes com o nosso natal, tem muitos presentes embaixo da nossa árvore, fiz um frango no forno e arroz, salada, purê de batatas, suco, às vezes nem parece que faz dois meses bem-dizer que eu dei a luz aos bebês.

A recuperação está sendo ótima... Ótima até demais eu diria.

Fico sentada, Bella chora em seu carrinho e eu a pego, lhe dou o peito, Daniel dorme sossegado, coloquei um vestido comprido e deixei meus cabelos soltos, calcei sandálias baixas, Kalel colocou algumas decorações pela casa, na porta, ele está muito animado com o nosso primeiro feriado juntos.

João vem do elevador e as meninas descem correndo das escadas.

— Sem correr— Kalel ordena com firmeza.
— Não quero que se machuquem.

— Eu amei o vestido mamãe— Clara diz exibindo sua roupa nova.— Obrigada.

— De nada amor.— digo contente.

Comprei umas roupinhas para a Clara no

PERIGOSAS ACHERON

início do mês, tem muitas roupas da Alice que eu também separei para a Clara, comprei roupas para mim também, para o João, Kalel me deu um cartão adicional e Said me levou ao shopping, aproveitei e comprei os presentes de natal de todos, João trouxe os dele ontem quando chegou do trabalho e Kalel os dele.

— Eu também gostei dos meus sapatos novos — Alice responde toda feliz. — Obrigada mamãe.

— Esperem para abrir os presentes. — aconselho.

Ambas comemoram felizes, riem alto, Alice liga a tv e se senta com Clara no sofá toda feliz, Kalel liga a lareira, esfriou bastante este mês, João coloca a cadeira perto do carrinho do Daniel e o pega no colo, vesti os gêmeos com roupas distintas, quentinhas, apesar de prematuros eles crescem dia a dia.

— Vem com o papai meu amor — João diz e coloca a chupeta na boca dele. — Já acordou meu filho? O papai comprou um presente muito bonito para você meu garoto.

Sorrio, Kalel se senta ao meu lado e beija meus lábios com carinho.

— Você cheira a doce. — fala e beija minha

cabeça.

— É que eu fiz uma torta de chocolate de sobremesa— digo e Bella deixa o peito, os olhos castanhos como os de João, cabelos escuros e compridos.— Quer arrotar meu amor?

Ela respira rápido com cara de sono, fecho o vestido e Kalel a pega colocando-a no peito, ele beija a cabecinha dela e começa a bater com cuidado nas costinhas dela. Coloco uma fralda embaixo da cabeça dela porque sei que as vezes volta.

— Não tenho tanto jeito mas estou aprendendo.— ele confessa.

— Você faz muito bem seu trabalho papai.— sorrio e beijo sua face.

Os lábios se curvam num sorriso franco.

— Obrigado por estar comigo nesse momento amor, por tudo isso, a anos não tenho um natal tão bom.

— Agora terá muitos meu bem.

Bella solta um arrote alto e seu pai se derrete todo, ele beija a cabecinha dela e conversa com ela com muito carinho, tenho visto o Kalel mais próximo das meninas, mais carinhoso e atencioso com as vontades da Alice e da Clara, sinto que o

PERIGOSAS NACIONAIS

parto humanizou ele um pouco mais e que essa experiência o torna cada dia mais próximo de nós.

— Mor, que tal um chocolate quente?— sugere João.— Jantaremos mais tarde mesmo.

— Pode ser— concordo e me levanto.— Vou fazer.

Olho em minha volta enquanto me afasto para nossa cozinha, a sala decorada, uma casa grande que cheira a comida e talco, sorrio comigo mesma, não sei se poderia pedir algo além disso a Deus.

Tenho certeza que não.

PERIGOSAS ACHERON



Epílogo.

— Gostou do lugar?

— É perfeito.

Se Fernando de Noronha é lindo? Demais!

Estou sorrindo de ponta a ponta só com a vista. Nós hospedamos em uma pousada muito boa, as meninas estão contentes com nossa primeira viagem em família, eu também, João segura Daniel enquanto Kalel mantém Bella no canguru.

Acho que esse é o grande benefício de poder estar casada, agora oficialmente com dois homens.

Meu divórcio com o João foi homologado a um mês, eu nomeei um dos advogados do Kalel como meu procurador e ele resolveu tudo quanto a isso, nossa viagem teve que ser adiada por recomendações médicas, os bebês nasceram prematuros e o doutor Thadeo preferiu que ambos não viajassem tão pequenos, mas agora quem diria,

estão com seis meses.

Os gêmeos são muito ariscos quando querem, mas num geral não dão tanto trabalho, nos primeiros dois meses foi cansativo por causa das mamadas, mas João e Kalel puderam me ajudar bastante, a Socorro também estava lá então tudo ficou dentro do possível bem.

Não pudemos vir também antes por conta da escola das meninas, agora que estão de férias viemos.

Clara se adaptou muito rápido e a Alice já tem novas colegas, as duas encontraram uma na outra o que mais queriam, uma irmã, alguém para brincar e amar, às vezes elas trocam faíscas, mas nada que não consigamos resolver.

Clara deixou as fraldas e o bibi, agora ela é mais independente, aprendeu a usar o vaso e a chamar os pais quando quer ir ao banheiro, Alice ainda é minha ursinha carinhosa, porém vejo mais autonomia nela não é tão carente como quando nos conhecemos.

Bastante coisa mudou nesses seis meses.

— Eu fiz o café.— escuto Socorro falar.

Socorro comprou um apartamento em São Francisco depois do ano novo quando voltou do

Brasil, ela nos visita aos fins de semana e ainda trabalha para o Kalel, mas posso dizer hoje que ela é muito mais minha amiga do que empregada dele.

Eu também sei que ela anda enrolada com o Matheo, eles são muito discretos, mas não se largam, ele inclusive veio conosco para a viagem, acho que um dia eles assumem de verdade, acho que é porque ele havia acabado de se divorciar da Jéssica, por isso ele ficou com receio.

Gosto de saber que nem todas as pessoas da família do Kalel são como os pais dele, Melissa nos apoia tanto, ela nos visita uma vez por mês desde que ganhei os bebês inclusive se ofereceu para nos ajudar no resguardo ela ficou tão feliz com o nascimento dos bebês que mal sabia como se expressar, em sua primeira visita ao segurar Bella no colo ela chorou bastante.

Sei que Kalel é como um filho para ela, que ela o ama incondicionalmente e que ela também ama nossa família exatamente como ela é.

O João está adorando trabalhar na BCLT em meio período, ele está fazendo natação todos os dias com o Kalel pela manhã e acompanhando ele nos exercícios com o instrutor de luta, conseguimos uma licença com a Joanne para ele poder vir tirar

essas férias.

Nós assinamos os papéis ontem, saímos para jantar em comemoração a nossa união com Matheo, Socorro e as nossas filhas, nossos novos bebês, oficializamos no cartório, eu estava tão contente de enfim poder ter nossos direitos garantidos que mal soube explicar.

É um contrato de união estável, mas para nós foi como conquistar um pedacinho de algo muito mais que importante, já estamos juntos a mais de um ano contudo Kalel quis sim que nossa união fosse reconhecida em cartório, não me senti desajustada nem envergonhada, pelo contrário, quando assinei eu estava sorridente e feliz, o João também.

Depois quando acordamos hoje pegamos um voo direto para Fernando de Noronha, o caminho até aqui foi meio extenso, mas enfim, nossas tão sonhadas férias em família, a primeira de muitas espero.

Entramos no chalé, Alice e Clara estão brincando com suas bonecas, Alice trouxe um kit de praia com balde cor-de-rosa e pá, Clara sua barbie Malibu que ganhou do papai Kalel no natal, ao contrário de mim os dois papais quiseram dar

brinquedos, eu dei mais roupas, tanto para elas quanto para os gêmeos, ganhei joias do Kalel e do João eu ganhei uma camiseta, foi a primeira vez desde que nos casamos que eu não o vi chateado pelo Kalel ter me dado algo mais caro, uma pulseira de brilhantes.

Acho que agora mais que nunca o João entende que não é que o Kalel se sente superior, agora que o João está ganhando um salário melhor está mais participativo das despesas de casa e comprando coisas para a Clara, para mim, é o jeito dele.

Aceitamos os carros que o Kalel nos deu, comecei a usar o celular e todas as coisas que ganhei dele ano passado, na virada do ano novo eu queria estar muito bem e bonita para nossa comemoração, porque recebemos o Nick e a Joanne, então fiz outro jantar com um cardápio bem especial, Clara e Alice passaram o ano novo na casa da vó Melissa, com os Carsson, elas voltaram com muitas histórias sobre uma família que mais parecia um multidão e tudo mais, foi ótimo.

Joanne e Nick são sempre muito receptivos, eles dormiram em nossa casa e na manhã do dia primeiro, fomos para a baia para um passeio de

barco, foi um dia muito bom e que me trouxe boas lembranças.

Estava rindo de ponta a ponta. Me lembro, porque na noite do dia trinta e um ou melhor, na madrugada do dia primeiro, os meus dois maridos resolveram me fazer uma surpresinha na cama com champanhe e sorvete, adorei.

Admito que o Kalel é o cabeça criativo do nosso casamento, mas o João cada dia mais me surpreende, tem noite que ele me dá canseira e canseira no Kalel também.

Não tive mais notícias de Barbara, não oficiais, mas o João fofoqueiro me contou que o Kalel disse que comprou uma casa para ela em São Francisco e que uma vez por semana o Kalel vai visitar ela, leva a Alice, eu preferia que ele me dissesse diretamente, mas sei que talvez isso seja meio complicado uma vez que ele sabe que não poderemos mais ter a Barbara por perto.

Por que ela é mentirosa e também por tudo o que ela causou com aquela confusão, a última coisa que eu quero na minha vida é ter alguém dentro da minha casa falando mal da minha intimidade, me ofendendo, seria tão complicado, mas quem sabe um dia eu não a visite? Não poderia nunca proibir o

Kalel de vê-la, porque afinal de contas, ela é por bem ou mal a única mãe que ele teve durante a vida.

Os pais do Kalel também mantêm distância, eles não nos visitam, não participam de nada e Kalel acha que é melhor assim, uma vez ou outra eu já ouvi ele conversando com a mãe dele no celular e entendo que apesar de ela nunca nos aceitar ou melhor, não me aceitar ela ainda continuará sendo a mãe dele.

Mesmo a distância assim como Barbará e prefiro assim.

Jéssica é outra na qual nem me lembro da existência, sumiu, acho que ela decidiu mesmo seguir os conselhos do Matheo e do Kalel em não se aproximar, algum coitado deve estar sendo enganado por ela nesse momento e apenas em pensar sinto arrepios, nunca pensei que conheceria alguém tão oportunista quanto ela.

— Acho que é hora de dar banho neles— Kalel diz.— Mor, quer que eu banhe?

— Pode ser— digo.— Vou tomar um café, João você ajuda o Kalel?

— Claro— João concorda.

Dou um selinho em cada um e vou para a

cozinha do chalé onde encontro a Socorro e o Matheo se agarrando, tusso achando graça, eles se afastam, me sento à mesa e a Socorro se apressa em colocar café para mim em uma xícara.

— Desculpe— Matheo fala desconfiado.

— Como se ninguém soubesse— Kalel fala bem-humorado e sai para o lado de fora.— Aqui é quente né? Vamos banhar eles aqui na varanda.

— O Daniel está todo assado— João comenta trazendo as bolsas dos bebês penduradas dos lados dos ombros e o Daniel já de fralda.

— Ele engordou bastante esse mês— me sirvo de café.— Então amiga, quando é que você vai fabricar o seu tão sonhado bebê?

— Na verdade eu e o Matheo já fabricamos um— Socorro comunica com um sorriso.— É que nós queríamos comunicar durante o jantar.

Sorrio, Kalel coloca o Daniel dentro da pia de lavar roupas do lado de fora da casa, abro o janelão que dá para o terraço, a casa tem uma área imensa envolta de toda ela, me apoio no batente do janelão e observo os dois homens da minha vida tirando fraldas molhadas e colocando nossos bebês dentro dessa pia um ao lado do outro, Kalel garantiu um chalé tamanho família.

Bella me olha e sorri, rio, Daniel tem olhos como os de Kalel, ele é todo como ele, já Bella é uma cópia de clara quando bebê, mais comprida e com os olhos do pai, infelizmente nenhuma das minhas crias saiu a mim.

— Oi meu amor— digo com um sorriso imenso.— A mamãe te ama tanto minha bela flor.

Daniel me olha conhecendo minha voz e bate com as mãos nas pernas, Kalel liga a torneira e João vai tirando as coisinhas de higiene deles das bolsas. Bebo um pouco do meu café.

— Quem sabe um dia algum saia à mim?— pergunto para Bella e ela gargalha.— Não é mesmo meu amor?

Seu gêmeo começa a rir e Kalel se inclina e me dá um selinho.

— Já contou para seus pais Socorro do seu bebê?— pergunto contente.

— Ainda não— Socorro diz.— Eu e o Matheo queremos primeiro perguntar se vocês não aceitariam ser nossos padrinhos de casamento.

— Eu só vou se tiver uma breja.— João determina.

— Eu só vou para comer.— esclareço.

— Se eu ganhar dinheiro em troca eu vou.—

Kalel responde.

Matheo e Socorro se olham.

— Feito!— dizem juntos.

Todos rimos.

Me apoio no batente, Clara e Alice entram correndo na cozinha pedindo algo para comer, olho para Kalel e para o João, nossos bebês, nossas filhas.

Sou muito feliz em tê-los comigo.

Pego as toalhas e vou ajudá-los, Socorro começa a preparar algo para as meninas comerem, então vamos nós três para o quarto com os bebês, eu os ajudo com os gêmeos, e quando por fim ambos estão sequinhos e vestidos, lhes dou de mamar, nossa cama é king, os bebês terão um berço só para eles.

São coisas que temos porque o Kalel sempre pensa no melhor para nós e estar aqui não tem preço.

Me sinto bem e grata por tudo o que temos juntos, mesmo em Noronha me sinto um pouco deslocada porque não sinto como se estivesse no Brasil, estar de volta ao meu país me faz lembrar de tantas coisas.

Meus pais e eu ainda não nos falamos, nem o

PERIGOSAS NACIONAIS

João tem contato com a família dele, sabemos que estão bem e prosseguindo com suas vidas, mas não participamos mais das vidas deles, porque foi uma decisão deles e porque nós aceitamos que nem sempre as pessoas vão entender nossas condições de vida.

— No que está pensando?— Kalel pergunta depois que coloca Bella no berço.

— Nos meus pais.— digo sincera.

Coloco Daniel, João foi para o banheiro, Kalel me fita e toca a minha face com cuidado.

— Não sofra por isso.

— Não sofro.

Por incrível que pareça não sofro mesmo, só reflito muito, ele me segura pela cintura e me conduz até o banheiro, começa a se despir, estou surpresa em ver uma hidro aqui também, João já está nela, tem um balde com champanhe e três taças.

— Vocês dois não valem nada.— digo.

— Deus me livre, mas quem me dera.— João fala e começa a abrir a champanhe.

Acho que escutaram minhas gargalhadas de longe, começo a me despir e depois entro na banheira Kalel vem logo atrás, me sento no colo do

PERIGOSAS ACHERON

João de costas para ele, Kalel se inclina e se senta de frente para nós dois, João nos entrega as taças com a bebida espumante.

— Proponho um brinde a nossa felicidade.— João diz.

— Um brinde— Kalel me fita.— À nossa esposa belíssima e que nos suporta.

— Ao nosso casamento.— digo encostando a taça nas duas deles.

Kalel bebe o champanhe dele me fitando com intensidade, João beija meu pescoço, fecho os olhos com deleite.

— É só que eu te amo muito sabia?— pergunto e puxo Kalel para perto.— Amo muito você também.

— Te amo minha querida.— Kalel diz.

— Eu também te amo amor.— João me aperta ainda mais.

Ele me beija e seus braços me envolvem num abraço apertado, João me abraça também, sorrio tão contente e feliz que começo a chorar, mas nada parece importar nesse momento além do que temos.

Eu sei que as pessoas nunca verão nossa união como algo certo de nenhuma forma, que

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca aceitarão, mas eu sei o que temos e sei o quanto isso é importante para nossas vidas, para a vida dos nossos filhos, e isso é o que realmente importa.

O amor.

Mesmo que à três.

Eu, João e Kalel.

Nem mais nem menos.

Apenas assim.

À 3.

FIM

PERIGOSAS ACHERON